

**Nilza Maria Pacheco Borges**

**MULHERES NEGRAS: RELIGIOSIDADE, ATIVIDADES ARTÍSTICO-  
CULTURAIS, CONSCIÊNCIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Doutor em Ciência da Religião. Área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Sena da Silveira

**Juiz de Fora**

**2018**

**Nilza Maria Pacheco Borges**

**MULHERES NEGRAS: RELIGIOSIDADE, ATIVIDADES ARTÍSTICO-  
CULTURAIS, CONSCIÊNCIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Doutor em Ciência da Religião. Área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Emerson Sena da Silveira Prof. Dr. Volney José Berkenbrock  
Universidade Federal de Juiz de Fora Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Robert Daibert Jr.  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Jose Maria da Silva  
Universidade Estácio de Sá - Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Donizete Aparecido Rodrigues  
Universidade da Beira Interior – Covilhã - Portugal

*Para meus amados, minha inspiração e vida:  
Gabriel, Víctor, Matheus e Marina.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus e à luz do seu espírito.

Durante o período do meu doutoramento em Ciências da Religião na área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura (PPCIR-UFJF), conheci e convivi com professores e colegas que compartilharam comigo conhecimentos e experiências valiosos.

A todos agradeço, em especial ao meu orientador, Dr. Emerson Sena da Silveira, pela competência, atenção e direcionamentos ao meu trabalho. Muito obrigada!

Aos colegas e amigos Elza Oliveira, Maicon Carreiro, Thiago Menezes, meu carinho, gratidão e ternura.

Aos integrantes do meu grupo de pesquisa COSNEC, e aos moradores entrevistados da cidade de Coronel Chaves, meus agradecimentos e carinho.

À minha família: Gabriel Borges, Víctor Borges, Walter Borges, Matheus Medeiros Borges e Marina Medeiros Borges, meu amor incondicional.

Agradeço ao apoio financeiro da Bolsa de Monitoria da FAPEMIG que tornou possível a pesquisa.

## RESUMO

Essa pesquisa tratou de conhecer as realizações artístico-culturais das mulheres quilombolas de Coronel Xavier Chaves, que reunidas numa associação denominada COSNEC (Grupo de Consciência Negra de Coronel Xavier Chaves) buscam o perpetuamento, a divulgação, e a cultura do negro pelas manifestações culturais visando a manutenção de uma tradição religiosa e popular, que ressignifica, no presente, os valores dos seus antepassados escravos e a valorização da mulher. Os integrantes se destacam, em sua estrutura e atividades pelas suas manifestações artísticas: as danças, do maculelê e do bate-paus, as heranças congadeiras, e a realização da Missa Inculturada, mesmo que na prática haja a integração com outras manifestações culturais.

Tais ações foram estimuladas pela promulgação da Constituição Federal de 1988, que, por meio do artigo 68, forneceu aos negros novo status, ou seja, as comunidades remanescentes passaram a ser matéria de Lei.

Os objetivos da pesquisa qualitativa, observação participante e análise dos dados através do método da análise do discurso, se pautaram na verificação das formas pelas quais essas mulheres recriam seus significados nas práticas religiosas e artísticas que exercem, envoltas pela estética e performance oriundas das suas heranças afro-brasileiras. A pesquisa também propôs conhecer como é constituída a relação entre arte e religiosidade nos fazeres das mulheres quilombolas além de apontar os pormenores dessas práticas, religiosas e artísticas, vivenciadas pelo grupo estudado.

O entrelace da arte, religião e fé, das atividades inter-religiosas e das trocas culturais do grupo inserido no sistema interno de relações de poder dentro da comunidade da Vila Fátima e como mediador das relações da comunidade com o exterior, trouxe para essas mulheres as ressignificações dos símbolos religiosos e a busca das suas heranças culturais em novo contexto, caracterizado pela conquista da consciência política e do tornar-se negro, nos quais a identidade do grupo, por entre tensões e dicotomias, se refaz através das suas práticas culturais envoltas pela emoção e sensibilidade.

Palavras-chave: Mulheres negras. Arte afrodescendente. Religião católica. Consciência identitária. Ressignificação

## ABSTRACT

This research sought to know the artistic and cultural achievements of the quilombola women of Coronel Xavier Chaves, who, together in an association called COSNEC (Black Consciousness Group of Coronel Xavier Chaves), seek to perpetuate, disseminate, and culture the Negro through cultural manifestations aimed at the maintenance of a religious and popular tradition, which at the present time means the values of their slave ancestors and the valorization of women. The integrates stand out, in their structure and activities for their artistic manifestations: dances, maculelê and bate-paus, congadeiras legacies, and the accomplishment of the Incentive Mass, even if in practice there is integration with other cultural manifestations.

These actions were stimulated by the promulgation of the Federal Constitution of 1988, which, through article 68, provided the blacks with new status, that is, the remaining communities became a matter of Law.

The objectives of qualitative research, participant observation and data analysis through the method of discourse analysis were based on the verification of the ways in which these women recreate their meanings in the religious and artistic practices they carry out, surrounded by aesthetics and performance derived from their inheritances Afro-Brazilian women.

The research also proposed to know how the relationship between art and religiosity is constituted in the activities of quilombola women, besides pointing out the details of these practices, religious and artistic, experienced by the group studied. The interweaving of art, religion and faith, of interreligious activities and cultural exchanges of the group inserted in the internal system of power relations within the Vila Fátima community and as mediator of community relations with the outside, re-significances of religious symbols and the search for their cultural inheritances in a new context, characterized by the conquest of political consciousness and becoming black, in which the identity of the group, through tensions and dichotomies, is rebuilt through its cultural practices enveloped by emotion and sensitivity.

Keywords: Black women. Afrodescendant art. Catholic religion. Identity awareness. Resignation

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. O GRUPO DE CONSCIÊNCIA NEGRA DE CEL. XAVIER CHAVES (COSNEC)	19
1.1. Origens históricas	20
1.2. Lideranças antigas e atuais perante o preconceito	43
1.3. Estrutura e atividades sociais e religiosas	63
2. AS MULHERES, OS HOMENS: A FÉ QUE ABRE CAMINHOS	77
2.1. As mulheres do COSNEC	78
2.2. Os homens do COSNEC	99
2.3. A fé católica movendo as ações dos integrantes do COSNEC	103
3. AS ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS E A FÉ	121
3.1. As letras e músicas: religião e manifestações artístico-culturais	122
3.2. As danças: congado, maculelê, bate-paus, danças afros	134
3.3. As apresentações artísticas, o mercado e o consumo	147
4. A SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA	159
4.1. Origens e genealogias	159
4.2. Atividades, participação e manifestações religiosas	165
4.3. A Missa Inculturada	177
5. CONSCIÊNCIA POLÍTICA E O TORNAR-SE NEGRO	211
5.1. Raízes religiosas em novo contexto	211
5.2. Atividades inter-religiosas e as trocas culturais	228
5.3. A herança afrodescendente: religião, entrelaces, ressignificações	249
CONCLUSÃO	271
REFERÊNCIAS	275
MAPA – Circuito Trilha dos Inconfidentes – Cidade de Coronel Xavier Chaves	29
QUADRO 1 – Atividades do COSNEC	74
QUADRO 2 – Número de celebrações da Missa Inculturada	206
ANEXOS	289
A – Lista dos nomes fictícios dos entrevistados	289
B – Folders da sétima, oitava, nona e décima Semana da Consciência Negra (SECON)	291
C – Atas de algumas reuniões do grupo	295
D - Documentos: oficialização do COSNEC e feriado do dia vinte de novembro.	298
E – Folder da Missa Inculturada	300
F - Exemplos de alguns projetos do grupo	302
G – Documento sobre a história da cidade de Coronel Xavier Chaves	315
H - Folha do livro de registros culturais da prefeitura de Coronel Xavier Chaves	316

## INTRODUÇÃO

*Encontrei minhas origens  
Em velhos arquivos  
Livros*

*Encontrei  
Em malditos objetos  
Troncos e grillhetas*

*Encontrei minhas origens  
No leste  
No mar em imundos tumbeiros*

*Encontrei  
Em doces palavras  
Cantos  
Em furiosos tambores  
Ritos*

*Encontrei minhas origens  
Na cor de minha pele  
Nos lanhos de minha alma  
Em mim  
Em minha gente escura  
Em meus heróis altivos*

*Encontrei  
Encontrei-as enfim  
Me encontrei*

*(Encontrei minhas origens - Oliveira Silveira)*

No estado de Minas Gerais existem diversas tradições, religiosas ou não, em diversas localidades cujas práticas culturais atraem a atenção de vários observadores. De caráter material ou imaterial essas tradições têm muito a dizer sobre a história do estado que, mesmo em constante transformação, busca a preservação desses valores.

Como afirma Hobsbawn (2002), são velhas e novas tradições mescladas, inventadas com empréstimos da religião, com grande poder simbólico que, segundo Travassos (1997), identificam nas artes a força interna de cada povo, onde sua personalidade, sua alma se manifesta na história, na língua, nas instituições sociais valorizando o primitivo sobre o civilizado, o natural sobre o artificial criando um conceito antropológico moderno de cultura.

A cultura definida por Lima (2006) como o conjunto de práticas, comportamentos, materiais, manifestações e processos simbólicos que visam à expressividade e socialização.

Assim, incentivada por esse conceito atual sobre o termo tradição, busco compreender as práticas simbólicas vivenciadas pelas mulheres, através de suas atividades artísticas e religiosos. Meu interesse em pesquisar suas buscas de sentido através da arte que apresentam, se tornou cada vez maior e se prolongou durante o mestrado prosseguindo para o doutorado.

Descobri o grupo de mulheres descendentes quilombolas quando, ao relatar a uma moradora da cidade sobre meu trabalho como pesquisadora em comunidades de mulheres, que exercem práticas artísticas e religiosas fui informada por ela sobre a existência do COSNEC (Grupo de Consciência Negra de Coronel Xavier Chaves) residente no bairro Vila Fátima, um local de moradia dos negros descendentes dos escravos da região e também quilombolas.

Soube que as pessoas do grupo estavam revivendo suas heranças dos antepassados negros através da dança e do canto e que o grupo era constituído, em sua maioria, por mulheres, e que tinha um coordenador responsável pela sua formação, além de ser uma pessoa que, mesmo antes do surgimento do grupo, vivenciava e transmitia, através da capoeira e das experiências do congado, as heranças dos seus antepassados negros. Fui imediatamente procurar esse coordenador na comunidade Vila Fátima e pude observar que todos os envolvidos se conhecem, pois rapidamente já me encontrava na porta da casa do Binho<sup>1</sup>, assim conhecido por toda a cidade, e que foi a pessoa então procurada por mim para a realização dos primeiros contatos e informações sobre o grupo, sobre a comunidade Vila Fátima, sobre as mulheres e o começo desses fazeres.

Nessa fase, junho de 2013, me preparava para a defesa da minha dissertação de mestrado, mas já vislumbrava a possibilidade de ingressar no doutorado através da aprovação do projeto que pudesse dar continuidade às minhas ideias de pesquisar arte e religiosidade em mulheres de comunidades simples como foram as mulheres do Coral das Lavadeiras de Almenara<sup>2</sup>. Iniciei algumas entrevistas com o Binho<sup>3</sup> e com sua esposa Mara Lu, que me

---

<sup>1</sup>Todos os entrevistados e pessoas citadas nessa pesquisa estão com nomes fictícios visando dar proteção à privacidade de suas declarações.

<sup>2</sup>Por dois anos, de 2012 a 2013, desenvolvi minha pesquisa de mestrado intitulada “Trajetórias do sagrado no canto coral das Lavadeiras de Almenara: cultura, religião popular, mídia e *show-business*”, para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF, a respeito de um grupo de mulheres que contribui para a perpetuação de uma tradição. As Lavadeiras Cantoras de Almenara são uma referência na região, pois saíram com seus cantares populares da beira do rio, passaram para a lavanderia comunitária da cidade e ganharam o mundo apresentando toadas de ‘domínio público’-termo definido por Cascudo (2000) como obras artísticas que perseveram na memória popular que se tradicionalizam e se tornam anônimas, porém incorporadas na coletividade sendo recriadas em múltiplas versões de acordo com o grupo que às utilizam -, que aprenderam com os pais e avós expandindo também uma crença religiosa que põe à mostra a singularidade da pluralidade presente no campo religioso brasileiro. Acredito serem, essas manifestações populares, de muita valia para nossos conhecimentos sobre a história e sobre as buscas das identidades em novo contexto, o que se torna motivo de grande interesse, já que tenho a oportunidade de deixar esse legado para outras gerações.

<sup>3</sup>Conhecido como Binho, Rofolfo Carlos (que afirma não ter sobrenome), nasceu e foi criado no Bairro de Fátima, fundou e presidiu o COSNEC por quatro anos. Atualmente, é vice-presidente dessa associação e realiza

informaram sobre outras participantes do grupo como a Inácia e a Rosa, as primeiras entrevistadas por mim com o objetivo de construir a problemática ser apresentada para o projeto de doutorado.

Assim, ao tomar conhecimento sobre as atividades das mulheres quilombolas de Coronel Xavier Chaves cujo intuito é a divulgação da cultura de origem afro-descendente, através da busca pelas práticas artísticas de seus antepassados escravos descobri que se destacam por suas manifestações mediadas pelos cantos religiosos, as danças afrobrasileiras, o maculelê e o bate-paus, numa prática cultural e religiosa que busca valorização da cultura do negro e, especificamente, a valorização da mulher. Todo esse conjunto de fatores foi transmitido pelos seus antepassados de geração em geração, não existindo nenhum documento oficial entre eles que contenha tais registros. A história oficial da região onde está incluída a cidade de Cel. Xavier Chaves não pormenoriza os costumes dos negros, sua cultura, nem tão pouco sua religião de origem africana. Desta forma, essas práticas são difundidas pelo grupo não somente na cidade de Coronel Xavier Chaves, assim como nas localidades a que são convidadas a se apresentar.

A oralidade, segundo Benjamim (2012) é um dos veículos por onde as tradições ocorrem e para as mulheres que esta pesquisa propõe estudar, tem sido a grande transmissora e garantidora das heranças que perpassam o grupo destas mulheres descendentes quilombolas, porquanto a transmissão oral possui um sentido simbólico, uma vez que ela só pode ser realizada através da palavra falada, excluindo aspectos da cultura em que o aprendizado ocorre de outras maneiras.

Meu interesse em conhecer de que forma as mulheres da comunidade quilombola do Bairro de Fátima da cidade de Coronel Xavier Chaves recriam seus significados pela vivência das manifestações<sup>4</sup> estéticas - mediadas pelas práticas religiosas e artísticas, envoltas pela performance, sensibilidade e emoção, oriundas das suas heranças afro-brasileiras -, se concretizou através da realização do projeto construído rumo ao doutorado. Também se fez

---

buscas pela tradição dos seus antepassados negros. A história sobre a origem da comunidade Ihe foi passada através da tradição oral, transmitida pelos mais velhos. É professor de capoeira, maculelê e dança do bate-paus. Participa de vários projetos sociais. Descendente de família escrava, ele disse não ter sobrenome, pois as famílias negras, segundo ele, sob as leis coloniais, adquiriam um novo e único nome de batismo. Silva (2005) atesta esse fato, ao mostrar a proximidade entre a catequese católica e a escravidão, em que o negro era submetido às leis da obediência e resignação como forma de alcançar o céu e redimir os pecados de suas almas. Uma das leis do acordo entre a Coroa Portuguesa e a Igreja versava que o batismo dos escravos deveria ocorrer no prazo máximo de cinco anos após sua chegada ao Brasil. Sua conversão ao cristianismo ocorria pela aplicação dos sacramentos, para transformá-los de pagãos em cristãos. Ganhavam um novo nome, sem sobrenome, de inspiração bíblica ou de santos, como José, Maria, Sebastião e Benedito, e eram privados pela Igreja de suas manifestações religiosas (SILVA, 2005).

<sup>4</sup>Definições dos termos ‘estética’, ‘performance’, e ‘sensível’ se encontram no capítulo 3

necessário verificar como é constituída a relação entre arte e religiosidade nos fazeres dessas mulheres quilombolas e identificar os pormenores dessas práticas, religiosas e artísticas, vivenciadas pelo referido grupo.

A hipótese procurou afirmar se a escolha das mulheres de enfatizar os seus fazeres artísticos e religiosos na comunidade e se o sentido por elas atribuído às suas manifestações estéticas surgiram do desprendimento, coragem e apego às suas raízes identitárias, e ao final da pesquisa confirmei que essas manifestações se tornaram possíveis após elas terem adquirido o conhecimento sobre as heranças culturais deixadas pelos seus antepassados.

Propus, como fundamento metodológico para entender essas questões, a realização da pesquisa qualitativa, que possibilita a compreensão dos fenômenos através do olhar dos atores sociais em sua dinâmica, profundidade e complexidade considerando os sentimentos, ideologias e crenças como elementos formadores da subjetividade do ser humano. (GOLDENBERG, 2007).

Por conseguinte, eu utilizo o método etnográfico que, segundo Fonseca (1999), é uma metodologia qualitativa que favorece a interação entre pesquisador e entrevistado através do diálogo. E dessa forma me foi possível estabelecer um vínculo de confiança com as mulheres entrevistadas, bem como com as demais pessoas que fizeram parte da pesquisa como colaboradores e transmissores das informações sobre o contexto em que vive o grupo COSNEC. A pesquisa é antropológica e semiótica na medida em que o aspecto social de comportamento leva a procura por sistemas que vão além do caso individual e propicia o estudo da subjetividade na relação entre pesquisador e sujeito entrevistado, propiciando também a reflexividade na ida e na volta entre dois universos simbólicos. (FONSECA, 1999).

Portanto, percebi que nosso relacionamento lhes garantia a segurança para dizer sobre os novos sentimentos advindos dos fazeres artísticos e religiosos, de uma maneira mais natural que aos poucos aparecia, através dos nossos diálogos e prosseguia numa proporção condizente com o objetivo da minha intervenção que, na verdade, possuía apenas a intenção de descrever claramente os significados construídos por elas perante essas práticas.

Ao lado do método etnográfico, utilizei o método da história oral que valoriza as memórias e recordações dos indivíduos através de entrevistas em que relatam os fatos passados sempre carregados de subjetividade. Dessa forma observei que as pessoas entrevistadas me falavam sobre fatos passados que muitas vezes não tinham vivido, mas com plena certeza de que fazem parte dessa história e se incluem nela como portadores de uma herança e de uma voz que lhes confere autonomia sobre suas raízes. Algumas disseram que já haviam dançado o bate-paus desde crianças, mas que essa dança se perdeu ao longo do tempo,

sendo buscada novamente pelo COSNEC. Outras disseram que não se lembravam dessa dança, e, depois de alguns momentos de silêncio lembravam que seus antepassados a dançavam nos bailes dos brancos, mas que muitos sentiram vergonha de manter esse costume ao longo do tempo. Outras disseram que tomaram conhecimento do bate-paus, na atualidade, pelo COSNEC, mas que ao dançarem se sentem como se estivessem revivendo suas raízes, junto ao povo negro dos séculos passados.

A subjetividade que constatei nesses relatos me deu a certeza de que os sentimentos e os significados variam de pessoa para pessoa, mas que o conjunto deles forma um todo que afirma a permanência da cultura buscada, no presente. Portanto, Bosi (2003) recomenda ao pesquisador a atenção às passagens obscuras e aos esquecimentos do entrevistado e afirma que os silêncios são de grande valia para o avanço da ciência já que a memória deixa de ser resgatadora do passado para ser geradora do futuro da cultura subjetiva.

O trabalho do antropólogo de olhar, ouvir e escrever possibilita a sintonia com o sistema de ideias e valores que não estão separados e favorece a relativização juntamente com a observação participante que torna o pesquisador livre dos etnocentrismos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998). É possível relatar o ponto de vista do outro, em se tratando do pesquisador em contato com o nativo, sem a necessidade de se colocar no lugar do outro, mas sim através de uma compreensão e habilidade para a análise dos modos de expressão, ou seja, dos sistemas simbólicos dos indivíduos pesquisados, juntamente com a aceitabilidade de nossa presença em suas vidas (GEERTZ, 1997).

A coleta de dados para esta pesquisa se baseia em entrevistas com as mulheres quilombolas do Bairro de Fátima, cujo foco se dá nas dezoito integrantes oficiais do COSNEC com faixa etária entre os 16 a 70 anos. Além das entrevistas filmadas com o grupo, inclusive com os seis homens do COSNEC, foram entrevistadas três mulheres da comunidade que não fazem parte do grupo oficial, com a idade entre 79 e 90 anos. Segundo Becker (2007), a amostragem é um exemplo do todo que se deseja pesquisar e que convence as pessoas que sabemos alguma coisa sobre toda a classe. Nas ciências sociais toda a definição global de um campo se torna impraticável e, assim, torna-se necessário a utilização da sinédoque da amostragem para poder-se dizer algo com segurança sobre um fato social.

Durante a pesquisa, entrevistei e filmei pessoas que exercem funções diversificadas e que deram depoimentos a respeito da história da cidade, opiniões pessoais referentes ao trabalho do COSNEC, sobre a Comunidade do Bairro de Fátima e sobre a dinâmica dos setores que constituem a vida artística da cidade, em geral, bem como a vida social política e

econômica. Eu registrei as entrevistas em vídeo e duas delas foram escritas pelo fato das pessoas entrevistadas optarem por não serem filmadas.

Além do diário de campo, construído no dia-a-dia, eu filmei e fotografei vários lugares históricos da cidade: as praças, Igrejas, bairros, prédios onde se situam os setores da prefeitura; associações das artesãs; as oficinas dos escultores; a escola municipal; o colégio estadual; o mirante da cidade denominado Alto de Nossa Senhora Aparecida, pelo fato de lá estar a imagem da Santa e também por ser um local onde se celebram missas além de agregar os grupos de oração da cidade. Entrevistei as pessoas que coordenam esses setores e alguns representantes das outras comunidades ao redor, pertencentes ao município, constituídas de gente local que participa ativamente da vida religiosa, social, política e cultural da cidade, através das filmagens, além de fotografar e utilizar fotografias cedidas pelos próprios entrevistados.

A minha intenção em construir um campo etnográfico mais extenso se deu a partir da necessidade de contextualizar, com detalhes, o objeto de pesquisa, ou seja, o grupo das mulheres do COSNEC, como também a Comunidade do Bairro de Fátima ou Vila Fátima, a qual o grupo pertence. As mulheres quilombolas que entrevistei durante os três anos de permanência no campo de pesquisa, ou seja, na Vila Fátima demonstraram esse conhecimento pela história narrada de seus pais e avós, bem como pelas informações que receberam do coordenador do grupo COSNEC, Binho, filho do congadeiro Antônio Neto que desde a década de 1920 iniciou as práticas congadeiras na Vila Fátima, além de passar os conhecimentos sobre os costumes, a cultura e as práticas dos negros da região.

As pessoas do Bairro de Fátima e as pessoas da cidade comentaram em suas entrevistas sobre a ausência de documentos oficiais relacionados às várias etapas da história local, principalmente sobre a formação da Vila Fátima e, por essa razão, julguei oportuno deixar o material em forma de documentário em vídeo para que pudesse agregar ao acervo como mais uma fonte de pesquisa, além da tese escrita.

Eu utilizei documentos oficiais, livros e jornais da prefeitura de Coronel Xavier Chaves; documentos do cartório da cidade de Prados que contém dados importantes sobre o início da formação da antiga Coroas, primeiro nome oficial da cidade e também sobre o começo da implantação das primeiras fazendas agrícolas e leiteiras, sustentadas pela mão-de-obra escrava, desde o século XVIII. Os livros recentemente encadernados, pertencentes à Prefeitura foram úteis para a pesquisa, devido ao seu bom estado de conservação e encadernação, além de apresentarem um meticuloso trabalho sobre as possíveis fontes históricas a respeito da comunidade do Bairro de Fátima e, também, da cidade.

A anotação de todos os detalhes do campo de pesquisa constitui a descrição que dá sentido aos fatos simples da observação e ajuda a evitar o pensamento convencional. Julgamos saber sobre tudo, mas como o que todo mundo sabe é o objeto do nosso estudo. Devemos examinar por nós mesmos o que pesquisamos, em vez de aceitar respostas convencionais (Becker) 2007. Dessa maneira, para que não se caia nas armadilhas da categorização, realizei a descrição detalhada e cuidadosa para que novas ideias e categorias pudessem surgir. (BECKER, 2007).

Ao considerar os significados que consideram importantes, como a opção pelo catolicismo, do qual não querem se afastar não se importando quanto às religiões de origem africana; a luta pelo extermínio do preconceito ainda vivenciado por muitas mulheres e homens do COSNEC, bem como da Vila Fátima; o enfrentamento dos problemas relacionados à vergonha que alguns ainda sentem ao se exporem publicamente através das atividades artísticas e sociais do grupo; todo esse conjunto de informações foi considerado por mim, como fatos importantes para eles e para a análise geral da pesquisa que também apresentou as surpresas que o campo oferece e as quais não podemos ignorar.

Esses relatos foram feitos por alguns entrevistados com maior desprendimento e, por outros, com certos cuidados na fala como se tivessem ofendendo a Igreja e as pessoas brancas, cujos descendentes na atualidade são amigos ou patrões que possuem uma relação amistosa ou de trocas ligadas ao trabalho.

A memória pressupõe um registro, no entanto, tal registro não ocorre de modo incondicional, pois o que é guardado teve algum motivo, ou algum significado para a vida da pessoa. Apesar de únicos, somos seres históricos, desta forma, estamos inseridos dentro de um grupo social (WORCMAN & PEREIRA, 2006). Assim, ao mesmo tempo em que prevalecem as múltiplas memórias no mesmo grupo, nele se constrói a experiência coletiva.

Minha participação assídua na Vila Fátima auxiliou em minha compreensão sobre os diferentes tipos de experiência e os sentidos que cada entrevistado atribui à sua história ao realizar os cruzamentos, as interseções existentes entre os diferentes discursos. Observei que essas diferenças formam o perfil da vida social evidenciada nos valores, emoções e atitudes do grupo COSNEC como também da comunidade da Vila Fátima. Chataway (2001), afirma que dessa forma é possível criar um leque de interpretações que favorece a interação e a compreensão dos sujeitos pesquisados e, na verdade foi o que ocorreu em nosso convívio durante tantos meses em que pude constatar o clima de confiança construído em nossos contatos, fato que favoreceu o andamento das entrevistas e a liberdade de expressão dos entrevistados.

A partir dessa forma de coleta julguei ser mais adequada a análise dos dados por meio do método da análise do discurso classificada como uma abordagem social-construcionista da pesquisa, porquanto enfatiza o modo linguístico que constrói a realidade a fim de obter melhor compreensão da vida e da interação social. Desta forma, adota uma posição crítica no que se refere às formas sociais (linguísticas e culturais) pelas quais os sujeitos compreendem a vida. O foco principal se instala sobre o coletivo de onde o indivíduo extrai a linguagem responsável pela construção das versões de seu mundo e sobre o que obtém a partir destas construções (BREAKWELL, 2010).

O método do registro em vídeo das entrevistas auxilia na observação dos detalhes da descrição; contudo, a filmagem só é realizada se a pessoa entrevistada mostrar intimidade e relaxamento com a câmera, colocada ao lado do entrevistado, e nunca entre o entrevistado e a entrevistadora. Além da fase de entrevistas, foi possível permanecer em campo com a observação participante em várias ocasiões como em festas da cidade, festas da comunidade e da Igreja, em convites feitos pelas integrantes para um café em suas casas ou para a comemoração de aniversários.

Dentre os cinco capítulos construídos para a exposição dos assuntos dedicados à essa pesquisa, o Capítulo 1, denominado: O grupo de consciência negra de Coronel Xavier Chaves (COSNEC) apresenta as origens históricas e contextualizaçãodo grupo COSNEC ocorridos juntamente à formação da cidade Coronel Xavier Chavese do Bairro de Fátima.As formações dos dois espaços, a Vila e a cidade, estão relacionadas às transformações econômicas e sociais do início do século XX, que, após a escassez dos metais preciosos propiciou o surgimento de cidades que antes eram vilas movidas à economia agrícola (TEIXEIRA, 2006). A região denominada Quarteirão do Mosquito, que mais tarde se tornou a cidade de Coronel Xavier Chaves, pertencia ao Distrito da Lage, um dos maiores concentradores de escravos da Comarca do Rio das Mortes, e era composto por quatro quarteirões denominados: Arraial, a Lage, hoje a cidade de Resende Costa; o quarteirão dos Campos Gerais; o quarteirão do Ribeirão do Santo Antônio; e o quarteirão do Mosquito, desde o século XVIII, e era constituída pelas fazendas agrícolas e leiteiras características da fase aurífera da região e mantidas pela mão-de-obra escrava. (TEIXEIRA, 2006).

Os contrastes existentes entre a cidade e a Vila de Fátima se originaram dessa formação sócio-histórica composta por uma classe dominante, dos senhores de engenho, e a grande maioria escrava que lhes prestavam serviços e obediência.

Destaquei, no subitem 1.2 a atuação do COSNEC perante às dificuldades encontradas na fase de formação do grupo e nas consequentes lideranças em que as mulheres, vítimas dos

preconceitos, se sentiam impossibilitadas de assumirem a frente das funções sociais e artísticas, nas buscas de suas raízes identitárias e no compromisso para com a conscientização dos direitos do povo negro.

A estrutura e atividades sociais e religiosas, título do item 1.3, apresenta as várias funções do grupo comprometido com projetos sociais a favor da comunidade criados com o apoio das leis de incentivo à cultura e parcerias com empresas locais. Atualmente, o seu projeto da fábrica de costura tem por objetivo dar empregos para as mulheres da região que fazem o curso gratuito de corte e costura, patrocinado pelo setor da Economia Solidária da Universidade Federal de São João del-Rei, que, em parceria com o COSNEC, também realiza o projeto da fábrica de vassouras pet, contratando mulheres e homens para a fabricação. A produção é destinada ao mercado, cuja renda se destina aos funcionários e às despesas do COSNEC.

A religiosidade do grupo COSNEC é vivenciada pelos seus laços com a Igreja Católica desde à formação religiosa iniciada na vida familiar dos seus integrantes em que influencia do congado foi significativa e transmitida através das gerações pelos mais velhos.

São atividades que se referem às buscas das heranças artísticas mescladas com as normas do catolicismo, apoiadas pelos Padres Roberto e Lúcio, e reforçados hoje, pelo apoio do atual pároco Ramiro. Em sua entrevista o Padre Ramiro expressou seu compromisso para com as causas que tratam de respeitar as diferenças e a preocupação em valorizar os costumes, as heranças dos afro-descendentes, ou seja, sua fidelidade às causas que tratam de respeitar as etnias<sup>5</sup> e as diferenças numa nova fase da Igreja em que se valoriza todas as manifestações sociais a favor da igualdade de direitos.

A forte presença católica e africana no campo religioso popular e suas articulações, suas mediações, seus mitos, suas diferenças, contaminações e impregnações mútuas, como comenta Sanchis (1997), ao se referir ao catolicismo como estrutura sincrética, possibilitou a existência, no Brasil, do espaço para a concretude da diversidade a partir da junção dos “diferentes”. As santidades indígenas e as tradições africanas foram portadoras de um sincretismo anterior às suas incorporações ao catolicismo, pois “nem África pura, nem

---

<sup>5</sup>O grupo étnico passou a ser considerado não mais como uma unidade natural, mas sim como uma unidade com sua cultura específica sempre em reconstrução nos aspectos políticos, econômicos e sociais, desde a década de 60 quando as ciências sociais se incumbiram de compreender melhor os processos em torno das questões étnicas a partir dos estudos de Fredrik Barth, Abner Cohen e muitos outros. Dessa forma ocorreu uma mudança nos conceitos de etnicidade que hoje tratam de considerar muito mais a identificação da diversidade do grupo em sua organização do que a distribuição dos seus traços culturais. (BRÜGGER & OLIVEIRA, 2009).

catolicismo europeu. Do ponto de vista religioso e do ponto de vista cultural” (SANCHIS, 1997, p. 105).

O capítulo 2 apresenta uma pequena biografia das mulheres e dos homens do grupo em seus desdobramentos como praticantes do catolicismo através das práticas artísticas e religiosas, originadas do desprendimento e coragem favorecidos pelos novos lugares que passaram a ocupar no meio social, a partir das buscas de conhecimentos sobre suas origens.

No Capítulo 3 descrevo os tipos das danças praticadas pelo COSNEC, como o congado, o bate-paus, o maculelê, as danças afro-descendentes e também comento a respeito da história que narra sobre as origens dessas artes e sobre a motivação do grupo em buscá-las para o contexto atual no qual são ressignificadas para as mulheres através dos novos sentidos atribuídos por elas às suas expressões.

As origens da Semana da Consciência Negra comemorada pelo grupo no mês de novembro são apresentadas no capítulo 4, bem como as atividades e manifestações religiosas mostradas nos dias que compõem a semana, desde seu início em 2008.

A celebração da Missa Inculturada é comentada no item 4.3 em seus conteúdos tradicionais e inculturados responsáveis pelas ressignificações dos símbolos religiosos. É um momento significativo para os afro-descendentes, que vivenciam os vários elementos das heranças negras, como os ritmos das músicas associados à manifestação da fé, além das danças do povo negro que são mostradas em vários momentos da celebração, com roupas típicas. Também são apresentados, no ofertório, os alimentos da culinária negra e distribuídos no final da cerimônia.

Os entrevistados, moradores da cidade, foram unânimes em suas opiniões favoráveis à celebração dessa missa demonstrando admiração pela forma em que é realizada, mas as pessoas do grupo COSNEC disseram que observam, em muitos fiéis da cidade, a discriminação e desaprovação a esse tipo de culto, fato que comprova a existência de preconceitos ainda presentes em suas rotinas.

O Capítulo 5 intitulado: Consciência política e o tornar-se negro, mostra a religião sendo praticada pelas mulheres do COSNEC em novo contexto no qual a beleza contida nas performances que apresentam trouxe novas emoções, alegrias e despojamentos mostrados pelas danças e cantos, como um fator diferenciado na relação entre o sagrado e a fé vivenciados por elas.

As atividades inter-religiosas e as trocas culturais trazidas pela convivência com outros grupos favoreceram o contato com outras realidades sociais, surgiram novas condutas e novos sentimentos rumo à construção de uma nova identidade. Segundo Calvani (2010), a

autonomia da cultura não se perde, mas se afirma ainda mais a partir da vivência entre religião e os movimentos artístico-culturais que os grupos realizam.

As mulheres pesquisadas se enquadram num perfil de grandes desvantagens sociais, mas cuja identificação com a fé e com sua arte tem permitido uma nova vivência e a consequente ressignificação, a partir dos seus fazeres artísticos e religiosos, mediados pela música e pela dança.

## **1. O GRUPO DE CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES (COSNEC)**

A história do COSNEC, constituído em sua grande maioria por mulheres, está ligada ao contexto onde o grupo surgiu e iniciou suas atividades, na comunidade da Vila Fátima, na qual seus integrantes nasceram, cresceram e prosseguem na busca pelos seus direitos como cidadãos e negros. A origem, formação e constituição deste grupo, ocorridas paralelamente à formação do arraial que deu origem à cidade de Coronel Xavier Chaves está ligada à presença de dois grupos negros, um deles formado pelos moradores do quilombo Dom Silvério e o segundo constituído pelos trabalhadores da fazenda do Mosquito, no final do século XIX.

Para melhor compreensão a respeito do contexto dos integrantes do COSNEC, disserto, no capítulo 1, item 1.1, sobre as raízes históricas e sociais responsáveis pelo surgimento da Vila Fátima, o bairro onde nasceram e residem as dezoito mulheres e os seis homens que compõem o grupo, a partir da implantação das fazendas movidas pelo ciclo do ouro em Minas Gerais no início do século XVIII.

No item 1.2 falo sobre as lideranças antigas e atuais, responsáveis pelo movimento do grupo em suas buscas pelos conhecimentos de suas origens negras, através dos estudos sobre a história dos seus antepassados, mesmo perante as dificuldades enfrentadas, relacionadas ao preconceito, presente nas relações contraditórias e, ao mesmo tempo, de compartilhamento, vivenciadas dentro da comunidade, como também nos vínculos estabelecidos com a sociedade local que garantem a continuidade das atividades e o enfrentamento às adversidades inerentes ao grupo.

As mulheres, moradoras antigas, nascidas na Vila Fátima, que contribuíram com seus relatos a respeito da história da formação da vila, são mães de algumas integrantes do COSNEC e participam informalmente dos muitos eventos realizados através das ações das filhas e parentes que compõem o grupo.

Apresento, no item 1.3, a estrutura e as atividades do grupo COSNEC, inserido no contexto da sociedade em que se mostra organizado, por entre as controvérsias inscritas nas relações vivenciadas com os moradores da cidade de Coronel Xavier Chaves, com seus parentes e vizinhos do Bairro da Vila Fátima, e nos vínculos formados com a sociedade como um todo, através das realizações de várias atividades, inspiradas pelas vivências do Congado.

### **1.1. Origens históricas: a comunidade quilombola da Vila Fátima**

A história da formação da Vila Fátima iniciou-se nas primeiras décadas do século XX, com a junção dos dois grupos de moradores, parentes entre si: os ex-escravos do quilombo Dom Silvério e os da fazenda do Mosquito. Contudo, das origens históricas, apresento o perfil social dos moradores dessa localidade.

A religião católica é praticada pela maioria dos moradores. Eles participam das festas do congado, manifestação religiosa herdada dos antepassados negros, e das missas e festas dos santos. Todavia, existem outras presenças religiosas, tais como a Assembleia de Deus, a Igreja Quadrangular e a Igreja Batista, instaladas na comunidade.

As casas, que até a década de 1950 eram de adobe, foram reformadas, possuem água encanada e luz elétrica e mantiveram seus quintais, onde muitas famílias preservam suas hortas, galinhas e pomares. As antigas trilhas deram lugar às ruas pavimentadas, mas são visíveis seus contornos irregulares, pelos recortes aleatórios feitos por ex-escravos, no início do século XX.

As famílias são constituídas por homens que trabalham na lavoura de algum proprietário da cidade ou em sua própria terra. Outros atuam nas construções como pedreiros, marceneiros, carpinteiros e pintores de paredes, criam galinhas e ovos caipiras para vender ou mesmo ocupam cargos na prefeitura de acordo com o nível de instrução. Muitas mulheres trabalham em casas de família, costuram e tecem tapetes para vender, enquanto as aposentadas auxiliam as filhas casadas, que trabalham fora, nos cuidados com os netos. Os jovens, por sua vez, estudam e trabalham em São João del-Rei; alguns vão para os grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, para trabalhar como ajudantes de obras. As jovens trabalham nessas cidades em casas de família, e algumas já fizeram faculdade. A população negra e algumas famílias de pessoas brancas, que ali se instalaram a partir da segunda metade do século XX, compõem hoje o total de 900 pessoas (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009).

A foto 1 mostra a cidade de Coronel Xavier Chaves, dividida entre o Centro e a Vila Fátima, à direita, por uma rua por onde passa o córrego do sapateiro. A cadeia de montanhas, vista aos fundos, compõe a Serra de São José, em Tiradentes.



Foto 1: Cidade de Coronel Xavier Chaves - Vila Fátima à direita (foto da autora, tirada em 2015).

Fazendo uma retrospectiva histórica sobre a origem das fazendas e sobre a importante influência que exerceram na formação das futuras vilas e cidades, a partir do século XVIII e XIX, pode-se destacar a formação da Vila Fátima juntamente à cidade de Coronel Xavier Chaves, ambas pertencentes à região denominada de Campos das Vertentes (Centro-Sul de Minas Gerais). As sedes construídas se relacionam aos fatos históricos, econômicos, políticos, étnicos e sociais ocorridos pelo desbravamento da região, pela exploração, domínio e fixação dos colonizadores a partir do século XVIII (ALMEIDA, 1980). Por essa razão, apresento a história da Vila Fátima vinculada ao processo religioso de ocupação, econômico, social e cultural da cidade.

A identidade religiosa católica marcou a história da formação do Brasil desde o seu descobrimento: nos nomes dados à terra descoberta, às primeiras vilas e sesmarias; com a iniciativa de rezar a primeira missa; e na forma tradicional de ocupação dos espaços com a Igreja no centro da praça (SILVA, 2005).

A influência religiosa católica foi assegurada pela conversão forçada e pela catequese dos índios e dos negros, tornando-os submissos aos interesses da coroa (SILVA, 2005). Na região do Quarteirão do Mosquito, de onde surgiu a Vila Fátima, a influência do catolicismo foi a grande responsável pela formação cultural e social ainda presentes nessas localidades.

A larga produção de açúcar nos latifúndios exigiu grande investimento em mão de obra, fato que gerou a vinda dos primeiros escravos de origem africana nas primeiras décadas

do século XVI, prolongando-se até fins do século XIX no Brasil, onde os negros alimentaram, com seu trabalho cativo, vários ciclos econômicos até a proclamação da República. Portanto, a origem das religiões afro-brasileiras esteve atrelada ao encontro dos três tipos de religiosidade advindos do descobrimento e do processo de colonização do Brasil: o catolicismo português, as crenças dos grupos indígenas e as religiões das várias etnias africanas (SILVA, 2005).

O catolicismo português, além de religião oficial, foi obrigatório e monopólico. Quem professava outra fé ou crença era considerado herege e inimigo do Rei, cujo poder provinha de Deus. Para o controle da vida religiosa e para garantir a conversão, a Igreja fiscalizava e reprimia os desviantes do cristianismo. No Brasil, o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição<sup>6</sup> enviou representantes à Bahia e a Pernambuco, respectivamente em 1591, e em 1618, e ao Grão-Pará e ao Maranhão em 1763-68. Índios, brancos e negros considerados de feitiçaria ou luxúria foram deportados e julgados em Portugal por esses tribunais (SILVA, 2005).

A Inquisição condenou as danças e cantos dos negros, acusados de serem orgias, semelhantes aos sabás europeus. O transe, as adivinhações e os sacrifícios eram considerados bruxarias e magias negras, e o negro deveria se submeter à religião do branco, que nunca se aproximou para conhecer e entender suas formas de crença (SILVA, 2005).

Na colônia, o cultivo da cana se tornou um negócio vantajoso que trouxe a expansão das lavouras e a necessidade de um controle político mais intenso após a expulsão dos holandeses e franceses. Para controlar melhor os impostos, fiscalizar fronteiras e combater índios que ameaçavam os engenhos de açúcar, em 1549, foi instaurado o Governo-Geral, com sede na capitania da Bahia, na cidade de Salvador. Chegaram as primeiras missões jesuíticas, que culminaram com a criação do primeiro bispado no Brasil, instituindo de vez, dessa forma, o catolicismo na colônia (SILVA, 2005).

Desde o século XVI, os portugueses tinham por meta a exploração de metais preciosos, que somente foram encontrados a partir das expedições dos bandeirantes, no século XVII, após atravessarem a Serra da Mantiqueira, fato que possibilitou a descoberta do ouro nos leitos dos rios e riachos da região. As bandeiras de exploração traziam, desde então, a

---

<sup>6</sup>Esse tribunal, violento e arbitrário, foi instituído na Europa, pela Igreja católica, e tinha por objetivo punir os praticantes de atos mágicos (considerados bruxaria, feitiçaria ou curandeirismo), de aberrações sexuais ou de outras formas de fé pagãs. Atitudes suspeitas, como reuniões festivas com danças e músicas eram consideradas sabás, anti-cristãs, luxúrias e pecados abomináveis. Os acusados eram processados pela Igreja, sendo o réu queimado em praça pública (SILVA, 2005).

incumbência de divulgar o catolicismo, cuja predominância se faz notar desde o início da ocupação das terras brasileiras (ALMEIDA, 1980).

Em Minas Gerais, a partir de 1714, após a guerra dos Emboabas<sup>7</sup>, a Coroa Portuguesa, para sua maior autonomia, criou a Comarca do Rio das Mortes e nomeou como sede a vila de São João del-Rei, que se tornou, na metade do século XVIII, o mais importante núcleo urbano, econômico e administrativo da região, já possuindo rica arquitetura civil e religiosa. A partir desse período, a afluência de mineradores cresceu, com o objetivo de explorarem as regiões próximas aos rios e riachos, fato que originou os novos povoamentos, como o de Prados, Lagoa Dourada, Nazareno, entre outros. São João del-Rei, denominada nesta fase de Arraial do Rio das Mortes, tornou-se a sede da vida religiosa desde suas primeiras ocupações, e até hoje se faz notar pelas suas características eminentemente católicas, por suas construções arquitetônicas e por suas Igrejas de estilo barroco, sendo considerada patrimônio histórico da humanidade. Nessa região, a fixação dos primeiros moradores possibilitou novas descobertas de ouro nos arredores (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009).

Assim, o colonizador recém-chegado construía seu rancho de terra batida para, logo em seguida, construir a fazenda e suas adjacências, complementos de seu complexo agropecuário. Nas décadas finais do século XVIII e iniciais do século XIX, a região conhecida como Distrito de Lage se ligava administrativamente à Vila e Termo de São José do Rio das Mortes, que se formou no século XVIII, devido ao ciclo do ouro e diamantes. Atualmente, o Distrito de Lage compreende a cidade de Coronel Xavier Chaves e de Resende Costa, e foi ocupado na primeira metade do século XVIII, apresentando uma economia rural constituída pelas atividades agropecuaristas voltadas para o mercado interno. No Quarteirão do Mosquito, atual cidade de Coronel Xavier Chaves, a riqueza se concentrou nas fazendas de gado, sustentadas pela mão de obra escrava, que, com o passar do tempo, tornou-se mais

---

<sup>7</sup>No início do século XVIII, entre 1707 e 1709, os paulistas exploravam as regiões mineiras e formavam os núcleos de povoamento sem organização formal, que avançavam devido à divulgação do ouro. Os novos exploradores de outras regiões, denominados emboabas pelos paulistas, iniciaram as disputas sobre terras e regiões auríferas. Participaram do conflito os índios tapuias e carijós, escravizados pelos paulistas, e os negros escravos que serviam os emboabas. Quando o ouro de aluvião se esgotou nos leitos dos rios, iniciaram as escavações que deram origem às minas. Esse empreendimento foi assumido pelos emboabas que tinham maior poder aquisitivo para investir nas novas técnicas de exploração, e, no ano de 1709, venceram de vez os paulistas, que foram presos e depostos de suas armas, sendo atacados traiçoeiramente no local chamado Capão da Traição, próximo a São João del-Rei e a Coronel Xavier Chaves. Logo após, ainda em 1709, o governo português criou a Capitania de São Paulo e a das Minas do Ouro, que se transformou numa região próspera economicamente como consequência da produção aurífera (LOPES, 1985; LUNA, 1980).

nativa do que africana, com os núcleos familiares acentuados, consolidando a verdadeira comunidade escrava (TEIXEIRA, 2006).

O primeiro morador da região do Rio das Mortes, descendente da família Gonçalves Lara, chamado João Gonçalves de Faria Góes e Lara, fixou-se, na primeira metade do século XVIII, em um local denominado Mosquito, atualmente Coronel Xavier Chaves, visando à criação de gado, à agricultura e à hospedagem dos tropeiros que iam ao interior de Minas Gerais. Seus descendentes, filhos e netos adquiriram propriedades nas proximidades que deram origem às fazendas Roça Grande, Dois Córregos e Retiro. O Major Mateus Mendonça, natural do Rio de Janeiro, casou-se e fixou-se na fazenda do Retiro. O Coronel Xavier Chaves, nascido em 1850, veio da fazenda Jacaré, em Resende Costa –era bisneto de Antônia Rita de Jesus Xavier, irmã caçula de Tiradentes –e se casou com Joana de Mendonça Chaves, da família Mendonça, futura doadora das terras da Comunidade Vila Fátima (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009).

O catolicismo dessa fase possuía aspectos mágicos e místicos, embora fossem proibidos pela Igreja os atos considerados superstições pagãs e mágicas, a não ser que passassem pela sua legitimação os milagres e a intervenção do sobrenatural (SILVA, 2005).

As fitas cortadas pelos padres com a medida das imagens dos santos eram amarradas na cintura para removerem dores e realizarem os desejos dos fiéis, que também usavam medalhas, bentinhos, orações benzidas pelos sacerdotes e dobradas entre os livros, debaixo dos travesseiros, carregadas junto ao corpo em pequenas bolsas para combater males e garantir a proteção do santo. Também eram utilizadas a água benta aspergida com o sinal-da-cruz, e a repetição de preces poderosas que afastavam os maus espíritos, o culto das almas – para garantir a felicidade após a morte –, as velas, as novenas, as missas fúnebres, a extrema-unção e enterros cristãos; tudo isso formava um conjunto de fé que garantia a vida eterna (SILVA, 2005).

A celebração da missa e dos sacramentos da Igreja, através do mistério da eucaristia, demonstrava a força do poder divino pela ceia do Senhor, o poder do pão e vinho transformados em corpo e sangue de Cristo, para a absolvição dos pecados, num ambiente de rezas ritmadas, proferidas em latim, ao som dos sinos e acompanhadas pela fumaça dos incensos, no altar consagrado, com imagens dos santos e pinturas de anjos nos tetos das capelas, formando um clima mágico do qual a Igreja se utilizava para converter, reprimir e atrair os fiéis. Esses fiéis foram, em sua grande maioria, os índios e negros convertidos e subordinados ao catolicismo do conquistador, ao qual anexaram sua religião de origem (SILVA, 2005).

Paralelamente a este primeiro catolicismo patriarcal, firmou-se o catolicismo popular, que foi trazido por portugueses ao Brasil e que se expandiu nas zonas rurais constituídas por colonos pobres de origem portuguesa, descendentes de índios destribalizados, mestiços e ex-escravos fugidos ou alforriados (OLIVEIRA, 1988).

A religiosidade no Brasil Colônia foi marcada pelas procissões e pelos festejos, cuja pompa extrapolava a fé, mas sem se esquecer do culto aos santos, assim como de suas devoções pessoais articuladas entre o sagrado e o profano. Essa forma de catolicismo existia também nas cidades, mas de maneira menos acentuada, já que constituíam uma zona urbana com pouca expressividade. Ela também se caracteriza pelo culto aos santos, representados pelas imagens, pelo oratório, espaço reservado ao culto doméstico, e pela capela que abriga o padroeiro, cuja comunidade se reunia para a reza constituída pelo terço, novenas, festa do santo, orações pelos mortos, missa e os sacramentos, quando o padre vinha visitá-la. Cabiam ao rezador, aos festeiros, aos foliões, aos beatos e aos cantadores a função de animar o culto, e a escolha desses se dava pela comunidade local. Nas cidades, os cultos nas capelas são animados pelas irmandades e confrarias<sup>8</sup> (OLIVEIRA, 1988).

A devoção aos santos foi uma das características da formação do catolicismo romano instaurado no Brasil, e tornou possível o sincretismo afro-brasileiro. Os portugueses trouxeram as práticas das promessas e devoções aos santos padroeiros, os “intercessores santificados” (santos, anjos e mártires), através dos quais acreditavam que os pedidos fossem chegar mais rápido a Deus. Os santos guerreiros, como Santo Antônio, São Sebastião, São Jorge e São Miguel, eram solicitados para o auxílio de combate contra os índios e para a conquista dura das terras. São Roque, São Lázaro, São Brás e Nossa Senhora das Cabeças curavam doenças de pele, respiratórias, hidrocefalia e outras contraíveis nos trópicos, e eram invocados nas promessas e ladainhas. A devoção à Virgem Maria em suas várias faces e aparições era uma característica da religiosidade portuguesa, que associava a pureza e maternidade de Maria às mulheres da família patriarcal (SILVA, 2005).

O catolicismo popular no Brasil, após quatro séculos de existência, sofre resistência tanto da hierarquia da Igreja, que o considera incipiente e atrasado, quanto das forças do Estado e das classes dominantes, temerosas de protestos sociais advindos das massas (OLIVEIRA, 1988). A Vila de São João del-Rei era a sede das atribuições das funções dos padres e bispos, que determinavam todos os procedimentos e práticas da Igreja, estendida a

---

<sup>8</sup>Por irmandade religiosa entende-se a associação de fiéis constituída em organismo, cuja designação tenha sido para a realização de obras de caridades e piedades. Em sua organização há uma hierarquização, marcando o processo de ingresso de seus membros. Às confrarias é somado o incremento do culto público (Boschi, 1986).

toda região, onde situava o Quarteirão do Mosquito, cujos moradores acatavam as ordens e obedeciam às datas do calendário católico, realizando as festas dos santos que imperavam sobre as demais, e continham o direcionamento das condutas dos fiéis que compunham a grande maioria da população, incluindo os negros escravos (ALMEIDA, 1980).

Em seus relatos sobre o núcleo de povoamento inicial da cidade de Coronel Xavier Chaves, ainda na implantação das fazendas no século XVIII, Heitor Ramos<sup>9</sup> se refere à Igreja (hoje Igreja do Rosário de Coronel Xavier Chaves, construída pelos escravos, em 1717, e incorporada ao município de São João del-Rei pela lei Nº 576 de 05 de maio de 1852) como representante das capelas construídas em todas as regiões do Brasil que, desde o início da ocupação, já trazia o catolicismo como religião hegemônica, mesmo apresentando suas características populares, mas muito presentes em toda a vida das famílias e, conseqüentemente, dos escravos. Heitor: “Ah tá. No começo aqui era o Mosquito, a gente não sabe a origem desse nome... A Nossa Senhora da Conceição do Ribeirão do Mosquito. Era o nome da Nossa Senhora da Igreja no início do século XVIII”.

Heitor relatou que encontrou na Igreja do Pilar, em São João del-Rei, na Diocese, o livro de registro mais antigo da Capela Nossa Senhora da Conceição do Ribeirão do Mosquito. Em 1764 essa capela era filial da Matriz de Santo Antônio da Vila de São José (Tiradentes), e Comarca do Rio das Mortes, bispado de Mariana. Esse registro indica que a Igreja do Rosário, hoje, era a Igreja Nossa Senhora da Conceição, construída antes de 1764, encoberta por reboco até 1990, como mostra a foto 2 abaixo.

---

<sup>9</sup>Entrevista realizada com Heitor Ramos, 58 anos, em maio de 2015. Heitor é economista, natural e morador de Coronel Xavier Chaves, pesquisador da história da cidade e funcionário da prefeitura. Sua contribuição foi de muita valia para minha pesquisa, ao informar sobre várias passagens históricas da cidade e da Vila Fátima.



Foto 2: Capela Nossa Senhora da Conceição do Ribeirão do Mosquito, de 1717-1920. Atualmente é a Igreja do Rosário de Coronel Xavier Chaves. Data aproximada: 1910 (foto do arquivo pessoal de Heitor Ramos.).

O primeiro cemitério ficava no adro e no interior da Igreja do Rosário. Os Santos que compõem o altar são negros, Santa Efigênia e São Benedito, relíquias da época jesuítica. Atualmente, como mostra a foto 3 abaixo, encontra-se como na época de sua construção feita pelos escravos, toda de pedra e batizada com o nome de Igreja do Rosário após 1920, em homenagem aos negros escravos da região que a construíram, em 1717 (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009).



Foto 3: Igreja do Rosário em pedra – Coronel Xavier Chaves. (foto tirada pela autora e 2014).

A construção de templos próprios pelos negros, diante de muitas dificuldades, aumentou a importância do cristianismo em suas vidas, além de ampliar a devoção aos santos negros católicos que passaram a ser venerados dentro dessas novas Igrejas. Esses fatores permitiram a permanência da fé nos deuses africanos juntamente aos santos católicos e o rompimento dos limites que separavam as tradições religiosas dos negros e dos brancos. Assim, no universo religioso do Brasil colonial, as religiões se traduziram mutuamente, trazendo novas formas de crenças, mistas, afro-brasileiras (SILVA, 2005).

A construção da Igreja nesse local, na fase do surgimento das primeiras fazendas, sugere ter sido ali um lugar de passagem, e, segundo Heitor,

[...] Então possivelmente isso aqui era uma passagem; essa Igrejinha foi construída aqui. O caminho passava na porta da Igrejinha, descia, passava na porta da Igreja Matriz, nessa rua que eu moro da descida, descia, passava em frente à Igrejinha, subia essa cava aqui, cava da mata, cava amarela, pra chegar em Resende Costa, daí pra cima, até chegar em Congonhas, Tiradentes. Esse era o caminho. (Entrevista com Heitor Ramos, morador e pesquisador de Coronel Xavier Chaves, em maio de 2015 – grifos meus.)

Ao ser questionado se essa passagem se referia ao caminho novo, o entrevistado afirmou que eram os caminhos afluentes que compunham o principal, hoje denominado de Estrada Real.

Pergunta da pesquisadora: É a Estrada Real?

Heitor: Não. Parece que a Estrada Real foi demarcada oficialmente do lado de lá da Serra (Serra de São José, Tiradentes), passando pelo Bichinho (Bairro da cidade de Prados). Esses caminhos se uniam daí pra cima, aí.

[...] Tanto podia sair por lá, quanto por aqui; passando pelo Porqueiro (Quilombo Dom Silvério) também. (Entrevista com Heitor Ramos, morador e pesquisador de Coronel Xavier Chaves, maio de 2015 – grifos meus.)

Heitor afirma que a região do Quarteirão do Mosquito, futura cidade de Coronel Xavier Chaves, localizada no mapa 1 abaixo, servia de passagem e de pouso para os tropeiros que transportavam o ouro para os portos do Rio de Janeiro.



Mapa 1: Cidade de Coronel Xavier Chaves situada no circuito da Trilha dos Inconfidentes em Minas Gerais. Disponível em <https://mapasapp.com/mapa/minas-gerais/coronel-xavier-chaves-mg/>. Acesso:10.10.2017

Esse movimento de passageiros e de tropeiros que se alojavam nos ranchos próximos às fazendas também indica que a ocupação agrícola da região, iniciada na segunda metade do século XVIII, ganhou impulso no século seguinte, em seu aspecto econômico, devido ao desenvolvimento das lavouras, da produção leiteira, criatórias, gado bovino e equino, produção de subsistência, como as roças de feijão, milho, cana, produção de fios, através da criação de carneiros. Todo esse trabalho sustentado pela mão de obra escrava. Havia também tendas de ferreiro e carpintaria, além dos engenhos de cana e farinha. Esses aspectos socioeconômicos, iniciados no século XVIII, desenvolveram-se no século XIX, principalmente a partir da chegada da Corte portuguesa de D. João VI ao Brasil, em 1808 (TEIXEIRA, 2006).

No início do século XX, foram construídas as primeiras casas no centro do arraial que deu origem à cidade de Coronel Xavier Chaves, dando início a uma pequena Vila, onde hoje é a Praça Gonçalves Lara e onde se situa a Igreja do Rosário, bem próximas das ruínas que sobraram da sede da fazenda do Mosquito. A partir daí surgiram novas casas, lojas, uma escola e uma casa paroquial (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009).

A foto 4, seguinte, apresenta a cidade nos fins do século XIX e início do século XX. Observa-se, ao fundo, a existência das primeiras casas no morro da comunidade Vila Fátima, à direita, bem como a Igrejinha do Rosário, no centro, ainda em reboco, e o Centro da cidade em formação.



Foto 4: Distrito de São Francisco Xavier, atual cidade de Coronel Xavier Chaves no início do século XX – Data aproximada: 1910. (foto do arquivo pessoal de Heitor Ramos).

A permanência da hegemonia católica, juntamente ao crescimento da cidade, fizeram com que fosse inaugurada a Matriz Nossa Senhora da Conceição em 1920, conforme mostra a foto 5 abaixo (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009).



Foto 5: Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Coronel Xavier Chaves. (foto tirada pela autora em 2015).

Em 1911, o distrito de São Francisco Xavier, atual cidade de Coronel Xavier Chaves, pela lei nº 556 de 30 de agosto, foi desmembrado de Tiradentes e incorporado ao município de Prados, recebendo, em 1943, o nome de Coroas pelo decreto-lei nº 1058 de 31 de dezembro. Em 1962, a cidade passou a se chamar Coronel Xavier Chaves em homenagem àquele que é considerado seu fundador pela lei nº 2764 de 30 de dezembro. O lugar está situado entre Tiradentes, São João del-Rei e Resende Costa, a 9 km de distância da Fazenda do Pombal, onde nasceu Joaquim José da Silva Xavier. A Vila Fátima se formou junto à evolução do Distrito de São Francisco Xavier para Coroas e, posteriormente, para Coronel Xavier Chaves (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009).

Heitor Ramos, ao comentar sobre a formação e origem do quilombo Dom Silvério, afirmou que sua constituição se deu a partir das doações das terras no início do século XX, onde os negros libertos se alojaram e formaram um grupo de famílias que ali se fixou e exerceram atividades mineradoras e agrícolas durante alguns anos. Nesse local, constatei, pessoalmente, a presença de resquícios dos materiais utilizados com o minério, como também das ruínas dos muros de pedra feitos pelos negros, habitantes da época. A partir da década de 1940, iniciaram nova ocupação nas terras que hoje formam a comunidade da Vila Fátima.

Heitor: Então a Vila Fátima, ao contrário do que algumas pessoas querem dizer, o terreno foi um terreno cedido; uma comunidade quilombola...Foi assim, foi permitido aos ex-escravos morar ali; [...] o Porqueiro, ele existia aqui no Censo de 1838, nós temos moradores lá,fixados lá,descendentes, lá haviam moradores em 1938, é uma comunidade aberta; não era um local fechado.

Pergunta da pesquisadora: [...] É o Quilombo Dom Silvério?

Heitor: Dom Silvério. O nome Dom Silvério, ele foi dado em homenagem a um bispo de Mariana que veio em visita aqui em 1911, 20, sei lá, não tenho essa informação agora; aquilo lá era o Porqueiro, não sei se havia assim, porco era um animal de muita fartura lá, [...] até no livro do Tombo na paróquia aqui tem anotação lá, franquia foi dado o nome em homenagem a Dom Silvério porque Porqueiro era um nome muito “desairoso”. Porqueiro pertenceu ao meu avô, José Antônio Rodrigues, [...] e ali tem casas ainda, tem umas casinhas, tem vestígios de mineração; tinha uma casa lá que foi do Onofre, depois a esposa dele faleceu há pouco tempo. (Entrevista com Heitor Ramos, morador e pesquisador de Coronel Xavier Chaves, maio de 2015 – grifos meus.)

O nome “Dom Silvério” foi dado em homenagem ao Bispo, de nome Silvério, da cidade de Mariana, que visitou o local em 1911, evidenciando a influência da Igreja Católica, através do processo de romanização, definido como movimento de reformas no processo de condução e controle religioso do catolicismo, que exigia a obediência plena às orientações da Cúria Romana, ocorrido durante o pontificado de Pio IX (1846-1878). Essa reforma exigiu a substituição das devoções tradicionais, como a do santo padroeiro, pelos modelos romanos que colocam os sacramentos como forma maior de devoção (OLIVEIRA, 1983). A vida religiosa nesta fase no quarteirão do Mosquito era predominantemente católica, e, pelos relatos de Heitor Ramos, não se admitiam manifestações públicas das religiões africanas. Os negros escravos eram batizados, doutrinados e convertidos ao catolicismo, embora houvesse, certamente, o sincretismo.

Portanto, segundo os relatos de Heitor<sup>10</sup> e dos moradores da Vila Fátima, no início do século XX, as terras que hoje constituem a comunidade do local foram doadas pelo Coronel Xavier Chaves, proprietário da Fazenda do Mosquito, aos seus ex-escravos que, com outros escravos libertos vindos do Quilombo Dom Silvério, construíram as primeiras cabanas de adobe por entre as trilhas que davam passagem aos últimos para o engenho da fazenda do Mosquito, no qual realizavam o trabalho livre e diversificado, como a moagem da cana-de-açúcar e plantações agrícolas.

Binho, confirmando a formação quilombola da comunidade, diz que essa descendência ocorreu a partir de uma característica muito peculiar, em que dois agrupamentos de negros, de procedências distintas, juntaram-se nessas terras que serviam de passagem para os negros do quilombo Dom Silvério e de moradia para os ex-escravos da fazenda do mosquito, no final do século XIX.

---

<sup>10</sup>Entrevista realizada com Heitor Ramos em 2015.

Pergunta da pesquisadora: Quando você ouvia do avô, do pai, sobre a formação da Vila Fátima, o que eles contavam?

Binho: Então, como é um bairro hoje em que 95% são afrodescendentes, a formação dele foi muito interessante. Aqui a gente tem, tinha um quilombo aqui mais próximo, chamado quilombo Dom Silvério, que esse bairro aqui era travessia, era rota desses negros desse quilombo que vinham trabalhar aqui nas fazendas do nosso município; então o trabalho era muito pesado, muito cansativo e tinha dia que eles não conseguiam chegar até o quilombo, muito cansados e começou a permanecer aqui no bairro onde hoje é Vila Fátima e começou a fazer as cabanas, as choupanas de capim, de pau a pique deles e a dormir aqui; e foi formando esse povoadozinho e que foi formando o bairro Nossa Senhora de Fátima. (Entrevista realizada com Binho, fundador do grupo COSNEC, em novembro de 2014 – grifos meus.)

Segundo os relatos de Binho, de Heitor e de outros moradores da vila, essas terras foram doadas pelo patrão de um desses grupos, o Coronel Xavier Chaves, e formaram o núcleo do que hoje leva o nome oficial de Bairro de Fátima, ou ainda, Vila Fátima. As terras de sua comunidade foram ocupadas pelos ex-escravos do coronel e pelos ex-escravos do quilombo Dom Silvério, cujas terras foram passadas por doação verbal pela viúva do coronel, D. Joana Mendonça, em 1929. Essa doação permaneceu não oficializada e as terras não fizeram parte do inventário dos bens do casal, segundo Heitor Ramos.

Ele disse também que o Coronel Xavier Chaves nasceu em 1850, e que possivelmente chegou no povoado em 1870, sendo que já havia moradores no Dom Silvério em 1838, como comprova o censo, coordenado pela Igreja na época e assinado por um Juiz de Paz, onde consta o nome de Cândido José Gonçalves, de cor parda, residente no Porqueiro, como era chamada a região anteriormente. Nas terras da comunidade da Vila Fátima, as primeiras casas já existiam em 1910, mesmo anteriormente, não se sabe ao certo, mas a permissão ou a doação verbal já estava feita pelo coronel, desde a abolição da escravatura, 1888, e foi confirmada por Joana Mendonça em 1929 (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009).

Heitor faz referência a essa doação, alegando que,

[...] A doação oficialmente, parece que a Joana Mendonça, no inventário dela, ela deve ter citado alguma coisa nesse sentido. Ela permitiu isso, vamos dizer assim, tanto é que com os terrenos de herança dela, aquele terreno ficou excluído, entendeu? Então ninguém reclamou, vizinhos. A fazenda que hoje está o engenho ali, que hoje é do Rubinho (bisneto), a fazenda Boa Vista, os proprietários dali não eram proprietários do terreno da Vila Fátima, os herdeiros do Coronel do Mosquito; o terreno da Vila Fátima tava um terreno assim, uma terra assim, parecia uma terra de ninguém; então ficou aquela ilha no meio.

Pergunta da pesquisadora: Ela faleceu quando, a Joana?

Heitor: Me parece que foi em 1929.

Pergunta da Pesquisadora: Ele faleceu em 1912, ela viveu uns 17 anos depois, né? (Entrevista com Heitor Ramos, morador e pesquisador de Coronel Xavier Chaves, maio de 2015 – grifos meus.)

Conforme o relato, muitas propriedades dos moradores da Vila Fátima foram reconhecidas pela prefeitura, que se empenhou em dar-lhes a escritura oficial dos lotes nos quais seus antepassados construíram suas casas, desde o início do século XX. Essa doação não foi declarada oficialmente, mas as terras doadas não foram incluídas no inventário após a morte do casal.

Abaixo, segue a imagem de Coronel Xavier Chaves, quem deu nome à cidade, e sua esposa Joana Mendonça, foto 6, doadores das terras que formam a comunidade quilombola. Conforme a data de nascimento do Coronel, 1850, e a data em que ele chegou no Quarteirão do Mosquito, 1870, deduzi que essa foto foi tirada nas décadas finais do século XIX.



Foto 6: Foto do Coronel Xavier Chaves e de Joana Mendonça. Data aproximada: 1880.  
(Foto do arquivo pessoal de Heitor Ramos)

Os trabalhadores negros, apesar de já terem sido libertados da condição de escravos, ainda faziam parte da maioria dos que permaneciam sob a proteção de um proprietário de terras que lhes dava a garantia da sobrevivência em troca da mão de obra não assalariada. Esse procedimento foi historicamente construído a partir das relações estabelecidas entre os senhores e seus escravos e os ex-escravos recém-libertos, na região de Lages, onde se encontravam a fazenda do Mosquito e as demais propriedades rurais que originaram a atual cidade de Coronel Xavier Chaves, juntamente ao bairro Vila Fátima (TEIXEIRA, 2006).

A entrevista realizada com Dona Nila, 90 anos, moradora da Comunidade Vila Fátima e nascida no quilombo Dom Silvério, comprova o tipo de ocupação das duas áreas em questão:

Pergunta da pesquisadora: A senhora morou sempre aqui na Comunidade Vila Fátima?

Nila: Aqui em Coroas, na Vila. Eu nasci aqui, de lá pra cá, naquela ponte nova, do lado de baixo, onde tem uma pedreira, cê já viu?

Pergunta da pesquisadora: Como chama aquele local ali?

Nila: Lá é Dom Silvério.

Pergunta da pesquisadora: A senhora nasceu em Dom Silvério; a senhora confirma esse fato de que eles vinham trabalhar aqui?

Nila: A minha mãe vinha trabalhar numa fazenda na parte de baixo, perto do engenho, eu vinha com ela; o caminho era naquele morro que tem ali, ó, agora o caminho é por cá, mas na época subia aquele morro; daqui a gente vê lá, a casa nossa era do lado de baixo lá. Acabou mudando pra cá, eu morava lá na rua do meio aqui na Comunidade; agora minha irmã morou lá.

Pergunta da pesquisadora: A senhora conheceu seus avós?

Nila: Conheci. Minha avó era Joana Flor<sup>11</sup> e minha mãe Maria Flor.

Pergunta da pesquisadora: Eram descendentes de escravos?

Nila: Minha avó era escrava, muito antiga, né.

Pergunta da pesquisadora: A senhora sabe sobre a história deles?

Nila: Eu era muito pequena. Não lembro não. (Entrevista com Dona Nila, 89 anos, moradora da Comunidade Vila Fátima, novembro de 2014 – grifos meus.)

O tipo de ocupação do Quilombo Dom Silvério, pelo que se pode extrair do relato oral, pertence a um tipo de doação que visava a manutenção e a fixação das famílias escravas para que eles fossem agregados à mão de obra nas fazendas e mantivessem a submissão aos senhores, atitude comum na região da Vila de São José e adjacências, hoje Tiradentes, São João del-Rei, Resende Costa e Coronel Xavier Chaves (TEIXEIRA, 2006).

A partir das informações de Teixeira (2006), concluo que esse modelo de agrupamento possui um perfil diferente da maioria dos agrupamentos de negros brasileiros que tinham como característica principal a resistência à escravidão. Essa realidade, mais uma vez, nos revela um tipo de formação quilombola que difere da maioria dos quilombos brasileiros, pelo fato de não possuir, pelo menos de forma explícita, a resistência declarada ao sistema escravocrata da época, ainda que buscassem a preservação dos elementos de suas origens, que

<sup>11</sup>Parteira, ex-escrava, conhecida na Vila Fátima e na cidade de Coronel Xavier Chaves por ter realizado muitos partos durante sua vida, entre 1900 a 1980. O papel da mulher negra, na figura da mãe preta, é ressignificada e recorrente pelo fato de representar um saber reconhecido no trato com as crianças, assim como a mulher mãe-de-santo dos terreiros, ambas são exemplos de liderança e força. A identidade feminina trazida da África para o Brasil, exerceu forte influência cultural na sociedade brasileira ao mostrar a figura da mulher negra contrária à submissão construída no imaginário popular. Elas atuaram com sua sabedoria, força e independência dando novo perfil aos conceitos sobre o feminino, sustentado pela religiosidade exercida nos terreiros e irmandades, constituindo nova identidade de gênero e o fortalecimento das práticas religiosas e sociais de matriz africana no Brasil. (REIS & FREITAS, 2010; AMARAL, 2007).

hoje são vividos por muitos, em suas buscas pelas heranças artísticas, como mostram os integrantes do COSNEC.

Heitor<sup>12</sup> disse que as pessoas negras descendentes de escravos que moravam em Dom Silvério trabalhavam ali com minério e que o local servia de passagem de São João del-Rei para o Quarteirão do Mosquito. Por isso, ele conclui que aquela localização não caracteriza uma comunidade quilombola. Não era um local escondido, assim como não eram as terras da Vila Fátima, a 500 metros da fazenda do Mosquito: “[...] aquela localização, no meu entender, não caracteriza uma comunidade quilombola. Teria que ser uma coisa muito retirada pro pessoal falar que estão escondidos lá [...] a quinhentos metros da fazenda, uma comunidade quilombola?!”.

Na verdade, considerando os questionamentos de Heitor sobre a legitimação real das terras do quilombo Dom Silvério e da Vila Fátima, quanto à procedência quilombola, essa certeza pode ter suas garantias se inseridas dentro das novas categorias definidoras do termo “quilombo”, que diferem do primeiro significado, que tinha por objetivo a designação de agrupamentos de fugitivos no período escravocrata brasileiro; enquanto, para os escravos, o quilombo era sinônimo de liberdade, possibilidade de inserção num sistema de produção e de repartição social igualitária, ou seja, um modelo alternativo de sociedade (SANTOS, 2012).

A categoria “remanescentes de quilombo”<sup>13</sup>, em sua ressemantização, passa de uma convenção prescritiva que se relaciona com o passado, para uma invenção performativa no presente, pelas relações simbólicas de ordem cultural, que é fruto de uma história na qual o seu significado e sua operacionalidade política são igualmente importantes (PORTO; KAISS; COFRÉ, 2013).

Assim, o conceito contemporâneo de quilombo se pauta na demanda legal coletiva pelo reconhecimento dos direitos, a partir do respeito à diversidade histórica, étnica e cultural da população concentrada no Estado brasileiro. Esse conceito é o que se adequa à realidade vivida dos moradores da Vila Fátima, que buscam o reconhecimento de sua descendência quilombola. Entretanto, tal reconhecimento se vincula a um ato de nomeação do Estado, o que leva a converter a manutenção dos direitos ao processo de fixação e a formação de novas identidades políticas, étnicas, administrativas e legais (ARRUTI, 2008).

O Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, no artigo nº 68, da Constituição Federal de 1988, começa a redefinir o conceito de quilombo, cujo enunciado diz:

---

<sup>12</sup>Entrevista realizada em 2015

<sup>13</sup>Após a abolição da escravatura, o termo quilombola adquiriu outros significados, como o de sujeito de direitos, pelas conquistas jurídicas do movimento negro perante o Estado brasileiro (FERREIRA, 2012).

Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (Constituição Federal, Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, art. nº 68, 1988).

Mas, voltando às questões ligadas à vida religiosa dos negros, a romanização não foi suficiente para que houvesse o abandono das formas tradicionais de vida religiosa, pois não obteve êxito na internalização da prática sacramental e da espiritualidade individual. Surgiu, a partir daí, um resultado híbrido, constituído de uma mistura de práticas privadas de devoção aos santos, expressas nas rezas, promessas, romarias, culto às imagens, benzeduras e uma frequência esporádica à missa e aos sacramentos, juntamente à relação direta do fiel com o santo que lhe confere liberdade de expressão e devoção, embora sujeita ao controle do padre representante da proeminência do clero.

Os negros da Vila Fátima prosseguiram em suas manifestações festivas congadeiras<sup>14</sup>, nas folias de Reis – hoje não mais vivenciadas –, e nas danças do bate-paus. Essa ambivalência, verificada no catolicismo privatizado, caracteriza-se pela prática que se realiza no espaço da Igreja, com a utilização da simbologia católica e a sua reinterpretação combinada, pelo fiel, com práticas não-católicas, de maneira livre (OLIVEIRA, 1983).

Em 1950, a cidade já estava consolidada com a permanência dos sítios e fazendas ao redor. Outras famílias foram chegando e compondo o novo perfil urbano mantido até hoje. Foram construídas novas estradas, a usina hidrelétrica e, posteriormente, a linha telefônica que uniu o distrito à cidade de São João del-Rei. A partir de 1960, houve o crescimento comercial graças à exploração de minérios<sup>15</sup>, e o desenvolvimento se prolongou com a construção da Ferrovia do Aço em 1970, cujas atividades agropecuárias foram aprimoradas pelas inovações técnicas, assim como o setor educacional, que estava sob a proteção do Estado e da Prefeitura, atendendo o ensino fundamental e médio (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009).

Durante a visita às Igrejas, observei que a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a Igreja do Rosário, as capelas de São Caetano e da Invernada completam o conjunto dos templos católicos e os salões paroquiais de algumas comunidades que guardam suas padroeiras e celebram as missas mensais (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009). Esse fator histórico mostra a fidelidade aos santos católicos, muito reverenciados, como também a

---

<sup>14</sup> Maiores detalhes sobre o congado e as danças se encontram no capítulo 3.

<sup>15</sup> A cassiterita, manganês e a tantalita que foram explorados e exportados para os Estados Unidos e o Japão.

influência que exercem sobre a vida social e política dos seus devotos na atualidade, tanto sobre os moradores da cidade quanto das adjacências, incluindo a comunidade da Vila Fátima, onde a devoção católica se faz presente na vida da maioria dos habitantes.

Binho comenta sobre as mudanças ocorridas na vida dos moradores da vila a partir das transformações econômicas e sociais que, por um lado, trouxeram facilidades, conforto e uma vida com menos sofrimentos, mas, por outro, contribuíram para a perda de muitos costumes referentes às heranças dos antepassados, pois, no processo de nomeação de um grupo remanescente, ocorrem mudanças em suas relações externas – as populações vizinhas, os poderes locais ou aparelhos de estado –, e em suas relações internas entre seus integrantes, chefias, ordem política, significados das festas e rituais pela reelaboração e status dos guardadores da memória (PORTO; KAISS; COFRÉ, 2013).

Existe a necessidade de conhecer e registrar os fatos significativos da história da Vila Fátima através do trabalho de buscas dessas heranças realizado pelo COSNEC, pois a comunidade apresenta uma continuidade cultural e sócio-histórica ao se apropriar de suas raízes artísticas e religiosas em relações livres e de parentesco. Segundo Almeida (1999), é um modo de viver que propicia a leitura da continuidade dos costumes, fazendo com que haja nova construção da história dos quilombolas, por onde são reconhecidos como parte constitutiva desse contexto pós-escravista.

Assim, segundo as afirmações de Binho,

Pergunta da pesquisadora: Observo que, aqui na comunidade, todo mundo ainda mantém alguns costumes rurais, como a criação de galinhas, hortas; você acha que isso está ligado aos costumes também?

Binho: Sim, muita coisa acabou, mas ainda tem muita coisa, como a criação de galinhas; mudou muito as fachadas das casas, mas ainda tem umas que ainda mantém, assim, de adobe; mudou muito, o bairro cresceu muito, a gente fica satisfeito, que o COSNEC está aí, porque a gente trabalha muito com resgate, porque tem muitas coisas boas que está ficando pra trás, está ficando esquecido; é por isso que o COSNEC vem resgatando. Nós temos muita história das pessoas mais velhas aqui do bairro, tá ficando esquecida, muitos deles já estão morrendo, então a gente tem que documentar, tem que registrar essa história, essa vivência que a gente teve lá atrás. (Entrevista com Binho, fundador do grupo COSNEC, em novembro de 2014 – grifos meus.)

No final do século XIX, devido às mudanças econômicas e sociais, como a quebra dos vínculos com Portugal e às transformações advindas da industrialização no Brasil, o quilombo se expande para outros setores da população, através dos movimentos sociais e políticos representados pelas vozes dos abolicionistas que clamam por justiça (LEITE, 2008).

Nas áreas rurais, essa realidade fez com que o quilombo se transferisse para um modo de produção em que atua como camponês livre, cuja característica familiar, própria do regime de produção colonial, auxiliou nessa transição juntamente ao processo de desagregação das fazendas e à conseqüente diminuição do poder coercitivo dos senhores. Esses fatores resultaram na integração quilombola da sociedade pós-colonial, como ocorreu na Vila Fátima. A continuidade da exploração e da dominação através da expropriação das terras, em outros grupos, favoreceu a permanência dos conflitos, fazendo com que os descendentes dos escravos passassem a reivindicar seus direitos étnicos como nativos frente à massa de imigrantes introduzida no país (LEITE, 2008).

Para a análise do perfil no qual se enquadra a denominação “descendentes quilombolas” da Vila Fátima, procurei conhecer a formação de mais algumas dessas comunidades, com o intuito de afirmar, com mais clareza, as características que constituem o lugar onde residem as mulheres descendentes quilombolas do grupo COSNEC.

O Vale do Mucuri, em Minas Gerais, possui dezenove comunidades quilombolas que desviaram do modelo tradicional de quilombo “reduto de escravos fugitivos”, as quais pertencem ao conceito contemporâneo de grupo étnico, com costumes e histórias comuns, construídos pela vivência dos valores compartilhados. Muitas famílias negras, após a escravidão, fixaram-se nos grotões ou em pequenos trechos de terras compradas ou trocadas por bens diversos ou se instalaram em terras de difícil acesso. A formação desses quilombos ocorreu no final do século XIX com o movimento migratório do alto para o baixo Jequitinhonha e Mucuri (SILVA, 2013).

Nelas, o ensino e aprendizagem é transmitido como um processo educativo passado dos mais velhos para os mais jovens, através do qual constroem a identidade negra e quilombola que também vive a relação com os de fora, na instituição escolar. O trabalho ocorre pelos laços de solidariedade e parentesco na produção de farinha de mandioca, para o consumo interno, realizada pelos homens, mulheres e crianças. Enquanto descascam, ralam e torram a mandioca, dialogam e trocam experiências que são passadas de geração em geração. Também é realizada a produção interna de cada família em seus quintais, onde fazem o plantio para subsistência (SILVA, 2013).

A prática religiosa também é uma experiência significativa para a formação da identidade negra e quilombola das comunidades do Vale do Mucuri. Em Córrego Novo, Cama Alta e São Julião, o catolicismo popular é predominante em suas misturas das matrizes culturais, como a portuguesa e a africana. Há a devoção aos santos, principalmente à Nossa Senhora Aparecida, por ser negra e por se identificar com os membros dessas comunidades; e

o Senhor Bom Jesus da Lapa, por ser reconhecido como protetor dos trabalhadores negros das minas de ouro. As rezadeiras são guardiãs das memórias passadas de mãe para filhas por meio das rezas, ladainhas, procissões, terços e através do uso das plantas, para tratar vários tipos de doenças. As reflexões sobre os textos bíblicos são associadas às mazelas advindas das desigualdades sociais e raciais vividas na região, mostrando que o aspecto político do catolicismo popular fortalece o movimento em favor da defesa do território e das reivindicações das melhorias para a população. A partir das práticas religiosas, ocorrem as festas das Folias de Reis, cultos, rituais, danças e encontros comunitários pelos quais rememoram as experiências dos antepassados (RODRIGUES, 2010).

As lideranças políticas dessas comunidades, juntamente às famílias, buscam o fortalecimento da identidade negra pela reconstrução da história, da cultura e da busca pelo reconhecimento e titulação das terras através do trabalho de conscientização dos seus integrantes, que visa a busca pelos seus direitos (SILVA, 2013).

Ao tomar como parâmetro as realidades descritas acima, constatei diferenças quanto à formação, à posse das terras, ao patrimônio cultural e aos costumes, se comparados à Vila Fátima que, na atualidade, possui uma vida mais urbanizada, com suas casas reformadas, filhos estudando e trabalhando em cidades maiores. Muitos jovens permanecem na localidade e exercem trabalhos variados, cuja renda varia de um a dois salários mínimos; alguns habitantes mais antigos, a maioria mulheres, já trabalharam em outras localidades, exercendo atividades em casas de famílias; os homens mais velhos também já saíram para outras cidades, e muitos retornaram para a vila, considerada a terra natal, e estabelecem uma relação muito íntima com o bairro onde reside a grande maioria de seus parentes e amigos próximos.

Mas, no que se refere à luta pela terra e pelos direitos, existe uma semelhança presente nas ações que buscam a legitimação das propriedades em todas essas realidades, como também a busca da preservação das heranças e dos direitos do povo negro dentro do sistema econômico e social do país.

Observei ainda a maneira semelhante pela qual esses indivíduos construíram seus laços identitários, vinculados ao parentesco e reforçados pela forte ligação com o lugar em que nasceram, assumindo uma identidade em terras brasileiras, onde muitos dos costumes foram mantidos junto às práticas do catolicismo.

Segundo as informações do atual Vice-Presidente do COSNEC, a comunidade Vila Fátima não está oficialmente declarada como quilombola, segundo o Decreto 6040, de 07 de fevereiro de 2007. As fontes históricas que deram origem à formação do Quilombo Dom Silvério ainda não estão oficialmente reconhecidas.

Binho afirmou que o movimento das pessoas negras do bairro pela busca das suas raízes identitárias, a partir da conscientização dos valores de seus antepassados foi impulsionado pela experiência que já possuíam com a constante prática do congado, desde a época do seu pai, Antônio Neto. Essa liderança e os saberes foram passados para o Sr. José Carmo, atualmente com 80 anos, capitão do congado da Vila, cuja estátua, como mostra a foto 7, foi colocada na entrada do Bairro pelo atual prefeito, Hélio, em sua segunda administração no ano de 2006.



Foto 7: Estátua do Sr. José Carmo – capitão do congado da Vila Fátima. (foto tirada pela autora em 2015).

Obtive informações das senhoras<sup>16</sup> entrevistadas da vila, Dona Nila (90 anos), Dona Inácia (80 anos) e Dona Zilá (88 anos), de que a vida social sempre esteve vinculada à vida religiosa, na qual as missas e as festas católicas agregavam as pessoas da comunidade, da cidade e dos diversos lugarejos ao redor. Nas primeiras décadas do século XX, as diversões comuns da época, como os bailes de rua ou os bailes nas fazendas, eram animados pelas valsas e chorinhos, por exemplo, acompanhados de sanfonas, violão e pandeiro, que ocorriam em diversos locais da região, onde os negros participavam dos festejos com a sociedade local.

---

<sup>16</sup> Entrevistas realizadas com Dona Nila, Dona Inácia e Dona Zilá, em 2015.

Disseram-me que seguiram a tradição dos seus avós e pais, muitos deles negros nascidos ainda no século XIX, que nessa fase não vivenciaram as danças dos escravos, a não ser a dança congadeira, pelo grupo de congado, e o bate-paus, dançado por mulheres e homens.

## 1.2. Lideranças antigas e atuais do COSNEC frente aos preconceitos enfrentados

O COSNEC foi criado em 2008 por Binho, nascido na comunidade Vila Fátima (foto 8 abaixo).



Foto 8: Vila Fátima – (foto tirada pela autora em 2015).

Desde a infância, Binho<sup>17</sup> aprendeu capoeira e bate-paus<sup>18</sup> com seus avós, pais e tios, descendentes de escravos, trabalhadores das fazendas locais e com o Sr. José Carmo. As denominadas danças afros e o maculelê foram introduzidas após a oficialização do grupo.

A história que ouvia dos seus avós, sobre o surgimento e o funcionamento do Bairro da Vila Fátima, despertou seu interesse em aprofundar e buscar mais informações sobre o

---

<sup>17</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>18</sup>Essas artes se referem à capoeira, ao bate-paus, ao maculelê, às danças afros e à culinária, descritas no capítulo 3.

passado dos negros da região. Segundo Mello (2012), quando a transmissão da memória é feita através do tecido genealógico de um líder interessado e vinculado às questões políticas, aos documentos escritos, como mapas, e ao movimento negro, a memória adquire um suporte diferenciado, dotado de uma linguagem adequada, que visa estabelecer mediações entre as exigências que recaem sobre o grupo, nas questões de demandas por direitos, e o senso de justiça, formado pela vivência e expressão nas narrativas orais sobre as experiências de sujeição, que não se limitam ao tempo da escravidão.

Binho, ainda muito jovem, mostrou grande curiosidade pelas heranças dos negros, a capoeira, a dança do maculelê, o bate-paus e a culinária, bem como pelas atuais leis que versam sobre os direitos do povo negro. As primeiras reuniões foram feitas no Salão Paroquial da Vila Fátima, onde está colocada a imagem da padroeira do Bairro.

Pergunta da pesquisadora: Onde vocês se reuniam?

Binho: A gente não tinha um local fixo, mas a gente tinha o Salão Paroquial da Vila Fátima; a primeira reunião em 2008 foi nesse salão.

Pergunta da pesquisadora: Ali tem uma santa?

Binho: Tem, tem a Nossa Senhora de Fátima. Aquela santa foi doadada por um senhor desde minha infância, mas não me lembro quando. (Entrevista com Binho, fundador do COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

No entanto, Heitor Ramos disse, em sua entrevista, abaixo, que a santa foi doada pelo Padre Heitor Lustosa, em 1963. A gruta com a primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima foi construída em 1963, no pátio do salão comunitário, local onde também são celebradas as missas, são feitos os ensaios das performances para a festa da padroeira e onde o congado da Vila Fátima se reúne para dar a saída e a chegada do grupo (DOSSIÊ DE TOMBENTO, 2009).

Heitor: [...] e depois, lá pra 1963, que teve a visita dos missionários, os Freis Capuchinhos; aí teve a visita da Nossa Senhora de Fátima aqui na cidade, [...] Então com essa devoção à Nossa Senhora de Fátima, o Padre Heitor Lustosa construiu um monumento à Nossa Senhora de Fátima, hoje é a gruta, o salão comunitário; ele deu o nome de Vila Fátima. (Entrevista com Heitor Ramos, morador e pesquisador de Coronel Xavier Chaves, em maio de 2015 – grifos meus.)

Mais uma vez é evidente a presença da religião católica. Sempre ao final das falas, quando se referem às conquistas realizadas em qualquer área de suas vidas, eles sempre exclamam: “Graças a Deus!”. Mas com a ênfase que me tornou convicta da crença e da fé cristã que os move rumo aos seus objetivos. Sempre deixaram claro, em suas entrevistas, sobre as muitas dificuldades, financeiras, discriminatórias, de moradia, enfrentadas desde a

época dos avós e dos pais, presentes na juventude e na vida de casados, fase em que criaram os filhos, hoje os jovens da comunidade. Alegam ter sido o preconceito um dos maiores problemas, principalmente quando eram crianças, o qual, hoje, percebem ter atenuado, ainda que persistente em algumas situações.

Antes mesmo da formação do grupo, ainda quando exercia somente a prática da capoeira regional<sup>19</sup>, há vinte anos, que se transformou em capoeira de rua e de família, praticada com os primos, como mostra o parentesco acentuado da Vila Fátima, Binho deu continuidade às buscas pela cultura dos seus antepassados.

Pergunta da pesquisadora: Desde menino você ouvia, e a partir de que fase você foi em busca, quando criança você já fazia capoeira?

Binho: Sim, sim. A capoeira eu comecei muito cedo, com 8 anos de idade, a praticar que era o chamado capoeira de rua e regional, depois nós resolvemos juntar uma turma que era o chamado capoeira em família; juntei meus primos e começamos a treinar; então a gente treinava em rua, em campo e depois para um local fechado pra gente treinar, foi aperfeiçoando. Aos 15 anos eu já estava treinando um grupo de capoeira; foi uma coisa muito rápida, muito gratificante e de muita responsabilidade. Daí o trabalho foi crescendo, crescendo, começamos a sair fora do município pra trabalhar nas cidades ao entorno aqui. Trabalhei em oito cidades, e só aqui dentro do município a gente tinha sessenta alunos, e nessas outras academias a gente tinha cinquenta, quarenta, então o trabalho ficou muito grande, e junto com o trabalho da capoeira a gente começou a trabalhar outras modalidades da dança que veio acompanhando a capoeira, que é a dança do bate-paus e maculelê. (Entrevista com Binho, fundador do COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

Mais tarde, após ensinar essa luta em diversas escolas, Binho começou a buscar outras modalidades de dança, através do grupo de danças negras, Bataka, de Belo Horizonte, liderado pelo professor Evandro Passos<sup>20</sup>, que foi ao COSNEC entre 2008 a 2011 para transmitir novos ensinamentos do bate-paus e maculelê. A dança do bate-paus faz parte de um estilo presente na comunidade desde o início do século XX, época da formação da Vila Fátima, mas não mais praticado pelos moradores na fase da formação do COSNEC. O

---

<sup>19</sup>O baiano Mestre Bimba desenvolveu uma capoeira regional com aspectos mais marcantes de luta, praticada pela primeira vez na academia, em 1932, onde a frequência de alunos brancos se tornou significativa. Assim, a Capoeira começa a ganhar mais aceitação social, deixando de ser considerada como algo praticado por desqualificados marginais, e passou a ser considerada uma manifestação cultural do povo (MILAN & SOERENSE, 2015; FRIGERIO, 2017). A capoeira de rua teve sua origem, como indica o nome, na rua, como manifestação do final do século XIX e início do século XX, a partir das chamadas “festas de largo” ocorridas na Bahia, onde esse modelo se difundiu para o resto do mundo. São grupos que se encontram nos espaços públicos sem sede própria, ou num espaço fechado, e ali realizam treinos de rodas remetidos às tradições mais antigas dessa arte-luta. (ABREU, 2012).

<sup>20</sup>Evandro é professor de dança, mestre pela UNESP em Artes, formado em Comunicação, pesquisador e bailarino, fundador da companhia de danças negras, Bataka, em 1982. Nascido em Diamantina, foi para Belo Horizonte na adolescência, e se dedica também ao teatro, televisão e cinema.

maculelê, introduzido após a formação do grupo, integrou o conjunto dos estudos sobre a importância das buscas e da preservação das artes dos seus antepassados.

Binho passou a conversar com os moradores sobre as questões do preconceito, dificuldades financeiras e moradia – problemas vividos lá–, e contou, desde essa época, com a presença e o interesse das mulheres visando o conhecimento sobre suas origens negras.

Em 2007, Binho soube do apoio do Padre Lúcio<sup>21</sup>– pertencente à Congregação do Sagrado Coração de Jesus, pároco da Igreja de Sant’Ana, da cidade de Lavras – à cultura dos negros, às práticas do congado e às danças das folias de reis, e o contato realizado entre eles foi a base para a criação do grupo COSNEC. Esse fato confirma a dedicação dessas pessoas à sua religião católica: nesse exemplo, a de Binho e de seus amigos que foram buscar, nos representantes do Deus cristão que acreditam, a ajuda que necessitavam para a superação dos preconceitos e a coragem e confiança no trato com suas origens e identidades.

A iniciativa de criar o grupo COSNEC, conforme expliquei anteriormente, contou com o apoio de alguns companheiros da comunidade e parentes entre si. Arnaldo, sobrinho do Binho, funcionário da prefeitura, se dedicou junto ao prefeito, à elaboração dos projetos de lei de incentivo à cultura, responsáveis pelos incentivos financeiros adquiridos para a construção do Centro Afro. A presença e o apoio de Arnaldo, conforme consta em sua entrevista concedida para essa pesquisa, em 2014, demonstra o interesse em participar das conquistas do grupo em suas novas buscas de conhecimento e mudanças. Mesmo não sendo ele um integrante oficial do COSNEC, sua participação e contribuição são permanentes e atuais.

A Atuação de Tito também compõe o quadro da liderança permanente do COSNEC, que desde o início das atividades se mantém fiel aos vários empreendimentos, sendo ele o coordenador de muitos trabalhos e reuniões e da organização do espaço do Centro Afro para eventos, além de auxiliar na organização das festas dos santos da Vila Fátima assim como nas festividades da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e na Igreja de Nossa Senhora do

---

<sup>21</sup>O apoio dos padres às causas culturais dos negros foi possível a partir da introdução da “inculturação”, ocorrida na Igreja Católica em 1979, pelo papa João Paulo II, nos documentos oficiais da Igreja, ao observar que o termo expressa um dos elementos do mistério da encarnação, presente na relação entre catequese, em seu aspecto encarnacional cultural. A catequese necessita encarnar nas diferentes culturas em que a palavra de Deus adquire uma natureza humana, que é uma forma de proclamar o Evangelho através do processo de inculturação (CHUPUNGO, 2008). Em 1983, o movimento dos Agentes de Pastoral Negros (APN), objetivou a nova consciência de identidade negra e seu reconhecimento no seio da sociedade brasileira, principalmente no interior da Igreja Católica, através da Teologia da Libertação, e, fora dela, pela emergência do Movimento Negro, inspirado pela revisão da história nacional, problemática cultural em que os católicos negros (bispos, padres, religiosos e leigos) tomaram a iniciativa de questionar sua situação no interior da Igreja. O “Movimento Negro Católico”, “Negritude na Igreja”, “Anti-Racismo à católica” foram todos objetos de reflexões coletivas de uma estratégia religioso-política, fundada pelos seus intelectuais e teólogos, em teorias e práticas culturais, sociais, religiosas e litúrgicas, visando à afirmação de uma identidade, cujos traços perdidos de uma cultura se tornaram veículo e expressão dessa identidade buscada no presente (SANCHIS, 1997).

Rosário - nas quais o COSNEC participa dançando e cantando -, na organização do grupo para as solenidades da Missa Inculturada<sup>22</sup>, para as apresentações do Coral de Binho<sup>23</sup>, composto pelos integrantes; para eventos no Centro Afro voltados para palestras, cursos e nas festividades da Semana da Consciência Negra<sup>24</sup>.

Após sua primeira gestão, de 2008 a 2012, Binho se tornou vice-presidente do COSNEC, fase em que a primeira mulher do grupo, Lia, foi eleita presidente, exercendo essa função entre 2013 a 2014. Em 2014, essa pesquisa teve início junto ao grupo, e acompanhei as atividades dos integrantes, ministradas por Lia, que desempenhou os trabalhos com dedicação junto a participação das outras mulheres. Entretanto, elas não se dispuseram a aceitar a indicação para a candidatura da nova gestão, e, assim, Binho foi reeleito em 2016.

Lia nasceu e cresceu na cidade de Coronel Xavier Chaves, é branca e sempre admirou o movimento do congado da Vila Fátima. Atualmente, aos seus 40 anos de idade, disse, em sua entrevista<sup>25</sup>, sentir orgulho em participar do grupo COSNEC por se considerar “negra”, na sua identificação com os costumes, com a música e com os ritmos percussivos, e poder estar junto trabalhando nas causas reivindicatórias dos direitos dos seus companheiros negros da comunidade.

Acompanhei de perto o empenho de Lia nas funções dos projetos sociais da fábrica de costura, onde, em parceria com Mara Lu, esposa do Binho, abriram espaço para a produção de roupas femininas, cujas vendas têm como objetivo dar retorno financeiro para as mulheres, costureiras da comunidade, que foram convidadas para trabalhar na oficina de costura, montada com equipamentos fornecidos pela UFSJ (Universidade Federal de São João del-Rei), em 2014, no Centro Afrodescendente. Lia, como as demais mulheres do grupo, é católica e participa das atividades religiosas e artísticas do COSNEC.

Sua participação na construção da fábrica de Vassouras Pet na Vila Fátima, pertencente ao COSNEC, também ocorreu na fase da minha permanência no campo de pesquisa, onde verifiquei sua dedicação na organização burocrática e social do espaço, que tem como objetivo a fabricação e a venda das vassouras de material reciclado, através do trabalho remunerado das pessoas da vila, que recebem uma porcentagem sobre a venda do produto. A outra parte do lucro fica retida para as despesas do grupo em suas várias

---

<sup>22</sup>A Missa Incultura será apresentada em maiores detalhes, no capítulo 4.

<sup>23</sup>O coral de Binho se chama “Coral de Nossa Senhora de Fátima” e é coordenado pelo Binho. Apresenta um repertório variado de músicas religiosas com letras católicas direcionadas para a celebração das missas rotineiras, missas sertanejas em que os ritmos seguem esse estilo. Apresenta também um repertório com músicas ritmadas segundo às tradições afrodescendentes acompanhadas com instrumentos de percussão, utilizados nas Missas Inculturadas.

<sup>24</sup>Detalhada no capítulo 4.

<sup>25</sup>Entrevista realizada com Lia em 2014.

atividades. Portanto, o desempenho, a iniciativa e todo o trabalho desenvolvido por Binho, esteja ele na presidência do COSNEC ou não, conta com o desempenho de outros integrantes que compõem a liderança do grupo desde sua fundação.

No caso específico do Binho, vale ressaltar sua luta e persistência na concretização dos projetos sociais, artísticos e religiosos do grupo, inicialmente como professor de capoeira, fundador do COSNEC, coordenador da Usina de Triagem e Compostagem da cidade – atividade que exerce com orgulho, por se tratar da defesa das causas ambientais, possui várias atividades como cristão; esposo de Mara Lu, integrante ativa do COSNEC e parceira em todas as tarefas assumidas pelo grupo, pai de Maria Iza – que aos seus 15 anos já ensina o bate-paus e o maculelê no Centro Afro, dando continuidade ao trabalho do pai –, cidadão ativo na política da cidade, participante das reuniões nas épocas das eleições e das reuniões mensais da prefeitura, destinadas aos representantes de todas as comunidades da cidade.

Assim, também é a fé e a dedicação das mulheres que entrevistei, que serão detalhadas no capítulo 2 desse estudo.

Portanto, a partir da experiência do campo da pesquisa, na cidade de Coronel Xavier Chaves, verifiquei que as mulheres quilombolas do COSNEC apresentam características peculiares, herdadas do sistema colonialista que lhes deu origem, e que são observadas em seu aspecto cultural e religioso, pois, nas entrevistas realizadas, tanto com as pessoas da Vila quanto com os habitantes da cidade, registrei inúmeros relatos sobre o preconceito acentuado que ocorreu por parte da sociedade da antiga Coroas, nas primeiras décadas do século XX, mas que ainda permanece por parte de algumas pessoas.

Como afirma Silva (2017), o povo negro é marcado pela experiência do racismo, que é um fenômeno ideológico complexo, ligado aos interesses de um grupo social fundado em preconceitos raciais, comportamentos discriminatórios e práticas institucionalizadas que atribuem aspectos negativos aos padrões da diversidade dos grupos que os possuem, resultando em desigualdades raciais e no conceito equivocado de que as relações discriminatórias são pautadas na moralidade consideradas cientificamente legítimas.

Outros negros da comunidade disseram não ter passado por tais discriminações, mas sim seus antepassados. Outros habitantes, inclusive pessoas do COSNEC, afirmaram ter sido vítimas de muitos preconceitos em sua infância e até mesmo nos dias atuais. O racismo<sup>26</sup> manifesta-se por meio de disposições legais ou regimentais e por práticas

---

<sup>26</sup>Raça é um signo pertencente à experiência do racismo, uma categoria sustentada por mecanismos de controle social, sendo assim um signo vazio, preenchido por meio da experiência do racismo, seja como sujeito de atitudes racistas ou como alvo do racismo do outro. As consequências negativas advindas do racismo só podem

discriminatórias, assim como por crenças e atos que travam o desenvolvimento de suas vítimas, perverte quem o pratica, divide as nações internamente, cria tensões políticas entre os povos, não cumpre os princípios fundamentais do direito internacional e perturba a paz e a segurança, e, por isso, não pode ser considerado uma questão de opinião pessoal (SILVA, 2017).

Dessa forma, pode-se deduzir, após ouvir vários testemunhos, que o motivo de se referirem à cidade como “a Coroa”, como se a mesma estivesse fora do bairro Vila Fátima, tem um fundamento histórico e social a ser levado em conta. Esse distanciamento ocorreu desde as primeiras ocupações das terras da comunidade, época em que também se formava a cidade, pois o processo histórico de escravização construiu representações sociais negativas de negros e, em contrapartida, positiva de brancos, contidas hoje na polarização branco/negro, inclusas no imaginário pessoal e coletivo, manifestadas nas relações e materializadas nos estereótipos e atos de discriminação, influenciando, dessa maneira, os processos de constituição dos indivíduos brancos e negros (SILVA, 2017).

Observei que a dificuldade das mulheres negras em tomar frente dos trabalhos do COSNEC está relacionada à timidez e vergonha que me disseram sentir, devido ao convívio restrito com os demais segmentos sociais da cidade de Coronel Xavier Chaves. Mas, constatei uma controvérsia nessas atitudes de inibição perante a sociedade, pois elas frequentam e fazem parte de alguns setores expressivos<sup>27</sup>, muitos deles coordenados por mulheres, que compõem o perfil da cidade. Por isso, eles serão citados, com o objetivo de contribuir para a análise das dicotomias, encontradas nas formas de buscas por suas transformações e

---

ser combatidas após o conhecimento de sua realidade, sendo importante citar que a racialização teve início no século XIX, com a escola francesa representada por Gobinou, que se utilizou da aparência física para criar divisões hierárquicas entre os seres humanos, cujas características físicas, intelectuais e psicológicas deveriam se pautar no modelo do homem branco europeu. Portanto, foi negado o estatuto humano aos escravizados negros, considerados peças, e, no caso da mulher negra que paria filhos, animais de procriação. (SILVA, 2017).

<sup>27</sup>A atividade econômica principal de Coronel Xavier Chaves é o cultivo de hortifrutigranjeiros, onde trabalham homens e mulheres, funcionários ou proprietários de pequenos sítios ao redor; o artesanato manual do setor das mulheres artesãs, AMARCHA (Associação das Mulheres Artesãs de Coronel Xavier Chaves), coordenado por Rosinha; o setor das mulheres tecelãs das comunidades da Cachoeira e Olhos d'Água, coordenado por Ana Maria; o festival das esculturas em pedras, que são a atração turística de destaque, juntamente ao aspecto colonial, mantido através do tombamento de muitas construções e incentivado pela administração do atual prefeito Hélio, conforme entrevista concedida para essa pesquisa em maio de 2015. Existem os setores de lazer e de cultura coordenado pela prefeitura; os grupos das famílias que estão ligadas em sua maioria pelo parentesco, constituídos pelos moradores mais antigos e por jovens estudantes e jovens trabalhadores; o GAATI (Grupo de Assistência à Terceira Idade), coordenado por Doralice; o setor econômico, constituído pelo comércio; o setor educacional, que compreende as escolas Municipal e Estadual, de renome regional, e os setores públicos de saúde. Como atrativo turístico, existe a trilha do carteiro, antigo caminho que ligava o povoado à Vila de Tiradentes, cortada pela Estrada Real, além das sedes das fazendas do século XIX, ainda preservadas, e o engenho de cachaça Boa Vista, do século XVIII, em atividade (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, 2009). Na cidade existem duas festas importantes, a Exposição Agropecuária e de Artesanato, e o Carnaxachaça, carnaval antecipado, além das festas católicas dedicadas à padroeira, Nossa Senhora da Conceição, que reúnem todas as padroeiras das comunidades rurais e que também realizam suas festas católicas locais.

libertações, frente aos preconceitos que vivenciam, pelo fato de serem negras, mulheres, pobres e descendentes de escravos. Entrevistei, em 2014, os representantes dos grupos<sup>28</sup> responsáveis pela dinâmica da assistência social da cidade. As entrevistas me possibilitaram conhecer de perto os vínculos formadores do perfil social e econômico da cidade de Coronel Xavier Chaves, que estão associados às pessoas da vila e, conseqüentemente, ao meu grupo de pesquisa.

Verifiquei a participação das mulheres da Vila Fátima e do COSNEC no setor das mulheres artesãs (AMARCHA) e no Grupo de Assistência à Terceira Idade (GAATI). Algumas delas participaram das reuniões dos pais dos alunos das Escolas Municipal e Estadual, das atividades culinárias das festas religiosas da padroeira Nossa Senhora da Conceição, de ornamentação e culinária no Carnaxachaxa, e nas reuniões mensais dos bairros que são realizadas na prefeitura e nas reuniões políticas nas épocas das eleições. Por fim, o mesmo ocorreu como espectadoras no Festival da Pedra<sup>29</sup> e como cantoras do Coral do Binho, que se apresenta nas missas da semana em homenagem a essa festa.

Em 2014, eu participei do Carnaxachaça, com o objetivo de acompanhar o desfile do grupo de Congado, coordenado pelo Sr. José Carmo. Trata-se de um carnaval antecipado, patrocinado todos os anos pela prefeitura no mês de janeiro, que promove, no mês de julho, a festa da Exposição Agropecuária, com várias atrações e shows. Nesse desfile do grupo de Congado, houve a participação de várias pessoas da Comunidade Vila Fátima, inclusive pessoas do COSNEC, homens e mulheres. Esses eventos culturais trazem pessoas de várias cidades da região, além de incentivar o turismo, objetivo maior das táticas de gestão do prefeito Hélio, conforme entrevista realizada para essa pesquisa, em maio de 2015.

A escultura de uma das 15 estações, exposta na foto 9 seguinte, construída no III festival da pedra, em 2014, é um exemplo da influência católica imperante na cidade de Coronel Xavier Chaves.

---

<sup>28</sup> Vivian, coordenadora do grupo da Associação Rural e Comunitária de Coronel Xavier Chaves (ARCEL); O Sr. Joel, coordenador da Associação dos Produtores de Leite (APLEI); a Juraci, coordenadora do Programa de Saúde da Família (PSF); o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), coordenado por mulheres; conheci os grupos religiosos, como a Pastoral da Criança e o grupo de jovens da Matriz de Nossa Senhora da Conceição. (Entrevistas realizadas em 2014.)

<sup>29</sup>O Festival da Pedra, que tive a oportunidade de acompanhar, acontece de 2 em 2 anos, com a presença de escultores locais, de outras cidades brasileiras e de outros países. Eles realizam o trabalho proposto, esculpindo na Praça Gonçalves Lara, durante 30 dias, e depois concorrem ao prêmio de melhor escultura, eleito pelo povo. As esculturas são espalhadas e fixadas nos vários pontos estratégicos da cidade, que conquistou a tradição dessa arte. No último festival, realizado em 2014, denominado o Terceiro Festival da Pedra de Coronel Xavier Chaves, o tema das esculturas “As Quinze Estações”, referiu-se aos passos de Jesus Cristo rumo ao Calvário, em que foram esculpidas 6 fases desse percurso, sendo as outras 9 estações reservadas para o próximo festival, que ocorrerá em 2016.



Foto 9: Obra esculpida no III Festival da Pedra de Coronel Xavier Chaves – agosto de 2014. (foto tirada pela autora em 2014).

Há mais de 30 anos, os trabalhos em esculturas se ampliam pelas mãos dos artistas locais<sup>30</sup>, e observei que a maioria dos temas esculpidos estão relacionados à vida religiosa católica influente na cidade e na Vila Fátima.

Em abril de 2015, participei das missas e das atividades de Semana Santa, acompanhando a procissão e assistindo às encenações sobre a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Observei a presença da grande maioria dos moradores da cidade com seus familiares, assim como os moradores da Vila Fátima. Acompanhei a procissão da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, em maio de 2015, e senti com os devotos, a presença de uma fé viva por entre velas acesas, através das performances apresentada sobre várias passagens bíblicas, em que muitos fiéis se vestem com roupas típicas da época e encenam situações vividas por Maria e Jesus Cristo em seu percurso de evangelização. Assisti, ainda no mês de maio de 2015, as coroações feitas à Virgem Maria, durante três dias, pelas crianças, que participam com empenho em apresentações ensaiadas e preparadas com cuidados especiais.

<sup>30</sup>Artistas escultores descobriram nas pedras gnaisse e pedra sabão e mármore a arte do seu ofício, como confirma o escultor Dálcio, considerado precursor dos trabalhos nessa área. Há 37 anos, trabalha junto à natureza e com aquilo que mais gosta. Aos 13, aprendeu a trabalhar com a pedra sabão com seu primo, confirmando a relação comum de parentesco existente na cidade, e passou seu aprendizado para vários colegas que hoje formam, em suas oficinas, o conjunto de profissionais escultores responsáveis por um dos atrativos turísticos de Coronel Xavier Chaves. Eu entrevistei e conheci os trabalhos dos escultores Sérgio, Lucas e José Gomes, atual vice-prefeito da cidade, além do trabalho do santeiro Moisés, conhecido pela sua arte de confeccionar as imagens de santos em gesso, o que confere a permanência da religiosidade católica, muito evidente na região. (Entrevistas realizadas em 2014).

Em todas essas manifestações e ofícios, encontram-se pessoas da Vila Fátima e do COSNEC, que de várias maneiras participam do movimento cultural, religioso, econômico e social da cidade, como um núcleo turístico em ascensão. Há, então, o cumprimento da meta da política atual, que, segundo entrevista realizada com o prefeito Hélio<sup>31</sup>, faz parte da sua proposta administrativa.

Todos esses entrevistados alegaram sua admiração pelos trabalhos do COSNEC e enaltecem a importância de buscar as heranças dos antepassados e transmiti-las para as gerações atuais. Mas, segundo relatos dos integrantes do grupo, muitos desses moradores da cidade não participam das Missas Inculturadas, das danças, nem mesmo das reuniões e dos projetos sociais do COSNEC. Observei, enquanto acompanhava o cortejo do congado, muitos semblantes de desprezo de pessoas da cidade que assistiam das janelas das casas a passagem do grupo do Sr. José Carmo, evidenciando uma controvérsia no discurso dos entrevistados que negaram a ocorrência de preconceitos.

Segundo Vannuchi (2017), passados mais de cem anos do final da escravidão, a ordem jurídica combate a desumanização dos brasileiros negros, mas algo do estranho permanece projetado neles. Eles são incorporados à sociedade, porém incluídos numa política de miscigenação, a qual os hierarquiza e estratifica socialmente. Nela, segundo minhas observações, o preconceito transita de maneira velada ou mesmo exposta; ele perderia o sentido apenas perante a assimilação dos negros às condutas e atitudes da população branca, não apenas do ponto de vista estético, mas também cultural.

Todos os moradores da cidade de Coronel Xavier Chaves entrevistados, relataram as preocupações com a necessidade de maior união de todos, no que diz respeito às reivindicações de melhorias em alguns setores, principalmente em relação à realização de eventos que possam evidenciar seus costumes e sua arte, à formação de núcleos de trabalhos para as mulheres (como oficinas de costuras e artesanato) e à melhoria das estradas e no abastecimento de água. Além disso, os moradores falaram de suas alegrias com a vida em comunidade, que se apresenta saudável no que se refere ao sossego e à segurança em suas rotinas, pois a cidade de Coronel Xavier Chaves apresenta os melhores índices de desenvolvimento da região, em termos de qualidade de vida. A ordem e a tranquilidade de seus moradores são mantidas, conforme entrevista concedida pelo sargento Rildo<sup>32</sup>, em abril de 2015. Receberam destaque também a educação, os sistemas de saúde e o baixo índice de desemprego e de analfabetismo.

---

<sup>31</sup>Entrevista realizada com o prefeito Hélio, de Coronel Xavier Chaves, em 2015.

<sup>32</sup>Entrevista realizada com o sargento Rildo em 2015.

Percebi que esses fatores unem as pessoas da cidade – muitas delas portadoras dos preconceitos velados ou expostos de maneira indireta aos negros – e os moradores da Vila Fátima, pois os objetivos comuns, que apresentam enquanto cidadãos, os envolvem em causas semelhantes, mas que não são suficientes para o extermínio das diferenças impostas pelo regime político, social e jurídico da escravatura, em que a violência contra o negro não só era permitida mas recomendada, segundo Vannuchi (2017). A configuração social composta pelos homens livres e cativos andava de mãos dadas com “a lei” reguladora dos direitos de quem se apoderava dos corpos e das vidas dos cativos negros (VANNUCHI, 2017).

As moradoras da cidade se expressaram quanto à superação de seus entraves sociais, através da produção artística, como mostram as integrantes da Associação das Mulheres Artesãs de Coronel Xavier Chaves (AMARCHA), pioneiras na região na arte do bordado e na confecção de tapetes, conforme entrevista realizada com a presidente Rosinha, Dona Lia (fundadora da AMARCHA), Rosana, Eliana, Dona Amelinha e Luciana, nos 30 anos de existência da associação<sup>33</sup>.

A parceria das mulheres da AMARCHA ilustra outras parcerias de grupos da cidade, e me possibilitou, através de suas falas, compreender o empenho e a dedicação ao trabalho que realizam. Por essa razão, o Sr. João<sup>34</sup>, defensor dos negros da região, nascido e criado na cidade, fabricante de queijos em sua propriedade rural, próxima à cidade, também zelador, funcionário da Escola Estadual, comentou que a vida do trabalho é a característica marcante do povo e que esse empenho traz para os moradores o equilíbrio financeiro, mesmo para aqueles que possuem uma renda menor.

---

<sup>33</sup>A Atual presidente da AMARCHA, Rosinha, há 2 anos e 4 meses, mostrou sua perseverança, assim como das outras integrantes, em zelar pela história e pela contínua prática dessa tradição dos bordados, muito antiga na cidade de Coronel Xavier Chaves. Segundo ela, esse trabalho existe em função das mulheres da cidade que são donas de casa, não possuem emprego fixo e que podem trabalhar enquanto os filhos estão na escola, ou mesmo em casa nos períodos de folga. Falou ainda de sua luta para resgatar a AMARCHA e, para isso, passou a ensinar meninas novatas, com a idade de 10, 11 e 16 anos, além de sua filha de 15 anos, que começou a aprender aos 8. Muitas se afastaram, devido aos problemas financeiros pelos quais a AMARCHA passou, mas ela está convicta de que serão superados pela sua determinação e apego à essa tradição dos bordados, que aprendeu desde seus 11 anos, data de seu ingresso nessa Associação. A história da AMARCHA, narrada por Rosinha, confirma o caráter familiar que forma o perfil da cidade e da comunidade da Vila Fátima, além do apego dos moradores à sua terra natal, e mostra a determinação e garra das mulheres envolvidas em suas funções.

Dona Ada, mãe de Fernando (coordenador da Comunidade de São Caetano), faz trabalhos para AMARCHA, assim como outras mulheres: a Renata, agora eleita como coordenadora, a Leandra e a Nair, que já participam como bordadeiras há mais de 13 anos. Todas elas compõem o grupo das 15 artesãs representantes da associação e são fiéis às expectativas de Dona Lígia, uma das fundadoras da AMARCHA, de prosseguir com as atividades do bordado de maneira eficiente. Todos os estilos dos bordados foram ensinados por Dona Lígia, que ainda participa do movimento diário da associação, dando apoio para as superações das dificuldades enfrentadas nos últimos dias em que lá esteve. (Entrevista realizada em 2014.)

<sup>34</sup>Entrevista realizada com o Sr. João, em 2014, morador nascido em Coronel Xavier Chaves.

A união das mulheres em torno de um objetivo, como o da AMARCHA, ocorre em outros ambientes, onde muitas das artesãs também se encontram, como nas missas semanais, procissões, aniversários, festas dos santos e nas festas de amigos, frequentado também por moradores negros da Vila Fátima, homens e mulheres.

As mulheres do GAATI<sup>35</sup> realizam trabalhos artesanais e sociais no convívio com os demais moradores, através de várias atividades e movimentos que visam melhorar a qualidade de vida, como festas, palestras e viagens. Estas mulheres são zelosas e dedicadas às suas tarefas artesanais, e, no convívio com suas companheiras, em um compartilhar que proporciona prazer, ânimo e trocas de experiências. A entrevista realizada com a coordenadora do GAATI, Doralice<sup>36</sup>, também ilustra o movimento das mulheres da cidade onde reside o grupo COSNEC. Dona Anita, integrante do GAATI, esposa do Sr. Rubens, atualmente reside numa casa construída no que antes era a fazenda do Mosquito, onde restam apenas algumas ruínas em pedras. O Sr. Rubens participa ativamente da vida política da cidade eleito duas vezes como vereador.

Percebi que a religião católica é praticada pela grande maioria e vivenciada nos vários eventos promovidos pela Igreja Matriz ou pela Igreja do Rosário, também muito evidenciados nos encontros dos salões paroquiais das comunidades rurais e da Vila Fátima, cuja padroeira é Nossa Senhora de Fátima.

Verifiquei que a origem, o crescimento e a ocupação da cidade, bem como da vila, ocorreram na mesma época, ocasionados pelas transformações econômicas do início do século XX, cujas influências e consequências estão intimamente relacionadas na formação dos dois espaços: a cidade e o bairro. Ambos formam uma sociedade contrastiva, composta, respectivamente, de uma classe média rural e de pessoas do comércio florescente e a classe trabalhadora da Vila Fátima, constituída pelos negros, cujos pais e avós são descendentes

---

<sup>35</sup>Grupo de Apoio à Terceira Idade de Coronel Xavier Chaves. Em sua entrevista, Dona Anita disse que frequenta o grupo da terceira idade desde a perda de um filho e que iniciou suas atividades lá a convite de Dona Geralda. O contato com outras companheiras auxiliou na superação dessa perda difícil, e, a partir da interação com o grupo, adquiriu qualidade de vida maior. Essas mulheres são católicas e se reúnem uma vez por semana na sala da Casa de Cultura, realizando tarefas diversas, como bordados, pinturas, aulas de canto, exercícios físicos, relaxamento, projetos de viagens, que sempre acontecem, projetos para as comemorações da semana do idoso, bingos e danças. Essas atividades são orientadas por uma profissional, Luciana, estudante de teatro e professora de música. Também organizam a hora do lanche, momento em que interagem com alegria. O preparo da exposição dos trabalhos artesanais e da semana do idoso é sempre agendado de acordo com as datas das festas da Igreja Católica, como relatou Dona Anita, indicando a estreita ligação do movimento da terceira idade com as orientações do padre Ramiro.

<sup>36</sup>Doralice é coordenadora do GAATI, canta no Coral da Matriz Nossa Senhora da Conceição, é mãe de Vivian, economista da prefeitura de Coronel Xavier Chaves, que facilitou o meu acesso às nove comunidades nos arredores da cidade, cuja população está voltada para a produção rural e trabalhos artesanais exercidos, em sua maioria, por mulheres. O esposo de Doralice, Dario, junto a um dos filhos, possui uma propriedade rural, onde fabrica aguardente e realiza a atividade granjeira, com a criação de frangos e a produção de ovos.

próximos dos escravos, que integravam a grande maioria da população desde o início da ocupação da região, no século XVIII. O tipo de formação que caracterizou a ocupação da Vila Fátima, bem como as das relações internas constituídas pelo parentesco acentuado proveniente das heranças das famílias cativas, fizeram da comunidade um local diferenciado da cidade de Coronel Xavier Chaves, da qual é separada apenas por uma rua. A cidade é referida pelos ocupantes da Vila pelo nome de “Coroa”, na verdade “Coroas”, que foi a primeira denominação do local a partir de sua formação como Distrito (TEIXEIRA, 2006).

Os pontos de encontro e de tarefas realizadas em conjunto pelos moradores da cidade e da Vila Fátima se fazem presentes nas práticas do catolicismo e na vida do trabalho em alguns setores. São pessoas voltadas para as atividades urbanas ou rural, onde muitas mulheres se empenham no ganho de salários mínimos e permanentes para o sustento das famílias, além de exercerem, muitas delas, mais de uma profissão. As mulheres trabalhadoras da vila se assemelham às outras mulheres da cidade que pude conhecer e entrevistar, no que se refere às lutas pela sobrevivência e às participações nas atividades educacionais, organizadas pelas duas escolas locais: a Escola Municipal e o Colégio Estadual, conforme confirmaram as entrevistas feitas com os diretores Iracema e Flávio. O COSNEC apresenta e oferece suas oficinas de danças nessas duas escolas, todos os anos, na Semana da Consciência Negra, para os alunos interessados em aprender o maculelê e o bate-paus. Assisti às apresentações e presenciei a participação significativa de muitos jovens nessa arte de aprender.

Constatei a participação das mulheres da cidade e da Vila Fátima no setor de saúde, na reivindicação melhores atendimentos médicos, no setor agrícola; na plantação de gêneros alimentícios, cujos produtos são vendidos nos mercados da cidade de Coronel Xavier Chaves e São João del-Rei (ofício de sobrevivência que lhes garante a manutenção dos seus sítios e casas) e na AMARCHA e no GAATI. Elas confirmam o aspecto dinâmico e religioso, evidenciado pelos seus discursos, que se referem ao resultado de suas lutas como obra de Deus. Todo esse campo etnográfico, explorado e vivido durante os dois anos em que fui frequentadora assídua do contexto do meu grupo de estudo COSNEC, proporcionou-me elementos para afirmar que as mulheres da cidade e da Vila Fátima, incluído as integrantes do COSNEC, possuem a tradição da luta, do trabalho, da religiosidade, do parentesco e da permanência da dignidade de viverem do resultado de suas buscas por dias melhores. Mas, também constatei que esses costumes, formadores dos elos entre a realidade das mulheres de cada um desses dois grupos, não são suficientes para que seja construída, de fato, uma relação de despojamento em suas convivências diárias.

Observei que os vários setores da cidade estão envolvidos com o aspecto educacional, social, de saúde e rural numa ação, muitas vezes conjunta, como relata o Diretor Flávio, ao se referir aos eventos do Colégio Estadual:

Flávio: A gente buscou fazer na escola a gestão democrática com parcerias que envolveu todos os setores da cidade; é uma cidade pequena mas que tinha a representação do esporte, de todas as Igrejas católicas e evangélicas, da Polícia Militar, do PSF, Setor de Saúde, de Cultura e as escolas. Grande parte dos eventos aconteceram aqui, para além da Semana da Consciência Negra<sup>37</sup> que você participou no ano passado, nós tivemos a semana do Corpo e Mente em Ação, em que a gente congrega essas parcerias todas, com espaço de apresentação em seus trabalhos dentro da escola.

Pergunta da pesquisadora: É um mês específico?

Flávio: Nós fizemos no ano passado junto com nossos jogos internos e a semana de comemoração ao estudante, então colocamos no mês de agosto. Pra esse ano vamos manter essa data, que seria a 3ª edição do evento [...] as parcerias continuam as mesmas e a gente quer ver se o Binho e o grupo COSNEC entra também nesse momento, porque como nós já tínhamos um planejamento com o COSNEC pra essa semana em novembro, na Semana do Adolescente Consciente eles não estiveram presente enquanto grupo, mas havia vários participantes deles através de setores que estavam aqui conosco. (Entrevista realizada com Flávio, diretor do Colégio Estadual de Coronel Xavier Chaves, em março de 2015 – grifos meus.)

A partir desses fatos, Flávio observa e confirma que o COSNEC está incluso na ação conjunta da comunidade, característica marcante, presente em outros momentos e em outras instituições, que agrega grupos locais e moradores que zelam pela dinâmica dos eventos sociais, religiosos, políticos e econômicos.

Heitor comenta sobre a diversidade de nomes usados até a atualidade por muitos moradores da cidade e mesmo da Vila Fátima, referentes ao bairro, como Tanque e Pito Aceso:

Então havia também, de certa forma, de muitas maneiras, muito convívio entre eles (da Vila Fátima) e os daqui (do centro da cidade), que eles chamam de Coroa, até hoje, né? Eles falam assim, vou lá na Coroa!

Heitor: E o nome do Tanque, né? Vou lá no Tanque. Uma curiosidade também que a Vila Fátima, a evolução dos nomes da Vila Fátima, meu tio nascido em 1914, ele falava, brincava com o pessoal da Vila Fátima: Cê já vai lá pro Pito Aceso? Era um arraial que, talvez pela escuridão, o pessoal com o pito aceso, então tinha esse nome lá.

Pergunta da pesquisadora: Lá na Vila Fátima?

Heitor: É. Depois passou a se chamar Tanque.

Pergunta da pesquisadora: Aquele córrego que passa em várias casas, né?

<sup>37</sup>A Semana da Consciência Negra está detalhada no capítulo 4. Minha primeira participação ocorreu em 2014.

Heitor: É, é esse aqui no fundo aqui; ele, o Xavier, descendente do Coronel Xavier, casado com uma tia minha que morava aqui no caminho da Vila Fátima, próximo a esse rego do engenho, ele fez uma barragem no córrego<sup>38</sup>, e essa barragem ficou um tanque e desse tanque puxou um rego de água pro fundo do quintal dele pra tentar tirar ouro; aí fez um tanque. Aí, onde é que é, no tanque... lá no tanque e aí virou Tanque. (Entrevista realizada com Heitor Ramos, morador e pesquisador de Coronel Xavier Chaves, em maio de 2015 – grifos meus.)

Consegui o registro de outros relatos de pessoas da cidade, que negaram a existência de tais preconceitos e expuseram sua admiração pelas atividades do COSNEC e da comunidade em geral. Muitas pessoas, mais antigas, bem como as mais jovens, demonstraram respeito e admiração pelos movimentos do grupo, mas alguns dos habitantes mais velhos declararam que as discriminações eram constantes nas primeiras décadas do século XX.

Heitor admite que os preconceitos atenuaram, mas ainda persistem em alguns casos, não somente da cidade para a vila, mas também no sentido contrário, pois muitos negros, ao adquirirem uma postura de afastamento e desconfiança perante os moradores da cidade, não mais reconheceram como verdadeiras as atitudes de aproximação, de colaboração e de amizade vindos dos mesmos.

Pergunta da pesquisadora: Essa tensão entre o centro e eles da Vila Fátima, hoje você vê de que forma? Hoje há mais interação entre o movimento do COSNEC e a cidade, há maior respeitabilidade, apoio?

Heitor: Ah, sim, como eu disse, pode ter pessoas sim, que contribuíram pra esse atrito, mas eu posso garantir que a minha família, tanto pelo lado Chaves, do meu pai, eu citei o caso da minha avó, as pessoas ajudando nos enfeites; a D. Paltira, o meu irmão, aquele mais velho, ele foi dono de um bar aqui, ali no sobrado, desde 1961... A gente sempre conviveu bem com essas pessoas. Eu nunca tive atrito assim nesse sentido; claro que tem pessoas chatas do lado de lá, tem pessoas encrenqueiras do lado de cá, nesse atrito a pessoa fala, ofende e critica o outro lado, mas não é uma coisa assim acentuada, não. (Entrevista com Heitor Assis Rodrigues, morador e pesquisador de Coronel Xavier Chaves, em maio de 2015 –grifos meus.)

Portanto, no que se refere à formação contrastiva da sociedade da cidade de Coronel Xavier Chaves perante a comunidade do bairro, no final do século XIX, constatei que o caráter de dominação pessoal foi a marca fundamental dessa sociedade, que valorizava a formação das famílias escravas, pois faziam do negro um ser obediente e disciplinado, além de garantir o equilíbrio na propriedade, que era composta por poucos adultos brancos e muitos homens cativos. No entanto, esse perfil protecionista não impediu que a instituição escravista

---

<sup>38</sup>Esse córrego que divide a Vila Fátima da cidade de Coronel Xavier Chaves é chamado de Córrego do Sapateiro.

em questão fosse cruel e violenta, marcas do domínio da vida social e econômica, que desde o século XVIII se instalou e persistiu, após a libertação dos cativos, cujo estigma de escravo se manteve (TEIXEIRA, 2006).

Portanto, utilizando aqui o posicionamento de Munanga (2012) sobre as questões históricas, políticas e sociais, classificatórias (colocadas pelos teólogos ocidentais dos povos recém-descobertos pelos europeus nos séculos XVI e XVII), compreendo as razões que levaram os moradores da Vila Fátima a se queixarem das discriminações sofridas, que persistem até a atualidade. Mesmo com algumas mudanças a esse respeito, ainda lhes causam indignação, apesar de não mais os impedirem de expressar e assumir, através da arte, da religião e da vida do trabalho rotineiro, uma nova identidade, pois o autor diz que, com o descobrimento da América e da África, os povos autóctones recém-descobertos receberam as identidades coletivas de “índios” e “negros”. Assim, foram submetidos aos conceitos europeus, que os consideravam bestas ou seres humanos cuja resposta gerou uma classificação absurda da diversidade humana em raças superiores e inferiores. Daí surgiu a origem do racismo científico ou racialismo, que nos dias de hoje interfere nas relações entre os seres humanos (MUNANGA, 2012).

Heitor Ramos confirma, abaixo, novamente a existência dos preconceitos vividos na Igreja. Ao mesmo tempo, tomei conhecimento das situações em que os negros eram respeitados por muitos moradores da cidade:

Pergunta da pesquisadora: Então, Heitor, por que eles falam, “Lá na Coroa”, “Eu vou lá na Coroa”? Você acha que existe uma cisma de que foram vítimas de preconceito quando de fato não foram? Ou foram? É só atravessar uma rua, mas eles falam como se estivessem fora da cidade.

Heitor: É. Preconceito houve, hoje ainda tem.

Pergunta da pesquisadora: Na Igreja, os negros não podiam sentar, só se tivesse lugar sobrando ou tinham que dar lugar ao branco?...

Heitor: É. Isso veio. [...] Agora essa separação geográfica aqui, da sede e da Vila Fátima, isso houve em função de lá ser o terreno designado para aquela finalidade [...] Aí você pensa, 32 anos depois da abolição, 1920, o peçoal morando lá na Vila Fátima, os negros concentrados lá; depois que começaram surgir essas ruas aqui, surgiram negros morando aqui também, como a família do Basílio, Sr. Valdemar, que era irmão do Carioca, morou aqui do lado da Igrejinha, então, deve ter morado ali desde 1950, então, tiveram pessoas morando aqui sem discriminação. Claro que as discriminações existiram. (Entrevista com Heitor Ramos, 58 anos, morador e pesquisador de Coronel Xavier Chaves, em maio de 2015 – grifos meus.)

O preconceito atual é velado, muitas vezes ocorre como evitação tanto do lado dos moradores da cidade quanto dos habitantes da Vila Fátima. Entre a grande maioria de pessoas pertencentes aos dois espaços, a cidade e a comunidade, observei, através da minha

participação, que há um bom convívio e uma respeitabilidade, quanto às atividades feitas em conjunto na Igreja e nos eventos frequentados por ambos, como nas festas de aniversários, religiosas e seus cotidianos.

Em prosseguimento com Heitor:

Pergunta da pesquisadora: O preconceito talvez fosse mais silencioso, de evitação?

Heitor: Silencioso sim. [...] E esse distanciamento que houve também, muitas vezes, não sei se foi entendido como uma certa discriminação. Eu não sei de que lado partiu, mas houve separação sim. Tem gente hoje que discrimina e que evita, que é um grande absurdo, tem gente que não, a grande maioria. (Entrevista com Heitor Ramos, morador e pesquisador de Coronel Xavier Chaves, em maio de 2015 – grifos meus).

Heitor percebe que o preconceito velado, silencioso, de evitação pode ter partido de ambos os lados, pois é evidente que os negros também discriminavam os moradores da cidade ao considerá-los pertencentes à classe dominante.

Tabacof (2017) diz que, no Brasil, a história da escravidão, proibida de ser escrita pelos próprios negros, possui ressonâncias subjetivas inclusas no silêncio, que deve ser rompido no enfrentamento do tema do preconceito, que atinge brancos e negros; todos estão incluídos no mesmo problema, no qual o peso da história, que ainda não foi contada com a dignidade devida, existe para ambos. É fundamental o livramento da alienação no outro, que encerra a possibilidade de avançar nas reflexões e mudanças de conceitos, pois a negritude é o não dito, aquilo que não se fala e que causa o preconceito às avessas contra o negro, levantando um questionamento de seu lugar no Brasil, quanto ao que ocorre no plano subjetivo quando conseguem romper as amarras do jugo social, intelectual e econômico (TABACOF, 2017).

Percebi, de fato, que as relações entre os negros da Vila Fátima e as pessoas da cidade variam de acordo com os vínculos estabelecidos, seja no trabalho, no aspecto social ou religioso. Nas relações de trabalho, há uma convivência harmoniosa, e muitas integrantes do COSNEC elogiam seus patrões antigos e os atuais, revelando-me a existência de gratidão e amizade mútuas. Entendi que esse contato positivo foi construído pelas necessidades que o trabalho exige, mas que, ao mesmo tempo, criam laços afetivos de reconhecimento e respeito.

Os laços sociais e religiosos se mostram mais estreitos, em função das atividades em conjunto na Igreja e nas festas dos santos. Mas, constatei a ausência da maioria dos habitantes da cidade nas Missas Inculturadas e nas festas dos grupos de congado. Os integrantes do COSNEC me afirmaram que ainda há muita resistência das famílias da cidade em aceitar as

festas com batuques, cantos e danças que os negros apresentam referentes às suas raízes, porém me disseram que estão firmes nessas ações que pretendem perpetuar.

Na comunidade da vila e no grupo de pesquisa, não encontrei pessoas negras adeptas à política do “embranquecimento” ou “branqueamento”, como afirma Vannuchi (2017), ao se referir a essa nova modalidade do racismo à brasileira, em que a sociedade rural se transforma em sociedade industrial, na república, e permite a ascensão social dos negros, os “novos brasileiros”, desde que se adequem às condutas da população branca, não apenas do ponto de vista estético, mas também cultural. Mas, as mulheres relataram que alguns negros, mulheres e homens da Vila Fátima, casaram-se com brancos visando a mobilidade social pela negação da origem africana e avaliando-se pelas representações negativas construídas. Elas me disseram que, anteriormente, quando ainda não tinham noção da importância da sua origem negra, alisavam o cabelo e que essa atitude foi a única considerada uma necessidade de imitação às mulheres brancas da cidade. Entretanto, atualmente, sabem que podem escolher o tipo de cabelo e penteado de acordo com sua vontade.

A fala de Flávio, diretor do Colégio Estadual de Cel. Xavier, contribui para uma reflexão a respeito da avaliação que hoje se pode ter quanto aos resquícios das discriminações ainda existentes, ou não, através das formas de expressão usadas pelos moradores do centro da cidade de Coronel Xavier Chaves e dos moradores da Comunidade Vila Fátima. Ele diz que o preconceito social e racial caminha de mãos dadas na escola, onde existe uma barreira que vai sendo desmontada, apesar da barreira histórica que existe entre os bairros da cidade. Flávio se referiu à denominação de “Coroa”, dada por muitos moradores do bairro, desde os mais velhos, como se fosse um lugar separado da vila; e esse aprendizado é repassado para as crianças. O Córrego do Sapateiro, que divide a comunidade e a cidade, retrata essa separação pela fala dos moradores dos dois espaços: “Eu vou na Vila” ou “Eu vou na Coroa”. Na verdade, “Coroas” é o nome antigo, mas parece que não faz parte da Vila Fátima, e esse entrave colocado culturalmente precisa ser desconstruído.

Pergunta da pesquisadora: Os outros bairros daqui também se referem à cidade como “a Coroa” ou é só a Vila Fátima?

Flávio: Praticamente a Vila Fátima. [...] Existe uma questão, o bairro Vila Mendes, que é chamado, o Morro, o pessoal de lá também fala: Eu sou do Morro; [...] A gente não observa isso carregado de preconceito quanto na referência Coroa-Vila. E num outro bairro não há nenhuma referência, o bairro Nossa Senhora da Conceição não se faz nenhuma referência, até porque é um bairro muito recente, ele é do final da década de 80, início dos anos 90, então já não existia tanto uma coisa histórica pra se explicar. (Entrevista realizada com Flávio, diretor do Colégio Estadual de Coronel Xavier Chaves, em março de 2015 – grifos meus).

Flávio reafirma que, no início da formação do povoado, que originou a cidade de Coronel Xavier Chaves, a fazenda do Mosquito era próxima à Igreja do Rosário, que hoje faz parte da praça central, Gonçalves Lara, e que a região do Tanque, primeiro nome dado à Vila Fátima, situava-se do outro lado do córrego e era ocupada pelos escravos e ex-escravos do coronel e pelos negros vindos do quilombo Dom Silvério, conforme já exposto anteriormente. Os negros ficavam concentrados nessa terra (hoje a vila, que já está regularizada, em sua maioria) e, do outro lado, as pessoas do povoado, a maioria descendentes dos primeiros fazendeiros locais. Portanto, diria que essa referência histórica divide, de fato, Coroas e Vila.

Pergunta da Pesquisadora: Voltando à questão do preconceito dentro do que nós estamos falando, você observa Coroas, olhando para Vila, da mesma forma que no século XIX ou no século XX, ou você acha que houve uma quebra do preconceito?

Flávio: Acho que já quebrou bastante, mas não te digo que acabou, existe a referência, e quanto mais velhas as pessoas, mais arraigada a referência está, tanto pra quem mora na Vila Fátima quanto pra quem mora no centro. Algumas pessoas do centro, bem mais velhas, usam a expressão Tanque, ainda, pra se referir à Vila Fátima; havia um tanque coletivo, você sabe, ainda tem essa referência. (Entrevista realizada com Flávio, diretor do Colégio Estadual de Coronel Xavier Chaves, em março de 2015 – grifos meus.)

Flávio disse que, quando se trabalha com as questões culturais, pode-se observar que até as pessoas extremamente amigas, dos “bairros distintos”, usam essas expressões que podem passar despercebidas e sem o peso do preconceito, por uma questão de hábito de linguagem. A ligação é tão grande entre as pessoas que parece que há algo assim, que ficou na cultura de se falar daquela maneira, mas, Flávio também, por outro lado, afirma existir ainda, em alguns aspectos, esse resquício, essa referência negativa utilizada por outros moradores.

Conforme me disseram muitas senhoras da Vila Fátima, como Dona Nila<sup>39</sup> e Dona Inácia<sup>40</sup>, além do Sr. João<sup>41</sup>, no início da formação da cidade e do bairro, onde as discriminações de cor eram acirradas, muito mais do que na atualidade, os negros e brancos frequentavam os mesmos espaços sagrados e compartilhavam da mesma crença e fé no Deus que conheceram pelo catolicismo. A religião era praticada através das missas, festas dos santos, novenas, terços, e todos me falaram sobre a separação entre os negros e brancos, no momento das celebrações das missas. Foi relatado também que, quando um negro cumprimentava, dando a mão a algum branco, era comum que o último lavasse as mãos.

<sup>39</sup> Entrevista com Dona Nila, 90 anos, moradora da Vila Fátima, em 2014.

<sup>40</sup> Entrevista com Dona Inácia, 83 anos, moradora da Vila Fátima, em 2014.

<sup>41</sup> Entrevista com Sr. João, 78 anos, natural e morador de Coronel Xavier Chaves, em 2014.

O crescimento das cidades, devido ao aumento das atividades econômicas, a partir do século XVIII, gerou inúmeros problemas e uma proximidade entre senhores, escravos, ricos e pobres. Indivíduos alforriados, mestiços, vendedores, barbeiros, reuniam-se pelas esquinas e becos, e formavam associações de ofício e lazer, onde exerciam as danças, as rodas de capoeira e de batuque. A Igreja controlava essa aproximação, mantendo os grupos subordinados dentro das instituições religiosas e fora delas. Nas festas e demais eventos cívicos e religiosos, os negros e mestiços participavam nos espaços reservados a eles, como nos pórticos, de onde assistiam a missa em pé, enquanto as famílias senhoriais ocupavam a nave principal e os bancos, de acordo com o seu prestígio e condição financeira (SILVA, 2005).

Mesmo perante essas diferenças impostas pela sociedade patriarcal, os negros permaneciam firmes na Igreja, como disse Dona Nila: “A gente fazia de tudo para ir à Igreja, mesmo sem roupa direito, eram roupas de saco que a gente alvejava e nós ia sem sapato mesmo, ia descalço”. O Sr. João, branco, declarou, com orgulho em sua entrevista, que esteve presente em várias situações de humilhações vividas pelos negros, nas ruas e na Igreja, e que hoje se sente feliz ao dizer para todos que, em cada uma das quatro saídas da cidade, mora uma família negra.

Portanto, ao observar a fé do Sr. José Carmo, capitão do congado e devoto de Nossa Senhora Aparecida e de Nossa Senhora do Rosário, das mulheres citadas acima e das integrantes do COSNEC, que frequentam até hoje com assiduidade as missas, os terços, as novenas e as procissões, compreendo mais uma vez que a vivência do catolicismo lhes alimenta com uma convicção e com uma certeza que lhes bastam. Se a religião católica foi imposta aos seus antepassados, na atualidade, percebo que a mobilidade religiosa deles seria facilmente possibilitada pelas novas buscas em que muitos se enveredam. Dona Zilá<sup>42</sup>, negra, 88 anos, foi católica durante muitos anos, tornou-se evangélica há 20 anos, e disse não querer sair mais da Igreja Assembléia de Deus. Ela admira o COSNEC, frequenta o Centro Afro, na época da Semana da Consciência Negra (SECON), assiste algumas palestras lá e se sente orgulhosa por ver sua filha, Elizângela, integrante do COSNEC, envolvida com todo o movimento do grupo.

Considero, portanto, o preconceito o grande entrave para a participação feminina nas posições de lideranças do COSNEC, pois, segundo Tabacof (2017), a crise profunda sobre as desigualdades entre negros e brancos coloca em cheque a perspectiva ética, intensifica a

---

<sup>42</sup> Entrevista com Dona Zilá, 88 anos, natural e moradora da Vila Fátima, em 2014.

intolerância e as dessemelhanças, que aguçam o preconceito ainda mais, e, por outro lado, aumenta a resistência rumo à produção de novas ideias, novos discursos e práticas que visam à libertação das potências dos negros desejosos de realizarem um trabalho político de transformação.

Concluí, a partir dos relatos expostos, que as mulheres ainda não se dispuseram à candidatura da presidência do COSNEC, porém são participativas e atuam ao lado das lideranças, representadas por Binho, Lia e por Mara Lu, que se candidatou em 2017 e foi eleita a segunda mulher na presidência do grupo. Esse fato confirma a evolução dessas mulheres em direção ao trabalho realizado com seriedade e intimidade de quem assumiu o compromisso frente às suas raízes. Elas se superam perante ao seu passado negro, envolto por tantas circunstâncias obscuras, atraentes e promissoras de uma nova identidade compreendida no presente, perante o qual ainda se intimidam, em função da própria história que as tornaram submissas à uma ordem opressora, da qual querem se libertar.

No contato dessas mulheres com os demais setores da cidade, é notória a existência de um vínculo de trabalho e de reivindicação política como cidadãs de direitos, ainda que carregada de signos de um passado opressor que as levam à participação, porém, sem pertencer de maneira mais desenvolvida, ao contexto da cidade.

### **1.3. Estrutura e Atividades sociais e religiosas do COSNEC**

O grupo COSNEC é estruturado em seu organograma pelos presidente, vice-presidente, tesoureiro e secretário, que são eleitos pelos demais integrantes de 2 em 2 anos.

Binho, em sua entrevista, falou das dificuldades enfrentadas quando iniciou as reuniões, com o objetivo de criar um movimento em prol da valorização das heranças de seus antepassados e de trazê-las para o conhecimento das pessoas da comunidade. Foi muito difícil convencer os moradores da Vila Fátima sobre a seriedade desse projeto, pois muitos diziam que nada disso daria certo. Mas, Binho continuou insistindo, e as aulas de capoeira e as reuniões eram realizadas no Salão Paroquial da Vila Fátima, local destinado para missas e orações.

A primeira reunião aconteceu em 2008, visando à conscientização dos moradores da região sobre a importância da história, dos costumes, dos direitos e dos valores dos antepassados, e foi sugerida pela escritora Cida Chaves, casada com o bisneto do Coronel Xavier Chaves, Sr. Rubens Chaves, ambos proprietários do Engenho Boa Vista construído no século XVIII. Iniciaram as reuniões, informando aos moradores sobre o significado de 20 de

novembro, dia da consciência negra, pelo fato de as pessoas da Vila Fátima considerarem apenas 13 de maio importante, dia da abolição da escravatura. Binho comenta: “Então a gente sentou e se preparou e começamos orientar os moradores sobre a importância do 20 de novembro<sup>43</sup>, e daí esse trabalho não parou mais”.

O congado sempre foi marcante, desde o início da ocupação das terras. Em sua entrevista, o fundador do grupo COSNEC, Binho, disse que seu avô paterno, João de Jesus, nascido no final do século XIX, passou os ensinamentos das práticas congadeiras para seu pai, conhecido como Antônio Neto, que, desde a década de 1930, passou a liderar o grupo de congado da região. Na atualidade, o Sr. José Carmo, é o transmissor fiel dessa herança para as novas gerações, inclusive para Pará, sua esposa, que, participa com outras mulheres e homens do COSNEC das festividades do congado na região e sempre acompanham o cortejo, como presenciei.

Pelos relatos de Binho<sup>44</sup>, quanto à fé e à determinação que o move nas buscas das tarefas relacionadas à comunidade e ao COSNEC, como também no que se refere à dedicação das mulheres do grupo às atividades da Igreja, observei que a fé e a crença em Deus e nos santos católicos determinam suas ações e os movem com segurança nas buscas do alcance de suas metas.

O grupo COSNEC, como já comentei nos itens acima, vivencia os valores imateriais que as pessoas ali possuem, com destaque à Missa Inculturada, às danças afros, ao maculelê e à dança de bate-paus, que formam um conjunto de fatores mais estruturado no pensamento do grupo. Mara Lu não mede esforços para o empenho na demonstração do trabalho e dos direitos do grupo, e comenta sobre o feriado do dia 20 de novembro, conquistado depois da votação unânime da cidade a favor dessa causa, que marca o dia da consciência negra com mais visibilidade.

Mara Lu: Queremos o espaço para mostrar nosso trabalho. Que a gente também tem direito. O Hélio, prefeito, ajuda bastante o grupo. Abraçou a causa também. Então, ele é branco, nessa parte ele não vê cor, não vê raça. A gente já deu o primeiro passo. Tá engatinhando para começar a andar. Vai fazer o tombamento, assim como abraçou o feriado do dia vinte na cidade. A pesquisa foi uma votação unânime<sup>45</sup>, graças ao COSNEC, que é

---

<sup>43</sup>Dia da Consciência Negra, dedicado à reflexão sobre a inserção do negro na sociedade brasileira, sobre o extermínio do preconceito e sobre a igualdade de direitos.

<sup>44</sup>Entrevista concedida para essa pesquisa em 2014.

<sup>45</sup>O COSNEC, com o apoio da prefeitura de Coronel Xavier Chaves, promoveu uma votação em toda a comunidade, para saber se concordavam com a transformação da data de vinte de novembro em feriado municipal. A votação, cuja aprovação foi unânime, ocorreu com a visita dos membros do COSNEC a todas as casas da comunidade, recolhendo os votos para que todos, sem exceção, tivessem a oportunidade de participar do processo.

afrodescendente. (Entrevista com Mara Lu, integrante do COSNEC em 03 de novembro de 2013 – grifos meus.)

A fala de Mara Lu demonstra o desejo pelo reconhecimento do grupo, por se tratar de uma ação afirmativa para a comunidade de quilombolas. Binho confirma a conquista desse reconhecimento, que deu credibilidade ao grupo e, conseqüentemente, a vitória do feriado municipal do dia 20 de novembro, data que está inclusa todos os anos na Semana da Consciência Negra, comemorada na cidade, como comentarei no capítulo 4 dessa pesquisa.

A primeira atividade do COSNEC consistiu em conscientizar os negros, a partir do conhecimento dos fatos ocorridos desde a vinda dos escravos para o Brasil. Os agrupamentos ocorreram conforme a região dos portos africanos onde embarcavam, fato que gerou dúvidas quanto às suas origens, pois ali formavam um grupo de várias procedências, capturados no litoral ou no interior do continente africano. Destacaram-se os grupos: Os sudaneses, originários da África Ocidental, nos territórios que hoje pertencem à Nigéria, a Benin (ex-Daomé) e a Togo. São os iorubas ou nagôs (subdivididos em queto, ijexá, egbá, etc.), os jejes e os fanti-achantis. Também os sudaneses islamizados, como os haussás, tapas, peuls, fulas e mandingas. Essas populações se concentraram na região açucareira da Bahia e de Pernambuco, e entraram no Brasil desde a metade do século XVII até a metade do século XIX (SILVA, 2005).

Os bantos formam as populações originárias do atual Congo, Angola e Moçambique. Entre outros, são os angolas, caçanjes e bengalas que formaram um grupo expressivo em quantidade de escravos vindos para o Brasil e que influenciaram majoritariamente a cultura do país, principalmente na música, na língua e na culinária. Os bantos se espalharam pelo litoral e pelo interior, em Minas Gerais e Goiás, desde o fim do século XVI ao século XIX (SILVA, 2005). Eles foram os pioneiros nas terras do Quarteirão do Mosquito e provavelmente os antepassados dos moradores da Vila Fátima e dos integrantes do COSNEC.

Os contatos entre as várias nações africanas e entre essas e os brancos, em períodos anteriores à vinda dos escravos para o Brasil, bem como as relações de aliança ou de dominação entre os reinos africanos, contribuíram para difusão dos cultos e divindades de uma região para outra. O islamismo, veio da África Oriental para o ocidente africano, onde o colonialismo europeu, no século XVIII, intensificou o contato religioso entre brancos e negros, transformando muitas etnias pela ação da catequese (SILVA, 2005).

Os integrantes do COSNEC, entrevistados para essa pesquisa, revelaram-me que desconheciam a influência dos mecanismos de dominação da escravidão na junção de várias procedências étnicas de homens, mulheres, crianças, reinos, clãs e linhagens, aliados e

inimigos, caçadores, guerreiros, agricultores, sacerdotes e cultuadores de antepassados. Essas pessoas de parentesco e de uma organização social, política e religiosa próprias, ao serem retiradas de seus contextos, tornaram-se “peças”, compradas e revendidas como coisas, num sistema patriarcal, dividido entre a casa grande, do senhor de engenho, sua família, ao clero e às autoridades civis, e os valores e tradições culturais do negro escravo, que tentou conservar a todo custo seu passado frente às lutas diárias pela sobrevivência das suas origens (SILVA, 2005).

Algumas mulheres do grupo me declararam seu conformismo perante a realidade imposta aos negros escravos, mas, após conhecerem com maiores detalhes os processos econômicos, políticos e sociais que as sujeitaram à uma ordem colonialista, elas mudaram a forma de pensar sobre o passado. Para o presente, buscam a legitimidade dos seus direitos, através da arte, da religiosidade e da mudança de atitude, no meio social em que vivem.

Elas também disseram desconhecer as religiões de matriz africana das quais estão distantes, e, pelo que a história local indica, foi repreendida e considerada magia maléfica pelo papel contraditório da Igreja, visando sempre a proteger os interesses dos senhores de engenho, na política ambígua de catequese dos negros, que ora disciplinava a vida religiosa dos grupos, ora ignorava às suas danças, cânticos e rezas realizadas nos terreiros, nos feriados, em frente às senzalas (SILVA, 2005).

Os padres preferiam acreditar que os “batuques” homenageavam os santos católicos, através das danças e cantos de origens negras, expressados na língua natal dos escravos, sendo tolerados e considerados como um inofensivo “folclore”, que também servia aos interesses da aristocracia e do governo, que viam nessas práticas uma forma de manterem as divergências com os grupos rivais, em vez de uma união que pudesse favorecer a rebelião. Por outro lado, o aspecto mágico da religiosidade africana, em sua crença aos deuses que incorporavam nos filhos, foi severamente combatido. O sacerdote, ao manipular objetos (como pedras, ervas, amuletos etc.) e fazer o sacrifício de animais, rezando e realizando invocações secretas, diz entrar em contato com os deuses, adivinhar o futuro, curar doenças e melhorar a vida das pessoas. Assim, a magia africana foi considerada diabólica pelas autoridades eclesiásticas, pois a magia do catolicismo, através da fé nos santos, nas almas e nos milagres, deveria diferir das crenças consideradas primitivas, que incorporam espíritos e se alimentam de sangue, além de adivinhos que operam curas. Foi preciso distinguir a ingestão da hóstia, que representa o corpo de Cristo, da antropofagia presente nos rituais indígenas (SILVA, 2005).

Apesar de demonstrarem interesse em conhecer outras formas de religiosidade advindas da África, os integrantes do COSNEC, com exceção de dois membros, que possuem

dupla pertença religiosa – Fabrício, católico e umbandista, e Beth, católica e kardecista –, disseram que o catolicismo é a religião na qual foram batizados e educados pelos avós e pelos pais e que não pretendem mudar essa prática religiosa.

Os estudos, realizados no COSNEC, sobre origens da história do catolicismo do negro, formado no final do século XVII, referem-se ao avanço do catolicismo brasileiro, até então doméstico e centrado nas capelas, para os centros urbanos originados ao redor dos engenhos de açúcar do litoral ou das minas de ouro do interior. As Igrejas se tornaram os centros aglutinadores da vida religiosa, junto à comunidade formada pela aristocracia, o clero e os escravos. A figura do padre representava o poder do clero prestigiado pelas famílias aristocráticas, e, além de rezar missas e ministrar os sacramentos da Igreja (batizados, casamentos etc.), cuidava da educação dos jovens, zelava pela moral católica e apoiava as alianças políticas, segundo os interesses da Igreja (SILVA, 2005). Estudam também sobre suas origens culturais, culinária, danças, ritmos africanos, a evolução da mulher negra e as novas leis que versam sobre seus direitos, enquanto negros e descendentes quilombolas.

Observo, auxiliada por Sanchis (2006), que no interior do meu grupo de pesquisa, nas suas construções imaginárias, sua identidade católica e sua identidade “africana” se confundem e se opõem. Todos nasceram cristãos e permanecem cristãos, numa doutrina de amor universal, considerada remédio para o peso da violência e agressividade que os assolaram, que, ao mesmo tempo, compromete-se com as “purificações étnicas” e com as ditaduras. Mas, hoje estão envoltos por uma nova procura de “africanização da fé cristã”, quando se dizem abertos para o novo, para o projeto de uma construção subjetiva, pois a identidade africana não é uma herança que se transmite, mas que se pauta nas ações, nas obras do sujeito histórico que se transforma para o mundo no qual está inserido com a autonomia de dizer, por si, quem ele realmente é, sem o risco de perder suas raízes e sua história.

As atividades do COSNEC, abertas aos moradores da comunidade da Vila Fátima e das demais localidades, ligadas aos costumes dos antepassados, escravos e seus descendentes, juntamente à necessidade de terem um espaço para os ensaios, reuniões e palestras, fez com que realizassem um projeto para a construção do Centro Afro (Centro das Atividades Afrodescendentes do COSNEC), foto 10. Construído em 2009, graças ao apoio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura e da prefeitura (no segundo mandato de Hélio), nesse local, são realizadas as reuniões com os integrantes do grupo, com o objetivo de organizar vários eventos religiosos, cívicos, artísticos e sociais. Segundo Binho, em sua entrevista em 2014: “É uma reunião de preparação, porque todos eles têm que se manter informados; é aberta pra quem queira participar, é importante para o crescimento do trabalho, para o crescimento do

grupo, porque tudo aquilo que acontece durante o mês, dentro desses projetos nossos, a gente passa para os membros e para os convidados também”.

São reuniões, que têm por objetivo: a organização dos integrantes do grupo nas funções das festas das padroeiras; bem como dos eventos nas demais festas dos santos e datas cívicas, nos espaços públicos onde o COSNEC se apresenta com suas danças e cantares; distribuições de tarefas e agendamento para a limpeza do Cento Afro pelos integrantes do grupo; organização da culinária pelas mulheres nos dias de eventos e das oficinas de dança, ministradas nas Escolas Municipal e Estadual. É também um espaço para os ensaios e para as aulas das danças<sup>46</sup> afros, o maculelê, o bate-paus e a quadrilha<sup>47</sup>, no mês de junho e julho; para as aulas de costura do projeto social do COSNEC e para as palestras e apresentações de outros grupos na Semana da Consciência Negra.



Foto 10: Centro Afro (Centro das Atividades Afrodescendentes do COSNEC), na Vila Fátima. (foto tirada pela autora e 2014).

Binho se refere à evolução ocorrida no trabalho do COSNEC, que proporcionou maior estruturação e muitos ganhos, e foi possível graças à credibilidade que o grupo alcançou: “Esse espaço afro, o Centro Afro foi construído através desse trabalho que a gente vem fazendo, o trabalho do COSNEC que foi aumentando, as pessoas foram acreditando no

---

<sup>46</sup>Modalidades detalhadas no capítulo 3.

<sup>47</sup>O grupo de quadrilha é constituído pelas pessoas da Vila Fátima e de outros bairros da cidade.

trabalho. [...] Nós temos um apoio muito grande da prefeitura nossa, inclusive do prefeito Hélio”.

Os recursos adquiridos pela lei municipal e estadual são valorizados por Binho, que se refere às parcerias do COSNEC, junto à Câmara Municipal dos vereadores, cujos repasses são destinados às realizações dos projetos da fábrica de costura, viagens do grupo e demais atribuições. Arnaldo, sobrinho do Binho, sempre esteve junto na fundação do COSNEC, apoiou e participou de vários projetos desde o início, principalmente no que se refere à construção do Centro Afro e comentou em sua entrevista realizada em 2014: “Eu tô sempre junto com o pessoal entendeu [...]. Então, eu sempre dei apoio, eu estou sempre à disposição, sempre um passo à frente pra tá ajudando”.

Arnaldo reforça a importância da transmissão do ensino das tradições dos negros aos mais jovens. As contribuições dos mestres da cultura popular na transmissão desses saberes são valorizadas em suas ações sociais e históricas e ganham significância na formação humana dos futuros mestres e aprendizes do grupo, que as vivenciam nas festas populares, na continuidade das expressões culturais transmitidas para outras gerações, tornando-se um cruzamento de intersubjetividades, entre a época passada e a presente, em que a História, tempo e memória se interligam. A memória ultrapassa o tempo da vida individual e encontra-se com a história, permeada pelas lembranças de famílias, tradições, músicas, filmes, histórias lidas e escutadas, e se torna um recurso importante na transmissão de experiências de diversas temporalidades que dialogam entre si, revelando ou ocultando lembranças, como defesa, frente aos sofrimentos vividos (DELGADO, 2006).

O incentivo, recebido pelas parcerias conquistadas, proporciona segurança com relação às realizações de novos projetos e investimentos do grupo, bem como a animação de seus integrantes e o envolvimento com novas trajetórias e buscas.

Arnaldo<sup>48</sup> comentou sobre sua opção religiosa atual – mesmo que doutrinado no catolicismo, como a maioria de seus parentes e amigos da comunidade Vila Fátima –, ao falar sobre a fé que também está à frente de suas condutas. Hoje, ele se tornou evangélico, e declara sua abertura e convívio com outras denominações religiosas, elogiando o culto ecumênico<sup>49</sup> celebrado anualmente na Praça Gonçalves Lara.

---

<sup>48</sup>Entrevista com Arnaldo em 2014.

<sup>49</sup>As relações do COSNEC, grupo católico, com as Igrejas protestantes da cidade, bem como a participação dos pastores e dos grupos de dança evangélicos na SECON (Semana da Consciência Negra), serão comentadas no capítulo 4.

No início de cada reunião ou outra atividade, os integrantes do COSNEC sempre fazem uma oração cantada à Virgem, que os negros deixaram como herança, descrita no capítulo 4.

O altar do Centro Afro, mostrado na foto 11 abaixo, representa a fé dos integrantes nas divindades católicas, aqui simbolizadas por Jesus Cristo, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Rosário.



Foto 11: Altar do Centro Afro com as imagens de Jesus Cristo e Nossa Senhora do Rosário. (foto dos arquivos de Binho – 2013).

Binho<sup>50</sup> disse que, na cidade de Coronel Xavier Chaves, o grupo foi apoiado pelo padre Roberto, negro, falecido em 2014, quando em sua atuação na cidade de São João del-Rei. Além de dar apoio às iniciativas do grupo em buscar a preservação de suas raízes identitárias, também auxiliou na organização da primeira Missa Inculturada<sup>51</sup>, em 2008. As

<sup>50</sup>Entrevista com Binho em 2014

<sup>51</sup>O nascimento da missa afro, descrita no capítulo 4, atesta a realização concreta de uma postura das Igrejas, comprometida com os menos amáveis, socialmente falando. Era visível o envolvimento e o comprometimento dos afro-descendentes na caminhada evangelizadora da Igreja e na transformação da sociedade, provando que não se deixavam abater diante da situação em que viviam. Alguns bispos, vivenciando a dimensão da profecia e

pessoas da comunidade foram se reunindo nos encontros realizados no salão paroquial do Bairro da Vila Fátima, cuja padroeira é Nossa Senhora de Fátima, onde a quantidade das mulheres se tornou maioria desde então.

O COSNEC recebeu grande apoio do padre Ramiro, diocesano de São João del-Rei, pároco da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de 2013 a 2016, em Coronel Xavier Chaves, onde trabalhou em todas as Igrejas e Salões Paroquiais das comunidades locais. Atuante em minha fase de coleta de dados, ele foi entrevistado para essa pesquisa em 2015.

As iniciativas de agregarem à capoeira outras danças, como o maculelê, as danças afros e o bate-paus, atraíram mais pessoas para o grupo que durante os três primeiros anos, contou com cinquenta e quatro membros, incluindo crianças, adolescentes e adultos. As apresentações eram feitas nas ruas da cidade e na Igreja Matriz, em épocas de festas da padroeira e na semana da consciência negra, no mês de novembro.

Com o passar dos dois primeiros anos de atuação, ocorreu a saída de muitos integrantes do grupo, que, segundo Binho e os integrantes atuais, essa evasão ocorreu pela falta de compromisso e responsabilidade dos mais jovens com suas tarefas, pelo não cumprimento de horários para os ensaios, pelas divergências de opiniões, quanto às propostas das atividades, sem acordarem com as decisões do conjunto.

Mas, as dezoito mulheres mais maduras se comprometeram em prosseguir, levando com seriedade o movimento, e permaneceram firmes no propósito de trabalharem com os seis homens, que hoje constituem o grupo mais coeso. Todos eles relataram, em suas entrevistas, que se sentem realizados com as tarefas que exercem, e que a participação das mulheres é de extrema importância para a continuidade dos trabalhos.

Os homens também falaram da mudança em suas próprias vidas, a partir das funções assumidas com o grupo, que, mesmo perante as dificuldades, seguem buscando novos saberes artísticos e novos projetos sociais. Foi relatado um pouco das vivências religiosas, relacionadas com a arte negra que exercem na Igreja, e o quanto essa vivência auxilia na manifestação da fé.

Heitor Ramos refere-se abaixo, sobre a importância da manutenção e da continuidade das heranças afro-brasileiras e à preservação da cultura e da história do povo negro por meio dessas práticas.

Pergunta da Pesquisadora: O movimento do COSNEC agora parece bem propício?

Heitor: Sim. A gente vai perdendo essas tradições, na época que a gente tem, não valoriza. Esse trabalho hoje é coisa que era corriqueira pra gente aqui. O congado passando aqui, o carro de boi carregado de cana pra levar pro engenho. Hoje, cê pensa assim: aqui não tem carro de boi passando nas ruas mais. Eu via isso passando, literalmente passando; desapareceu o congado; então eu não sei se depois que a gente já não tiver o Zé do Carmo aqui, já tá com 80 anos, se vai ter alguém que vai dar continuidade a isso. Tá difícil, hoje em dia, tá difícil de carregar uma tradição por conta própria; tem que ter algum apoio sim. (Entrevista com Heitor Ramos, morador e pesquisador de Coronel Xavier Chaves, em maio de 2015 – grifos meus.)

Ao citar o capitão do congado, o Sr. José Carmo, e o trabalho que realiza na comunidade, na cidade e em outros locais, Heitor comentou sobre a importância da continuidade dessa tradição, bem como a necessidade do apoio para sua permanência e expressividade. Binho, que foi criado nessa tradição, valoriza e luta pela preservação desse costume, junto às demais tradições artísticas, reconhecendo as transformações pelas quais passaram no contexto atual em que são manifestadas.

Fabrizio<sup>52</sup>, um dos primeiros percussionistas do grupo, falou sobre as transformações que percebeu haverem ocorrido na vida pessoal de muitas das participantes, que antes tinham uma vida mais limitada a seus afazeres domésticos ou a trabalho em casas de família. Binho relatou sua alegria ao constatar a coragem de muitas integrantes para dançar e cantar, exercendo sua arte nessas atividades, e o quanto as mulheres cresceram, amadureceram e firmaram um compromisso sério com o grupo em todas as suas metas.

Marisa<sup>53</sup>, integrante do grupo COSNEC, admite que, com essas atividades, a vergonha que antes lhe fazia calar perante seu passado foi substituída pelo orgulho em poder transmitir os ensinamentos a respeito das raízes identitárias do povo negro para os filhos e netos. “o COSNEC, eu não participava, [...] Eu sempre gostei muito, agora eu tô participando; resgatando nossas raízes, no passado, muita gente tinha vergonha de falar sobre isso [...] Saber pra falar pros nossos filhos, coisas nossas, coisas que nossos pais viveram; a gente tem que saber como é que foi, é a nossa história; é um pouco triste, mas é a nossa história”.

Os projetos sociais do COSNEC foram criados com o objetivo de dar à comunidade maior opção de trabalho, tanto para as mulheres quanto para os homens e jovens a partir dos 18 anos. Atualmente, o projeto da fábrica de costura visa a empregar as mulheres da região

<sup>52</sup>Entrevista com Fabrício em 2015.

<sup>53</sup>Entrevista com Marisa em 2015

que adquirem uma porcentagem sobre a venda dos produtos; a outra parte da renda é destinada às despesas e às atividades do grupo.

As mulheres fazem o curso gratuito de corte e costura, patrocinado pelo setor da Economia Solidária da Universidade Federal de São João del-Rei, que, em parceria com o COSNEC, realiza o projeto da fábrica de vassouras pet, contratando mulheres e homens para a fabricação. A produção é destinada ao mercado, cuja renda se destina aos funcionários e às despesas do COSNEC.

Pergunta da pesquisadora: E os projetos sociais do COSNEC, quais são eles?  
 Binho: Muito bons, como a gente trabalha com a parte social, nós temos vários projetos sociais, inclusive dois projetos grandes que já está funcionando aqui dentro da nossa comunidade, temos o projeto da fábrica da vassoura pet que já está funcionando, temos bastante pessoas que já estão lá trabalhando; e também nós temos a confecção de costura, é um projeto muito grande que já teve trinta e duas formandas, pessoas que já formaram costureiras, que hoje já está fazendo parte da cooperativa de costura. É um projeto maravilhoso, esse da vassoura pet e esse da confecção de costura. (Entrevista com Binho, fundador do grupo COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

Binho<sup>54</sup> também falou a respeito de outros projetos sociais que estão em andamento e que estarão funcionando no Centro Afro, como a instalação da gráfica, incentivada pela Universidade Federal de São João Del-Rei, patrocinadora dos equipamentos e provedora de assistência para toda a produção, que contará com a mão de obra das pessoas da comunidade e para outros que queiram participar, porque, segundo Binho, essas iniciativas do grupo estão abertas para todos, sem distinção de lugares. São atividades que visam a formação de um ambiente educativo, através da participação dos jovens e das senhoras que necessitam trabalhar para garantir uma renda para seu orçamento familiar, além de promoverem o compartilhamento dos conhecimentos do COSNEC, de maneira mais ampla, para essas e demais pessoas interessadas.

O terceiro projeto, mais recente e já em execução, refere-se ao “COSNEC fala com a comunidade” e constitui-se pelas visitas de seus integrantes às casas das pessoas do bairro e da cidade, no intuito de trocarem experiências sobre vários assuntos e informações a respeito das atividades do grupo; sugestões sobre futuros trabalhos; sobre os direitos e deveres dos negros, instituídos por lei e, através de um programa matinal na rádio local, divulgar e comentar para toda a população as atividades e projetos da associação.

---

<sup>54</sup> Entrevista com Binho em 2014.

Pergunta da pesquisadora: Então quais são seus outros projetos, as próximas ideias pra 2015?

Binho: Então, pra 2015 a gente pretende crescer esse projeto social e buscar mais recurso, né, porque, assim, a gente observa que esse projeto social aqui dentro da comunidade, ele é muito útil, porque nós temos muitos jovens sem fazer nada, sem praticar nada, nós pretende trazer muita coisa para os nossos jovens, pra manter esses jovens ocupados. Como já temos pra adulto, pra senhoras, agora a gente pretende trazer algo pras crianças e para os jovens, então a gente pretende ampliar esses projetos sociais. (Entrevista com Binho, fundador do grupo COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

Ao ser indagado quanto ao que sente por ter realizado tudo isso, Binho confessa, abaixo, que às vezes não acredita que seja real o sonho que começou em 2008, fase em que foi criticado pelos próprios negros da comunidade, que demonstravam desânimo e negativismo nessas ações de buscar a cultura, a história e os direitos de seu povo.

Binho: [...] Então, hoje, quando a gente vê todo esse trabalho fluindo, acontecendo, mais coisas novas chegando, as pessoas acreditando, sabe, é muito gratificante, é muito gratificante pra mim, Binho, como cidadão e como morador aqui da comunidade, porque esse trabalho está aqui dentro, essa comunidade nossa era tão carente, era uma das comunidades mais pobres que a gente tinha aqui, e hoje nós temos um trabalho desse aqui dentro, eu não quero parar por aí, é uma etapa, um degrau que sobe degrau por degrau; ainda espero trazer muita coisa boa aqui pra gente. (Entrevista com Binho, fundador do grupo COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

As várias atas das reuniões (anexos da página 295) mostram os detalhes dos procedimentos, dos comentários e dos projetos que o COSNEC desenvolve, conforme exposto, e também confirmam a organização, a persistência, a permanência e o comprometimento dos integrantes, no sentido de cumprirem suas metas (atividades relacionadas no quadro 1) para o alcance dos objetivos propostos.

#### **Quadro 01 - Atividades do COSNEC**

Centro Afrodescendente: Reuniões, palestras sobre conscientização, cultura e direitos dos negros (educação, saúde, economia, esporte, lazer, trabalho, moradia), erradicação do racismo, discriminação, preconceito racial e social, preservação da memória da comunidade, ensaios das danças e cantos, atividades da Semana da Consciência Negra, fábrica de costura.
Fábrica de vassouras pet (instalada na comunidade)
Gráfica (projeto para instalação no Centro Afro)
Projetos: Igualdade Racial e COSNEC fala com a Comunidade (anexos)
Missa Inculturada (celebrada em várias cidades)
Apresentações no Espaço Público: Danças e cantos
Oficinas de danças na Escola Estadual

Perguntei a Binho<sup>55</sup> sobre o que mais o encoraja rumo às suas buscas por tantos fazeres relacionados aos seus antepassados e, ao mesmo tempo, aos seus contemporâneos da comunidade e de outros lugares. Ele confessou, como cristão, sua fé profunda em Deus e a crença que advém dessa fé, de que nada seria em vão, e que, assim como aconteceu agora, acontecerá nas novas metas que já foram criadas para um futuro próximo.

Meu interesse—desde o início dessa narrativa e análise do COSNEC —, em realizar uma abordagem histórica, social e religiosa sobre as origens artísticas e religiosas dos negros, surgidas na região do Quarteirão do Mosquito, atual cidade de Coronel Xavier Chaves, auxiliou-me na compreensão do contexto atual em que se situa o grupo.

Especificamente, as mulheres apresentadas no capítulo seguinte, deram o título a essa pesquisa. Se elas são mulheres quilombolas que cantam sua fé através da arte herdada dos seus antepassados negros e da religiosidade católica, numa comunidade negra, com certeza foi necessário averiguar as origens dessa identidade, dessa religiosidade, bem como das relações sociais que estabelecem entre si, entre a comunidade e a cidade onde nasceram e permanecem com seus fazeres múltiplos.

---

<sup>55</sup>Entrevista com Binho em 2014



## 2. AS MULHERES E OS HOMENS: A FÉ QUE ABRE CAMINHOS

Nesse capítulo, destaco, em maiores detalhes, as atividades, as expectativas de cada uma das mulheres e dos homens, do COSNEC bem como suas futuras metas relacionadas à permanência no COSNEC. Algumas descrições são mais extensas que outras devido à função e ao comprometimento de cada um com os fazeres do grupo e são apresentadas segundo o desprendimento individual dos integrantes para expor suas ideias e projetos.

As mulheres são, nessa pesquisa, a razão das minhas buscas por respostas às questões levantadas sobre como recriam seus significados pela vivência das manifestações estéticas, mediadas pelas práticas religiosas e artístico-culturais relacionadas às suas heranças afro-brasileiras.

Dessa forma, procurei construir os capítulos que tratam de destacar tais atividades dessas mulheres, vivenciadas na Igreja, através da Missa Inculturada<sup>56</sup> – celebração exposta com maiores detalhes no capítulo 4, nas funções que exercem como cantoras do coral de Binhoe como Ministras da Eucaristia<sup>57</sup>, nas festas religiosas que organizam, nas quais atuam, muitas vezes, dançando e cantando suas raízes negras, e no espaço público de outros locais, datas cívicas e cidades onde se apresentam.

Portanto, são dezoito mulheres e seis homens que estão comprometidos oficialmente com o COSNEC, sendo, aqui, também apresentadas as três mulheres da comunidade, mães de

---

<sup>56</sup>A Missa Inculturada surgiu a partir do comprometimento da Igreja com as causas dos afrodescendentes, como a valorização da cultura na luta contra os preconceitos. Graças à perseverança e envolvimento dos negros com suas questões sociais, obtiveram o apoio dos bispos, que iniciaram um trabalho pastoral a favor das manifestações artísticas e dos costumes dos descendentes dos escravos, que, no espaço sagrado da Igreja Católica, cantam e dançam sob o som dos instrumentos e ofertam alimentos de suas origens, encenando performances sobre a época e sobre a libertação dos escravos (OLIVEIRA, 2011).

<sup>57</sup>Para o exercício deste ministério sagrado, a Igreja prioriza os leigos cristãos autênticos e maduros na fé, portadores de formação doutrinária de fundamentação dogmática, moral e sacramental, para celebrarem a palavra e orientarem as pessoas que recebem a Eucaristia. Para isso, estudam a doutrina, os documentos da Igreja, principalmente os da Eucaristia, as encíclicas e cartas dos papas, o Catecismo e o Código de Direito Canônico. A Eucaristia é considerada o “centro da vida da Igreja”, segundo João Paulo II na encíclica “Ecclesia de Eucharistia” (A Igreja vive da Eucaristia), de 2003. A Carta Apostólica “Mane Nobiscum Domine”, foi publicada em 2004, no Ano da Eucaristia, e a “Misterium Fidei”, em 1965, sobre o culto da Eucaristia. Os Ministros também estudam a Instrução da “Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos”, “Redemptionis Sacramentum”, preparada pelo Papa João Paulo II, com a “Congregação para a Doutrina da Fé”. Elas esclarecem dúvidas sobre a celebração da Eucaristia. Os Ministros devem conhecer também a “Instrução Geral do Missal Romano”, que disciplina a celebração da Santa Missa e orienta a forma correta em que cada fiel deve receber a Eucaristia. Eles também se incumbem de levar a verdade da Igreja e a comunhão às casas. Para isso, é necessário estudar o Catecismo, considerado por João Paulo II como o texto ideal para o ensino da doutrina católica. O amor às instruções sagradas da Igreja traz espontaneidade no cumprimento dessas funções (AQUINO, 2014).

três integrantes do grupo, que deram suas entrevistas sobre os fatos históricos formadores da Vila Fátima.

## 2.1. As mulheres do COSNEC

As mulheres tomam frente nas organizações dos trabalhos do COSNEC. Elas foram as responsáveis pela estabilidade das iniciativas centradas no grupo dedicando-se às danças e ao canto, às preparações para as festas da SECON (Semana da Consciência Negra), às festas juninas, missas e rezas, ao vestuário, aos ensaios das danças, à limpeza, à ornamentação e à preparação dos alimentos feitos no Centro Afro, às viagens e às apresentações em público.

A foto 12 abaixo mostra os integrantes do grupo reunidos na Praça Gonçalves Lara nas apresentações da oitava Semana da Consciência Negra (SECON), em 2014.



Foto 12: Mulheres e homens do COSNEC, na oitava Semana da Consciência Negra (SECON). (foto tirada pela autora em 2014).

2.1.1. Minha primeira entrevista foi feita com Mara Lu, que falou sobre seu envolvimento com as funções iniciadas na Vila Fátima antes do surgimento do COSNEC, ainda quando a

capoeira era a arte praticada e agregadora dos jovens na década de 1980. Essa atividade estava sob a coordenação de Binho, que já dera início aos primeiros estudos sobre a importância do conhecimento da cultura negra para a população da Vila Fátima, época em que a presença feminina já se mostrou superior à dos homens.

Mara Lu tem 40 anos, é branca, mas se considera negra, é casada, mãe de dois filhos, nasceu na cidade de Coronel Xavier Chaves, na Vila Mendes, onde morou até os seus 24 anos, época do seu casamento com Binho. Após essa união, instalou-se na Vila Fátima, onde mora há 15 anos. Estudou até o ensino fundamental e trabalha em casa de família. É filha de pai negro e mãe branca, sempre esteve interessada nos estudos e nos movimentos que tratam de valorizar os negros. Ainda jovem, aos seus 12 anos, frequentava a Vila Fátima, acompanhava o Congado e participava do cortejo, junto às outras duas meninas, que se vestiam de princesas, cada uma representando um dos três santos: Santo Expedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário. Participava das atividades da capoeira e assistia às reuniões que falavam sobre o racismo e sobre a conscientização dos direitos do povo negro, que Binho realizava no salão paroquial da Vila Fátima. Maria Lu me disse que nunca imaginou que essas primeiras reuniões, frequentadas por apenas quatro ou cinco pessoas, dariam os resultados que hoje se apresentam com significados importantes e que se expandem ano após ano para o grupo. Disse<sup>58</sup>: “Tudo começou graças à força de vontade dessas primeiras pessoas que moravam no bairro pobre da Vila Fátima e que não tinham apoio de nenhum órgão público”. Atualmente, Maria Lu se dedica às várias atividades do grupo, como as danças, os cantos e à criação dos projetos sociais, e coordena, juntamente a Lia, a fábrica de costura do COSNEC.

Mara Lu é católica, devota de Nossa Senhora Aparecida, e se dedica, como Ministra da Eucaristia, às funções da Igreja, incluindo a comunhão que leva aos doentes em suas casas. Como me disse: “A minha experiência como ministra é única, algo muito profundo em minha relação com Deus”.

2.1.2. Maria Iza tem 16 anos, é negra, solteira, estudando ensino médio nasceu e mora na Vila Fátima. É filha de Binho e de Mara Lu e desde criança participa das atividades artísticas do COSNEC. Atualmente está coordenando o novo grupo constituído pelas alunas das oficinas das danças de origem negra, das Escolas Municipal e Estadual da cidade de Coronel

---

<sup>58</sup> Entrevista com Mara Lu em 2014.

Xavier Chaves. Maria Iza não quis dar entrevista para essa pesquisa, mas, segundo informações dos pais, é católica praticante.

2.1.3. Dadá tem 16 anos, é solteira, estudante do ensino médio, de cor branca e de avô negro. Nasceu e mora na Vila Fátima, é prima de Maria Iza – ambas participam das atividades artísticas do COSNEC desde o início do grupo e coordenam os trabalhos das oficinas de dança oferecidas aos alunos das Escolas Municipal e Estadual de Coronel Xavier Chaves. Dadá também é católica praticante e não quis dar entrevista, mas, segundo os tios, frequenta missas e participa das muitas atividades da Igreja e das festas dos santos.

2.1.4. Maria Luíza tem 63 anos, é negra, doméstica, aposentada, trabalhou em casas de famílias, nasceu e mora na Vila Fátima, é solteira, filha de Dona Nila, mãe de uma filha e avó de um neto. Coursou o primário, frequenta o COSNEC desde sua formação, canta no Coral de Binho nas Igrejas da cidade e sua participação no grupo é assídua. Maria Luíza canta e dança, viaja com o grupo, cujas atividades auxilia e frequenta as reuniões no Centro. É católica praticante e devota de Nossa Senhora do Rosário e acompanha o congado da Vila Fátima. Disse ter aprendido muito sobre o preconceito à cor das pessoas e sobre a cultura dos negros a partir de sua entrada para o COSNEC, nas reuniões de estudos e nas palestras que assiste.

Aprendeu vários tipos de músicas e danças de origens negras, que são cantadas nas Missas Inculturadas, nos espaços públicos da cidade, e de outros locais, onde o grupo se apresenta. Em sua infância não vivenciou essas práticas e não as conhecia, a não ser o bate-paus e as danças do congado. O convívio com os outros integrantes do grupo lhe faz muito bem, e Maria Luíza declara sua admiração pelos seus colegas, além de valorizar o entrosamento existente entre todos. Gosta muito de dançar nas Missas Inculturadas e fez referência à participação do congado como elemento agregador de músicas e ritmos festivos para Deus. Disse que o contato com outros grupos das cidades onde se apresentam lhe traz conhecimentos sobre as culturas e a história dos negros e que sua vida como mulher se transformou a partir de então.

Segundo Maria Luíza, “O coração da gente se alegra, principalmente, quando danço na Igreja nas Missas Inculturadas, [...] quando participo das reuniões que trazem sempre pessoas de fora para palestrar e estudar com o grupo [...]. Aprendo muitas coisas novas”<sup>59</sup>. Ela

---

<sup>59</sup>Entrevista com Maria Luíza em 2014

pretende permanecer no COSNEC, pois as atividades que envolvem a arte, a religião e o conhecimento lhe trazem prazer.

2.1.5. Marli tem 50 anos, é casada, mãe de três filhos, diarista, branca, filha de pai negro e mãe branca, nasceu e mora na Vila Fátima, cursou o primário. É participante ativa do COSNEC há quatro anos, começou assistindo às reuniões e palestras e depois passou a fazer parte das atividades da Semana da Consciência Negra. Ela ainda não dança devido aos problemas de saúde, mas faz parte das atividades culinárias nas festas e nas reuniões do grupo e participa das Missas Inculturadas. Em sua entrevista<sup>60</sup>, disse: “Gosto muito de entrar na Missa Inculturada varrendo ou levando os alimentos no ofertório com as outras companheiras [...], e me sinto muito bem, muito feliz, pois isso me ajudou em minha vida pessoal, não tenho mais vergonha de ser o que sou [...] tudo é muito bonito e alegre”.

Disse também que o conhecimento sobre a cultura dos negros a incentivou a contribuir para funções religiosas do grupo, além de ter aumentado sua fé. Assistir às danças e participar das reuniões e dos estudos sobre as questões da vida dos negros trouxeram ânimo e evolução para sua vida pessoal, pois estava muito sozinha, e a convivência com o grupo auxiliou no resgate de sua autoestima e de sua alegria. Ela gosta de cantar e acha tudo muito bonito.

Não participa dos projetos sociais da fábrica de costura e da fábrica das vassouras pet, pois seu trabalho como faxineira lhe toma muito tempo. Sempre foi católica praticante, devota de Nossa Senhora das Graças, e, atualmente, é cantora do Coral de Binho . Marli acompanha o Congado da Vila Fátima, participa das atividades das festas dos santos, e das comemorações da semana de Nossa Senhora de Fátima. No mês de outubro, participa da festa de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja do Rosário. Na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, auxilia na festa que leva o nome da santa e em outras datas comemorativas do ano.

2.1.6. Suelen tem 47 anos, é negra, filha de mãe negra e pai mestiço de índio com branco, casada, doméstica e nasceu na área rural de Coronel Xavier Chaves, denominada Água Limpa. Mora na Vila Fátima desde os seis anos de idade e cursou o ensino fundamental II. Em sua casa, só nasceram mulheres. São seis irmãs, que passaram por muitas dificuldades na infância, pois seu pai trabalhava para fazendeiros, permanecia até a noite na lavoura, ganhava um baixo salário, sem carteira assinada e sem horário fixo para parar as funções diárias. Já sua

---

<sup>60</sup>Entrevista com Marli em 2014.

mãe plantava verduras e colhia palmitos na roça, que eram vendidos para aumentar a renda da família. Não trabalhou fora quando solteira, mas suas irmãs, as quatro mais velhas, foram para São Paulo e moram lá até hoje. Ela permaneceu na Vila Fátima e se casou aos dezessete anos com filho do Sr. José Carmo, capitão do Congado da Vila. Tem três filhas, duas mais velhas e uma que nasceu bem depois, hoje com três anos. Na fase em que suas filhas mais velhas se casaram, ela trabalhou em casa de família, mas atualmente gosta de cozinhar, eventualmente, em algumas festas, quando é chamada.

Suelen entrou para o COSNEC desde o início do grupo e disse em sua entrevista<sup>61</sup>: “Amo tudo que se relaciona às raízes dos negros. Participo das danças, dos cantos, da Missa Inculturada e de todas as atividades do grupo. Na Missa Inculturada, eu acho muito bonito os alimentos que a gente leva e oferece a Deus, as roupas coloridas, os turbantes, [...] isso tudo tá [sic] relacionado às festas dos negros que eram sempre alegres, com batuques e muita comida, como as broas, biscoitos, pipocas, pamonhas, legumes, porque eram os alimentos que os negros tinham acesso”.

Vestida com as roupas e os turbantes que lembram o vestuário dos seus antepassados negros, para dançar na Missa Inculturada, Suelen disse: “Minha fé em Deus não mudou, mas a maneira de apresentar traz a sensação de que a missa está sendo realizada para as mulheres negras do COSNEC, [...] por isso a gente tem o sentimento de liberdade e a lembrança de que nossos antepassados não tiveram esse acesso e essa oportunidade para expressar sua cultura”.

O reconhecimento ao apoio dado pelos padres é comentado como um fator importante para a afirmação do grupo como descendente dos escravos, pois, segundo Suelen: “Na Igreja, antes dessas manifestações, não era a mesma coisa, pois parecia que as outras pessoas achavam que tinham mais direitos”, agora os negros têm o espaço que merecem”. Apesar das dificuldades advindas da não aceitação desses fazeres por muitos moradores da cidade, que denominam a Missa Inculturada de bagunça e de coisa de macumba, Suelen afirma: “O grupo está indiferente à essa discriminação e segue firme nessas manifestações, que são bem acolhidas em outros lugares onde a gente se apresenta”. As pessoas de fora se aproximam, interagem e perguntam sobre a cultura que estão mostrando, com admiração e acolhimento, e muitos pedem ajuda para que possam fundar grupos semelhantes nesses locais.

A vida de Suelen, como mulher, passou por mudanças desde sua entrada para o COSNEC, pois as oportunidades criadas pelo grupo de se expressar através da religião e da arte eliminou sua vergonha, a partir dos espaços conquistados no meio social. Antes, ela disse

---

<sup>61</sup>Entrevista com Suelen em 2014.

que as pessoas não davam oportunidade para que os negros da Vila Fátima atuassem nas missas e nas leituras da palavra de Deus, e que tinha muita vergonha e medo de errar, quando fosse ler. A participação dos moradores da Vila na equipe de liturgia iniciou antes da formação do COSNEC, há 10 anos atrás, graças ao apoio do padre Ilton, que começou a incentivar a participação dos negros da comunidade nas missas anuais, realizadas no Salão Comunitário da Vila Fátima. A partir desse fato, agregado ao surgimento do COSNEC, Suelen passou a desconsiderar a diferença imposta entre ela e as pessoas brancas, ao afirmar: “Antes, eu tinha o sentimento de inferioridade, até na hora de conversar com os padres, eu evitava falar por causada vergonha e medo de errar”. Atualmente, diz-se mais corajosa e desprezada para falar, para cantar e para dançar.

Suelen faz parte do Coral de Binho, é católica praticante, mas está estudando a Bíblia com os testemunhas de Jeová, pelo fato de desejar conhecer melhor a palavra de Deus, já que no catolicismo não encontrou um curso que oferecesse um estudo mais profundo sobre os Evangelhos. Mas, ela afirma não ter a intenção de frequentar outra denominação religiosa. Acompanha o congado da Vila Fátima desde criança, participa das atividades das festas dos santos, e, devota de São Benedito, participa das comemorações da semana de Nossa Senhora de Fátima, no Salão Paroquial da Vila e da semana de comemoração à Nossa Senhora do Rosário, na Igreja do Rosário, no mês de outubro. Nesse mês, participa também da festa de Nossa Senhora Aparecida, outra santa de devoção, e na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na festa que leva o nome da santa, além de outras datas comemorativas do ano.

2.1.7. Inácia tem 70 anos, negra, casada, doméstica e não frequentou escola. Nasceu na zona rural, 30 minutos distante da Vila Fátima, onde foi morar após os 27 anos. Sempre considerou a vida na roça muito boa. Gostava muito das comidas de sua época de criança e jovem, que vinham das plantações que ela e sua família cultivavam, como o arroz, socado no pilão, o feijão, o milho para o fubá, a couve, verduras variadas e galinhas e porcos criados no quintal. Seu pai trabalhava de agregado nas fazendas e cultivava vários gêneros alimentícios para o consumo da família. O leite era fornecido diariamente e era tomado com angú, também todos os dias. A vida nessa época era uma diversão para Inácia<sup>62</sup>, que diz: “Tudo era muito ‘bão’, [sic]. [...] Morar na roça era divertido, e a gente vinha na cidade de vez em quando”.

A família se mudou para a cidade, quando Inácia estava com 27 anos de idade, a pedido de seu pai, que se encontrava doente e pediu para que fossem morar na Vila Fátima,

---

<sup>62</sup>Entrevista com Inácia em 2014.

pois lá residiam vários parentes seus. Durante alguns anos, Inácia participou da catequese oferecida aos moradores da Vila Fátima, no Salão Paroquial de Nossa Senhora de Fátima, e fazia parte do grupo de teatro, das festas e dos piqueniques organizados por essa equipe.

Há 43 anos, Inácia mora na casa que foi do seu avô Manoel, desde a época do Coronel Xavier Chaves. Sua mãe, Maria Trindade, era sobrinha da Joana Flor, parteira negra da Vila Fátima, conhecida na cidade no século XX. Seu pai, Josias, foi congadeiro, amigo do Antônio Neto, pai de Binho e transmissor das heranças do Congado para o Sr. José Carmo.

Inácia diz que é feliz, que nunca gostou de tristeza e que a vida pode ser muito boa, porque é a pessoa quem faz tudo ficar melhor. É integrante do COSNEC desde o início e levou consigo mais duas amigas, que, a princípio, não queriam participar, mas se encorajaram ao verem sua determinação em fazer parte das atividades do grupo. Na hora da dança do maculelê e do bate-paus, Inácia disse: “Sempre fico muito alegre. Mesmo quando erro nos ensaios, eu procuro acertar o passo,[...] O COSNEC é uma alegria, uma diversão em minha vida”. Quando as pessoas mais jovens saíram do grupo, ela pensou em sair também, mas permaneceu, acreditando que seria bem melhor estar ali, aprendendo coisas novas.

Participa da Missa Inculturada, dançando ou levando os alimentos no ofertório, e acha a Missa muito bonita, um momento de alegria, em que se sente mais perto de Deus, através da dança e do canto, realizados com mais desenvoltura sob os ritmos dos atabaques. Essa é a diferença que ela apontou em relação à missa tradicional. Disse: “Meu espírito muda na Missa Inculturada por causa dos movimentos do corpo, a gente se solta mais, é tudo mais festivo e alegre, porque é ‘coisa de africano’, que são mais solto e menos comportado [sic], mesmo fazendo tudo direito na Igreja”.

Inácia é devota de São José e, quando morava no sítio, fez parte, durante seis anos, do grupo das bordadeiras, denominado “Tabernáculo”, cujos trabalhos voluntários eram vendidos no dia da festa de São José e os lucros destinados à Igreja local. Depois, quando passou a residir na Vila Fátima, trabalhou na cantina da Escola Estadual, e levava flores, todos os dias, para seu santo, São José, protetor desse colégio.

Ao participar das apresentações do COSNEC, vestida com as roupas estampadas e com turbantes coloridos, que ela disse serem iguais às aquelas vestes usadas pelos escravos, afirma: “A comida típica dos negros, que hoje é feita para o ofertório da Missa Inculturada, deveria ser muito boa na época dos antepassados. [...] Pois eu ajudei o Mami, o africano que foi ao Centro Afro, em 2013, ensinar alguns pratos típicos do seu país para nós do grupo, que muitas receitas são feitas à base de canela e legumes”. Conheceu a comida baiana, quando

convidaram uma cozinheira para vir ao Centro Afro, para ensinar os pratos típicos para elas. Inácia sorri e diz que tudo isso é muito bom, isso tudo faz parte da sua vida no COSNEC.

Ela pretende continuar nesses fazeres, contribuindo também com a limpeza da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, todas às quintas-feiras. Inácia pertence à irmandade do Sagrado Coração de Jesus, e acredita em muitos outros santos como Santa Rita e Nossa Senhora das Graças, que lhe concederam graças alcançadas em muitos pedidos seus.

2.1.8. Paré tem 51 anos, é negra, doméstica, esposa do Sr. José Carmo e mora na comunidade há 28 anos, desde seu casamento. É mãe de quatro filhos, estudou até o primário, ingressou no COSNEC há quatro anos, a convite de Suelen, sua cunhada, que lhe transmitia os conhecimentos aprendidos sobre a cultura negra. Paré disse em sua entrevista<sup>63</sup>: “Tive dificuldade de participar, porque eu era muito tímida, e, no início, eu só assistia às reuniões. Depois entrei para grupo de dança e do canto, [...] acho importante passar esses ensinamentos para meus filhos, mas eles nem sempre comparecem no grupo[...]. Eu insisto em contar para eles a história dos nossos antepassados [...] A mente da gente se abre cada vez que toma conhecimento da história do povo negro no Brasil, e as viagens para outros lugares faz [sic] a gente ter contato com mais pessoas, brancas ou negras, de várias classes sociais. Elas se aproximam para conhecer melhor o grupo, pedem informações e orientações para a gente ajudar eles a criar grupos como o nosso”.

Na cidade de Coronel Xavier Chaves, Paré disse que muitas pessoas passaram a admirar e respeitar as ações do COSNEC, depois que conheceram um pouco da história dos negros, mesmo que muitos ainda debochem e desvalorizem suas práticas artísticas e religiosas, inclusive as manifestações do congado. Disse: “Meu esposo prefere se apresentar em outros lugares por causa das discriminações e deboches dos moradores daqui [referindo-se à cidade de Coronel Xavier Chaves]”. É devota de Nossa Senhora Aparecida e acompanha o congado da Vila Fátima, auxiliando nas tarefas de confecções das roupas, e canta no Coral de Binho. Paré prossegue dizendo: “Me sinto negra de verdade, junto ao meu povo quando visto as roupas das danças, feitas de chita ou de tecido de algodão cru. A gente aprende a não abaixar a cabeça perante os preconceitos e me sinto muito bem como mulher negra. Eu vou continuar no COSNEC e vou participar de todas as atividades daqui pra [sic] frente”.

---

<sup>63</sup> Entrevista com Paré em 2014

2.1.9. Rosa tem 54 anos, é negra, casada, mãe de dois filhos, doméstica, filha de Dona Irma, nasceu e mora na Vila Fátima e estudou o primário. Integrante do COSNEC e frequentadora assídua, após os dois primeiros anos do grupo, Rosa era tímida e disse ter muita vergonha de se expor. Não dança, mas canta músicas dos negros, além de exercer outras atividades na época das festas e nos dias das reuniões. É católica praticante, Ministra da Eucaristia e cantora do Coral de Binho. Foi líder da Pastoral da Criança e hoje faz parte da Pastoral da Saúde da Igreja católica, que têm a função de dar assistência aos doentes. Quando criança, Rosa dançava o bate-paus, ensinado pelo Sr. José Carmo, mas hoje não dança devido à labirintite.

Rosa disse em sua entrevista<sup>64</sup>: “Quando eu canto acompanhada dos atabaques na Missa Inculturada ou quando o coral do Beto se apresenta em outras missas, com os instrumentos usados pelos negros antepassados, me sinto mais alegre e animada. Minha fé é a mesma, porém o sentimento é diferente, eu me sinto mais perto das origens negras e isso faz a gente se sentir melhor, mais feliz, mas dentro da nossa história, donos da nossa cultura”.

Referindo-se à saída de muitas mulheres mais jovens do COSNEC, Rosa disse: “O grupo permaneceu unido graças aos compromissos das mulheres mais velhas e dos homens que hoje formam o grupo”. Sobre as performances da Missa Inculturadae em outros locais, Rosa declarou: “Quando visto as roupas e os turbantes coloridos para as apresentações nas Missas Inculturadas, na hora em que eu entro com o incenso ou com o grupo da vassoura, que representa a libertação dos escravos, eu me sinto outra pessoa, [...] mais alegre, mais animada, mais feliz; o coração bate mais forte e a fé é mais viva [...]. Sinto necessidade de conhecer outros tipos de danças e outras músicas, e acho que o figurino precisa mudar também, com outras cores e modelos novos[...]. Gosto muito de viajar com o COSNEC para ver gente diferente, porque a participação do público é muito maior em nossas apresentações do que em Coronel Xavier Chaves. O pessoal gosta e dá muita importância ao que nós mostramos para eles”.

Quanto às mudanças em sua pessoa, como mulher, Rosa disse que se sente renovada por participar de tantas coisas diferentes que desconhecia a respeito do seu povo negro.

2.1.10. Talita tem 33 anos, é negra, casada, enfermeira, nasceu e mora na Vila Fátima, é filha de Inácia, integrante do COSNEC desde sua fundação, dança e canta músicas de heranças negras. Talita participou do grupo de capoeira e de teatro na Vila, antes de entrar para o COSNEC e, depois, foi estudar enfermagem em São Paulo. Ao voltar, encontrou sua mãe,

---

<sup>64</sup> Entrevista com Rosa em 2014.

Inácia, envolvida nas primeiras atividades do grupo, em que a Missa Inculturada era manifestação mais frequente e ela gostou da junção dos elementos dos negros, danças e cantares, com os elementos das missas tradicionais.

Ela passou a frequentar as reuniões e a participar do projeto da fábrica de costura. Fez o curso de costura oferecido pela UFSJ (Universidade Federal de São João del-Rei) e auxilia o grupo na confecção de roupas para vendas no mercado, cuja renda é dividida entre os profissionais da fábrica e o COSNEC. Ela faz parte da comissão de organização do grupo e também auxilia Araceli nos ensaios e nas buscas de novas modalidades de danças. É devota de Nossa Senhora Aparecida, canta no coral de Binho e nas Missas Inculturadas, participa das performances da dança e diz se sentir muito bem ao vestir as roupas coloridas e turbantes que lembram seus antepassados negros. Em sua entrevista<sup>65</sup> disse: “Os modelos são escolhidos pelas integrantes do grupo, que, juntas, escolhem também o tecido simples, lembrando a simplicidade do vestuário dos escravos. São modelos de saias e turbantes que lembram as raízes dos negros [...]. Para quem assiste, só farão sentido se as pessoas conhecerem um pouco da história dos escravos [...]. Tem o público que vê e vai embora e tem os que querem saber um pouco mais daquilo que está sendo apresentado, porque o grupo está ali para mostrar a tradição e o resgate dos antepassados; era o estilo de vida deles, e, por isso, é preciso mostrar essas origens”.

A Missa Inculturada representa para Talita “um momento de alegria, de cantoria animada, em que a gente relaxa e se sente mais à vontade para louvar, por isso a intimidade com Deus aumenta mais; é uma missa voltada para nós, negros, descendentes de escravos, diferente da Missa tradicional, mais concentrada e silenciosa, também muito importante, porém mais formal”.

As mudanças que ocorreram na vida de Talita, como mulher, estão relacionadas ao conhecimento que adquiriu sobre a história e fatos ocorridos na vida dos antepassados negros, que trouxeram segurança e liberdade para ela, que afirma: “Conhecer as origens é uma grande ajuda para a conquista dos novos espaços reivindicados pelos negros da atualidade. Quando a identidade se torna mais forte, é possível a imposição de um lugar de direitos. Essas conquistas ficam para sempre na vida de todos os integrantes, mesmo que o grupo acabe algum dia”.

---

<sup>65</sup> Entrevista com Talita em 2014.

2.1.11. Elisângela tem 49 anos, é negra, solteira, mãe de duas filhas. É filha de Dona Zilá, nasceu e mora na Vila Fátima, trabalha como doméstica, concluiu o segundo grau e sempre participou das atividades propostas pelo Binho, antes da formação do COSNEC, como a capoeira, teatro e o início das danças do bate-paus. Canta no Coral de Binho, e, como integrante do grupo, dança o maculelê e o bate-paus e auxiliando nas tarefas diárias. É católica praticante e acompanha o congado da Vila Fátima.

Disse em sua entrevista<sup>66</sup>: “Gosto de dançar e cantar porque sinto uma alegria inexplicável, e minha fé é viva, diretamente ligada a Deus. Não sou devota dos santos, mas sim da Trindade [...]. Eu sempre recebo as graças, porque sou uma pessoa positiva e tenho uma fé muito grande em Deus. Essa fé fica maior quando estou dançando e cantando na Missa Inculturada, no Coral de Binho e nas ruas [...]. Eu me identifico com a África na alegria, e acho que o povo da Vila é muito alegre e festivo por ser negro, descendente de africano”.

Elisângela disse já ter sofrido preconceitos, mas não se intimidou por ser negra, e sempre lutou pelos seus objetivos sem abaixar a cabeça. Comentou: “Aqui na cidade, o COSNEC não é tão valorizado como em outras cidades, onde as pessoas se interessam e aplaudem as apresentações do grupo, além de demonstrarem interesse em conhecer as raízes dos negros”.

Como mulher, diz: “Me sinto bem no corpo e na mente com essas atividades [...] O grupo adquiriu uma identidade [...] É um grupo respeitado, o único na região que mantém o compromisso com as causas dos negros, mas é preciso incluir as crianças nesse projeto, para darem continuidade a esse trabalho”.

Elisângela participa do projeto das vassouras pet e disse que lhe faz muito bem o trabalho na fábrica, junto a outros colegas da Vila Fátima ou do COSNEC.

2.1.12. Leandra tem 40 anos, é solteira, branca, estudou até o segundo grau, nascida na Comunidade da Cachoeira, bairro rural, pertencente à cidade de Coronel Xavier Chaves, possui antecedentes negros e foi criada com primas de cor negra e outras crianças negras do bairro. Ao contrário das demais mulheres do COSNEC, ela disse: “Fui excluída, muitas vezes, do grupo, pelo fato de ter a pele clara, e, por isso, eu não acreditava que havia discriminações ao povo negro, já que eu tinha que me esforçar para viver junto às meninas negras que me deixavam de fora do grupo”. Sua família era considerada mais abonada em relação às outras do bairro, e esse fato contribuía para que fosse renegada ainda mais.

---

<sup>66</sup>Entrevista com Elisângela em 2014.

Quando adolescente, Leandra disse ter vivido outro tipo de preconceito: “Quando saí do bairro para trabalhar na cidade, me senti discriminada por ser considerada pobre perante a sociedade, e descobri que havia realmente o preconceito ao negro, ao conhecer outros grupos sociais. Senti rejeição de alguns integrantes do COSNEC, mesmo existindo no grupo alguns parentes e colegas de escola, no início de minha participação, pelo fato de ter a pele clara, apesar de ser descendente de negros”.

Leandra é tesoureira do COSNEC e atendente da casa de cultura de Coronel Xavier Chaves e sempre participou do Coral da Igreja Matriz. O que lhe atraiu no grupo foi a possibilidade de atuar na área social, pois sempre trabalhou com a integração de pessoas que se sentem excluídas da sociedade por diversos motivos, e percebeu que, no COSNEC, havia o apelo racial que lhe chamou a atenção. Disse: “[...] percebia, há anos atrás, que os moradores da Vila Fátima eram afastados e precisavam integrar na sociedade através da dança, mas agora percebo que as pessoas já estão seguras na sociedade, e, por isso, muitos jovens saíram do grupo, que se encontra mais reduzido, porém com outras conquistas a realizar, uma delas seria dar o retorno dos primeiros avanços para a comunidade da Vila Fátima”.

Além de tesoureira do grupo, Leandra gosta de cantar e de participar de todas as preparações necessárias para o bom desempenho dos integrantes, como na ornamentação do Centro Afro para os eventos, na organização das viagens e na compra de materiais.

Sua participação na Missa Inculturada a deixa muito à vontade, e Leandra define esse momento “como uma expressão de fé diferente do habitual [...] Ao vestir o figurino próprio das apresentações, que representa a vestimenta dos negros escravos, da mesma forma que eu canto, eu danço numa expressão de fé que não interfere em minha intimidade com Deus. Há uma diferença na forma de louvar. Mais tarde eu entendi que essa nova maneira de reverenciar a Deus veio de uma longa data [...]. Quando criança eu coroava Nossa Senhora vestida de anjo e gostava dessas indumentárias, assim como agora eu danço e canto vestida com os turbantes e as saias coloridas que representam o vestuário dos escravos. A intensidade da minha fé é a mesma, mas o que faz a diferença é o prazer de mostrar, na Missa Inculturada, a roupa, e dançar sob o ritmo que não é comum e que necessitam ser apresentados para o conhecimento de todos [...]. A celebração da Missa em si é o mais importante e sair do comum é o complemento da celebração que acrescenta muito, pois é como se a gente estivesse dando sequência aos fatos da vida dos negros que aconteceram há muito tempo atrás e que agora estão sendo revividos [...]. Sou devota de Nossa Senhora do Carmo e de vários santos católicos, e sinto que estou contribuindo pessoalmente e espiritualmente, com orgulho,

para trazer a cultura dos antepassados negros que foi perdida e essa atitude me leva à reflexão sobre a validade desse empenho”.

Como mulher, Leandra diz: “Me sinto independente para fazer o que acredito e reconheço que na sociedade a mulher ainda é muito visada, mas meu compromisso moral se relaciona à minha família. Ao fazer o que gosto, tento passar um exemplo de determinação e coragem, mostrando para as demais mulheres que a liberdade consiste em se fazer o que se identifica com a pessoa”.

Quanto aos projetos futuros para o COSNEC, afirma Leandra: “Pretendo contribuir, levando os integrantes às buscas de novos conhecimentos e práticas para maior coesão e desempenho em suas ações, que agora estão voltadas para as doações, que são características das mulheres do grupo, mas precisamos de um maior preparo para isso [...]. O grupo está coeso e firme em sua identidade de descendentes quilombolas e, em posse dessa conquista, deve avançar em novas buscas que se voltem para a prática social, para os estudos e pesquisas, ao mesmo tempo em que possa dar continuidade às manifestações artísticas e religiosas”

Leandra quer estudar com mais detalhes sobre fatos históricos e sociológicos, referentes à cultura dos negros no Brasil, e sobre a Missa Inculturada. Comentou, fazendo referência à minha pesquisa que: “O grupo despertou para a busca de maiores conhecimentos teóricos sobre suas raízes e sobre a mulher negra. A gente passou a se enxergar de outra maneira, passou a reconhecer que o nosso trabalho está sendo valorizado”.

Atualmente o COSNEC vem se tornando referência para muitas informações, que são buscadas pelos estudantes das escolas locais e pessoas da cidade que pedem orientações para atividades sociais e artísticas em suas comunidades.

Em relação à cidade de Coronel Xavier Chaves, Leandra percebe que há um comodismo em relação à busca de novos conceitos, não só em relação aos negros, mas também a outros aspectos que necessitam de reflexão e transformações.

2.1.13. Araceli tem 38 anos, é solteira, branca, irmã de Leandra, nascida na Comunidade da Cachoeira, da cidade de Coronel Xavier Chaves e disse não ser descendente próxima de negros. Estudou até o segundo grau, trabalha como atendente da cantina da Escola Municipal e é professora e pesquisadora das danças do COSNEC, onde participa das atividades nas datas festivas, nas viagens para apresentações em outras cidades, nas funções de limpeza e ornamentações do Centro Afro. É católica praticante e participa do coral de Binho, além de cooperar em outras atividades nas Missas Tradicionais e na Missa Inculturada.

Entrou para o COSNEC a convite de Leandra, e de Binho quando trabalharam juntos na Sociedade São Vicente de Paula, mas iniciou sua participação após os dois primeiros anos de atividades do grupo.

Em sua entrevista<sup>67</sup> Araceli disse: “Eu aceitei entrar para o grupo porque gosto muito da dança, dos batuques, da cultura dos negros, e sempre fui amante da música [...]. Nesse ano de 2014, fui convidada pela Lia, presidente, para coordenar a dança [...], não tenho formação como coreógrafa, bailarina, nada, mas aceitei participar [...]. Eu e o Valdo, meu namorado, a gente pesquisa muito sobre o significado do maculelê e de outras danças, e a gente não faz nada sem saber o que está fazendo”.

Católica praticante, devota de São Judas Tadeu, Leandra disse: “[...] Na Missa Inculturada a gente tem alegria, liberdade de manifestar, de agradecer que a gente não tem na missa normal. Eu me sinto mais solta [...] e é essa alegria que faz a diferença pra [sic] mim [...]. Eu participo de toda a organização da Missa Afro (inculturada), desde a entrada, e em todas as etapas. A espontaneidade da oferta a Deus é que faz a diferença entre a Missa Afro e a Missa Tradicional [...]. A fé não muda, mas a maneira de expressar essa fé”.

Quanto às apresentações do COSNEC no espaço público, Araceli comentou sobre a satisfação de levar a cultura dos negros para outros locais: “Hoje se diz que o preconceito acabou, e nós mostramos a dança como alegria, embora ela contenha as formas de lutas dos escravos contra os feitores [...]. A cultura dos negros precisa ser mostrada para ser valorizada, e nossa cidade, por ser fechada numa coisa só, não recebe tão bem nossa alegria, talvez porque nossa alegria não deixa eles muito à vontade [...]. Dentro das escolas a consciência negra não é tão trabalhada assim [...]. A cidade não está aberta à inovação, acho que eles querem ficar no tradicional mesmo”.

2.1.14. Márcia tem 50 anos, é negra, doméstica, casada com Tito (ambos integrantes do COSNEC desde o início do grupo), estudou até o ensino fundamental II, doméstica, mãe de dois filhos. Moradora e nascida na Vila Fátima, participa do COSNEC como secretária e cantora. É católica praticante, devota de vários santos católicos, Ministra da Eucaristia e cantora do Coral de Binho.

Participa das atividades das festas dos santos, na Vila Fátima; nas comemorações da semana de Nossa Senhora de Fátima; na Igreja do Rosário, no mês de outubro, na semana de

---

<sup>67</sup>Entrevista realizada em 2015.

comemoração de Nossa Senhora do Rosário; na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na festa que leva o nome da santa e em outras datas comemorativas do ano.

Quando iniciei minha pesquisa de campo, Márcia se encontrava em tratamento de uma doença grave, que, segundo ela, foi curada pela fé em Deus. Após alguns meses afastada das atividades do COSNEC, ela retornou no ano seguinte, em 2015 às suas funções de secretária, e se tornou Ministra da Eucaristia no mesmo ano. Em sua entrevista<sup>68</sup>, disse: “Minha fé é grande e não mudou com as novidades da Missa Inculturada, mas me sinto em contato com minhas raízes, quando participo da celebração. Isso tudo aconteceu graças ao movimento do COSNEC, que é importante para que a gente tenha a liberdade de mostrar nossa cultura [...]. Como mulher, me sinto mais corajosa, apesar de nunca ter abaixado a cabeça por causa dos preconceitos”.

Sobre a importância da união dos integrantes do grupo para que haja maior comprometimento com as atividades propostas, declarou: “O grupo ficou muito reduzido e é preciso agora muita firmeza para que não acabe. Quando a gente elege um presidente, ele precisa se dedicar junto com todos para resolver os problemas, que são muitos”.

2.1.15. Marisa tem 60anos, negra, viúva, doméstica, concluiu o primário. Nascida na Vila Fátima, mora na casa que reconstruiu dos pais, antes feita de adobe. Trabalhou para ajudar a família desde os 11 anos, em Coronel Xavier Chaves, como babá e como doméstica, em Belo Horizonte. Morou, depois, 35 anos em São Paulo, e disse<sup>69</sup>: “Lá,eu casei, tive um filho, trabalhei muito pra [sic]criar esse filho, com 35 anos eu fiquei viúva; meu filho tinha 7 anos; foi uma vida muito difícil,mas graças a Deus eu consegui[...].Vinha duas vezes por ano, nós éramos em sete na verdade, três mulheres e quatro homens [...]. Quem saiu pra fora mesmo foram as mulheres, hoje moram aqui eu e o Tito [...].

Aqui na Vila Fátima, era tudo muito difícil, minha mãe trabalhava em casa de família daqui. De manhã, ela levantava cedinho e ia buscar lenha pra [sic] vender; aí depois ia lavar roupa na casa de alguém, de uma das famílias aqui quatrocentonas, né; era assim muito dificultoso [...]. Aí, teve uma época que o prefeito fez uma lavanderia perto do salão, lá em baixo, perto do Nossa Senhora de Fátima. Fez uma lavanderia que tinha, assim, uns 10 tanques; aí tinha água, bonitinho; aí as senhoras aqui juntavam todo mundo e ia lavar roupa lá em baixo, certo? Chamava Tanque, essa época foi boa. Teve uma época que teve o clube de mães nesse salão que eu to te falando, perto lá da gruta; teve o clube de mães, aí vinha uma

<sup>68</sup> Entrevista com Márcia em 2014.

<sup>69</sup> Entrevista com Marisa em 2014.

senhora pra ensinar bordar, costurar, sabe? É o que eu te falo, eu não participei de nada disso”.

Perguntei a Marisa o que significa “famílias quatrocentonas”, e ela afirmou: “Ah, porque, assim, as pessoas falam, os coronéis [...]; eu não acho assim, coronéis, sabe; eu não vejo dessa forma, por isso eu falo quatrocentões [...]. Nós somos descendentes de escravos, então eu acho, assim, que pra você conseguir as coisas, você tem mesmo que trabalhar [...]. Então a pessoa chama de coronel porque mandava, tinham as dificuldades da vida, mas eles também aprenderam assim, vieram dos pais, dos avós, assim”...

Quando ausente da Vila Fátima, procurava saber sobre tudo que estava acontecendo na comunidade e, quando soube do surgimento do COSNEC, ficou interessada em conhecer e participar das atividades. Ao retornar para Coronel Xavier Chaves iniciou as suas funções no grupo há quatro anos, e hoje participa assiduamente das reuniões e dos fazeres diários, como a limpeza do Centro Afro, as danças e a culinária. É católica praticante, devota de Nossa Senhora Aparecida e canta no Coral de Binho. Declarou: “Eu acho muito importante a gente ta resgatando nossas raízes, coisas que a gente, no passado, muita gente tinha vergonha de falar sobre isso, né [...]. Saber pra falar pros[sic] nossos filhos [...]. É um pouco triste, mas é a nossa história [...]. Eu gosto muito das músicas, as roupas, as vestimentas, né; eu acho muito bonito e gosto muito das músicas. Eu acho importante a gente saber de onde você veio, porque, o que aconteceu, como que era, eu acho muito importante”.

Como mulher, Marisa diz se sentir mais ativa participando das atividades do COSNEC: “Você ta [sic] conhecendo, tá [sic] fazendo uma coisa que você ta sabendo o porquê [...]. Tá saindo de dentro de você, quando você ta ali, cantando aquele canto ou quando você ta dançando, botando pra fora aquela alegria que era do seu passado, dos seus antepassados”.

Às vezes, a entrevistada acima assiste pela TV algumas manifestações das religiões afro-brasileiras e acha interessante, mas falou que não tem interesse em participar: “[...] acho que é porque a gente não teve muita oportunidade de estar buscando antes; você busca o que você conheceu; o que você não conheceu, o que você não sabe, fica meio perdido”.

Marisa comentou sobre as mudanças que percebeu nas companheiras integrantes do COSNEC: “Ficaram mais desinibidas, porque a gente era muito inibida, muito envergonhada com tudo; mesmo nas apresentações do COSNEC, ficava todo mundo encolhido, com medo, e hoje não. Hoje elas sabem falar, sabem agir, sabem fazer; isso acho que é muito importante; isso evoluiu muito, desenvolveu muito; uma renovação; mesmo o modo de se vestir, ter um

pouco mais de vaidade também, sabe; porque era tudo muito assim, muito fechado né; então você conhecendo você faz as coisas com mais clareza”.

Quanto ao que sentiu, ao participar da Missa Inculturada, Marisa disse que a celebração provocou mudanças: “[...] provoca sempre, né, porque você se doa, então aquela coisa bonita de você ta louvando, se doando; a missa normal também é a mesma coisa; mas porque faz parte da nossa raiz, então é um pouco diferente, acrescenta, muito bom”.

Marisa se referiu às discriminações que o negro sofria dentro da Igreja: “Então, não sei se você sabe também que antigamente, 40, 50 anos atrás, na nossa Igreja, tinha separação homem de um lado, mulher de outro, então isso também inibiu muito a gente; você ainda era negro, né; [sic] além de ter essa separação, os negros ficavam mais pra trás, os brancos mais na frente, as mulheres de um lado, os homens de outro; era muito complicado, mas eu, graças a Deus, sempre fui católica aqui em Minas, lá em São Paulo, nunca deixei de frequentar minha Igreja por causa disso não”.

Ela falou sobre as mudanças ocorridas na Igreja: “[...] Nessa mesma Igreja, houve mudança. Hoje o Padre está sempre com a Comunidade, sempre junto, todos os projetos, todas as pastorais, o Padre ta [sic] junto; antes não tinha isso”.

2.1.16. Lia tem 50 anos, é branca, mas se considera negra, casada e mãe de dois filhos. Nasceu no Bairro Serra de Pina, pertencente a São João del-Rei, mora no Bairro Nossa Senhora da Conceição, em Coronel Xavier Chaves, há 18 anos. Concluiu o terceiro grau e foi a primeira mulher a assumir o cargo de presidente do COSNEC, de 2013 a 2014. Após o término do seu mandato, continuou se dedicando à coordenação da fábrica de costura do COSNEC. Atualmente é coordenadora do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), mas permanece atuante como integrante do grupo.

A vida de Lia, como mulher, após seu ingresso no grupo, mudou ao interagir mais com as pessoas em geral e na comunidade. Comentou em sua entrevista<sup>70</sup>: “Minha autoestima melhorou, e a participação na Missa Inculturada me fez incorporar novos sentimentos de simplicidade e alegria que são oferecidos a Deus. Muitas pessoas não conhecem o sentido dos batuques africanos e estranham os ritmos, mas o que me chama a atenção é o movimento dos atabaques. Os ritmos me alegram, me dão prazer, alma nova, e proximidade com a cultura negra”.

---

<sup>70</sup>Entrevista realizada em 2014.

Como presidente atual do grupo, Lia confessa ter medo de errar e faz tudo com muita responsabilidade, reconhecendo não saber tudo. Deu liberdade a todos os integrantes para dar opiniões e distribuiu funções para todos. Disse estar aprendendo muito e que tudo é muito gratificante.

Apesar de não frequentar assiduamente a Igreja, Lia disse que é muito católica, e que sua intimidade com Deus mudou a partir dessas novas formas de viver sua fé, através das danças e dos cantares do COSNEC. Acrescentou: “A presença de Deus se torna viva entre as pessoas ao redor, que se tornam mais amigas, amáveis, sinceras e companheiras no momento da religiosidade, que aproxima mais [...]. Me sinto negra no coração, que está aberto para todos, sem nenhuma discriminação à cor da pele e percebo a arte existente nas pessoas do grupo, que precisa ser exposta, principalmente na dança, pois os integrantes negros dançam muito mais do que os integrantes brancos [...]. É preciso expor os talentos que estão em cada um, resgatar a cultura que não se mostra devido aos preconceitos[...]. Conheço as necessidades e as diferenças das pessoas do grupo, mas isso não impede a união já afirmada”.

Ao vestir as roupas coloridas, ela diz: “[...] Me sinto uma pessoa totalmente diferente, e é maravilhoso compartilhar essa experiência nas ruas, além da Igreja. Vesti a camisa do grupo[...]. É preciso explorar mais a arte, o vestuário, as danças e músicas da cultura negra”.

Lia disse que não é fácil colocar em prática os projetos sociais, mas as parcerias com os órgãos públicos facilitam a execução dos mesmos. O projeto das cerdas ecológicas, ou seja, das vassouras pet, tem por objetivo auxiliar nas questões ecológicas, além de dar empregos e promover o aumento da renda para as pessoas da comunidade da Vila Fátima, que passam por um preparo, um curso oferecido pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), com o objetivo de ensinar o manejo do material e sua utilização na fabricação do produto.

Ao comentar sobre a euforia de todos do grupo nessa função que auxiliou no aumento da autoestima e união, afirmou: “Tudo isso me causa uma grande satisfação, ao ver que muitos se sentiram válidos na sociedade, através desse projeto. Ao observar esse resultado de recuperação da autoestima, me senti ainda mais empenhada em prosseguir cúmplice desse trabalho, que leva também a valorização dos participantes frente ao meio social”.

O projeto do curso e da fábrica de costura, mais voltado para as donas de casa, também provocou o aumento da autoestima, observado por Lia. O projeto da arte gráfica também será colocado em prática, assim que conseguirem o espaço para a instalação das máquinas, já doadas pela equipe da economia solidária, da UFSJ, e será voltado para os jovens da comunidade. “A diversificação e abertura do COSNEC para a comunidade mostra que o grupo está aberto para todos, sem distinção de cor e condição social”, confirmou Lia,

que também quer aprofundar os estudos sobre as questões religiosas que envolvem a Missa Inculturada, alegando que todas essas manifestações, inclusive as danças nas ruas, têm por objetivo passar uma mensagem, um recado importante sobre a cultura negra, que deve ser valorizada e vivenciada.

2.1.17. Santa tem 50 anos, é branca, casada e filha de pais negros. Fez o primário e trabalha como doméstica. É mãe de três filhos, avó, nasceu e mora na Vila Fátima. Disse que a comunidade, na época de sua infância, era muito pobre, com poucas casas e sem luz elétrica.

Seus pais não praticavam a cultura dos negros, que ela passou a conhecer através do COSNEC. Entrou para o grupo a convite de Binho, desde seu início, e é integrante ativa, apesar das dificuldades enfrentadas, devido a sua timidez. Declarou em sua entrevista<sup>71</sup>: “Eu ajudo na limpeza do Centro Afro, nas ornamentações das festas, acompanho o grupo nas viagens; dançar eu nunca dancei, mas participo do coral de Binho [...]. Sempre cantei no coral da Igreja”. [...] Meu contato com a cultura negra começou a partir da minha entrada para o COSNEC [...]. Na infância e juventude, não conheci nada sobre essas heranças dos meus antepassados [...]. Ainda bem que eu não vivi essa época crítica dos escravos [...], ainda existe dificuldades, mas a gente luta muito pra isso acabar [...]”.

Santa comentou sobre a nova experiência que viveu ao fazer parte da Missa Inculturada: “[...] É muita alegria, muito festiva [...]. A missa da Igreja é bem calma e a missa da “coisa África” é mais alegre [...]. Eu carrego os alimentos e participo mais é do coral, por que sou tímida pra [sic] ficar saindo, assim [...]” Sua fé e sua intimidade com Deus não sofreram alterações. Santa é católica praticante e é devota de Santo Expedito.

Quanto às transformações que surgiram a partir da convivência no grupo ela acrescentou: “[...] As mudanças que aconteceram em minha vida, como mulher, vieram porque a gente sai e participa mais das coisas, vai pra [sic] outras cidades, conhece mais gente”.

O trabalho da Santa em casa de família é diário, e, por isso, ela não participa dos projetos sociais do grupo, mas frequenta as reuniões, pelo fato de aprender muito sobre a cultura dos negros: “[...] Nas reuniões, a gente conversa com as pessoas, aprende, tem alegria lá”.

Sobre a necessidade de uma participação maior de todos nas diversas funções necessárias ao bom desempenho do COSNEC, Santa disse: “Não é certo cobrar tudo do

---

<sup>71</sup>Entrevista com Santa em 2014.

Binho, ele sozinho não vai dar conta, tem que ajudar ele mais [...]. Espero que a fábrica vassoura vá em frente, e a de costura também, pra da emprego pro pessoal aí, pros jovens” [sic].

2.1.18. Zilda tem 60 anos, é negra, solteira, doméstica, nasceu e mora na Vila Fátima, prim-irmã do Binho, ambos perderam os pais ainda crianças e foram criados juntos por uma tia. Comentou<sup>72</sup> sobre o seu passado difícil na Vila Fátima, onde as trilhas eram os caminhos de acesso à cidade, as casas eram de adobe e chão de terra batida. As panelas eram de ferro, lavadas com areia fina, as canecas eram feitas de latas de molho de tomate, nas quais colocavam uma alça para o uso, e as paredes eram pintadas com “oca”, um barro “liguento”, misturado com água.

Prosseguindo Zilda disse: “Eu estudei o primário, e trabalhei na roça plantando milho, feijão e fazendo silagem (capim para o gado) na máquina do fazendeiro [...]. À noite, a gente sentava e ouvia os mais velhos contarem sobre o congado e sobre a vida financeira difícil aqui da Vila”.

Desde o início do COSNEC Zilda deu início as danças conforme declarou: “Lá eu danço, ajudo na cozinha, na limpeza [...]. Dançar e vestir as roupas coloridas me faz muito bem, pelo menos eu estou em atividade, com minhas raízes, dos antepassados... Continuar... Não é como eles eram, mas a gente tá tentando”.

Afirmou que, como mulher, passou a se sentir muito bem, ao participar das performances nas Missas Inculturadas: “[...] É emocionante, né, a gente fica pensando que se nossos pais tivessem aqui pra ver [...]. Muito significativo pra gente, marcou, até hoje [...] nas ruas também”.

A fé de Zilda permanece a mesma, porém a forma de louvar a Deus se tornou mais alegre, e o fato de todo mundo festejar junto lhe deixa mais à vontade e mais próxima de seus antepassados negros: “É diferente da missa normal por causa dos movimentos do corpo, dos ritmos [...]. O ofertório é igual o tempo dos africanos, com pamonha, rapadura, pipoca [...]. A gente participa da dança e do ofertório nesse ritmo, é tudo muito bom, eu adoro”.

Além de ser integrante participativa nas danças, cantos e fazeres do Centro Afro; católica praticante e devota de Nossa Senhora Aparecida, Zilda participa das atividades das festas dos santos, na Vila Fátima; das comemorações da semana de Nossa Senhora de Fátima; na Igreja do Rosário, no mês de outubro, na semana de comemoração de Nossa Senhora do

---

<sup>72</sup>Entrevista realizada em 2014.

Rosário; na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na festa que leva o nome da santa e em outras datas comemorativas do ano.

A respeito do preconceito que sempre existiu sobre os negros da Vila Fátima, Zilda declarou: “A gente nota que as pessoas não aceitam a nossa cultura nas apresentações do COSNEC na cidade, na Missa Inculturada e nas ruas [...]. Mas mudou a união com as pessoas, ficou melhor depois da Missa Inculturada [...]. Os padres ajudaram muito [...]. Em outros locais, o grupo é bem recebido, o pessoal fica mais alegre, chega junto, participa mais [...]. Junto com o grupo da Dona Vicentina (de quilombolas), em São João del-Rei, fizemo muita amizade, conversamo [sic] muito, rimos, batemos palma [...]. Aqui, muitos da comunidade não participam e não ajudam em nada, pensam que a gente ta ganhando dinheiro no COSNEC [...]. Criticam os projetos sociais da vassoura e da costura, querem resultado rápido, mas quem tá [sic] ali lutando somos nós”.

Zilda disse que resultado das apresentações é sempre positivo: “É legal, sempre tem os que prestigiam a cultura, mesmo com muitos que não gostam. A cultura é muito chique, muito bonita, a pessoa sabendo analisar [...]. Eu vou ta [sic] sempre ali, na cozinha, na confecção das roupas [...]. Gosto de ir pra [sic] lá ajudar, a gente brinca, ri, na união”.

Em seguida, apresento resumidamente as falas das três mulheres mais velhas da Vila Fátima, na atualidade, pelo fato de seus depoimentos terem sido utilizados em outros locais da pesquisa. São elas responsáveis pelas informações mais antigas a respeito da formação da comunidade da Vila Fátima, são mães de três das integrantes do grupo, são admiradoras e frequentadoras dos eventos realizados pelo grupo, como a Missa Inculturada e as atividades do Centro Afro na Semana da Consciência Negra, mas não pertencem oficialmente ao COSNEC.

2.1.19. Dona Nila tem 90 anos, nasceu no Quilombo Dom Silvério, mora na Vila Fátima desde os cinco anos de idade, é viúva, neta de escravos e transmissora das lembranças dos fatos ocorridos no início do século XX. Coursou o segundo ano primário, é mãe de Maria Luíza, integrante do COSNEC, e frequentadora das festas do grupo. É católica e devota de Nossa Senhora do Rosário.

Ela criou os filhos, colhendo lenha para vender e lavando roupas para as famílias da cidade de Coronel Xavier Chaves. Seu esposo trabalhava para os fazendeiros locais, como lavrador e agricultor. Quando o orçamento não cobria as despesas da casa, ela pedia auxílio nas fazendas ao redor.

Ao relatar sobre os preconceitos existentes em relação aos negros, sobre a separação entre eles e os brancos na Igreja, Dona Nila discorreu sobre as dificuldades vividas pelos moradores da Vila Fátima, quando o bairro ainda era um morro doado pelo Coronel Xavier Chaves, com casas de adobe, sem luz, sem ruas, cortado por trilhas.

Dona Nila admira o movimento do COSNEC e está sempre presente nas palestras e atividades da Semana da Consciência Negra. Assiste à Missa Inculturada e se alegra com a participação de sua filha, Maria Luíza, nas danças e nos cantares do grupo.

2.1.20. Dona Irma tem 81 anos, é negra, casada, doméstica, nasceu e mora na Vila Fátima, mãe de Rosa, neta de ex-escravos, católica praticante, cursou o primário, acompanha o congado da comunidade e participa das festas dos santos, procissões e festas do COSNEC.

Transmissora dos fatos ocorridos na Vila Fátima, Dona Irma comentou: “[...] as casas eram de adobe, cobertas com capim, onde a gente morou na infância e no início da vida de casada, época de dificuldades e lutas [...]. Hoje, tudo melhorou, e me sinto vitoriosa com a família criada [...]. A gente passeava com os filhos mesmo assim, a gente ia na missa, na festa do congado, na festa da Igreja”.

2.1.21. Dona Zilá tem 84 anos, é negra, viúva, nasceu e mora na Vila Fátima, é neta de ex-escravos, mãe de Elisângela, participa das festas do COSNEC e apoia as atividades praticadas pelos integrantes do grupo. Não frequentou escola.

Tornou-se evangélica há 22 anos, e disse: “Depois que me tornei evangélica, eu fiquei mais calma, mais em paz com os vizinhos [...]. Aqui em casa só eu mudei de religião, mas respeito os que são católicos”.

Dona Zilá fez elogios à cidade e não reclamou dos preconceitos existentes em relação aos negros: “Sempre fui muito considerada por todos, e, na comunidade da Vila Fátima, todos são muito unidos e companheiros [...]. As dificuldades financeiras existiram em minha infância, mas nunca faltou boa alimentação”.

## **2.2. Os homens do COSNEC**

Binho, precursor do movimento, dedica-se à toda organização dos fazeres do grupo, além de tocar atabaque e pandeiro nas festas e missas. Tito dedica-se às atividades burocráticas e religiosas, às manutenções e à ordem do Centro Afro, além de coordenar a fábrica de vassouras pet. Os demais, Fabrício, Tarcísio e Valdo se dedicam às atividades

rítmicas, que incluem a participação do Sr. José Carmo no tambor, segundo sua disponibilidade.

2.2.1. Binho tem 50 anos, é negro, nasceu e mora na Vila Fátima, é professor de capoeira e se dedica aos estudos sobre seus antepassados escravos. Buscou conhecer suas heranças e transmiti-las para seus parentes, amigos e vizinhos da comunidade.

Em 2009, iniciou as atividades do COSNEC, conforme relatou em sua entrevista de 2014: “Nasci e cresci aqui na comunidade com muita honra, né, este local tem uma história muito interessante que me trouxe a fazer tudo isso que eu faço hoje. Essa história eu ouvia dos nossos avós quando eu era criança, contar de como é que surgiu, que começou o funcionamento desse bairro Nossa Senhora de Fátima. Eu fui achando muito interessante essa história, fui crescendo e quando chegou determinado momento falei assim: Vamos aprofundar, vamos buscar, vamos resgatar essa história, vamos ver o que está acontecendo, o que aconteceu, vamos buscar isso aí”.

É católico praticante e Ministro da Eucaristia.

2.2.2. Tito tem 58 anos, é negro, nasceu e mora na Vila Fátima, é integrante do COSNEC desde a formação do grupo, participa de todas as atividades, das reuniões e da organização dos eventos realizados no Centro Afro e coordena a Fábrica de Vassouras pet. É católico praticante e não possui um santo de devoção, todos são importantes para ele.

Em sua entrevista<sup>73</sup>, Tito comentou: “Estou no grupo desde o início e, apesar dos altos e baixos, algumas contrariedades, a gente passa por cima depois, né [...]. Quando a gente gosta da coisa, deixa pra trás [...]. Todo grupo pensa diferente as coisas, a gente às vezes não concorda, mas tem que aceitar [...]. No COSNEC, eu fui cinco anos vice-presidente [...]. Resolvia muitas coisas na Semana da Consciência Negra... nem sempre o Binho tem tempo pra tudo [...]. Eu era o líder de muitas coisas, agora de dois anos pra cá me afastei um pouco pra deixar o pessoal ter responsabilidade [...]. Agora sou membro participativo [...]. Gosto de coordenar a fábrica das vassouras pet, tem dificuldades, mas vamos enfrentar, eu não vou desistir. [sic]”

Tito alegou que o COSNEC está a desejar nas suas três funções básicas: cultural, religiosa e social. Em cada uma, é necessária maior visão do que possa ser feito: “[...] poderia ter mais divulgação, convidar mais gente, melhorar a dança [...]. Nas reuniões, tem faltado

---

<sup>73</sup> Entrevista com Tito em 2014.

gente [...]. Temos parcerias, mas não exploramos elas [...]. Nessa Semana da Consciência Negra, falhamos porque não convidamos o grupo de dança “Aláfia”, das meninas que saíram do COSNEC, a capoeira aqui da comunidade[...]. Convidamos os grupos de canto evangélicos e faltou convidar o coral da Igreja católica [...]. Não fizemos a Missa Inculturada para fechar a Semana, mesmo com o pedido do padre Ramiro”.

A Missa Inculturada traz para Tito um sentimento de muita alegria, que, segundo ele, “[...] não tem como explicar, é muita euforia, é uma missa muito gostosa, é muito bom, mesmo ficando na parte da organização [...]. Eu passo por cima das críticas que fazem da gente [...]. Minha intimidade com Deus aumentou, é muita alegria [...]. Me sinto mais seguro com Ele. Cada participação da gente na Igreja faz a gente se sentir melhor [...]. Enquanto o COSNEC existir e eu tiver vida, vou tá lá firme com ele. [sic]”

Ao fazer referência às transformações ocorridas nas mulheres, a partir das novas práticas trazidas pelo COSNEC, Tito admite que muitas mudanças possam ter ocorrido em suas vidas, mas permanecem guardadas no íntimo delas.

2.2.3. Fabrício tem 47 anos, é negro, seus pais são negros, nasceu em São João Del-Rei, morou no quilombo Dom Silvério e mudou com os pais para Vila Fátima aos quatro anos. Frequentou o primário, participou em 2002 da capoeira coordenada por Binho. É percussionista do COSNEC desde o início do grupo, é católico e umbandista e seu instrumento favorito é o atabaque.

Quanto à participação das mulheres, Fabrício alega: “Acho que esse movimento fez muito bem pra elas. Os homens sempre tava na frente, agora, com as mulhé na frente, fica muito bom o grupo. As mulhé perde a vergonha, acabou o preconceito com elas, elas tá na frente” [sic]. Segundo Fabrício, as mulheres têm mais gingado para a dança afro do que os homens, porque, quando o atabaque começa a falar mais alto, são elas que soltam o corpo.

Disse que a umbanda está no sangue, porque sua tia o levou desde menino, e lá ele permaneceu, alegando que “[...] isso fica pra semente, é muito bom [...]. Lá eu trabaio e já recebo os santos. Eu sou um pouco de cada, da católica e da umbanda. Toco na dança do jongo também, em Belo Horizonte, mas é preciso pedir licença ao santo pra tocar na Igreja Católica [...]. Na Missa Inculturada, eu peço a todo santo pra tá me ajudano – principalmente se tiver grupos de congados lá, que pode tá me fechano –, pra tirar todo mal, pra cair [...]. Atabaque vem dos negros, é só ter fé que você toca. [sic]”

Fabrício gosta de tocar no atabaque antigo, pelo fato de sentir a presença dos ancestrais com maior intensidade. Esse instrumento é feito de cordas, pouco utilizado

atualmente. Na Missa Inculturada, ele pede a Deus para ajudar os seus irmãos africanos que estão passando por muitas necessidades e se concentra nos ritmos tocados de forma diferenciada para cada tipo de homenagem feita aos santos, tanto da Igreja quanto do terreiro.

2.2.4. Valdo tem 37 anos, é negro, filho de pai negro e mãe branca, nasceu e mora na Vila Fátima, morou em São Paulo dos 15 aos 19 anos, retornou para a Vila Fátima há 14 anos e cursou o segundo grau.

Seu pai participou do segundo filme, chamado “Diário de um adolescente”, realizado pelos moradores da Vila Fátima, quando ele era garoto.

Entrou para o COSNEC, após participar de algumas reuniões e conhecer aos poucos as atividades propostas por Binho. Participou primeiramente da dança e das primeiras pesquisas realizadas sobre as raízes dos seus antepassados negros, junto a Araceli, sua namorada.

Iniciou as práticas da percussão, orientado por Binho e Fabrício e participa do ritual performático da Missa Inculturada, o Ato Pentencial, representando o escravo acorrentado – libertado pelo padre –, que simboliza a libertação do próprio Cristo. É católico e frequenta a Igreja nas datas comemorativas dos santos. A Missa Inculturada foi uma *novidade* e ele diz: “É diferente, mexe muito com a gente, a gente vira outro, quando estou atuando, eu nem vejo quem me olha. Participo de uma outra performance que mostra os escravos, achando a imagem de Nossa Senhora do Rosário. É tudo muito bacana”.

Sua avó lhe contou sobre as dificuldades que os negros enfrentaram na Vila Fátima e sobre a exploração sofrida, por serem considerados negros e pobres: “Meu pai trabalhou muitos anos no engenho, carregando balaio de bagaço de cana nas costas [...]. Vendia feixe de lenha para ajudar no orçamento da casa [...]. Carne não tinha e ele buscava cabeça de boi no açougue para fazer sopa [...]. A gente não podia atravessar o Córrego do Sapateiro para o centro da cidade. A repressão era grande [...]. Mas, brinquei muito aqui na rua, que era de terra, de bolinha de gude, bater arco, bater pneu”.

Valdo disse que seu pai e o tio sempre falaram sobre a importância de estudar, por ser a única herança que podiam dar para os filhos. Também falaram que eles participaram do grupo de capoeira “Raízes”, na década de 1990, formado por Binho, e que dançavam o bate-paus.

Referindo-se ao COSNEC, Valdo disse pertencer a um grupo de mulheres e “[...] quem diz que mulher não tem valor é ridículo e fora da realidade [...]. No grupo cada uma tem seu papel, uma ta [sic] na dança, outra na cozinha [...]. E elas dão conta. São mais guerreiras que o homem, que acomoda muito. Me relaciono bem com todos e não pretendo sair não,

quero convidar mais pessoas para participar [...]. Antes tinha muita repressão, hoje as pessoas estão entendendo mais o que significa afrodescendente [...]. O movimento mexe com o ego da gente e de outras pessoas também que, mesmo de cor branca, querem participar [...]. Todo mundo é igual, todo mundo pode, todo mundo é capaz”.

2.2.5. Tarcísio tem 57 anos, é filho do Dr. José Carmo, ambos negros, nasceu e mora na Vila Fátima, é percussionista do COSNEC, toca pandeiro, triângulo, chocalho e tambor nas festas, nas Missas Inculturadas e no Coral de Binho. Não frequentou a escola e é católico praticante. Muito tímido para dar entrevistas, ele disse que sempre participou do grupo e que pretende continuar junto nas atividades propostas.

2.2.6. José Carmo tem 82 anos, é capitão do congado da Vila Fátima, toca tambor nas apresentações do COSNEC e participa dos cortejos do grupo na Semana da Consciência Negra. Neto de ex-escravos, nasceu e mora na Vila Fátima, e é transmissor das práticas do congado para a comunidade. Toca no Coral de Binho e nas missas em geral. Não frequentou a escola, é católico praticante e devoto de Nossa Senhora Aparecida.

### **2.3. A fé católica movendo as ações dos integrantes do COSNEC**

A religião católica praticada pelas mulheres do COSNEC está relacionada à herança religiosa adquirida por elas dos antecedentes escravos e ex-escravos, dos avós e, conseqüentemente, dos pais, que foram doutrinados por essa denominação religiosa hegemônica, predominante nos séculos em que esses antepassados viveram, sob a dominação dos seus senhores.

Apesar das dificuldades sofridas na formação da Vila Fátima, no início do século XX, onde as primeiras casas foram construídas de adobe, sem saneamento, por entre as trilhas que ligavam o morro ao centro da cidade em formação, e das precárias condições de saúde e de trabalho - em que muitas mulheres saíam para cortar lenha para vender, lavavam roupas no córrego do sapateiro e trabalhavam nas casas das famílias brancas para garantir o sustento dos filhos -, a comunidade, através das iniciativas do COSNEC, vive a construção da identidade negra e quilombola pelo ensino e aprendizagem, adquirindo o conhecimento social, histórico e cultural, reconhecido e validado por seus integrantes, ao ser passado de uma geração para outra, dos mais velhos para os mais novos, como forma de legitimar e perpetuar suas origens. A aprendizagem ocorre através da dinâmica na qual “o conhecimento é descoberto, trocado,

partilhado e dialogado no interior da comunidade, envolvendo crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, homens e mulheres” (SILVA, 2013, p. 69).

Os mais velhos da comunidade entrevistados por mim, em 2014, Dona Zilá, Dona Nila, Dona Irma e o Sr. José Carmo, confirmam a importância dos relatos mnemônicos advindos de uma sociedade sem escrita e tradicional, como mostra a maioria das pessoas adultas, acima dos 40 anos, que compõe o COSNEC e a Vila Fátima. A comunidade se formou na fase escravocrata e transmite sua cultura de geração em geração pela oralidade, enfatizando as mudanças que ocorreram, principalmente na esfera do ritual e da religião.

Devido às imperfeições da memória, o Sr. José Carmo não se lembra do que seus avós disseram sobre a religião de origem africana substituída pelo catolicismo, fato que provocou modificações nas recitações denominadas “mitos”, que, segundo Goody (2012), são consideradas as mesmas pelos nativos, e contém diferentes formas de recitações e variações consideráveis sobre a própria estrutura do mito e em seus temas básicos. O que fica claro nas afirmações do Sr. José Carmo sobre sua fé é a certeza da crença num Deus poderoso que, juntamente à sua Mãe Maria e os seus santos, são os protetores e os únicos responsáveis pelas nossas vitórias.

A imaginação ou fantasia, a invenção e a criação ocorrem devido ao esquecimento com o passar dos anos e acabam por preencherem as lacunas do que foi perdido. Por isso não há como considerar o aspecto do mito oral como estático. O lugar do mito se torna múltiplo e diversificado, o mesmo ocorrendo quanto ao lugar da criatividade sobre eles (GOODY, 2012).

O mundo sempre se transforma pelos processos criativos em constante funcionamento, pelos quais os seres humanos variam a intensidade conforme o contexto em que vivem. Por isso, o conceito de bricolagem, defendido por Lévi-Strauss (1976), refere-se a um método de expressão que sintetiza os componentes de uma cultura e, em Certeau (1999), a noção de bricolagem se refere à união de vários elementos culturais que geram algo novo.

Assim, observei que os relatos das pessoas mais antigas da comunidade, como Dona Zilá, Dona Inácia e Dona Nila, muitas vezes mostram algum esquecimento de fatos passados, mas que são completados com suposições a respeito da vida dos avós contada pelos pais, que muitas vezes omitiram a elas as situações de opressão vividas no cativeiro.

As esferas da tecnologia mudam de forma mais lenta do que as da cultura e religião no aspecto imaterial, considerando também as mudanças das formas de parentesco em seus arranjos, que podem variar com o passar do tempo, mesmo se repetindo nas gerações seguintes e estão sempre expostos às transformações que ocorrem pela transmissão cultural (GOODY, 2012).

Os diversos agentes sociais produzem, reproduzem e criam novos discursos e comportamentos, pelos artefatos culturais e linguísticos dentro da dinâmica social e histórica que os moldaram na bricolagem. Diferente da pesquisa positivista, a subjetividade e o posicionamento político não são descartados e fazem parte da construção do conhecimento, juntamente às múltiplas vozes que tratam de saber a respeito das explicações e das experiências sociais que influenciam os olhares sobre o fato investigado (NEIRA & LIPPI, 2012).

Na Vila Fátima, as integrantes do COSNEC me disseram participar da reza do terço, realizada nas épocas das novenas para o santo do mês, nas casas das famílias, e também da entrega da imagem do santo que está sendo venerado nas residências, que passa de casa em casa, diariamente, na semana da reza.

As mulheres que não moram na Vila Fátima e que fazem parte do COSNEC, Lia, Leandra e Araceli, participam das festas dos santos, das procissões, das novenas, do ritual do Lava Pés na Semana Santa e dos encontros de oração em seus bairros vizinhos e na Vila Fátima, conforme presenciei.

As variantes das concepções de mitos encontradas no campo de pesquisa são significativas para o estudo da mitologia e não obedecem a uma única versão, por estarem repletas de recitações e diferentes formas de interpretação. As variações ocorrem, segundo Goody (2012), mas estão sempre dentro de um arcabouço, pelo fato de serem estruturas com entidade ilusória que pertencem às seleções arbitrárias dos grupos, muitas se perdendo com o passar do tempo, outras registradas, e sempre dependendo do contexto em que as versões do mito “oral” foram produzidas como constatei através das falas das mulheres mais velhas da comunidade.

Dona Nila, por exemplo, relatou com clareza sobre sua infância, protegida pelos cuidados da irmã do Coronel Xavier Chaves, sobre seu pertencimento ao catolicismo, desde criança, e sobre as dificuldades que enfrentou posteriormente, quando adulta:

Fui muito mimada, considerada afilhada da casa dos brancos [...] mas foi um sonho que acabou cedo. Quando eu casei e tive que cuidar dos filhos, vendendo lenha e pedindo esmolas nas fazendas ao redor [...], a gente andava longe pra [sic] buscar auxílio e também tinha o trabalho nas casas das famílias [...], eu acompanhava o congado e viajava pra [sic]longe, na carroceria do caminhão [...]. A gente dançava o bate-paus também. (Entrevista com D. Nila, moradora da Vila Fátima, em 2015 – grifos meus.)

A fala de Dona Zilá mostra uma versão diferente sobre sua vida na comunidade da Vila Fátima e na cidade de Coronel Xavier Chaves:

Aqui tudo pra [sic] mimé bom, gosto daqui [...] só lembro de coisa boa, é todo mundo amigo, na cidade também só tenho amigos, sempre tive, desde pequena [...], criei meus filhos e trabalhei em casa de família dos brancos que me ajudaram muito[...]. Fui católica, porque meus pais eram também, mas não lembro nem se fiz a primeira comunhão. Não lembro se dancei bate-paus, mas eu acompanhava o congado. Agora sou evangélica há 25 anos por minha vontade. (Entrevista com D. Zilá, moradora da Vila Fátima, em 2015 – grifos meus.)

Pelos relatos de Dona Zilá, o “mito contemporâneo” deve ser interpretado na sociedade na qual ele vive e possui um aspecto fortemente religioso revelado e vivido pelos adultos em um contexto ritual especial. Refere-se a contos, nos quais já não acreditamos mais, mas muitos se referem e ainda persistem em vários contextos sociais, não sendo considerados produtos de um inconsciente coletivo ou individual, mas, através das transmissões culturais, oral ou escrita. Os mitos variam com o passar do tempo, em muitos casos, sendo preenchidos em suas lacunas, quando ocorre o esquecimento. Esse fato faz com que ocorra uma pluralidade de versões espalhadas no tempo (GOODY, 2012).

As lendas e recitações históricas existem em todas as sociedades e muitas vezes se tornam narrativas tidas como verdadeiras, tipicamente das culturas orais. Mais tarde, passam a fazer parte da história escrita de determinadas sociedades. A fala é intempestiva, mas a escrita envolve pensamento e reflexão sobre o que escrevemos. Porém, algumas recitações históricas formalizadas em culturas orais possuem formas e conteúdos anteriores não mais utilizados normalmente, tornando o material menos compreensível, confuso e sujeito às interpretações conflitantes e ambíguas, como afirma Goody (2012), que também faz referência à criação das histórias que se proliferam com a escrita, mas que são contadas oralmente, na maioria das vezes, principalmente nas ocasiões rituais.

As lendas – termo que vem do latim *legenda*, para ser lido – eram utilizadas para as histórias dos santos na Europa Medieval católica e na Ásia contemporânea, mas os tipos semelhantes de narrativas, consideradas verdadeiras, são procedentes da cultura oral e formaram, mais tarde, a base para a construção de histórias escritas (GOODY, 2012).

Nas culturas orais, afirmação de Goody (2012), esses gêneros fazem parte de um conjunto de ações pertencentes a um contexto, que pode ser o ritual, a música e a dança dos artistas constituídos pelos gestos, vozes e pela interação com o público, e cada gênero possui seu contexto específico, seu tempo, seu lugar, seus artistas e seus objetivos. Dona Irma e Dona Zilá lembram que, quando jovens, acompanhavam o congado, participavam das festas dos santos, dançavam o bate-paus e sempre ouviam os mais velhos contarem sobre as

assombrações que rondavam a Vila Fátima, mas elas nunca viram tais coisas, apesar de acreditarem nos relatos das aparições.

Os mitos são recitados assim, não por pessoas comuns, mas por aquelas especialistas em contextos rituais. Já os contos populares podem ser contados por adultos para um público de famílias e crianças. O conteúdo tanto dos mitos quanto das lendas é considerado verdadeiro e está ligado às sociedades específicas e, mais tarde, às religiões escritas específicas. Mas, ao contrário, o conteúdo de contos populares e das fábulas são tidos como ficção e viajam livremente entre os grupos linguísticos, adquirindo um status de verdade, quando mostram um apelo universal, principalmente para as crianças, e se tornam característicos da literatura oral quanto da literatura escrita transmitida oralmente. Em ambos os gêneros, é necessário considerar o contexto nos quais tais mitos são expostos, transmitidos e apresentados. No caso da literatura oral, o caráter imaginativo e ficcional necessita de seriedade, ao ser introduzido no contexto, quando faz referência à atuação entre homens, deuses e animais, referenciados pelos contos populares, muitas vezes, ao serem contados para as crianças em vários lugares, enquanto mitos e lendas, ligam-se às culturas ou religiões específicas (GOODY, 2012).

As mulheres do COSNEC me confessaram não saber, antes da formação do grupo, que algum dia poderiam expor sua arte e muitos dos seus costumes, sua culinária, pelo fato de terem sido, esses ensinamentos, guardados apenas para si mesmas e para os íntimos da família, pois acreditavam que não seriam aceitas no espaço social, muito distante das suas heranças negras. Mas, chamou-me a atenção o fato de que a ausência das práticas da religiosidade de origem africana não representou um entrave para a ligação dessas mulheres e das pessoas da comunidade em geral aos valores ancestrais relacionados às danças e aos cantares, sob o ritmo musical dos escravos, seus antepassados. Percebi que estão conectados às raízes étnicas negras, nos aspectos da performance e do vestuário. Ao colocarem suas vestes de época, seus adornos, seus turbantes, e ao dançarem sob o batuque do pandeiro, do atabaque e do chocalho, ao fazerem as rodas, ao usarem o corpo como expressão da emoção da dança e do canto, encontram seu lugar numa sociedade que nega esse espaço a elas.

A fala de Marisa confirma sua opção em permanecer católica, apesar de demonstrar admiração pelas performances do Candomblé que assiste, às vezes, pela televisão. Mas, ela atribui a falta de interesse à ausência de conhecimento que não obteve desde então.

Pergunta da pesquisadora: Você tem vontade de conhecer religiões de matriz africana?

Marisa: Não. Acho que não. Aqui não tem como, né, você não tá [sic] lá, não tem como ir buscar.

Pergunta da pesquisadora: Mesmo não sendo a religião de matriz africana?

Marisa: Não, sinceramente, não.

Pergunta da pesquisadora: O catolicismo basta?

Marisa: Exato.

Pergunta da pesquisadora: Umbanda, candomblé, nunca te chamaram a atenção?

Marisa: Não, nunca me chamou a atenção.

Pergunta da pesquisadora: Mas você gosta dos ritmos?

Marisa: Eu gosto, eu gosto até de ver na televisão, tem canais aí que às vezes passam, né. Gosto muito de ver. A congada, aqui também faz parte, né, mas eu nunca fui buscar, nunca achei que fizesse falta não, sabe? [...] Mas acho que é porque a gente não teve muita oportunidade de estar buscando antes; you busca o que you conheceu; o que you não conheceu, o que you não sabe fica meio perdido.

(Entrevista com Marlene, integrante do grupo COSNEC, em abril de 2015 – grifos meus.)

Considerando as contribuições sobre as análises e as influências da memória no aspecto social e individual, Pollak (1992) mostra a força dessa categoria nas questões referentes ao indivíduo e a seu meio social.

Marisa confessa que se emociona ao vivenciar sua arte e suas performances pelo vestuário, sabendo de onde veio tudo isso e como aconteceu, de fato, no passado.

Pergunta da pesquisadora: O que você mais admira nesse movimento, essa busca, as manifestações religiosas e artísticas de danças, músicas, te toca como?

Marisa: Eu gosto muito das músicas, as roupas, as vestimentas, né; eu acho muito bonito e gosto muito das músicas. Eu acho importante a gente saber de onde you veio, porque, o que aconteceu, como que era, eu acho muito importante. (Entrevista com Marlene, integrante do COSNEC, em abril de 2015 – grifos meus.)

O Sr. José Carmo é considerado detentor de um conhecimento valoroso que deve ser transmitido aos demais integrantes do grupo de congado e da comunidade como um todo, além dos conhecimentos das mulheres mais velhas, que agora buscam um novo vínculo à sua história, conforme me relataram nas entrevistas, aos seus ancestrais, aos elos estéticos e éticos. Segundo Bezerra-Perez (2015), a história da cultura dos negros caiu no esquecimento, devido às intervenções das forças econômicas, sócio-históricas, do racismo e do preconceito imputados aos grupos étnicos em suas expressões culturais e religiosas.

Os vínculos estabelecidos pelo grupo ao apoio dado pelos padres<sup>74</sup> às iniciativas de afirmar, encorajar e realizar, de fato, as atividades concernentes à expressão da cultura, da

---

<sup>74</sup>A escravidão condicionou profundamente o relacionamento entre a Igreja e o negro, violentado em sua liberdade e limitado na conservação de sua cultura e memória. A partir do Concílio Vaticano II, surge uma nova mentalidade eclesial, divulgada através da evangelização, que privilegiou o respeito às culturas, facilitado pelo

história e da conscientização dos negros da comunidade Vila Fátima foram facilitados, graças à opção religiosa hegemônica, de procedência católica, que, como afirma Montero (2006), esteve historicamente presente na formação cultural e social cristã do Brasil, durante três séculos, e que, ainda em sua fase colonial, foi controlada pelos privilégios que o padroado Real concedia à Coroa Portuguesa. Esse fato promoveu a formação de um catolicismo específico na sociedade colonial, responsável pela formação do campo religioso e da esfera pública atual, que pode ser vista em três momentos.

Em primeiro lugar, o catolicismo se tornou a linguagem política da colônia e do regime imperial, em que os religiosos participavam da vida burocrática do Estado, fato comum até nos dias de hoje, quando vemos a organização da Igreja territorialmente e burocraticamente atrelada à imagem do Estado. Em segundo lugar, formou-se, devido à vastidão do território e à consequente dificuldade de controle eclesiástico e estatal, uma fé cristã relativamente autônoma, com práticas que se mesclaram às crenças africanas e indígenas. Em terceiro, a religião católica, devido ao seu caráter estatal, passa a exercer o controle e a educação das práticas populares, seja no campo religioso, seja no espaço público das cidades, através da catequese e da civilização, admissíveis como políticas públicas intercambiáveis, até a primeira metade do século XX (MONTERO, 2006).

A partir das afirmações de Montero (2006), o que denomino de raízes católicas do grupo COSNEC se relacionam à formação religiosa semelhante que todos os integrantes do grupo receberam, com exceção de Fabrício – que pertence à umbanda<sup>75</sup> desde criança e frequenta o catolicismo – e Bia – moradora do Bairro Vila Fátima, integrante não oficial do grupo, participante das danças e da Missa Inculturada, criada numa instituição espírita kardecista<sup>76</sup>, cuja doutrina ainda segue, também se diz católica.

Os demais integrantes do COSNEC receberam de seus avós e pais o ensinamento cristão católico. A fé que vivenciam foi construída pela junção dos elementos artísticos da cultura dos negros, expressados pela dança, pelo canto, pelos ritmos e pelos instrumentos de origem de seus antepassados. A memória, inserida na coletividade, relacionada aos monumentos, paisagens, datas, tradições e costumes, música, ou seja, a memória envolta por hierarquias e classificações, define o que é melhor para o grupo e o que o diferencia dos

---

diálogo ecumênico e inter-religioso, favorecendo a participação ativa, afetiva, consciente e efetiva do povo, em que a inculturação da ação evangelizadora se transformou numa necessidade urgente, rumo à aproximação entre o evangelho e as culturas (BINA, 2012). O item sobre Inculturação Litúrgica será trabalhado no capítulo 4.

<sup>75</sup>As definições sobre a umbanda se encontram no capítulo 5.

<sup>76</sup>As definições sobre o kardecismo se encontram no capítulo 5.

outros, além de reforçar os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais (POLLAK, 1992).

Brandão (1984) afirma que o saber migra de uma geração para outra entre parentes e seguidores interessados, como ocorreu na comunidade da Vila Fátima, a partir das vivências congadeiras<sup>77</sup> advindas dos seus antepassados, já convertidos ao catolicismo. As mulheres me disseram que, desde meninas, acompanhavam o cortejo do congado, nessa fase, liderado pelo Sr. Antônio Neto. Essa prática popular, constituída pela música e dança, mais alegre e festiva, tornou-se a forma de homenagear os santos, além de contribuir para a formação do saber coletivo do grupo, unido pelo parentesco desde seus primórdios.

As mulheres acompanhavam o cortejo e cuidavam da preparação da comida, da limpeza e da organização dos espaços destinados aos encontros das famílias, que estreitavam seus laços de pertença pelo convívio com todos em suas casas, onde se ensinava o modo de cantar e dançar, transmitido aos filhos, junto aos valores e ao sentimento de pertencimento, que priorizavam a reprodução social do grupo. Brandão (1984) observa que os mestres ou pais foliões carregam o grande interesse em ensinar aos parentes e aos filhos, futuros continuadores desse legado, que também se estende às pessoas de fora do grupo.

As contribuições dos mestres da cultura popular na transmissão desses saberes ganham significância na formação humana dos futuros mestres e aprendizes do grupo, que as vivenciam nas festas populares, na continuidade das expressões culturais transmitidas para outras gerações, tornando-se um cruzamento de intersubjetividades entre a época passada e a presente permeada pelas lembranças de famílias, tradições, músicas, filmes, histórias lidas e escutadas, e se torna um recurso importante na transmissão de experiências de diversas temporalidades que dialogam entre si, revelando ou ocultando lembranças, como defesa frente aos sofrimentos vividos (DELGADO, 2006).

Para Brandão (1984), a prática pedagógica existe na história humana, no conjunto das práticas sociais, em que os mais jovens no trabalho observam, repetem e aprendem. O congado, envolto pelas manifestações religiosas, leva seus devotos às relações sociais e simbólicas nos momentos de trocas e incorporação de códigos de conduta entre si, na comunidade, vizinhança e parentela. O mesmo saber circula por entre a vida comunitária, sem agentes especialistas de seu controle, e fora das instituições formais de educação, caracterizando assim as formas de educação popular responsáveis pela sua transmissão.

---

<sup>77</sup>O congado foi detalhado no capítulo 3.

Constatai que os fatores afirmadores do pertencimento da comunidade Vila Fátima e do grupo COSNEC são definidos pelo compartilhamento dos laços consanguíneos, pela posse da terra que ocupam e pelos valores morais, que fazem questão de manterem como referência positiva de família e de cidadãos de respeito que trabalham e pagam honestamente suas contas, cumprindo com seus deveres e obrigações em todos os setores da vida.

Mas, as questões sobre etnicidade, que consideram a diversidade cultural como elemento legitimador das comunidades étnicas necessitam englobar outras reflexões sobre o sistema de relações por onde ocorrem as ações dos indivíduos e sobre as posições que ocupam dentro do campo étnico-quilombola em sua estrutura e organização sociais (MARINHO, 2015).

Barth (1969) afirma que a diversidade étnica pode existir na ausência de traços culturais comuns, que podem variar com o tempo, de acordo com o contato com outros grupos, e com os trânsitos realizados além dos limites das fronteiras. Dessa forma, os critérios de definição dos grupos étnicos passam pela forma de pertencimento e exclusão, ou seja, serão definidos de acordo com as normas de interação dos membros da comunidade com as pessoas de fora, que estabelecem os novos traços culturais, a partir do processo de criação coletiva, em que a diversidade cultural se mantém e se articula socialmente, obedecendo às fronteiras étnicas (BARTH, 1969).

A territorialidade indica a diferença entre o “nós” e os “outros”, concomitantes com as novas formas de relações sociais e culturais, que se transformam ao longo do tempo, através das relações com outros grupos. A etnicidade assegura a unidade grupal e formaliza o caráter organizacional, que se forma entre os membros da comunidade e os de fora dela, cujas diferenças são significativas e aceitas, segundo os interesses dos atores em cada contexto específico (BARTH, 1969).

Percebo no COSNEC a forte evidência da influência dos “de fora” em seus contatos com a população da cidade de forma geral e também com outros variados grupos que trazem suas danças, cantos e artesanatos nas festas e nas rotinas vividas na comunidade. Os festejos são envoltos pelas práticas congadeiras, festas dos santos, quadrilhas, exposições de artesanatos, missas, reuniões abertas mensais realizadas no Centro Afro, que recebem professores e pessoas interessadas nas atividades sociais e artísticas do grupo.

A partir desse quadro, as afirmações de Oliveira (1999) vão além das considerações sobre contato interétnico e modelos diacríticos, apontados por Barth (1969) como definidores de identidade étnica, e tais afirmações consideram que as percepções e as impressões dos agentes coletivos, como os sinais diacríticos, por exemplo, são compreendidas como

componentes da representação coletiva que extrapola o momento de contato com o outro e se tornam partilhadas entre os componentes, tornando-se a base de entendimento do grupo em suas interações sociais como parte de sua cultura.

É importante destacar novamente o papel da religiosidade como elemento sintetizador da cultura da comunidade por onde ocorrem os cultos, rituais, festas, danças, encontros comunitários revividos pela memória das experiências dos ancestrais no âmbito da coletividade, junto a outras práticas e saberes. De acordo com o relato de algumas mulheres do COSNEC, como Suelen<sup>78</sup> e Dona Nila<sup>79</sup>, há um impasse na transmissão dessa herança aos mais novos, que, inclusos na cultura de massa, estão pouco interessados em conhecer, difundir e se apropriar da cultura do grupo, mesmo testemunhando o movimento de fortalecimento da identidade negra quilombola, representado pela liderança do COSNEC e seus integrantes.

Portanto, ao observar a convivência das mulheres quilombolas com as práticas católicas locais, em cujas missas mostram os costumes africanos, no que se refere aos alimentos dos negros ofertados no culto e nas danças executadas sob os ritmos dos instrumentos dos escravos, como o atabaque e o berimbau, foi possível refletir a respeito da forte presença católica e africana no campo religioso popular e suas articulações, suas mediações, seus mitos, suas diferenças, como afirma Sanchis (1997), ao se referir ao catolicismo como estrutura sincrética.

Porém, Binho diz não ter nenhum problema quanto à sua determinação em permanecer fiel seguidor do catolicismo:

Pergunta da pesquisadora: Você teve alguma curiosidade com relação à sua religiosidade de origem?

Binho: Não, não, não, eu sempre fui tranquilo, porque procuro mais entender, a buscar, eu não gosto de misturar as coisas, eu sou tranquilo.

Pergunta da pesquisadora: Todos vocês que tiveram esse ensino religioso dentro do catolicismo, me parece que estão muito bem em relação a isso. A necessidade foi mais a de buscar a arte, os costumes, muito mais do que a religiosidade de raiz?

Binho: Sim, exatamente, isso mesmo.

(Entrevista realizada com Binho, fundador do COSNEC, em novembro de 2014 – grifos meus.)

O grupo conta, atualmente, com a colaboração do padre Ramiro, pároco da cidade há três anos, que apoia e incentiva as iniciativas e práticas do movimento do grupo COSNEC.

Pergunta da pesquisadora: Tiveram o apoio dos padres?

<sup>78</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>79</sup>Entrevista realizada em 2014.

Binho: Sim, o padre Lúcio foi um padre que deu uma força muito grande para a implantação do grupo; a primeira semente foi plantada pelo padre Lúcio, que atuava em Lavras, foi em 89; ele ficou sabendo do trabalho; fui até a cidade de Lavras e conheci o trabalho imenso que ele tinha com quilombolas [...]. Então hoje esse trabalho tá nesse nível graças a ele; e depois tivemos um outro apoio, que é o padre Roberto, que acreditou também no nosso trabalho, da cidade de Resende Costa; e hoje, o grupo COSNEC é um grupo iluminado, hoje temos grande apoio do padre Ramiro, que é o padre atual que está aqui em nossa comunidade; tem dois anos que ele está aqui e está dando a maior força para o grupo COSNEC. (Entrevista com Binho, fundador do COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

Durante o ano, o grupo participa ativamente das atividades da Semana Santa e da festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, que agregam, na Igreja Matriz, a presença das demais comunidades pertencentes ao município, onde instalam a imagem de cada padroeira de sua paróquia conforme exposto na foto 13. Juntos comemoram o evento em grande procissão pela cidade. Após o ritual, as imagens das santas são levadas de volta às suas respectivas Igrejas.



Foto 13: Imagens das padroeiras das comunidades de Coronel Xavier Chaves, na Festa de Nossa Senhora da Conceição. (foto tirada pela autora em 2014).

Verifiquei que os integrantes do COSNEC participam das missas celebradas na Matriz de Nossa Senhora da Conceição e na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, cantando no coral de Binho, participando das leituras da palavra, nos rituais do lava-pés da Semana Santa, nas

procissões, em vestes que representam personagens bíblicas, além de realizarem o teatro em muitas datas festivas da Igreja. As crianças participam ativamente das coroações do mês de maio.

Os Ministros da Eucaristia (homens e mulheres) do COSNEC participam ativamente das atividades da Igreja e se intercalam nas atividades das missas, celebradas três vezes por semana, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição ou na Igreja do Rosário.

Em 2015, foram eles: Binho<sup>80</sup>, Cida<sup>81</sup> e Rosanger<sup>82</sup>. A função dos Ministros da Eucaristia é divulgar a fé e a dedicação a Deus através da assistência às famílias e aos enfermos, que recebem, em casa, a comunhão, indicado de acordo com a agenda da semana. Auxiliam o padre na hora da missa e entram junto a ele no início da celebração, participam de todas as festas da Igreja, sempre vestindo um jaleco branco, e se intercalam em dois nas missas, para dar a comunhão aos fiéis. As visitas às casas dos enfermos são feitas aos domingos, revezadas pelo grupo composto por vinte Ministros, dos quais quinze são atuantes na Matriz de Nossa Senhora da Conceição e cinco distribuídos nas capelas das comunidades rurais.

Paré<sup>83</sup> disse em sua entrevista que já foi Ministra da Eucaristia há oito anos atrás, e, em 2015, assumiu a função novamente, em agradecimento a Deus pelas graças e bênçãos recebidas, após ter passado por uma cirurgia e ter realizado um sério tratamento, visando o controle de uma doença grave. Ela me confessou que “não tem explicação para tanta fé. Mas a opção de ter voltado como Ministra é uma forma de agradecer a Deus mais de perto, depois de ter recebido as graças que eu tanto necessitava”.

Rosa<sup>84</sup> também revelou seu desejo antigo de ser Ministra da Eucaristia e, em 2016, após se preparar interiormente, pela primeira vez, assumiu o cargo. Alegou: “Esse preparo exige uma responsabilidade e tempo exclusivo para as funções e conta com a dedicação e doação espontânea do cristão que o assume”.

Disse que se sente muito bem no dia da comunhão aos enfermos e aos fiéis na Igreja e que Deus está junto com ela, abençoando sua família. Rosa trabalhou na Pastoral da Criança do Salão Paroquial da Vila Fátima durante seis anos, de 2007 a 2013. Encarregava-se de fazer visitas às casas das crianças de baixo peso, cuidando dos encaminhamentos médicos, das orientações às mães, quanto aos cuidados gerais e do controle das vacinas e do peso. Além

---

<sup>80</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>81</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>82</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>83</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>84</sup>Entrevista realizada em 2014.

disso, auxiliava na cozinha, na preparação da sopa, oferecida todos os dias para as crianças da comunidade.

Binho<sup>85</sup> foi Ministro da Eucaristia, pela primeira vez, em 2012 e relatou que a função de levar o corpo de Cristo para as pessoas necessitadas, os enfermos e os fiéis em geral é de grande importância para ele, que se move por uma grande emoção nessa hora. Disse que recebeu muitas graças, principalmente, quando conheceu o significado de tudo isso, sua crença em Deus aumentou ainda mais. Afirma: “Muitas coisas mudaram em minha vida familiar, que se tornou mais harmoniosa; a vida no trabalho se modificou porque foi mais valorizada, e o respeito aos colegas se intensificou; a vida material também foi abençoada, através das conquistas realizadas pelos pedidos feitos com muita fé”.

Mara Lu<sup>86</sup>, esposa de Binho, foi Ministra da Eucaristia por duas vezes, de 2006 a 2007 e de 2014 a 2015, e disse: “Essa experiência foi única, pois só quem participa pode sentir a relação muito íntima com o divino, que se faz presente e que traz Deus ainda mais para perto. É uma experiência inexplicável que ensina muito, tanto na Igreja quanto nas casas dos doentes, mas levar o Santíssimo Sacramento nas residências das pessoas acamadas é a maior emoção vivida, pois os olhos dos doentes brilham ao ver a chegada do Santíssimo que leva bênçãos para eles”.

Na vida pessoal de Maria Lu, também ocorreram mudanças positivas, e ela agradece a Deus pela superação de muitas dificuldades. Disse: “Aprendi muito com os doentes, ao levar a imagem Jesus para eles, pois eles ensinam muito sobre a fé [...] Esta é uma experiência para o resto da vida [...] Quando eu estiver preparada para me dedicar de corpo e alma, quero assumir novamente essa função que exige tempo e dedicação”.

Tito<sup>87</sup>, esposo de Pará declarou sua grande alegria e entusiasmo no exercício das funções como coordenador da Irmandade do Santíssimo Sacramento, já no seu terceiro ano de atuação. São atividades que realiza com orgulho, demonstrando intensa dedicação e determinação quanto à sua opção pelo catolicismo. Os integrantes do grupo da Irmandade do Santíssimo Sacramento se encarregam da organização de todas as festas religiosas da Igreja Matriz e também ficam atentos às atividades gerais da Igreja para auxílio aos demais, caso seja necessário.

Como festeiro, Tito coordena a festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, todos os anos. É responsável pela coleta das contribuições dos fiéis, e, na Semana Santa, é

---

<sup>85</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>86</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>87</sup>Entrevista realizada em 2014

responsável pelos andores das imagens que saem às ruas na procissão. Participa do terço dos homens todas as segundas-feiras às 19 horas. Ao rezar o terço, os homens pedem força para comunidade, no auxílio dos enfermos. Ele declarou: “Já testemunhei muitos milagres alcançados através dessas orações e senti uma coisa muito boa e paz de espírito. Trabalhar para Deus é tudo de bom, faço com todo prazer e não meço esforços”.

Binho, como cristão, revela mais uma vez sua fé e as graças alcançadas, quanto ao trabalho junto ao COSNEC, e reafirma os resultados alcançados pelos pedidos feitos a Deus, através da fé e dos agradecimentos pelas conquistas do grupo.

Pergunta da pesquisadora: Como cristão, exercendo essas práticas junto às orações e à vida dentro de uma instituição católica, como você define sua fé e a sua intimidade com Deus?

Binho: Tudo que eu conquistei, esse trabalho como está até hoje, é graças a essa fé que a gente tem em Deus, porque sem ele a gente não é nada; tudo o que a gente vai fazer hoje a gente pede a Ele, agradece a Ele, então isso engloba tudo, graças a essa fé que a gente tem; não é à toa que, dentro do estatuto do COSNEC, a gente tem um item, lá, que a gente trabalha, que é a parte cultural, a parte social e a parte religiosa, exatamente por causa dessa fé que a gente tem em Deus.

Pergunta da pesquisadora: Detalha ela pra [sic] mim, o que consta lá sobre essa parte religiosa?

Binho: No estatuto, não tem muito detalhe da parte religiosa, é mais os atos que a gente faz, a manifestação da Missa Inculturada, principalmente a feita de Nossa Senhora do Rosário, as manifestações religiosas culturais, que é a parte do congado, as danças, então é exatamente no ato das manifestações. (Entrevista com Binho, fundador do grupo COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

Segundo Binho<sup>88</sup>, no estatuto do COSNEC, consta a prática religiosa do grupo, atrelada à cultura e às funções sociais. As atividades religiosas se referem a Missa Inculturada, realizada na festa de Nossa Senhora do Rosário e também em outras datas do ano, principalmente na Semana da Consciência Negra (SECON); as danças e os cantares do grupo, juntamente às apresentações do congado; a participação do grupo nas festas dos santos, e as rezas feitas para Deus e para a Virgem Maria, antes das reuniões, para tratar de assuntos diversos.

Paré<sup>89</sup>, Ministra da Eucaristia, disse que as rezas nas casas ocorrem sempre na época da festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, em dezembro. Antigamente, essa reza era realizada durante todo o mês de outubro, para Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Rosário. Paré e outros moradores da Vila Fátima, quando não havia luz elétrica na comunidade, saíam na escuridão com a lamparina acesa ou lanterna para fazerem as orações,

<sup>88</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>89</sup>Entrevista realizada em 2014.

que, quando encerradas, agregavam ao grupo várias brincadeiras, como as cantigas de roda e os leilões. Saíam também para as outras comunidades rurais para rezarem e usavam caixotes para a construção dos altares, ornamentados com as imagens dos santos, forrados com toalhas brancas e enfeitados com vasos de flores.

A dedicação dos integrantes do COSNEC às atividades da Igreja Católica, se constituem pelos cantos no coral de Binho, pelas frequências semanais às missas, pelas organizações das festas religiosas das padroeiras Nossa Senhora de Fátima, no Salão Comunitário da Vila Fátima, Nossa Senhora da Conceição na Igreja Matriz e Nossa Senhora do Rosário, no mês de outubro, na Igreja do Rosário. Eles se dedicam às atividades da Semana Santa, que incluem missas, procissões, rezas do terço, rezas das novenas nas casas dos moradores, nas quais levam seus santos devotos, como Nossa Senhora Aparecida e São Benedito. Os integrantes do grupo deixam claro, nessas atitudes de fé cristã, que as tradições católicas aprendidas pelos pais são praticadas no presente com o zelo de quem une a crença do Deus Trino com os elementos artísticos da cultura africana. Suas experiências nas celebrações e no espaço público auxiliam na intensidade da fé e na crença de que esse Deus cristão trará ainda mais bênçãos, através da continuidade dessas ações conjuntas, como mostra a foto14 seguinte.



Foto14: Ornamentação do Centro Afrodescendente para as atividades da Semana da Consciência Negra. (foto tirada pela autora em 2014).

Flávio, diretor do Colégio Estadual, observa que o aspecto religioso interligado às manifestações artísticas, vivenciadas pelas mulheres do COSNEC, são frutos de uma herança católica muito arraigada na cidade, mas não nega a contribuição dos mesmos para a formação da identidade do grupo, pois contribuem para o rompimento das formas autoritárias da sociedade patriarcal, que oprimiam e subjugavam as mulheres, impedindo seus avanços em vários setores sociais.

Pergunta da pesquisadora: O que evidencia o COSNEC é a manifestação artística e religiosa, como você vê a arte nesse auxílio na questão da mulher?  
 Flávio: Acho que a questão de envolver arte e religião também está ligada à tradição de nossa cidade. Tem agora bastante evangélicos, mas tem uma história de catolicismo imenso, gigantesco; então existe uma influência muito forte de catolicismo nessas expressões, e esse artesanato, essas formas de manifestação artística, as mulheres resgatando eu acho bárbaro, porque muitas das tradições que estavam até no COSNEC mesmo, das danças, as mulheres têm papel importante nesse resgate. As danças eram mais masculinas na época da escravidão e as mulheres estão tomando mais frente, ou tanto quanto os homens, lidando com essa questão de resgatar [...]. Acho

que está tudo congregado; mas porquê, como isso se deu exatamente, eu não tenho embasamento, há a evidência.

(Entrevista com Flávio, diretor do Colégio Estadual de Coronel Xavier Chaves, em março de 2015 – grifos meus.)

Binho comenta sobre a intensificação da fé que observou estar ocorrendo nas mulheres do grupo:

[...] Da maneira de eu observar, essa fé, assim, ela está crescendo muito mais, a fé em Deus e a fé em Nossa Senhora, né, por que está crescendo, porque ela passou a conhecer; então, a partir do momento que você passa a conhecer aquilo que você faz, você passa a acreditar mais, né, então essa fé delas está crescendo muito mais.

(Entrevista com Binho, fundador do grupo COSNEC, dezembro de 2014 – grifos meus.)

A fé se intensificou a partir das descobertas sobre o passado dos negros, ou seja, saber sobre a história verdadeira trouxe a liberdade de expressão nas artes, na religião, nos movimentos do COSNEC – cursos, palestras, festas, discussões sobre os vários temas relacionados às lutas pelos direitos – e a liberdade de ação dia após dia. Porém, a permanência dessa conquista se instalou devido à busca por Deus e Nossa Senhora, que também se intensificou, indo de encontro às novas atividades assumidas, desde a entrada das mulheres para o grupo.

A herança deixada pelas mães negras na sociedade brasileira, segundo Amaral (2007), favoreceu minha compreensão a respeito do empenho das mulheres do grupo pesquisado, que mesmo distantes do conhecimento sobre seu passado, muitas vezes foram líderes de suas casas e responsáveis pela criação dos filhos, além de participarem das danças congadeiras e recorrem às benzedeiras e parteiras da comunidade.

Amaral (2007) esclarece que, na sociedade ocidental, a mulher estava tradicionalmente inserida no espaço doméstico, onde criava os filhos e administrava o lar, ao passo que na sociedade africana ela participa da divisão do trabalho que lhe deu independência, mesmo no sistema da poliginia, pois, pelo fato do homem se dividir entre várias esposas, cabia a mulher o gerenciamento da casa e dos filhos. Elas também acumulavam fortunas consideráveis, passando, dessa forma, a ocupar o espaço privilegiado da sociabilidade africana, dominando o mercado, os negócios e as trocas de bens materiais e simbólicos (músicas, orações, danças, receitas para curar o corpo e aconchegar os corações). (AMARAL, 2007; BERNARDO, 2003).

Na África, muitas vezes, as mulheres dominavam a política e a administração pública, como por exemplo, a organização dos reinos fon e nagô-ioruba no quais administravam o

palácio real, e fiscalizavam o Estado. Na sociedade Ialodê, as mulheres lideravam o setor comercial, e na sociedade Gueledé, elas se encarregavam dos bens simbólicos, os rituais de fecundidade e fertilidade. Dessa forma, ao transitar entre o público e o privado, a mulher negra era livre e formava sua identidade. No Brasil, essa característica foi reconstruída pela criatividade e o sincretismo úteis à resistência e reorganização de seu papel como cuidadora do outro: rezadeira, benzedeira, ama de leite, ama seca, cozinheira, escrava de ganho, funções que lhe permitiam circular e comprar, muitas vezes, sua liberdade, marcando a matrifocalidade no mundo da diáspora, e contribuir para a permanência e o reconhecimento da cultura e religião africanas, como líderes religiosas, no espaço público. (AMARAL, 2007; BERNARDO, 2003).

A partir da década de 30 houve o avanço do movimento feminista que possibilitou às mulheres brancas o acesso à educação e empregos, e, por outro lado, nessa época, as mulheres negras permaneceram nos papéis tradicionais, que, antes eram portas abertas para a expressividade no mundo do trabalho, religião e sociabilidade. (REIS & FREITAS, 2010).

Mas, no aspecto cultural, em se tratando da presença do candomblé na vida das mães e tias negras, houve a criação e a manutenção das danças do maracatu, afoxés, jongos, cirandas, bois-bumbá, e do samba que nasceu na casa da Tia Ciata, no Rio de Janeiro, líder comunitária e religiosa. (AMARAL, 2007).

As modalidades das danças executadas pelas mulheres do COSNEC serão apresentadas no próximo capítulo, por conterem histórias e fundamentos ligados à vida do negro, que contribuem para as ressignificações vividas por essas mulheres no presente, através da prática assídua dessa arte. São danças e cantos que se relacionam intimamente com o sagrado, considerado pelas mulheres como a união da fé em Deus e aos santos que direcionam seus caminhos, trazendo vitórias, e aos quais se vinculam em seus cotidianos, numa busca permanente por proteção, ajuda e realizações em todas as suas trajetórias

### 3. AS ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS E A FÉ

As manifestações artístico-culturais se realizam especificamente, no contexto das integrantes do grupo COSNEC, através dos cantos e danças herdados dos negros africanos, que, escravos em terras brasileiras, a partir dos processos sócio-históricos pelos quais passaram, agregaram, em suas experiências rítmicas e melódicas, os elementos da religião católica, nas letras que falam do sofrimento e pedidos de ajuda a Deus e aos santos de devoção, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida e Santo Expedito.

Os cantos mostrados nesse capítulo, de procedência negra, são apresentados pelos integrantes do COSNEC em todas as suas manifestações religiosas, sendo alguns utilizados na Missa Inculturada, como consta no capítulo 4, mas que também fazem parte repertório que apresentam no espaço público e são constituídos de letras que falam da fé nos Santos devotos e das lutas no cativeiro.

As danças provenientes do congado são comentadas, pelo fato de estarem vinculadas à memória comum da diáspora africana, da escravidão e da libertação, e são praticadas no meu campo de pesquisa, como herança dos ancestrais, os negros escravizados, que determinaram sua dança e são parte expressiva da sua história. As danças do maculelê e do bate-paus, surgidas nos terreiros das fazendas e mesmo nas florestas, como defesa dos escravos frente às agressões dos brancos, são utilizadas pelos integrantes do COSNEC e detalhadas como parte expressiva das heranças artístico-culturais que praticam.

As danças afros são comentadas e utilizadas pelo grupo e fazem parte de uma modalidade semelhante às anteriores, porém diferem quanto aos gestos, por serem mais espontâneas e vibrantes. Possui a intenção de impressionar o ambiente contra os perigos ao redor e de afastar os espíritos do mal, pertencentes ao mundo invisível.

No que se refere às experiências relatadas destas mulheres, a partir da relação estabelecida entre as práticas artísticas e as religiosas, realizadas nas missas e no espaço público, observei que ocorreu a realização de um “universo de sentido”, que está sempre em expansão, sob rupturas internas, ambiguidades e autorreformulações, cujo crescimento se dá através da polaridade entre as formas de realização dos fazeres e a relação estabelecida com a dinâmica vivida no meio social. Assim, toda criação reflete a realidade e novas produções de sentido que podem ocorrer em dicotomias e reformulações (CALVANI, 2010).

### 3.1. As letras e músicas: religião e manifestações artístico-culturais

A música de procedência africana, em se tratando dos ritmos e da melodia, no Brasil, foi associada aos acontecimentos ocorridos na história do negro como escravo. Esse fato fez com que novas letras, que falam das dificuldades e do sofrimento em cativeiro, fossem acrescentadas aos ritmos e batuques vindos da África<sup>90</sup>, como também aos movimentos da dança, criados pelos cativos na luta e defesa contra as agressividades dos feitores (PINTO, 2001).

Os negros bantos, vindos da atual região de Moçambique para o Quarteirão do Mosquito, hoje cidade de Coronel Xavier Chaves, trouxeram o canto que ressoa das pessoas que se deslocam por várias regiões, onde são recompensados com moedas e alimentos. Elas se dedicam ao entretenimento, cantando histórias, literatura de cordel ou episódios e lamentações. As demais formas de cantar são realizadas em duetos ou em coro, em que uma parte executante começa e a outra entra depois, juntando-se à primeira. Nos coros, o solista começa, e, logo depois, o grupo entra com o estribilho. Mas, muitas vezes, só o solista levanta a voz, e, poucas notas depois, entram os outros, formando uma união de linhas, que se entrelaçam e seguem numa corrente musical, como a água, que também não para, nem por momentos (DIAS, 1986). O grupo COSNEC se apresenta sempre com a voz solo de Binho, que vem, logo em seguida, acompanhada das vozes femininas, em que se valoriza, além de tudo, o movimento, a linha e o entrelaçar de duas linhas.

Pinto (2001) define os sons musicais das canções dos negros como aqueles que se repetem no tempo e se constituem de duração e intensidade – mais forte ou mais fraco –; de altura – mais grave ou mais agudo –, sempre mantendo o timbre de origem na voz. São músicas que também apresentam propriedades como compasso – divisão em pequenas partes; o andamento; o ritmo – sequência dos sons –; e pausas.

---

<sup>90</sup>A proveniência dos escravos vindos da África para o Brasil - capturados a partir de várias situações em que se encontravam como prisioneiros de guerra; condenados por roubo, assassinato, feitiçaria ou adultério; penhorados como garantia de pagamentos de dívidas; e trocados por alimentos -, percorria toda a costa oeste da África, passando por Cabo Verde, Congo, Quíloa e Zimbábue e dividiam-se em três grupos: sudaneses, guineanos-sudaneses muçulmanos e bantus. Cada um desses grupos tinha um destino em sua utilidade de acordo com a necessidade comercial. Os sudaneses dividiam-se em três grupos: iorubas, gegês e fanti-ashantis vindos da Nigéria, Daomei e Costa do Ouro e foram instalados na Bahia. Os bantus dividiam-se em dois subgrupos: angola-congoleses e moçambiques, vindos da Angola, Zaire e Moçambique, correspondentes do centro-sul do continente africano e se destinavam ao Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Os guineanos-sudaneses muçulmanos dividiam-se em quatro subgrupos: fula, mandinga, haussas e tapas, e eram destinados à Bahia. (JUNIOR, 2002; MILAN. & SOERENSEN, 2015).

Os negros bantos trouxeram as heranças de sua música e dança junto à oralidade, outra característica marcante da música afro-brasileira, responsável por sua transmissão para as futuras gerações, juntamente com a presença do canto forte, que ressoa como que uma tentativa do negro de ser ouvido e socorrido. A relação entre a língua e o canto é muito presente nos negros de Moçambique, povo iletrado, isolado no ambiente natural, dono de um canto falado, recitado, em que muitas vezes a língua é utilizada quase como canto. Ao contarem histórias, os africanos imitam as vozes de animais, por meio das palavras transmitidas pela voz suave e baixa, às vezes estridente, quando cantadas em grupo. Quando o canto é acompanhado por instrumentos, a sonoridade também permanece baixa, para que o canto possa sobressair através das palavras (DIAS, 1986).

Percebi a existência de alguns traços dessa herança musical, quando assisti as apresentações do coral de Binho, que mostra características bem semelhantes, com seu canto intercalado pelas vozes das mulheres, que, depois, juntam-se ao primeiro solo, sempre mantendo uma altura mais baixa, mais suave, mesmo quando acompanhados pelo atabaque e pandeiro. A música vocal de Moçambique denomina-se linha ou ponto, lembrando o aspecto mágico que se transformou no catolicismo popular, em que a música vocal segue o esquema do canto responsorial, mais comumente com solo, terças e coro. A introdução permanece sempre a mesma, apresentando, às vezes, variações mínimas. A melodia é entoada sem esquema rítmico preciso, aproximando-se de um cantar declamado (DIAS, 1986).

Em minhas buscas pela autoria das músicas utilizadas pelos integrantes do COSNEC, não encontrei os autores específicos para a grande maioria delas, e, por essa razão, suponho se tratem de cantos de domínio público<sup>91</sup>, executados durante a Missa Inculturada<sup>92</sup> e no espaço público. Os integrantes do grupo desconhecem a autoria das canções que executam. São cantos constituídos de letra e melodia, que falam do negro em suas lutas e em sua fé, e são denominados por Dias (1986) de cantos de Moçambique, característicos dos escravos em terras brasileiras. No repertório dos integrantes do COSNEC, tais músicas possuem, em sua maioria, a temática religiosa, mas podem se referir somente às lutas pela libertação, muitas

---

<sup>91</sup>Às obras intelectuais e aos seus titulares é oferecida uma proteção pelo Direito de Autor, por um tempo limitado, que se justifica a partir de uma contribuição dos seus criadores à cultura dos povos. A atribuição a um autor de um direito exclusivo de autorização para o uso de suas obras é considerado uma troca, na qual ele pode exigir a remuneração que lhe parecer adequada. Após um determinado período seguido de sua morte, será substituído pelo direito da sociedade de poder ter acesso a cultura. Isso significa que o autor e demais titulares de direitos autorais, após terem sido beneficiados pela sociedade por um período de tempo, que se estende por toda vida do criador, e pelo prazo posterior que a Lei determinar, retribuíram à sociedade em geral, pois, desta forma, será permitido que se construa um acervo cultural, cuja utilização seja livre e gratuita, formado pelas obras que não são mais protegidas. Tais considerações permitem entender a expressão domínio público, uma vez que as obras não pertencem mais ao domínio privado (SANTIAGO, 2013).

<sup>92</sup>A Missa Inculturada está detalhada no capítulo 4.

vezes cantadas durante o trabalho nos campos, e atualmente, pelos integrantes do grupo, em suas apresentações, no espaço público.

É importante, para prosseguir com minha argumentação, que se faça a distinção entre música de trabalho e música folclórica, assim como a sua conceituação. Por música de trabalho, entendem-se aquelas utilizadas pelos trabalhadores durante a lida, cuja gente simples das regiões interioranas é quem mais se utiliza destas músicas, ao realizar suas tarefas. Assim, do lenhador ao plantador de café, passando pelo plantador de cacau e por demais trabalhadores do campo, todos cantam algo relativo ao seu trabalho. Também o fazem, as rendeiras, quando trançam os bilros para fazer suas rendas, e as lavadeiras, à beira dos rios, para lavarem suas roupas (CASCUDO, 2000).

Mas, as músicas executadas pelos integrantes do COSNEC se referem à necessidade de liberdade e de inserção na sociedade como cidadãos de direitos, que pela fé e por pedidos aos santos católicos e à Princesa Isabel, procuram um lugar de paz e alegria, através da música e da capoeira, como exemplificado abaixo.

### **Princesa<sup>93</sup>**

Princesa, minha princesa  
 Você me tirou da escravidão  
 Não acabou com o preconceito  
 Mas, fez o branco e negro dá as mãos

O negro era judiado  
Espancado, amarrado  
Que nem o cão vivia  
Sacrificado, doía em  
Chama o seu coração

Hoje em sua homenagem  
A capoeira me fez cidadão  
Com orgulho me sinto feliz  
 Sou um brasileiro dessa nação

No que diz respeito à música folclórica, Ataíde (2008) afirma que

A música é a expressão essencial na vida folclórica, juntamente como o verso e o acompanhamento instrumental [...]. É espontaneamente criada e aceita coletivamente pelo povo, transmitida oralmente para outros membros da comunidade, e tem função relacionada aos interesses da vida do grupo (ATAÍDE, 2008, p. 55).

---

<sup>93</sup>Música de domínio público. Grifos meus.

Desse modo, as raízes da música folclórica podem estar na música erudita que se cantava nas casas dos senhores, perpetuando-se nos ouvidos do povo, tal qual a modinha, as xácaras e os romances medievais, cantados ainda hoje por todo o país. Esse tipo de música tem a aceitação dos que não conhecem os aspectos teóricos da arte musical, que, mais tarde, foi modificada, ou teve o acréscimo de novos aspectos que atendem às necessidades funcionais do povo (CASCUDO, 2000).

Ainda segundo Cascudo (2000), existe uma diferença entre música popular e folclórica, sendo que a primeira se mantém conservada na memória do povo, enquanto a segunda é caracterizada por seu anonimato, por sua transmissão oral e por sua antiguidade e se constitui como o patrimônio comum da coletividade de uma região. Entretanto, deve ser frisado que, devido ao uso, a expressão “música popular” é utilizada para exprimir a escrita da música folclórica (CASCUDO, 2000).

A música folclórica<sup>94</sup>, vista sob seu aspecto funcional, possui variadas formas, que são utilizadas segundo as necessidades do povo, como a música para reza, para o trabalho, para a bebida, para a diversão e para outras condições da vida, sempre ligadas ao verso ou à dança (GARCIA, 2010). Como mostra a canção abaixo, a letra contém aspectos religiosos e de lamentações, feitos através da música tocada e cantada pelo negro.

#### **Ai meu tempo<sup>95</sup>**

Ai meu tempo, faz tanto tempo  
Que o meu tempo não volta mais  
Quando o negro de Aruanda<sup>96</sup>  
Cantava todos iguais

---

<sup>94</sup>Música folclórica é aquela que se mantém por tradição oral e é aceita pela coletividade. Pode se transformar e apresentar novos aspectos, de acordo com a vida funcional do grupo. Música popular possui autor desconhecido e uma técnica mais aperfeiçoada, sendo transmitida pelos meios comuns de divulgação musical. A moda de viola ou um ponto de macumba não são confundidos com uma marchinha de carnaval ou um samba-canção. As primeiras são criações folclóricas apreendidas coletivamente, e as segundas são obras individuais e popularizadas (ALMEIDA, s/d, p. 16). A criação coletiva e o anonimato é um dos problemas que se enfrentam no estudo do fenômeno da música popular, e, ao recolher informações no interior do país, o pesquisador encontra, frequentemente, informantes que cantam e tocam suas próprias composições, que são folclóricas, mas não por sua antiguidade, por seu anonimato ou pela ampla difusão do documento propriamente dito, mas, sim, pelo gênero e pelas particularidades rítmico-melódicas-harmônicas que apresentam, além da forma típica de interpretar do informante. Portanto, tudo isso é tradicional e é parte do patrimônio de conhecimento do povo (CASCUDO, 2000). Ataíde (2008) relata que, no caso da música folclórica, no Brasil, há uma considerável dificuldade em estabelecer as datas de suas origens; no entanto, não se pode deixar de ver que é inegável a sua permanência até os dias atuais, em diversas partes do país.

<sup>95</sup>Música de domínio público. Grifos meus.

<sup>96</sup>O termo “Aruanda” era utilizado pelos negros africanos para designar o porto de Angola e, depois, na mitologia afro-brasileira, passou a designar um lugar utópico: a África, a pátria distante, o paraíso da liberdade perdida. Refere-se ao plano espiritual sagrado, lugar onde se localizam os guias de luz, segundo as tradições da umbanda. Mas, seu significado sincrético, segundo os relatos dos integrantes do COSNEC, refere-se ao céu do catolicismo. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/aruanda>. Acesso: 02/10/2017.

Nós somos os negros de acachanga<sup>97</sup>  
 De Aruanda, de Conceição  
 Que ela nêga aruana ééé  
 Aruana ááá

E o negro fica sentado  
No batente do velho portão  
 Preto velho com sua viola  
 E o negro com seu violão

Lá na festa da Conceição  
Todo mundo pedia e chorava  
 Que o menino pegava a viola  
E o negro assim cantarolava

A letra acima fala da necessidade do negro de ser considerado igual a todos, como nos tempos de Aruanda, e ele expressa sua dor através da música, cantada e tocada com instrumentos de corda, como o violão e a viola. O tema religioso é observado em sua fé em Nossa Senhora da Conceição, que acolhe suas lamentações e pedidos.

Na letra da música abaixo, é notável o desejo do negro de ser considerado e respeitado, juntamente às demais pessoas, e, para isso, recorre à sua fé, como cristão, para a conquista da almejada igualdade como cidadão.

### **Será**<sup>98</sup>

Será eu, será ahahah  
Será eu, será camarada  
Ceguei nesta Igreja  
 Agora quero me apresentar  
Sou amigo, sou de paz  
 Tô aqui, quero rezar

Andei pelo mundo afora  
 Só sofri de solidão  
 Só na senzala eu achei um amigo  
 Um irmão

Sei que não existe trono  
 Nem coroa, nem patrão  
Será que o negro é respeitado  
Será que o negro é cidadão

<sup>97</sup>O termo “cachanga” se refere a barraco, pessoa pobre. O termo “caxanga” significa mato longo, esconderijo, (BUENO, 1987).

<sup>98</sup>Música de domínio público. Grifos meus.

As músicas cantadas pelos integrantes do COSNEC sugerem uma durabilidade, e, mesmo não havendo condições de provar a antiguidade desses cantos, têm-se a certeza de sua permanência, pois estão sendo reproduzidos por informantes dos grupos negros de diversas regiões.

### **Música da Paz<sup>99</sup>**

Um abraço negro, um sorriso negro  
Traz felicidade, negro tem sossego  
Negro sem emprego  
Negro é a raiz da liberdade

Na letra da “Música da Paz”, nota-se a necessidade de passar carinho e paz, mesmo nas dificuldades, ao mesmo tempo em que se considera a liberdade como causa maior. Essa música é cantada na Igreja e no espaço público, assim como outras, de cunho religioso.

O próximo canto é executado na abertura das reuniões do COSNEC e nos cortejos do congado da Vila Fátima. Ele mostra a importância da canção da teologia cristã, a figura da mãe de Deus, como aquela responsável pela religiosidade que se concentra no núcleo ancestral familiar originário e é executado no início de cada reunião do Centro Afro, nas missas rotineiras, quando o coral de Binho se apresenta, e nas Missas Inculturadas. Todos o cantam de pé, em devoção à Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora Aparecida. As imagens das santas são colocadas num pequeno altar, sempre organizado para os dias das reuniões e de todos os eventos realizados pelo COSNEC nesse espaço. Após cantarem esse louvor, todos rezam um Pai Nosso e uma Ave Maria, para, em seguida, darem início às atividades.

### **Canto da Virgem<sup>100</sup> (ou música da Virgem Maria)**

Oh, mamãe  
Abraça eu, mamãe  
Embala eu, mamãe  
Tem dó de mim

A síntese das linhas de força que perpassam o mito estão contidas na estrofe acima e define os parâmetros da religiosidade afro-brasileira. O mito dirige as manifestações do congado em um único campo religioso e simbólico, em que as guardas tentam convencer a

<sup>99</sup>Música de domínio público. Grifos meus.

<sup>100</sup>Canto do congo da comunidade dos Arturos, Contagem, 1997. Acervo Cachuera (MONTEIRO, 2011). Canto executado pelo congado e pelo COSNEC da Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves. Grifos meus.

santa a segui-las, e são guardas complementares, vivendo sob a tradição africana e sob a soberania do rei do congo, do qual são vassalas e devotas (MONTEIRO, 2011).

Mas, Nossa Senhora escolhe os cativos e expressa seu amor preferencial pelos negros, favorecendo, dessa maneira, as articulações das tópicas católicas com as africanas, como duas muito significativas: a da mãe e a da rainha. Um arquétipo de natureza familiar articulado a outro de natureza política, ambos no congado dão o aspecto de africanidade a fórmula teológico-política proposta pelo catolicismo (MONTEIRO, 2011).

Os familiares, como pais, mães e avós, estão vivos nas lembranças e no plano mítico do ancestral africano, expressados através da devoção à Virgem, pela qual mostram o reconhecimento da identidade étnica construída pelos laços de família (MONTEIRO, 2011).

Oi, esse povo todo é meu  
 O que não é filho, é sobrinho  
 Outros é neto, outro é irmão, ô!<sup>101</sup>

No campo simbólico do congado, ocorrem cruzamentos significativos do registro católico com o africano em torno do tema do mar, considerado fonte de sacralidade e ancestralidade. Na simbologia das culturas de língua bantu, o mar, a calunga, são identificados como a morada dos espíritos, cuja ultrapassagem define os limites entre a vida e a morte, em que Nossa Senhora do Rosário se instala, ao aceitar a homenagem dos que estão próximos dos ancestrais, os “nêgo véio”, e fazem o vínculo das comunidades atuais com o passado da escravidão. Por esse motivo, é notória a presença das guardas de marinheiros, constituídas por pessoas que não conhecem o mar, e, em Minas Gerais, os marinheiros buscam o outro mar, a calunga, que os levam de encontro aos velhos laços familiares (MONTEIRO, 2011).

Observo que a música, cantada pelos integrantes do COSNEC, por ser uma abstração cultural como as demais, mostra uma diferenciação frente aos demais grupos, com uma forma de linguagem e de ritmos peculiares, ligados a todo um conjunto de hábitos, costumes, vivência em comunidades, que os negros apresentam em seus cantares num entendimento específico nas suas formas de expressões.

A oralidade contida na transmissão do saber musical dos antepassados foi transmitida para os moradores da Vila Fátima pelos seus avós, segundo os fatos que conseguem lembrar. As mulheres do COSNEC vivem essa manifestação cultural desde sua infância na Vila

---

<sup>101</sup>Moçambique da Comunidade dos Arturos, Contagem, 1997. Acervo Cachuera. (MONTEIRO, 2011). Canto apresentado pelo congado da Vila Fátima e pelo COSNEC. Grifos meus.

Fátima, cujos ancestrais, os escravos das fazendas da região, já adeptos do catolicismo e praticantes das danças congadeiras, foram os transmissores dessa tradição aos seus descendentes quilombolas.

Como afirma Monteiro (2011), a longevidade da tradição do congado se encarregou de eleger reis e rainhas negros, envoltos pela corte e cortejo dançante do século XVI, desde as primeiras coroações de reis negros, que ocorreram nas irmandades negras do Rosário, em Portugal, aos reis congos das festas do calendário católico no Brasil na atualidade.

Referindo-se especificamente ao congado mineiro, Monteiro (2011) diz ser Minas Gerais o estado portador de uma forma de religiosidade congadeira fortemente estruturada com devoção peculiar, configurando com os demais grupos de outras regiões do Brasil, o mesmo campo simbólico e religioso.

Dentre as diversas versões da lenda, permanece a história da preferência da Virgem pelos escravos, pelos africanos e pelos mais humildes, com o reconhecimento do estatuto especial do “nego véio”. Isso implica a apropriação de várias tópicas do catolicismo, a partir do olhar específico do descendente de africano (MONTEIRO, 2011).

O congo em Minas revela a luta de resistência dentro da religiosidade popular, que coloca o negro diretamente em contato com os santos, permitindo que ele se reorienta de forma mais favorável, nas inversões de poder, pela reinvenção no plano do sagrado, nos laços e tradições étnicas, no interior de uma realeza negra, distante da colonização mestiça (MONTEIRO, 2011).

Sob a proteção da Virgem, o negro luta para que se liberte, para que a porta possa se abrir, como está expresso nesse canto do congo da comunidade dos Arturos, também executado pelos integrantes do COSNEC e pelo grupo de congado da Vila Fátima.

### **Coroa santa<sup>102</sup>**

Coroa santa, coroa santa  
lá no céu, lá no mar  
ô, coroa santa  
Abre essa porta pra felicidade entrar

---

<sup>102</sup>Coroa Santa é o termo que representa o reinado do congado, que abre a passagem para Nossa Senhora. As roupas são coloridas, geralmente verde e rosa, e as fitas representam as flores que enfeitam o caminho para Nossa Senhora passar. Moçambique, senhor da coroa santa, com seus bastões sagrados, conduz o reinado e cantam a memória da África e dos antepassados. Canto do congo da comunidade dos Arturos, Contagem, 1997. Acervo Cachuera. (MONTEIRO, 2011). Grifos meus.

A homenagem prestada, através da canção abaixo, à Princesa Isabel ou ao Zumbi dos Palmares, enfatizando os dois heróis libertadores do sofrimento dos negros, e obedece à escolha do grupo, quanto ao nome que desejam celebrar.

**Homenagem à Princesa Isabel<sup>103</sup>,**

Vamos todos louvar  
 A nossa nação brasileira  
Viva a dona Isabel (ou Zumbi dos Palmares)  
 Ai meu Deus  
 Que nos livrou do cativo

A louvação aos negros da região de Cabinda, província africana do norte de Angola, é central nessa canção abaixo, que também homenageia Nossa Senhora da Conceição.

**Louvação aos pretos de Cabinda ou Louvor a Nossa senhora da Conceição<sup>104</sup>**

Nós somos pretos da Cabinda de Aruanda  
A Conceição viemos louvar  
 Aranda ê, ê, ê Aranda ê, ê, á.

Segundo a afirmação de Silva (2010), a flor de Jurema, nome da canção abaixo, é considerada medicina mágica e culto de cura terapêutico, realizado em festas, orgias e delírio. No cristianismo, o vinho de uva é utilizado na eucaristia, em que, pela comunhão, a personalidade do indivíduo se une com a da comunidade. As entidades cultuadas pelos juremeiros são caboclos, mestres, reis, exus, ciganos, pombas-giras e orixás. Algumas são de origem ibérica e outras derivadas de índios e negros, que tornam, dessa forma, o Catimbó-Jurema uma religião nacional (MOTA, 2005; SILVA, 2010).

**Fulô da Jurema<sup>105</sup>(de influência indígena)**

Você bebeu Jurema  
 Você se embriagou  
 Com a fulô do mesmo pau  
 Vosmicê se levanto.

<sup>103</sup>Canto utilizado pelo COSNEC nas apresetações do maculelê e do bate-paus no espaço público, de autor desconhecido. Grifos meus.

<sup>104</sup>Música de domínio público. Canto do congo da comunidade dos Arturos, Contagem, 1997. Acervo Cachuera (MONTEIRO, 2011). Canto apresentado pelo COSNEC nas danças do maculelê bate-paus. Grifos meus.

<sup>105</sup>Canto do congo da comunidade dos Arturos, Contagem, 1997, Acervo Cachuera, (MONTEIRO, 2011), de autor desconhecido. Canto utilizado nas apresentações da dança do maculelê e do bate-paus pelo COSNEC. Grifos meus.

As celebrações litúrgicas no Brasil permaneceram fiéis à liturgia romana, ao mesmo tempo em que se uniram aos traços significativos do patrimônio humano, espiritual e cultural afro-brasileiro, tomando como foco referencial o uso e o lugar<sup>106</sup> do atabaque como símbolo de inculturação litúrgica entre meios afro-brasileiros e as assembléias litúrgicas, na celebração do mistério pascal de Jesus Cristo (BINA, 2012).

Fabrício, percussionista do COSNEC, deixou claro que o som do atabaque muda, conforme mudam os espaços performáticos da dança e do canto – na Igreja, no espaço público e quando toca na umbanda –, o que faz mudar também os movimentos dos demais instrumentos e o movimento das danças das mulheres em suas apresentações. Portanto, os movimentos na musicalidade africana geram tons em uma escala acústica que difere da sonoridade escrita em partituras de música ocidental europeia.

Os quilombos apresentam uma cultura que se materializa de forma particular. Existem muitos quilombos que, em termos de manifestações, seguem as matrizes africanas. Daí o fato de muitas comunidades quilombolas utilizarem em seus rituais o tambor, cuja simbologia é bem mais que a de um mero instrumento (SACRAMENTO, 2013).

O toque do atabaque está atrelado à intensidade do seu envolvimento com o ambiente ao redor, como relatou Fabrício, ao fazer referência à proteção sobre algum mau olhado, muito comum nos contatos com os congadeiros, conforme descrito abaixo:

Pergunta da pesquisadora: Você, como instrumentista, como é sua relação com Deus naquele momento da Missa Inculturada, repleta das músicas, dos cantos, das danças; você acha que isso tudo auxilia na intensidade desse relacionamento, desse contato com o divino, com o sagrado?

Fabrício: Ajuda, que, ali, cada um Santo tem um canto pra ele; Nossa Senhora do Rosário já tem um canto, aí cê já faz um outro tipo de toque pra tá tocando pra ela; aí naquela hora ali cê pede muita proteção a Deus. Na festa de Nossa Senhora do Rosário vem muito congadeiro, e congadeiro, se quiser, atrapalha você, na hora, ali, ele trapaia; cê não vai conseguir tocar; aí o atabaque fica mudo, não toca nada, porque assim, tem muita gente boa e ruim. Os escravo já tinha atabaque mais antiga, aí veio surgindo a atabaque nova. A mais antiga é toda amarrada de corda, amarrada com trança; a nova é toda parafusada, os detalhes dela é tudo diferente. [sic].

Pergunta da pesquisadora: Você já tocou nessas outras atabaques antigas? O que você sentiu?

<sup>106</sup>A introdução do atabaque na Igreja Católica foi permitida no final da década de 90, ao ser considerado um instrumento de animação dos cultos, e, anteriormente, foi discriminado pelos brancos, por ser usado nos candomblés e na umbanda, considerado instrumento de macumba, sendo esse preconceito passado para o povo cristão. Hoje, o sentido cultural do atabaque superou as resistências e ele passou a ser considerado instrumento direcionado para a espiritualidade do culto católico, colaborando com o processo de inculturação litúrgica, que envolve a dança, gestos, símbolos, cores e todo o corpo na celebração da morte e ressurreição de Cristo (BINA, 2012).

Fabrício: Dá um arrepio melhor na gente, o coração da gente fala mais alto um pouco e a adrenalina é maior um pouquim. [sic]. (Entrevista com Fabrício, integrante do COSNEC, em abril de 2015 – grifos meus.)

O atabaque remete Fabrício ao contato mais íntimo com seus ancestrais, e ele confessa sua emoção ao tocar nos instrumentos antigos que lhe transportam para uma dimensão maior, mais intensa, por serem originárias dos negros africanos. Portanto, o atabaque faz a mediação entre Fabrício, suas memórias e o seu sagrado, pelo toque e pelo tipo do instrumento.

Os atabaques são de grande importância para a música africana e brasileira, já que a população no Brasil é formada por mais de 40% de negros, que têm nesse instrumento a forma de expressar a cultura popular e a música sacra fiel às suas tradições, ao jeito de ser, de rezar e de viver, sendo considerado especial, por concentrar e unificar e levar à verdadeira oração, sensibilizando os fiéis, provocando júbilo, arrependimento, aclamações, meditação e concentração (BINA, 2012).

Na foto 15 abaixo, está Fabrício, tocando o atabaque à direita, juntamente com Valdo, no pandeiro, e Tarcísio, no triângulo, acompanham a dança do bate-paus, realizada em frente à Igreja do Rosário, pelas integrantes do COSNEC e seus alunos de dança, da Escola Estadual, após a celebração da Missa Inculturada, na Semana da Consciência Negra, realizada na cidade de Coronel Xavier Chaves, em 2014.



Foto15: Integrantes do COSNEC e alunos da Escola Estadual dançam o bate-paus, acompanhados pelo som do atabaque tocado por Fabrício – sétima Semana da Consciência Negra. (foto tirada pela autora em 2014).

A dança e a música eram manifestações significativas da festa do rosário<sup>107</sup>, sua batucada e cantos faziam acumular inúmeros africanos, que socializavam alegria, conversas, paixão e dores. Esse fator de agregação é encontrado na atual celebração dos integrantes do COSNEC, que alegam ser, o atabaque, sacralizado, segundo me disse Fabrício, que também fez alusão ao canzá<sup>108</sup> – feito de cana e com orifícios, tocado pelo Sr. José Carmo nas Missas,

<sup>107</sup>Essa manifestação popular e religiosa dedicada à Nossa Senhora do Rosário permitia a participação de todos os cativos, fossem eles domésticos, públicos, da produção, vaqueiros e até mesmo os fugitivos, os colonos mais distanciados da vila ou pertencentes aos senhores das outras localidades. A dança da realeza africana reflete o aspecto familiar entre os integrantes do grupo, que se encarrega de transmitir as responsabilidades religiosas e artísticas, bem como os laços rituais específicos no congado mineiro, onde um mito subjacente guia os símbolos e práticas rituais: “O mito de Nossa Senhora do Rosário no mar, ou na mata, ou no rio ou cachoeira, de onde foi retirada pela força espiritual dos negros devotos com suas danças africanas” (MONTEIRO, 2011, p. 136). A celebração à Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Coronel Xavier Chaves, é realizada em todo mês de outubro, na Igreja do Rosário, e conta com a participação do Congado da Vila Fátima, de outros grupos congadeiros da região, e do COSNEC.

<sup>108</sup>Ganzá ou canzá é um instrumento musical de percussão que se originou do quimbundo nganza que significa cabaça, cheio de grãos. Fica entre as mãos do percussionista que o chacoalha para frente e para trás ou em círculos variando de intensidade de acordo com o tempo forte ou fraco do ritmo. Sua origem é discutida entre os pesquisadores, alguns afirmam que é de origem africana e outros dizem ser ele uma variação do maracá, de origem indígena. (FERREIRA, 1986).

intercalado com o tambor – e à marimba, formada de dois arcos semicirculares, com coités de base de madeira, sobre a qual batem com um pauzinho ao modo de vaqueta.

A oralidade se confirma entre o movimento dos toques, em sua estreita relação aos movimentos do corpo, gingas e molejos, expostos na foto 16, originários dos negros bantos africanos, que, no Brasil, foram agregados à capoeira e ao samba-de-roda (PINTO, 2001).



Foto 16: Apresentação das danças afros, no espaço público, em Coronel Xavier Chaves, sob o som dos atabaques. (foto dos arquivos de Binho - 2010).

### 3.2. As danças: congado, maculelê, bate-baus e danças afros

Em 2014, estive presente na celebração da Missa Inculturada, realizada pelo grupo COSNEC, junto ao congado da Vila Fátima, na Igreja do Rosário, comentada com detalhes no capítulo 4. Nesse ano, a Semana da Consciência Negra se iniciou no último dia dos festejos de Nossa Senhora do Rosário. Portanto, foram visíveis as influências dos cantos e das danças do congado, de heranças moçambicanas, nos cantares e nas performances<sup>109</sup> religiosas dos sujeitos dessa pesquisa.

Segundo Schechner (2014), a performance pode ser entendida como a capacidade de realizar um trabalho ou uma competência, é um desempenho, uma execução, uma façanha,

<sup>109</sup>TAYLOR, D. Traduzindo Performance. In: *Antropologia e Performance: ensaios na pedra*. Dawsey, J.; Moller, R.; Monteiro, M. (Orgs.), São Paulo: Terceiro nome, 2013.

uma proeza, uma representação, um espetáculo. Esse espetáculo que presenciei, nas formas de manifestação da crença e da fé das mulheres do COSNEC, é constituído pela arte de dançar e cantar, aliados aos gestos de louvor e adoração, que unem dois tipos performáticos de expressão que se complementam, ou seja, a arte e a religião.

Como afirma Milan & Soerensen (2015), o ocidente também recebeu a dança negra e suas influências mágicas na expressão das suas forças vitais, muito notórias através das heranças do congo<sup>110</sup>, detalhadas abaixo, segundo minhas observações sobre as influências do congado nas práticas dançantes dos integrantes do COSNEC.

Monteiro (2011) comenta sobre a herança da tradição dos reinados nas irmandades negras mineiras dos séculos XVIII e XIX, que constitui um campo religioso autônomo, composto por inúmeras comunidades que compartilham da mesma devoção à Nossa Senhora do Rosário. Assim, também verifiquei que os integrantes do congado da Vila Fátima, portadora de uma formação histórica ocorrida na mesma época, na região do Quarteirão do Mosquito, na fase aurífera em Minas Gerais, hoje a atual cidade de Coronel Xavier Chaves, têm, pela pessoa do capitão, o mais velho, Sr. José Carmo, a obediência e o respeito pelo seu conhecimento e dedicação às atividades devocionais, que lidera há 50 anos, frente às atividades do grupo.

Os três tipos de danças do congado mineiro, o moçambique<sup>111</sup>, o congo<sup>112</sup> e o candombe<sup>113</sup>, constituem um mesmo universo simbólico, com aspectos musicais e poéticos semelhantes, e mostram universos artísticos diversos que se complementam na devoção.

---

<sup>110</sup>Destaca-se o aspecto religioso contido nas manifestações vinculadas às devoções à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Nossa Senhora das Mercês, Santa Efigênia, São Baltazar e Santo Elesbão, formando o traço contido em quase todas as danças populares brasileiras, que mostram o entrelace da arte e devoção. Portanto, torna-se uma religiosidade que não mostra o caráter primitivo dessas danças, mas “apresenta-se como resultado da catequese e de processos de aculturação, como expressão de um cristianismo moderno”(Monteiro, 2011, p. 60). Prosseguindo nessa argumentação, Monteiro (2011) esclarece que o caráter afro-brasileiro dessa religiosidade popular, vivida por escravos africanos e seus descendentes, refaz a discussão sobre as questões de aculturação, em que a análise da dança popular inclui os conceitos de sincretismo, de resistência e de sobrevivência cultural, que mostram o confronto entre culturas responsáveis pelo perfil da formação da cultura brasileira. O congo contém as acomodações e conflitos no interior de um catolicismo negro e popular que merecem destaque pela longevidade da dança ligada às condições históricas do surgimento da religiosidade e da africanidade. A permanência da tradição de coroação de reis e rainhas negros, por tantos séculos, juntamente à devoção católica, instiga a busca de fatores explicativos para essa unidade geral de sentido, mesmo frente às diferenças entre os grupos, que afirma uma representação de poder de natureza teológico-política, evidenciada pela realeza negra coroada, a quem se deve homenagem, amor e obediência. “Assim, existe um sentido teológico-político, diretamente vinculado à estruturação simbólica da expressão artístico-devocional da congada, a unificar os diversos bailados de congos, desde a Renascença até os dias atuais” (MONTEIRO, 2011, p. 60).

<sup>111</sup>Tradição africana associada ao “tronco véio” ao escravo africano, ao ancestral, àqueles que tiraram a Virgem da Pedra e a trouxeram com eles para ser reverenciada (MONTEIRO, 2011).

<sup>112</sup>O congo se constitui pelas diversas manifestações intituladas de acordo com suas características próprias: vilão, catopé, caiapó, marinheiros de guerra, congada (MONTEIRO, 2011).

O reinado do congo está vinculado, segundo Monteiro (2011), à memória comum da diáspora africana, da escravidão e da libertação, cujos ancestrais, os negros escravizados, determinaram sua dança, e são parte expressiva da sua história.

As heranças das danças de Moçambique se mostram através das guardas, que são formadas por um grupo de dançarinos detentores da expressão simbólica-narrativa, realizada pelas performances, dentro do ritual da Festa de Nossa Senhora do Rosário, classificadas segundo os locais em que o evento se realiza. Geralmente, essas performances são constituídas pelo 1) Congo, que abre caminho para o Moçambique e a coroa (o reinado), passarem. Os guerreiros, mais jovens, vão à frente, limpando o trajeto e apressando o Moçambique para receber Nossa Senhora. Essa dança é saltitante, ligeira e caracterizada pela ginga e pelo cruzamento de pernas e pés. As roupas são coloridas, geralmente verde e rosa, e as fitas representam as flores que enfeitam o caminho para Nossa Senhora passar; 2) Moçambique, senhor da coroa santa, com seus bastões sagrados, conduzem o reinado e cantam a memória da África e dos antepassados. São os mais velhos e andam devagar, em dança sincopada, que lembra o lamento dos negros, sob o ritmo suplicante do canto. Usam gungas nos pés, que representam as correntes que prendiam os escravos, onde colocavam guizos para descobrirem os negros em fuga. As roupas são de cores branca e azul, representando o manto de Nossa Senhora; 3) Candombe representa os três tambores sagrados (Santana, Santaninha e Jeremias), que retiraram Nossa Senhora do mar, e traz à presença dos vivos o mundo dos que foram, unindo vivos e mortos; 4) Catopês representam os negros, marujos e caboclos que conduzem o reinado e formam o cortejo, com os príncipes e princesas, reis e rainhas, que saem às ruas com capacetes enfeitados com espelhos, fitas coloridas e penas; 5) Marujada representa os portugueses e relembram a vinda dos africanos nos navios negreiros para o Brasil; 6) Reinado se refere à coroação de reis congos, que são perpétuos, e à constituição da corte.

Os reis festeiros mudam a cada ano e são os responsáveis pela festa do grupo. O ritual da festa é composto pelo levantamento do mastro; pela reza da matina, na madrugada, antes do nascer do sol, quando os dançarinos vão até à Igreja do Rosário, e, sob o som dos tambores, pedem proteção e licença para darem início aos festejos; e pela Missa Conga, em que os congadeiros pedem permissão ao padre para entrarem na Igreja, através dos cantos que falam da proibição da entrada dos negros na Igreja, na época da escravidão.

---

<sup>113</sup>Representa o “fundamento”, a tradição mais sólida e antiga através da música, dança e versos improvisados, a portas fechadas, onde os integrantes se reúnem para improvisar versos cantados, acompanhados por três tambores sagrados: o santana, o candongueiro e o jeremias (MONTEIRO, 2011).

O padre abre a porta para o reinado, e os dançantes entram na Igreja cantando e dançando, para o ritual celebrado, segundo os moldes católicos, mas expressado e vivenciado a partir do ritual do congado, através dos seus cantos e danças. No momento do ofertório, os símbolos da realeza (coroas e bastões) são colocados no altar, sendo devolvidos abençoados, no término da missa, aos seus donos. (MONTEIRO, 2011).

Nas várias versões do mito de Nossa Senhora do Rosário, quer esteja nas águas, no rio, no mar ou na mata, há a evidência sua preferência pelos negros e ela vem sentar-se sobre o grande tambor africano, que se converte em andor, recebendo o nome de Santana, a mãe de Maria, que a carregou no colo, ao mesmo tempo em que enfatiza o sentido sagrado dos tambores africanos (MONTEIRO, 2011).

No candombe, as danças e os instrumentos são africanos, os movimentos da dança são curvados, lembrando os escravos antigos, os animais, cobras, marimbondos; os versos falam da aguardente, dos pés descalços, da travessia do Atlântico, que lembram a origem africana da devoção e seus desdobramentos pelos descendentes, do mesmo tronco familiar contido na numinosidade da espiritualidade africana nas culturas de língua banto. O culto ao ancestral familiar ganha corpo, transformado e atualizado dentro das novas formas de sociabilidade, vivenciadas junto aos tambores sagrados, por onde rememoram os antigos e se juntam às novas gerações com a tradição. Como esclarece Monteiro (2011), no candombe, o passado se liga ao presente e prepara, no terreiro, o congadeiro do amanhã inspirado em Angola e ao Rosário de Maria (MONTEIRO, 2011).

Em Minas, no mesmo festejo, convivem dois aspectos: os batuques e os cortejos católicos, sendo o batuque considerado profano pelos brancos e sagrado pelos os negros, mas a liminaridade entre os dois lados constata a forma devocional africana de enlaçar ambos, inicialmente através do candombe, depois na guarda de moçambique e na guarda do congo, constituindo a forma de uma aculturação possível, pois a mística do candombe, do “preto velho”, está totalmente integrada ao congado; sua sacralidade se lança ao cortejo, pela improvisação poética do moçambique, e sua dança de terreiro, sempre reprimida pelos brancos, representa o *fundamento*, capaz de superar os ataques sofridos até meados do século XX, pela capacidade de reunir a comunidade para improvisar versos, dançar, cantar, e reafirmar a identidade de descendentes africanos, de negros brasileiros, filhos de escravos, interessados em preservar e elaborar suas relações internas, pelo reviver das memórias por meios poéticos e místicos (MONTEIRO, 2011).

Mas, como definir o tipo de religiosidade no congado é uma questão a ser pensada, frente às formas de viver o catolicismo, juntamente a outras formas de devoções heterodoxas

de inúmeros congadeiros, que vão à missa, batizam os filhos e são devotos dos padroeiros, mas que também entram em conflito com a hierarquia eclesiástica, ao lutarem pelos seus interesses, liberdade e independência pelo que acreditam serem suas representações tradicionais nas festas e procissões (MONTEIRO, 2011).

Muitos são umbandistas e trazem para os folguedos formas de devoções desse segmento religioso, mas a sensibilidade católica negra ocorre junto à música, dança e tambores, que correspondem à intensidade e aos sentidos exatos do louvor, unindo um aspecto institucional festivo à outra face ritual, instaurada fora dos cânones do catolicismo e da cultura hegemônica. É no espaço aberto entre elas que a dança ocupa um lugar de destaque, juntamente ao canto, como selantes da ambiguidade, através da figura do rei congo, com sua força e sua miséria (MONTEIRO, 2011).



Foto 17: Grupo de congado da Vila Fátima, participando da Missa Incultrada. (foto tirada pela autora em 2014).

O grupo congadeiro da Vila Fátima, foto 17 acima, é composto, em sua maioria, por homens, mas a participação das mulheres ganhou força com o passar dos anos. Hoje, não se limitam mais a acompanhar o cortejo como antigamente, em que as rainhas e princesas eram as únicas que podiam fazer parte do grupo oficialmente. Elas podem participar como

instrumentistas, e cuidam de todas as atividades auxiliares para o grupo, como: preparo da culinária, do espaço para o culto no salão paroquial da Vila Fátima, quando o cortejo não segue para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário ou para a Matriz de Nossa Senhora da Conceição. As mulheres podem criar, caso queiram, um novo grupo de congado feminino, como já é realidade em outras comunidades de Minas Gerais.

A casa de adobe exposta na foto 18 seguinte confirma alguns traços da tradição ainda presente na Vila Fátima, comentados no capítulo 1. Essa relíquia pertence ao Sr. José Carmo, e foi o espaço que o abrigou, junto à sua família, nas primeiras décadas do século XX. Hoje, ele a utiliza para guardar instrumentos e roupas do congado.



Foto 18: Casa de adobe, na Vila Fátima, preservada pelo Sr. José Carmo, onde guarda os instrumentos do congado. (foto tirada pela autora em 2017).

A devoção do grupo de congado da Vila Fátima, se mantém como prática religiosa de fiéis ao catolicismo, unidos pelo parentesco e pelos laços de vizinhança, em que todos se consideram da mesma família, após muitos anos de contatos no bairro, sendo que a linhagem de parentesco considerada detentora do saber dessas práticas é a que pertence ao Sr. José Carmo. Ela acentuou a rede de relações místicas com seus ancestrais, dos quais se tornou aprendiz e fiel, agregando os laços familiares entre os vivos, na atualidade.

Dessa forma, percebo que o congo de hoje se defende da desqualificação da cultura negra, imposta pela cultura hegemônica, e abre espaços para transmutar o sentido de suas festas, dando ao rei sua legitimidade dentro da comunidade, fato que me faz pensar sobre o aspecto político articulado ao fazer artístico, junto aos elementos tradicionais e expressivos da festa, considerando fundamental importância a sua história e formação.

O maculelê e o bate-paus são as duas modalidades de danças praticadas originadas das lutas e das defesas dos negros, no Brasil – ambas com possíveis heranças indígenas. A capoeira, foi a primeira manifestação de luta e dança ensinada por Binho, como mostra a foto 19 abaixo. No momento, está sendo praticada pelo grupo Fica, da comunidade da Vila Fátima.



Foto 19: Grupo Raízes, de Capoeira Regional, criado pelo Binho, na década de 1980, na Vila Fátima. (Foto dos arquivos de Binho – 1985)

O Maculelê é uma manifestação cultural que surgiu na cidade de Santo Amaro da Purificação – Bahia, onde também se originou também a Capoeira. É uma expressão teatral que narra, através da dança e de cânticos, a lenda de um jovem chamado Maculelê, corajoso guerreiro, que se tornou o herói de sua tribo, ao defendê-la sozinho dos ataques de outra tribo rival, usando apenas dois pedaços de pau (ALMEIDA, 1970).

Prosseguindo em sua definição sobre o Maculelê, Almeida (1970) diz que uma das versões sobre sua origem conta que ele era um negro fugido, que tinha doença de pele, e foi

acolhido por uma tribo indígena, ficando sob seus cuidados. Mas, pelo fato de não ser um índio, não podia realizar todas as atividades com o grupo. Um dia, ao ser deixado sozinho na aldeia, quando toda a tribo saiu para caçar, uma tribo rival aparece para dominar o local. Maculelê, usando dois bastões, lutou sozinho contra o grupo rival e venceu a disputa, passando a ser considerado um herói na tribo (ALMEIDA, 1970).

Mas, existem várias versões que tentam contar sua origem, que é considerada africana por alguns e indígena-brasileira por outros. Por isso, alguns dizem ser, o maculelê, uma mistura dos dois. O Mestre Popó, considerado pai do Maculelê, afirma ser, ele, uma invenção dos escravos no Brasil, assim como a capoeira (ALMEIDA, 1970).

Outra lenda conta que Maculelê era um índio preguiçoso que não fazia nada com habilidade; por esta razão, ficava com as mulheres da aldeia, enquanto os outros homens da tribo iam para caça. Certa vez, a aldeia foi atacada por uma tribo rival, e Maculelê derrotou os inimigos com apenas dois bastões, mas morreu, devido aos ferimentos, sendo aclamado como herói (ALMEIDA, 1970).

O Maculêle, sempre executado sob o som do atabaque, do agogô e do ganzá, existe desde 1757, em Santo Amaro da Purificação, simbolizado pelas cores branca e vermelha nos rostos, que assustavam as pessoas, sugerindo serem originárias de algumas tribos africanas, como por exemplo, os Iorubas. A palavra “maculelê” em seu neologismo, maka do umbundu: desafio provocação, e lele do umbundo: leve e rápido, adquiriu o significado de barulho, algazarra e vozeria. Também é considerado um neologismo, criado a partir de duas expressões uma indígena (iemacu) e a outra africana (culelê). Mas, na verdade, fica muito difícil identificar exatamente qual grupo étnico está associado à origem do Maculêle, que pode ter surgido dos Cabindas, dos Gêges, dos Angolas, dos Moçambiques, dos Congos, dos Minas, dos Cababas, entre outros. (MUTII, 1968).

Portanto, a dança do maculelê é realizada por bastões e grimas, demonstrados na foto 20 seguinte, e a todas as músicas são tocadas em tempo quaternário, por meio de atabaques e pandeiro (SILVA, 2010).



Foto 20: Dança do maculelê, pelos integrantes do COSNEC, no palco do Espaço Social de Coronel Xavier Chaves. (foto dos arquivos de Binho – 2010).

Os cânticos do maculelê são muitos, e cada grupo tem preferências distintas. Uns provêm das canções dos escravos, outros se referem à cultura indígena e são executados durante toda a apresentação da dança, sendo destinados às partes das encenações que compõem as apresentações. A música cantada denominada de Maculelê é sempre utilizada nos movimentos da dança, que também leva o seu nome, e da capoeira. A letra faz um cumprimento a todos e lembra a valentia do negro Maculelê, que, segundo a lenda, derrotou sozinho os inimigos (SILVA, 2010).

#### **Cântico “Boa noite”<sup>114</sup>**

Ô boa noite, pra quem é de boa noite  
 Ô bom dia, pra quem é de bom dia  
A bênção, meu papai a bênção  
 Maculelê é o rei da valentia

Maculelê de onde é que veio  
 Eu vim de Angola ê  
Mestre Popó de onde é que veio

<sup>114</sup>Música de domínio público. O Mestre Popó, divulgador do maculelê, e os instrumentos percussivos de origem africana, o atabaque e o agogô, são homenageados nessa letra. A terra natal distante, Angola e Aruanda, são citadas juntamente às figuras de parentesco, pai, avô e filho. Grifos meus.

Eu vim de Angola ê  
 E o atabaque de onde é que veio  
 Eu vim de Angola ê  
 E o agogô de onde é que veio  
 Eu vim de Angola ê

Tindolelê, Auê Cauiza  
 Tindolelê é sangue real  
Meu pai é filho, eu sou neto de Aruanda  
 Tindolelê, Auê Cauiza

Durante a apresentação do maculelê, a história é contada através dos cantares, que são respondidos por todos, juntamente às batidas dos bastões sob o ritmo do atabaque. Os componentes, que representam a tribo rival, formam um círculo em volta de uma pessoa, que representa o herói. Todos sustentando um par de bastões nas mãos (SILVA, 2010).

Hoje o maculelê se mantém preservado como patrimônio cultural, graças à sua incorporação por grupos de capoeira, que incluíram a dança nas suas apresentações, em batizados e em festas populares, seja ela de origem negra ou indígena, sempre evidenciando os traços da miscigenação cultural (ALMEIDA, 1970).

Araceli, professora do maculelê e do bate-paus no COSNEC, disse que iniciou o interesse pelas danças afrodescendentes, quando pesquisou sobre as suas origens, mas, principalmente, por ter sido envolvida com os ritmos e batuques que trazem alegria e desprendimento, assim como ouvi de todas as mulheres do grupo. Os ritmos dos instrumentos são atrativos fortes que as animam e as transportam para os tempos de seus antepassados. Araceli também afirma ser, a dança negra, voltada para a luta e a religiosidade, no sentido da adoração, muitas vezes, expressados ocultamente nos grupos dos negros que eram proibidos de manifestar sua fé em seus deuses da religião de origem africana. A história do maculelê ilustra essa realidade, por ser a luta que uma tribo indígena travou contra os feitores, na defesa do negro chamado Maculelê, que havia se refugiado nesse grupo, pedindo socorro. Araceli define, abaixo, os detalhes da dança do maculelê e bate-paus.

Araceli: A luta, a dança, é feita com bastão, que era o que eles tinham pra [sic] lutar, e com facões também; só que hoje não é tido como uma luta, é como uma dança, mas todo movimento que a gente faz é de uma luta; a gente representa em dança, mas ele é uma luta que uma tribo indígena traçou com os feitores.

Pergunta da pesquisadora: E as outras danças, o bate-paus?

Araceli: O bate-paus também, é como to [sic] falando, tudo é uma dança escrava, é uma luta que, hoje, nós do COSNEC apresentamos como dança, então é uma defesa que os escravos tinham em relação aos feitores.

(Entrevista com Araceli, integrante do COSNEC, em março de 2015 – grifos meus.)

A dança do bate-paus não tem uma origem definida e surgiu através do contato dos negros com os índios. A diferença entre as duas modalidades, ou seja, entre a dança do maculelê e a dança do bate-paus, está relacionada ao tamanho dos bastões que são movimentados, durante a performance, em gestos de lutas travadas no ar. Os bastões do maculelê são menores do que os bastões do bate-paus, mas todos são pintados com cores alegres. O movimento das duas danças é semelhante, porém diversificado em coreografias que dão liberdade de criar novos passos, mas que obedecem às expressões de negro em luta.

Segundo Garajo (2017), a dança do bate-paus é originária da cultura do povo Terena, do Chaco Paraquai, que abandonou a região, em meados do século XIX, devido à Guerra do Paraguai. Os terenas permaneceram firmes em sua tradição cultural, sendo a dança da Ema, conhecida também como a dança do bate-paus, a de maior importância para eles. Os guerreiros dançavam uma coreografia ritmada por instrumentos, o tambor e a flauta, confeccionados por eles, e usavam, como adornos, saias e cocares feitos com pena de ema, que foi substituída por fibras ou palhas. Atualmente, essa etnia se concentra no estado de Mato Grosso do Sul, e mostram criatividade nos movimentos coreográficos corporais que fazem alusão aos relatos pós-guerra (GARAJO, 2017).

Em meus contatos com as pessoas do grupo COSNEC que se interessam pelos estudos dos estilos de danças negras, verifiquei que, atualmente, o que eles chamam de danças afros<sup>115</sup> vai de encontro ao conceito de Ferraz (2012), ao afirmar que essa modalidade dançante é realizada pelas mulheres e os homens que mostram muita ênfase nos gestos que lembram os grupos tribais africanos em sua sensualidade, mais do que em sua defesa, porém agregam movimentos da capoeira e do maculelê, de acordo com o tipo de coreografia.

A dança afro, denominada também de moçambicana, assim como os cantos, é espontânea, vibrante, uma forma de exteriorizar forças interiores, para impressionar o ambiente visível, por meio de ruído, como meio de defesa (dança de guerreiros, defesa contra os perigos do mato), como também influenciar o ambiente invisível das forças supremas, dos antepassados e espíritos. Por isso, a dança adquiriu um caráter sagrado, em que o corpo em movimento, em vibração, entra em comunhão com as forças vitais, com tudo que os dançantes

---

<sup>115</sup>Considerada portadora de vários sentidos, a dança afro se relaciona a um culto e à música, portanto, tem relação com a religião e com a arte. Interpretada ao som dos tambores, os negros a executam em saltos indescritíveis. No Brasil, tornou-se uma dança mesclada com as danças africanas e brasileiras, acentuando os movimentos dos braços, mãos, cabeça, tronco (ondulação e contração), quadris (movimentos pélvicos) e molejo, com expressão facial e roupas de acordo com a intenção da manifestação (MILAN & SOERENSEN, 2015).

adoram e temem, liga os vivos aos antepassados, facilitando a comunhão com eles, e, além disso, reforça o elo comunitário (DIAS, 1986).

A dança moçambicana, conforme esclarece Dias (1986), na sua espontaneidade, é inseparável da música acompanhada por tambores, maracas, flautas, xilofones e o canto. Também existe, em muitas sociedades negras, a dança como diversão em pares, que começou a partir da destribalização, devido à influência da civilização ocidental.

No COSNEC, a dança afro foi praticada, anteriormente, por outras pessoas que saíram do grupo, e exige maior desprendimento nos movimentos, segundo os relatos das mulheres entrevistadas, que brincaram, dizendo ser a “dança das mais jovens”.

Na foto 21 abaixo, as integrantes<sup>116</sup> do COSNEC, apresentaram a dança afro, em 2012, na Semana da Consciência Negra.



Foto 21: Dançarinas das danças afros do COSNEC. (foto dos arquivos de Binho – 2012).

A foto 22, em sequência, mostra a dança afro, apresentada no pátio do Centro Afro, na Semana da Consciência Negra, em 2013, pelas integrantes do COSNEC, juntamente às dançarinas da oficina de dança que Araceli oferece, todos os anos, aos alunos das Escolas Municipal e Estadual, visando divulgar a arte dos antepassados negros.

---

<sup>116</sup>Essas integrantes pertenceram oficialmente ao COSNEC, mas formaram, em 2013, na Vila Fátima, um grupo individual de danças afros, denominado Aláfia.



Foto 22: Dança afro apresentada pelas integrantes do COSNEC e pelas suas alunas da Escola Estadual, no pátio do Centro Afro. (foto dos arquivos de Binho – 2013).

A partir do ano de 2016, surgiu o novo grupo de “dança afro”, composto por meninas de 12 a 16 anos, das Escolas Municipal e Estadual, através das oficinas realizadas por Maria Iza, filha de Binho. Em novembro de 2017, fez sua primeira apresentação, na Semana da Consciência Negra, como grupo oficial do COSNEC.

Para os ensaios e informações aos membros do grupo COSNEC, sobre as danças<sup>117</sup>, bem como para o estudo histórico de suas origens, Araceli se encarrega de levar os conhecimentos, de ensinar as técnicas das danças do maculelê, do bate-paus e de ensaiar o grupo duas vezes por semana. Os estudos mais detalhados sobre a arte que praticam são feitos pelos membros do grupo, em alguns meses do ano, e são comentados nas reuniões realizadas no primeiro domingo de cada mês, com o objetivo de buscarem novas práticas artísticas advindas dos antepassados. As pesquisas sobre as tradições negras, como a dança, o canto, a culinária e o artesanato, são expostas na SECON, em forma de painel, nas paredes do Centro Afro, para que todos os visitantes e demais participantes possam tomar conhecimento dessas atividades.

---

<sup>117</sup>Ver sobre danças os estilos de danças negras como lundu, batuque, dança dos quilombos, samba e jongo. MILAN, J. A & SOERENSEN, C. 2015. Disponível em: [www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com); BRANDÃO, 2003; CARVALHO, 2000; CÔRTEZ, 2000.

### 3.3. As apresentações artísticas: o mercado e o consumo

Minhas participações nas apresentações feitas pelo grupo, em outros locais, fora do espaço interno da Igreja, tiveram a intenção de averiguar se o aspecto religioso estaria presente em suas emoções, vividas no contato com um público diversificado, nos lugares distintos em que praticam a dança e os cantares. Também, meu objetivo foi constatar se o resultado que a interação vivida com novas pessoas seria mais uma causa de transformação positiva para as mulheres em sua autoestima e nas formas de pensar sobre si mesmas sobre o movimento que abraçaram, rumo ao reconhecimento externo das suas identidades como pessoas e como descendentes quilombolas.

O grupo se apresenta em outras cidades, a convite de outros grupos e entidades que valorizam a cultura e a história negra, e participa das festas de congados, festas da Igreja católica, festas das cidades e em datas cívicas, sempre através do canto e da dança do maculelê e do bate-paus. Alguns integrantes, como Binho, Fabrício e Valdo, responsáveis pelos toques dos instrumentos, cantam juntos, para que os outros elementos do grupo, constituído, em sua maioria, pelas mulheres, possam se dedicar aos movimentos da dança.

Durante os seis anos de trabalho constante, o COSNEC se apresentou cinco vezes em São João del-Rei, na festa do congado em Matosinhos, realizada em todo mês de outubro, para Nossa Senhora do Rosário; duas vezes em Barroso, na festa da padroeira; uma vez em Diamantina no feriado de sete de setembro; três vezes em Barbacena, na época da exposição agropecuária; uma vez em Nossa Senhora dos Remédios, na festa da padroeira; quatro vezes em Resende Costa, na festa da padroeira; e uma vez em São Gonçalo do Amarante, também na festa da padroeira.

Zilda, integrante do COSNEC, comentou, em sua entrevista, a respeito da valorização, curiosidade e carinho do público espectador e eu comprovei esse fato, ao presenciar a admiração das pessoas que se aproximam das mulheres, para perguntar sobre as danças e os cantos que apresentam. A interação dos integrantes com o público, bem maior do que com as pessoas da cidade de origem, cria novas expectativas, alegrias e a certeza de que a identidade do grupo afrodescendente quilombola é reconhecida e respeitada.

Pergunta da pesquisadora: Como foi participar em outros locais? Em São João...

Zilda: O pessoal, lá, dá muito mais valor do que os daqui. Alegres, participativos, ajuda, tá lá com a gente, em tudo, tudo [...]. Ali, fizemo muita amizade, conversamo muito [sic].

(Entrevista com Zilda, integrante do COSNEC, em novembro de 2014 – grifos meus.)

Bia relatou que, ao saírem para outras cidades, a felicidade entre as companheiras sempre se faz notar, sendo transmitida também para o público, que se encanta e se aproxima, para se comunicar com as integrantes, fazendo elogios e perguntas. Também observei e informei sobre essas atividades, ao ser indagada por pessoas que me viam fotografando e filmando o grupo.

Pergunta da pesquisadora: Viu mudança nas mulheres que dançam aqui no COSNEC?

Bia: Vi, porque a gente sai pra fora, e as meninas fica mais feliz, uma felicidade um com o outro. A gente dançou em São João, no teatro Manicômio, até achei que era pra gente doido, mas é teatro, nós fomos muito bem aplaudido, a gente dançou na rua, foi muito bom, a gente foi muito bem recebido, é o que eu falo, quem é de fora dá mais valor do que quem é daqui de dentro; o pessoal lá fora ficou encantado. Eu lembro quando a gente tava passando no carnaval e o cara que ficava pra separar as alas falou assim: o que vocês vão apresentar, mostra uma coisinha pra nós aí, e a gente mostrou o que nós ia apresentar, ele disse: que legal. Na avenida inteira a gente dançou [sic].

(Entrevista com Bia, integrante não oficial do COSNEC, em março de 2015 – grifos meus.)

A alegria e despojamento das mulheres do COSNEC se expressa pela execução de suas danças e cantos na rua, e elas me confessaram que a mesma fé manifestada na Igreja está ali, presente nos gestos e na coragem de mostrar para os outros sua arte. Sempre fazem oração em conjunto, antes das apresentações nas ruas, onde levam os cantos que falam sobre o negro e sua fé em Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora Aparecida. No dia da apresentação em São João del-Rei, rezaram o Pai Nosso e Ave Maria, além de cantarem o canto que sempre abre as atividades do grupo, já exposto, dedicado à Nossa Senhora do Rosário.

As apresentações no espaço público, em se tratando de outras localidades, são feitas nas ruas onde desfilam, mostrando o espetáculo no espaço contínuo. Outras vezes, apresentam-se em círculos, quando estão, por exemplo, no salão ou no palco de algum teatro. O vestuário varia no modelo e nas cores, mas são sempre fabricados artesanalmente com tecidos de chita ou de saco branco, acompanhado de adornos – colares, pulseiras e turbantes – que lembram as vestimentas das mulheres negras do tempo da escravidão.

Os instrumentos, ainda tocados apenas pelos homens do grupo, também vestidos com roupas típicas dos escravos, são os mesmos que executam na Igreja, ou seja, o atabaque, o berimbau, o pandeiro, o chocalho, o tambor e o triângulo.

Mas, todos os integrantes, os homens e as mulheres, comentam sobre a diferença na forma de comunicação com o público, que favorece a divulgação das atividades e dos sentidos

atribuídos às práticas do grupo. São feitos novos contatos e novos convites para outros eventos, além de promoverem o conhecimento de outros trabalhos semelhantes aos do COSNEC.

As entrevistadas, integrantes do COSNEC, Rosa<sup>118</sup> e Maria Luíza, disseram que se sentem muito felizes, ao perceberem a influência que os ritmos e as danças causam na sensibilidade das pessoas, e Maria Luíza relata que passou a se comunicar com outros grupos de congado e de danças. Ambas recebem o público que, geralmente, chega até elas, para indagarem sobre suas heranças e aprenderem sobre seus costumes.

Pergunta da pesquisadora: Você viaja com o grupo?

Maria Luíza: Viajo, gosto muito, a gente já foi em Diamantina, Ouro Preto e mais lugar, que não tô lembrando agora [sic].

Pergunta da pesquisadora: Por que você gosta?

Maria Luíza: Pra gente conhecer outras coisas, lá, também, fora; já encontramos outros grupos de congado, danças; a gente conhece bastante gente diferente [sic].

(Entrevista com Maria Luíza, integrante do COSNEC, em novembro de 2014 – grifos meus.)

O efeito sonoro dos ritmos dos instrumentos é sentido e demonstrado pelos movimentos dos corpos, não apenas das integrantes do grupo, mas também das pessoas presentes, que acabam dançando e se empolgando com os batuques.

Na apresentação feita na Missa Inculturada<sup>119</sup>, celebrada no adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em novembro de 2014, o movimento da dança envolveu muitas pessoas, que se alegraram com os ritmos e dançaram, ao assistirem à entrada das mulheres com as vassouras, o incenso, as flores e os alimentos. Nas ruas, em São João del-Rei, no carnaval de 2014, as expressões corporais das mulheres do COSNEC e do público foram mais soltas, por ocorrerem numa época carnavalesca, e foram animadas pelo ritmo dos sons dos tambores e do atabaque.

Mas, retomando a reflexão sobre os conceitos e sobre as influências da performance nas manifestações da cultura popular, observo que as práticas artísticas, mostrados através da memória, possuem no corpo que fala, dança e canta a fonte de expressão mais significativa, denominada por Mauss (2003), de “As técnicas do corpo”. São as formas pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma maneira tradicional, usam o corpo em suas expressões concretas e abstratas, para expor sua intenção devocional, sua mensagem performática teatral, religiosa e social (MAUSS, 2003).

---

<sup>118</sup> Entrevista realizada em 2014

<sup>119</sup> Comentada com detalhes no capítulo 4.

A reflexão sobre o corpo, suas práticas e o seu posicionar no mundo são fatores importantes para o estudo antropológico da devoção mariana do catolicismo popular, e torna-se o principal elemento de análise indispensável para uma área que se dedica à compreensão dos fenômenos religiosos nas experiências com o sagrado (PIMENTA, 2013).

O corpo do homem que crê passa por um aprendizado de técnicas corporais próprias para cada ocasião, assim como o corpo aprende a correr e comer, portanto, é um corpo construído no ato de crer, no processo físico de ficar em pé em vários momentos do evento, de caminhar no cortejo, de rezar, de seguir romarias de longas distâncias, de comungar, de dançar e de cantar. O corpo se torna biológico, social e cultural e aprende ou descarta ensinamentos, dependendo dos processos de transformações, criações, interesses e contextos, modificando-se de acordo com as crenças praticadas, podendo alcançar estados alterados, físicos e emocionais (PIMENTA, 2013).

No caminho do cortejo, na vivência do sagrado, no lugar de pagar a promessa, no ato de levar o santo de devoção, de estar em grupo, louvando, dançando e cantando, com objetos e pedidos, pelos caminhos onde se forma e se modela através da fé, da experiência de mostrar a crença contida, o corpo vai sendo construído e se transforma num corpo que crê e que se converte na medida em que a pessoa assim se converteu (PIMENTA, 2013).

Binho comenta sobre a importância de levar o conhecimento das heranças artísticas negras para o espaço público, num desprendimento e legitimação, que, no passado, mantiveram-se ocultos, perante a opressão que descaracterizava e desvalorizava os aspectos artístico-culturais afrodescendentes.

Pergunta da pesquisadora: E vocês, vão em outras cidades também?

Binho: Sim, sim, a gente tá levando todo esse conhecimento para outras cidades também, outras escolas, então, assim, é muitos convites. Graças a Deus, que a gente tá tendo essa oportunidade de tá mostrando não só esse trabalho do COSNEC, mas o trabalho dos negros, essas coisas que os negros usavam lá atrás. Essas coisas tinham que ser escondido, por exemplo, essa manifestação, essas músicas que a gente usa nos nossos rituais, são coisas que eles faziam escondido; hoje, não, hoje a gente faz nas praças, nas escolas, nas Igrejas, então a gente canta em qualquer canto, então é muito satisfatório [sic].

(Entrevista com Binho, fundador do grupo COSNEC, dezembro de 2014 – grifos meus.)

Através dos atos performáticos, tanto aqueles mostrados na Igreja, quanto os que são realizados no espaço público, as mulheres se declaram emocionadas e mais próximas de Deus. Portanto, verifiquei, em seus atos de adoração, a emoção, bem como os gestos das mãos e dos

braços sempre abertos ou em movimentos circulares, acompanhando os movimentos do corpo, que balança sob os ritmos dos instrumentos, o atabaque, os tambores, o berimbau, o chocalho e o pandeiro.

A foto 23, abaixo, mostra o momento da dança do bate-paus, apresentada pelos integrantes do COSNEC no espaço público, após a Missa Inculturada, celebrada momentos antes, na Igreja do Rosário em Coronel Xavier Chaves.



Foto 23: Apresentação dos integrantes do COSNEC – A dança do bate-paus na oitava SECON (Semana da Consciência Negra) em Coronel Xavier Chaves. (foto tirada pela autora em 2014).

A liberdade que observei nos movimentos da dança, significa para elas a vivência real da cultura dos seus antepassados, como se estivessem não apenas representando, mas em contato íntimo com suas raízes e com Deus ao mesmo tempo.

Em sua análise sobre as performances dos remanescentes de quilombos do Alto Vale do Ribeira, Silva (2013) aborda a questão da identidade étnico-racial, através da reflexão desenvolvida com base na exploração de escritos e relatos, analisados sob o prisma da teoria da performance em que os conteúdos discursivos ganharam ênfase, mobilizados pelas lideranças comunitárias em sua busca pelo reforço de uma imagem própria, identificada como remanescente de quilombo, cujo interesse maior está voltado para a obtenção do título legal de propriedade de terras ocupadas.

A noção de performances sociais encena histórias poderosas, míticas e de senso comum, que fornecem ao processo social uma retórica, uma forma de enredo e um significado. É nesse sentido que se compreendem as narrativas escritas e os depoimentos encontrados no meu campo de pesquisa, junto às mulheres do grupo COSNEC, bem como às demais pessoas moradoras da Vila Fátima, também descendentes quilombolas.

Na experiência antropológica do trabalho de campo, os relatos das lembranças pelos mais velhos, são dados favoráveis à produção etnográfica, pelo fato desses sujeitos representarem fontes importantes para a pesquisa, ao fornecerem pistas, através de seu testemunho, que são auxiliares para a compreensão etnográfica do modo e do estilo de vida do grupo investigado (SILVA, 2013).

As mulheres do COSNEC associam às suas performances uma estética específica, e ambas se constroem, juntas, pelo uso dos trajes, feitos com tecidos de algodão de padronagens coloridas e turbantes (amarrações feitas para o adorno da cabeça) e cabelos penteados, soltos, com tranças ou coques, mostrando pertencerem às diversas regiões da África. Esse fator nos remete a um imaginário estético africano único, que ultrapassa a estética pessoal de apenas cobrir o corpo e propõe uma comunicação, uma mensagem, de como são, como querem ser vistas e de onde vêm (NEGREIROS, 2017).

A moda dos integrantes do COSNEC usada nas ocasiões dos eventos se coloca em uma rede maior de sentidos, por meio de imagens (a estética), de palavras (o canto) e da ação (a dança). A indumentária é, geralmente, simples, com camisas e calças comuns aos africanos, de algodão cru e pés descalços, como percebi nos integrantes, que também pintam os rostos e as partes desnudas com desenhos que lembram as pinturas tribais dos negros africanos.

Segundo Garcia & Miranda (2010), a moda é um dispositivo social, e o comportamento orientado por ela é fenômeno do agir humano generalizado e está presente na sua interação com o mundo. No dia a dia, várias semelhanças aos trajes usados em épocas das apresentações são encontradas nas vestimentas de mulheres negras brasileiras como uma herança trazida pelas mulheres negras escravizadas, que, além de serem usadas nas ruas, são vistos em outros espaços de ritos sagrados (NEGREIROS, 2017).

O tecido colorido, referido anteriormente, feito de algodão, possui vários nomes, como *Capulana*, em Moçambique, *Pano*, em Angola, e *Wax*, na Nigéria, e foi trazido à África pelos holandeses no século XIX, vindo da Indonésia, que utiliza um método de estamperia chamado *Batik*, o qual, mesmo não sendo uma criação originária do povo africano, simboliza a estética desse continente. Portanto, a estética é, além do adorno do corpo, um método de linguagem e

modo de perpetuação e religação com a cultura do continente, pela qual se mostra de onde se é, contam-se histórias e se comunica a cultura de um povo (NEGREIROS, 2017).

As roupas de apresentação utilizadas pelas integrantes do COSNEC formam um figurino artesanal, que tem a finalidade de apresentá-las de forma bela, entretanto, sem que elas percam suas características. Desta forma, vestidas para uma exibição pública, na qual mostram, em suas vestes, a estética contida na performance do espetáculo, em cujos tecidos de chita estampados, com seus turbantes coloridos, elas trazem a memória do vestuário dos seus antepassados, envolta por uma beleza singular, construída pelo regionalismo e religiosidade que envolve o grupo.

A história da estética apresenta uma variedade de definições da arte e do belo que expressam a essência da arte como imitação e da arte como um prazer. A arte, como imitação, refere-se à relação desta com a natureza; a arte como prazer refere-se à relação entre esta e o homem. Os problemas discutidos no campo da estética se apresentam sobre três aspectos: 1) a relação entre a arte e a natureza; 2) a relação entre a arte e o homem; e, 3) a função da arte. No que se refere à arte em sua relação com a natureza, pode-se entendê-la como dependente ou condicionada como imitação, como criação, como construção, como subordinação. A arte como imitação, partindo da definição filosófica ocidental, subordina a arte à natureza ou à realidade, sem que o artista possa ter percepção a respeito de algo que imita. Na atualidade, a teoria da imitação não possui mais o caráter passivo da formulação clássica (ABBAGNANO, 2007).

No que se refere à dinâmica das mulheres em suas apresentações, a emoção evidenciada em seus gestos atrelados às novas formas de cantar e orar, característicos do grupo, em suas buscas pelas heranças culturais, vai de encontro à formulação de Abbagnano (2007), que mostra a arte como subordinação e imitação. Mas, arte como criação estética é considerada uma continuação da atividade criadora de Deus, em que cabe ao artista dar sentido e sensibilidade viva, além de formar e exprimir o significado que o inspirou de modo espontâneo e com ímpeto. Assim, a arte sempre produz algo novo, uma situação espiritual causada pelo artista, portador do espírito criador livre (ABBAGNANO, 2007).

Devo ressaltar ainda que a arte, para Lukács, é definida como um “reflexo da realidade”, em que esta é o resultado da interação entre a natureza e o homem, interação mediada pelo trabalho e pela sociedade em sua dinâmica histórica, o que torna a arte o modo de expressão mais elevado da autoconsciência da humanidade (ABBAGNANO, 2007).

O elemento estético consiste na subjetividade sentimental que conforma um pensamento e na representação na qual esse pensamento se desenvolve e atua, referindo-se,

ainda, aos meios técnicos de expressão (ABBAGNANO, 2007). A arte como construção diz respeito ao encontro do homem com a natureza, sem destituí-la, pois é um ato reflexivo, de encontro, de prazer e libertação, portanto, uma atividade lúdica. Na estética contemporânea, predomina o conceito da arte como construção e sensibilidade. O objetivo da estética é a perfeição do conhecimento sensível, e essa perfeição é a beleza, a expressão que vê na arte uma forma final das vivências, das atividades, das atitudes humanas (ABBAGNANO, 2007).

São três as categorias que definem a manifestação do sensível apresentadas por Peirce (2003). A primeira delas, denominada primeiridade, afirma que o sensível é aquilo que nos toca antes mesmo de ser compreendido; é algo que nos chama a atenção para o que vem adiante e que, após ser vivido como uma experiência sensível, provoca a reflexão sobre seu efeito. Como exemplo, o cheiro da rosa, a emoção sentida perante uma música tocada, o sentimento de amor, a novidade, a liberdade. A segunda categoria acolhe as ocorrências desses aspectos para que, em seguida, possam ser generalizadas de acordo com os fenômenos vividos, em sua terceira fase.

Schiller (2002), diz que o sensível é aquilo que chama a atenção pela estética, no primeiro momento, e, em sequência, esse sentimento é descrito verbalmente, segundo o conceito próprio de cada indivíduo que o vivencia.

A filosofia da estética de Schiller (2002) considera o impulso lúdico como o estágio transicional capaz de comportar o jogo entre o impulso sensível e o racional que, harmonizados, proporcionam plenitude ao homem.

Winnicott (1975), afirma que é apenas no brincar que o homem, criança ou adulto, pode desfrutar de sua personalidade de forma integral. Cabe aos adultos propiciarem à criança a oportunidade de ser criativa, de desenvolver a autoexpressão, e harmonizar aspectos externos e internos, numa zona intermediária que possibilita essa harmonização entre o dentro e o fora, entre realidade interna e o real compartilhado.

São muitas semelhanças entre a fenomenologia de Peirce (2003), o pensamento de Winnicott (1975), e o romantismo de Schiller (2002): a valorização da emoção como fonte de saber; da criatividade do artista considerada mais importante do que a adequação às normas; a importância da espontaneidade para que o indivíduo expresse sua autenticidade. (REIS & FREITAS, 2010).

A relação entre a arte e o homem se refere à posição da arte nas categorias espirituais que se remetem a três concepções fundamentais: a) a que considera a arte como conhecimento; b) a que considera a arte como atividade prática; c) a que a considera como sensibilidade. A arte como atividade prática é considerada por Aristóteles como objeto da

poética, portanto, da produção, e foi considerada como atividade lúdica por Spencer, que a designou como um fim em si mesma. Em Nietzsche, a arte é considerada um sentimento de força e de plenitude que transborda para o mundo das imagens e dos desejos; é a exaltação do sentimento da vida se constituindo em plenitude, afirmação e divinização da existência. (ABBAGNANO, 2007).

A arte, como sensibilidade, é uma tese platônica que se caracteriza, no século XVIII, como perfeição da sensibilidade, que possui dois elementos fundamentais: o conceito de gosto e o sentimento. Segundo Baumgarten (1993), a estética teria como objetivo a perfeição do conhecimento sensível enquanto tal, sendo essa perfeição considerada a beleza. A beleza é um prazer considerado como a qualidade de algo que se relaciona sempre a “uma emoção, um afeto da nossa natureza volitiva e valorativa” (ABBAGNANO, 2007).

Portanto, segundo Siqueira (2015), a dimensão do sensível, que está relacionada aos fatos, sensações, emoções, sentimentos, ritmos e gestos, requer uma análise e observações que vão além das perspectivas lógicas inseridas numa cultura racional, objetiva e fruto de um projeto de modernidade, ou seja, “pensar sobre a dimensão do sensível, da emoção, do *pathos*, sobre o corpo que a comporta e sobre os meios de comunicação leva a construir uma série de questionamentos” (SIQUEIRA, 2015, p. 9).

O sensível, na comunicação que as mulheres do COSNEC estabelecem com o público, dá-lhes, além da alegria, a certeza de que a transmissão das raízes dos antepassados, através da dança e do canto, afirmam sua identidade renovada na atualidade, além de firmar a autonomia, que acreditam ser a causadora de uma articulação com o mundo fora da comunidade, criando relações afetivas e respeitadas de trocas de informações e de aprendizagem.

O papel desempenhado pelo corpo nesses fazeres é de fundamental importância, por ser o transmissor das emoções sentidas e passadas para o grupo e para o público que assiste ao espetáculo. Portanto, conforme Siqueira (2015), toda comunicação é um fato social carregado de significados e de expressão de valores subjetivos e materiais por onde o corpo transita.

A fala de Fabrício, percussionista, mostra a comunicação feminina acentuada pelo movimento dos corpos das mulheres do COSNEC, que trouxe, como consequência, o exercício da posse sobre seus gestos, em suas novas formas de transcendência, com seu sagrado e com sua identidade.

Pergunta da pesquisadora: Como as mulheres se soltaram mais?

Fabrício: Tem a dança afro; a dança afro, os home também pode tá dançando, mas assenta mais pra mulhé, porque as mulhé sabe mais, tem mais

gingado; os home também tem muito gingado, mas, na hora que a atabaque começa falar mais alto, as mulhé solta o corpo, o sangue agita [sic].

(Entrevista com Fabrício, percussionista do COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

Lia, integrante do COSNEC e primeira mulher a ocupar a presidência do grupo, de 2011 a 2014, descreveu suas emoções, abaixo, ao entrar dançando na Missa Inculturada<sup>120</sup>, vestida com as roupas da época dos escravos e sob o ritmo dos instrumentos musicais. Disse que se sentiu transportada para o passado negro, como se estivesse vivenciando tudo no tempo em que essa cultura emergiu com os negros nos terreiros.

Lia: Eu sempre convivi com os negros e sempre me senti como se fosse uma deles, e minha entrada para o grupo me deu orgulho de poder estar junto, de participar e ajudar em tudo. Hoje sou a presidente e fico preocupada em fazer o melhor. A dança me deixa solta, vestir as roupas, os enfeites, os turbantes [...] mudou minha vida como pessoa, como mulher.  
(Entrevista com Lia, integrante do COSNEC, em agosto de 2014 – grifos meus.)

A veste e o estilo são comunicações estéticas que revelam pessoas, que atraem e cativam ou causam repulsas, além de agirem como mensagens portadoras de significados, com poder de persuasão e encantamento. Ter, na aparência, uma finalidade, um ato, faz promover ordenação de sentidos, que tem o corpo como referência, como portador de símbolos de poder com grandes significados, como expressão de desejos sinceros de identificação mimética, representada na roupa e em seus adereços, e como construção da personalidade, como representação de modelos de vida e contextos (PORTELA, 2013).

A foto 24 seguinte mostra as integrantes do COSNEC, ao lado de Binho e Valdo, no momento de confraternização, após se apresentarem, dançando e cantando a música “Aquarela do Brasil”, no dia 07 de setembro de 2017.

---

<sup>120</sup> Detalhada no capítulo 4.



Foto 24: As integrantes do COSNEC se apresentaram, no dia 07 de setembro, cantando a música “Aquarela do Brasil”. (foto dos arquivos de Suelen – 2017).

A modificação nas formas de exercer a fé e a arte faz parte do processo de hibridização, pois as mesmas, ao se modificarem, modificam também as culturas e as identidades de um determinado grupo. No processo de globalização por qual tem passado a sociedade, as mulheres do COSNEC buscam viver suas vidas sobre um determinado princípio, dogma ou costumes que lhes favoreçam consolidar, criar ou modificar suas formas de cultura. Não se trata apenas de buscar a herança cultural, mas, sim, de criar um novo modo de vida, mesclado aos valores advindos de outros grupos, e perpassam pelo poder simbólico que algumas instituições detêm sobre outras, entre as quais estão as de ordem religiosa (CANCLINI, 2008).

O momento de descontração, visto na foto 25 abaixo, ocorreu após a apresentação do grupo realizada no espaço público, no dia 07 de setembro de 2017, na cidade de Coronel Xavier Chaves, onde as integrantes do COSNEC apresentaram a dança do bate-paus, após cantarem a música “Aquarela do Brasil”, conforme exposto acima.



Foto 25: Integrantes do COSNEC comemorando a apresentação realizada no dia 07 de setembro de 2017, na cidade de Coronel Xavier Chaves. (foto dos arquivos de Suelen).

A arte, desde muito tempo, tem sido celebrada pelo seu poder de comunicação, de unificar e de harmonizar a sociedade, pelo fato de alimentar a harmonia da pessoa. A percepção estética combina as outras formas de percepção, a sensual e a intelectual, que dividem o homem. Através de seu conteúdo estético, a arte une a sociedade, ao se relacionar ao que é comum a todos, pois os conflitos, rivalidades e disputas em suas áreas contribuem para o surgimento de criatividade (SHUSTERMAN, 2008).

O próximo capítulo trata de apresentar as novas relações do grupo COSNEC, que ocorrem a partir das comemorações e dos novos contatos com demais grupos, realizados na Semana da Consciência Negra, no mês de novembro, na cidade de Coronel Xavier Chaves, apresentada em suas origens e genealogias. O item 4.2 mostra, com maiores detalhes, as atividades, participações e manifestações religiosas do COSNEC, que são realizadas nessa data, e, em seguida, no último item, 4.3, está exposta a celebração detalhada da Missa Inculturada.

## **4. A SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA**

Este capítulo apresenta as origens da Semana da Consciência Negra e as atividades realizadas, no mês de novembro, pelo COSNEC, que celebra, todos os anos, a data do dia 20 de novembro e conta com a participação de outros grupos culturais da cidade de Coronel Xavier Chaves e de outras localidades.

Nessa semana, a Missa Inculturada é organizada pelo grupo e celebrada na Igreja do Rosário ou na Matriz de Nossa Senhora da Conceição. As origens dessa forma de culto foram expostas no item 4.3 desse capítulo, juntamente às suas formas de expressão, que são utilizadas pelos grupos afrodescendentes, formando um conjunto de símbolos significativos para a vivência da fé dos descendentes dos escravos convertidos ao catolicismo.

### **4.1. Origens e genealogias**

A apresentação desse breve panorama histórico sobre o movimento negro no Brasil, tomando como referência a obra de Nascimento (2008), tem por objetivo situar o dia 20 de novembro, que deu origem à Semana da Consciência Negra, oficializado pelo poeta idealizador, professor e pesquisador gaúcho, Eduardo de Oliveira e Oliveira (1941 - 2009), um dos fundadores do Grupo Palmares, em 1971, que reunia militantes e pesquisadores da cultura negra brasileira, em Porto Alegre. O dia 20 de novembro foi escolhido e comemorado pela primeira vez nesse mesmo ano, por ser o possível dia da morte de Zumbi dos Palmares, em 1695 (NASCIMENTO, 2008). A ideia de se comemorar esse dia atingiu vários outros movimentos sociais de luta contra a discriminação racial e se transformou em uma proposta nacional do Movimento Negro Unificado, além de motivar a promoção de fóruns, debates e programações culturais sobre o tema em todo o país (NASCIMENTO, 2008).

O Rio de Janeiro foi o primeiro município a instituir o feriado, desde 1995, e quatro Estados da União decretaram feriado estadual: Alagoas, Amapá, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro. Apesar de não ser ainda considerado um feriado nacional, alguns municípios decretaram esse dia como ponto facultativo, como ocorreu na cidade de Coronel Xavier Chaves, graças à ação do COSNEC, conforme exposto no Capítulo 1 (NASCIMENTO, 2008).

Em 2003, o Dia Nacional da Consciência Negra foi incluído no calendário escolar, pela Lei Federal nº 10.639, que tornou obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-

brasileira – a história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional–, nas escolas de ensino fundamental e médio públicas e particulares (NASCIMENTO, 2008).

O movimento social afro-brasileiro, no século XX, deu prosseguimento a uma luta em ação, desde os primórdios da formação do Brasil, quando a resistência quilombola atravessa o período colonial e imperial, auxiliando na desestabilização das estruturas da economia escravocrata – movimentos negros registrados de maneira precária em documentos<sup>121</sup> perdidos, esgotados ou inacessíveis –, originários de uma comunidade destituída de poder econômico e político, composto por entidades instáveis, sem infraestrutura, sem espaço físico e sem o apoio da sociedade civil, fator que auxilia na formação da imagem da sociedade negra com pouca tradição de luta antirracista (NASCIMENTO, 2008).

A imprensa negra, que atuou de 1914 a 1931, tratou de denunciar o preconceito e incentivar a luta contra ele e propôs papel educativo para as comunidades negras. O jornal paulista *Clarim da Alvorada*, fundado em 1923, reergue a memória das lutas dos antepassados e convoca a comunidade para dar prosseguimento a elas, juntamente às lutas pelo combate à discriminação. Em 1931, foi realizado o grito de protesto com a fundação da Frente Negra Brasileira, composta, em sua maior parte, por mulheres, que, até 1937, ocupou-se com protestos contra a exclusão do negro do mercado de trabalho, do sistema de ensino, dos órgãos públicos e dos espaços em geral (NASCIMENTO, 2008).

Ocorreram dissidências por questões políticas, na ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932, quando se formou uma nova frente negra, denominada Legião Negra, que se uniu à luta dos rebelados; e a Frente Negra Socialista, em 1933, organizada por um grupo socialista que discordava das tendências monarquistas. Com o advento do Estado Novo, a Frente Negra foi fechada e se transformou em União Negra Brasileira, que comemorou os 40 anos da abolição, em 1938, transformando-se mais tarde no Clube Recreativo Palmares (NASCIMENTO, 2008).

No Rio de Janeiro, nessa fase, existiam várias organizações negras que, apesar das dificuldades financeiras, mantinham contato com o mundo africano na luta negra internacional. A consciência e identidade negras se firmaram, no sentido de fazer valer a história em que o negro se situa como seu construtor, consciente do seu papel, tão importante

---

<sup>121</sup>Diante dessa escassez de fontes, as obras de Florestan Fernandes (1978) e de Bastide & Fernandes (1973) deixam um legado rico em transcrições de fontes primárias, extraídos dos jornais da época. Outras fontes importantes são o catálogo de uma exposição de publicações da imprensa negra, realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 1977; o arquivo pessoal de Abdias Nascimento, fundador e diretor do Teatro Experimental do Negro, constituído pelo acervo de fotos, panfletos, manuscritos, recortes de jornais e programas de teatro, e a coleção do jornal *Quilombo*, que é parte desse acervo (NASCIMENTO, 2008).

quanto o do branco, já envolto por uma nova postura crítica frente à política do embranquecimento (NASCIMENTO, 2008). Esses movimentos conseguiram abrir espaços discursivos e divulgar seus projetos e entidades na luta pela afirmação de sua identidade, no confronto do *ethos* de um discurso avalizado pela ciência do seu tempo, dizendo “não” à ideologia racista imperante na sociedade brasileira (NASCIMENTO, 2008).

A abertura política advinda do fim do Estado Novo em 1945 promove a discussão de grandes temas nacionais, que davam subsídios à eleição da Assembléia Nacional Constituinte, suporte para o Estado democrático no período do pós-guerra. A ANB (Associação do Negro Brasileiro), fundada em São Paulo, junto às outras associações afro-brasileiras nesse período, como a *Alvorada*, a *Tribuna Negra*, *Mundo Novo*, *Novo Horizontee* a *Frente Negra Trabalhista*, imprensas paulistas, que possuíam uma consciência internacional através dos contatos com o mundo externo, ao passo que, no plano interno, o discurso da democracia racial se consolidava pelo fim da segunda guerra (NASCIMENTO, 2008).

O TEN (Teatro Experimental do Negro), fundado por Abdias Nascimento, no Rio de Janeiro, em 1934, ligou a teoria à prática, graças a atuação política de afirmação e valorização da cultura brasileira de origem africana, assim como o jornal *Quilombo*, que denunciava as discriminações e apoiava as demais organizações espalhadas pelo país. O TEN fundou a Convenção Nacional do Negro e lançou o “Manifesto à nação brasileira”, que reivindicava direitos e extermínio das discriminações aos negros, além de formar duas organizações de mulheres negras, em 1950, que propunha oferecer serviços sociais às comunidades negras, época em que também foi realizado o 1º Congresso do Negro Brasileiro (NASCIMENTO, 2008).

Na segunda metade do século XX, de 1960 a 2001, a agência histórica afro-brasileira apresentou evolução em seu movimento social, devido ao movimento poético da *Negritude*—que, no contexto brasileiro, representava a identidade do descendente de africanos com sua origem e com o compromisso de luta do negro brasileiro discriminado— e do quilombismo—proposta teórico-política de Abdias do Nascimento, apresentada no 2º Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado no Panamá, em 1980, que propunha a justiça e igualdade às populações historicamente discriminadas, inclusas numa sociedade multirracial escravista (NASCIMENTO, 2008).

Na década de 1970, surgiram várias organizações negras no país, que expandia a ação da comunidade afro-brasileira. O MNU (Movimento Negro Unificado) foi fundado em 1978, em São Paulo, contra o racismo e a discriminação racial, possuindo delegações em vários estados do Brasil, e, em 1980, a fundação do Memorial Zumbi, organização que reuniu uma

ação conjunta entre entidades da sociedade civil organizada (a maioria delas do movimento negro), órgãos públicos e setores do Estado, propunha o reconhecimento de Zumbi dos Palmares como expressão de luta de igualdade, que, em sua significação simbólica, tornou-se marco importante do movimento negro. Assim, o dia 20 de novembro, aniversário do assassinato de Zumbi, foi definido como Dia Nacional da Consciência Negra, data considerada feriado em vários estados e municípios (NASCIMENTO, 2008).

Em 1982, foi realizado o 3º Congresso de Cultura Negra das Américas, que propiciou o encontro dos representantes do movimento negro brasileiro com diversos integrantes das Américas e da África, impulsionando o movimento social afro-brasileiro, na ampliação dos esforços para contribuir com a campanha contra o racismo. Na Nova República, com a criação do Memorial Zumbi, a implementação das políticas públicas específicas à população negra foi reivindicada e diversos programas e departamentos para assuntos afro-brasileiros foram criados no intuito de colocar em prática tais propostas, que só foram efetivadas na década de 1990 (NASCIMENTO, 2008).

A Constituinte de 1988 favoreceu o avanço político do movimento social afro-brasileiro, estabelecendo o racismo como crime inafiançável e imprescritível, além de determinar a demarcação das terras quilombolas, fase em que também foi criada a Fundação Cultural Palmares, que, nessa data, comemorou o centenário da abolição. Ocorreu a atuação independente das entidades negras que trabalham nas áreas da saúde, dos direitos humanos e da educação. A mobilização dos negros nos partidos amadureceu, aumentando o número de candidatos negros para as eleições, e surgiram organizações em sindicatos, que trabalham a favor da igualdade racial. Foi criado o movimento pela reparação, como indenização financeira a indivíduos vítimas da escravização, que criou formas de compensação coletivas através dos fundos específicos para o desenvolvimento de programas de ação afirmativa para comunidades negras carentes. Surgiu o Movimento das Mulheres Negras, que, desde a década de 1970, mobiliza mulheres do movimento feminista mundial, em sua proposta de implantar políticas de igualdade racial (NASCIMENTO, 2008).

A evolução da atuação política de parlamentares afro-brasileiros foi marcada, em 1991, pela posse de Abdias Nascimento no Senado Federal e, em 1994, pela eleição ao Senado de duas mulheres negras, Benedita da Silva e Marina Silva. Um fato que marcou essa presença foi a inscrição oficial do nome de Zumbi dos Palmares no livro do Pantheon dos Heróis Nacionais em Brasília, junto à implementação do artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição Federal, que garante a demarcação das terras quilombolas (NASCIMENTO, 2008).

No ano do tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares, 1995, a comunidade afro-brasileira demonstrou maturidade e organização, através das manifestações, dos atos públicos, do festival de cultura negra, dos congressos e dos eventos nacionais e internacionais, da Marcha contra o racismo à Brasília, época da criação do GTI (Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra) e da divulgação do livro didático sobre a vida de Zumbi dos Palmares para as escolas (NASCIMENTO, 2008).

A proposta de instituição de políticas públicas para a população negra foi incluída na Ação Compensatória ou afirmativa, rerepresentada por Abdias Nascimento, em 1997, reafirmada pelo projeto do Estatuto de Igualdade Racial. Em 2001, a 3ª Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, realizada em Durban, África do Sul, propiciou um contexto para a consolidação e o desenvolvimento das articulações políticas, visando à conquista das políticas públicas contra a discriminação e a favor da igualdade racial (NASCIMENTO, 2008).

A Conferência Regional das Américas, realizada em Santiago, no Chile, em dezembro de 2000, articulou várias organizações dos movimentos negros, indígenas e de outros setores, que iniciaram relações com os romanis (ciganos) e os dalit (casta dos chamados intocáveis da Índia e do Paquistão), além de promover, pela Fundação Sulista de Educação (SEF), de Atlanta, a união entre o Brasil, Estados Unidos e África do Sul no combate à discriminação racial nos três países (NASCIMENTO, 2008).

No Brasil, a Conferência e a participação no processo preparatório favoreceram a inclusão de afrodescendentes nos quadros elevados do funcionalismo público. O Ministério do Trabalho instituiu comissões para combater a discriminação e incentivar a inclusão em igualdade de condições. Em 2003, as universidades públicas e algumas universidades particulares iniciaram a implantação de programas de ação afirmativa, com vários tipos de iniciativas das políticas públicas. Nesse ano, também foi criado o Seppir, órgão governamental coordenador da implementação das políticas públicas através das agências municipais e estaduais de direitos humanos, que, juntamente ao programa de ação afirmativa, consolidam seus afazeres, frente às muitas dificuldades, no Brasil do século XX (NASCIMENTO, 2008).

Segundo Nascimento (2008), todo esse processo foi conduzido pelo movimento social afro-brasileiro, que contou com o apoio de aliados, intelectuais e pesquisadores de órgãos oficiais, que legitimaram o discurso do movimento negro, dando sustentação à proposta de políticas públicas que visam à erradicação das desigualdades raciais. Dessa forma, as conquistas e demais reivindicações em torno das discriminações ao negro, advindas do

conjunto de ações a favor da causa dos afrodescendentes, são discutidas e celebradas na Semana da Consciência Negra.

Acontecem nessa semana diversos polos de debates em torno das questões raciais e a celebração das conquistas surgidas pelas das lutas do movimento negro, conforme verifiquei em meu grupo de pesquisa, COSNEC, que realiza e comemora o dia 20 de novembro, durante a Semana da Consciência Negra de Coronel Xavier Chaves, conforme exposto na foto 26. Esse evento é voltado, especialmente, para a comunidade, a cultura e as tradições negras, mas também reúne vários grupos de outras associações da cidade; e, juntos, vivenciam momentos de alegria através das danças, dos cantos e da religiosidade.



Foto 26: O grupo das mulheres do COSNEC, cantando na Missa Inculturada celebrada na festa de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja do Rosário em Coronel Xavier Chaves. Início da sétima Semana da Consciência Negra. (foto tirada pela da autora em 2014).

O preconceito é um assunto debatido nas palestras realizadas na Semana da Consciência Negra pelo COSNEC, no Centro Afro, que visam a conscientizar sobre a importância de sua erradicação. A exposição de artesanatos, culinária, danças e cantos afirma a identidade negra em seus aspectos ancestrais, inseridos no contexto contemporâneo pelas trocas culturais que se dão através do contato com outros grupos da cidade. Segundo Laplantine (2008), são ocorrências sociais do cotidiano que nos levam à compreensão de como as identidades se constituem junto aos processos de subjetivação. .

Laplantine (2003) diz que a cultura é expressada pelos atos individuais dos integrantes de um grupo em suas produções originais – artesanais, artísticas e religiosas –, que formam o aspecto social e a cultura constituída pelas relações que se estabelecem em seu meio, não mais como resultados das heranças trazidas pela tradição, mas, como um processo, através das trocas que ocorrem nos espaços em que vivem e criam novos hábitos e, conseqüentemente, outras identidades.

Portanto, segundo Sacramento (2013), os remanescentes quilombolas devem ser observados a partir da identidade construída historicamente, que vem se reafirmando com o passar do tempo, em suas relações construídas pela memória individual e coletiva. Eles fazem parte de um processo sócio-histórico, espaços de identidade, memória e cultura, pelos quais se estabelecem no ambiente da diversidade, que vai muito além de um campo negro, no qual se movimentam entre a história passada e a história presente.

Como afirma Canclini (2003), as identidades não devem ser consideradas um conjunto de traços fixos ou a essência de uma etnia ou nação, pois a história dos movimentos identitários revela uma série de elementos de épocas distintas, entrelaçados a outros grupos, que lhes conferem coerência, dramaticidade e eloquência. Por essa razão, percebi que o COSNEC, em sua forma de agir, de se organizar, de se comunicar e de pensar, unido às suas heranças ancestrais, tornou-se um grupo aberto para entrelaçar sua história negra às outras identidades dos grupos da cidade e de outros locais, cada qual em suas diversas origens, que se comunicam e interagem entre si.

#### **4.2. Atividades, participação e manifestações religiosas**

A primeira SECON (Semana da Consciência Negra) ocorreu, segundo Binho, quando o COSNEC se oficializou como grupo, em 2009, e contou com o apoio da prefeitura da cidade, do Padre Roberto, falecido em 2014, quando ainda se encontrava na cidade vizinha de Lavras, e do Padre Lúcio, atualmente residente em São Paulo. As atividades apresentadas foram realizadas somente na Praça Gonçalves Lara, pelo fato do Centro Afro não ter sido ainda construído, mas contou com a participação de toda a cidade. Foram apresentadas palestras sobre a importância do movimento de conscientização e da valorização da história e da cultura negra, que estava se iniciando através do COSNEC, as danças do maculelê e bate-pause a primeira Missa Inculturada, confirmando mais uma vez a presença da religião em todas as atividades do grupo.

Nesse ano, 2009, foi realizado o primeiro desfile da Beleza Negra, como também a Oficina de Tranças, para ensinar os cuidados e as novas estéticas dos cabelos dos negros. O Grupo Bataka, de Belo Horizonte, coordenado por Evandro Passos, apresentou-se com as danças afros e trabalhou junto ao COSNEC de 2009 a 2013, ensinando as modalidades e as técnicas das danças afro-brasileiras, uma novidade para as pessoas da cidade, que passaram a conhecer mais sobre a cultura do povo negro.

A segunda SECON, realizada em novembro de 2010, contou com a participação das duas escolas da cidade, a Escola Municipal e o Colégio Estadual. Também fizeram parte os grupos de dança hip-hop de São João del-Rei, o GAATI (Grupo de Atividades e Apoio à Terceira Idade) e o PSF (Programa de Saúde à Família), que cantaram e dançaram, como aconteceu nos anos seguintes, em que tais grupos se tornaram assíduos nessa festa. Binho observou que a conscientização das pessoas, em geral, sobre a cultura e a história dos afrodescendentes aumentou e que o feriado do dia 20 de novembro, já instituído por lei, em 2009, fora respeitado em seu primeiro ano de implementação.

As terceira, quarta, quinta e sexta SECONs, segundo as informações de Binho, deram continuidade, passo a passo, ao movimento de conscientização do COSNEC, que passou a englobar outras atividades, como o teatro e as oficinas das danças do maculelê, e bate-paus, além de dividir o espaço das apresentações na Praça Gonçalves Lara e no Centro Afro, que já havia sido construído, desde 2011.

Como em todo mês de novembro, a sétima SECON aconteceu no ano de 2014 e teve início no último dia da festa do Rosário, que foi transferida do mês de outubro para o mês de novembro, como mostra a foto 27 abaixo, com objetivo de unir os grupos de congado junto ao COSNEC e às celebrações da Missa Inculturada, conforme acompanhei e registrei com fotos e filmagens.



Foto 27: Missa Incultrada e início da sétima SECON (Semana da Consciência Negra), organizadas pelo COSNEC. (foto tirada pela autora em 2014)

Assim, conforme presenciei na sétima SECON, em 2014, e segundo as afirmações de Binho na entrevista abaixo, a evolução, a respeitabilidade, a visibilidade e o reconhecimento dessas iniciativas, relacionadas à realização da Semana da Consciência Negra, tornaram-se destaques na cidade e na região.

Pergunta da pesquisadora: Temos aí novembro de 2014 com muitas atividades?

Binho: É, exatamente, nós estamos inteirando a sétima SECON, Semana da Consciência Negra, e, cada ano que passa, vai crescendo a nossa feira. Então a gente trabalha uma semana de atividades, [...] É uma semana muito importante, que tem palestras, tem oficinas, que tem muitas comemorações. Essa semana, ela inicia uma semana antes do 20 de novembro, que é o dia maior, o dia da consciência negra, pra nós do COSNEC, afrodescendente, moradores da Vila Fátima e do município. É uma semana muito importante. Então, esse ano de 2014 vai inteirar a sétima SECON [sic].

(Entrevista com Binho, fundador do COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

Os atrativos da sétima SECON, de 2014, obtiveram apoio das Escolas Municipal e Estadual, centros educacionais de renome na região, onde foram feitas oficinas de danças afros, maculelê e bate-paus, mostradas na foto 28.



Foto 28: Oficinas de danças do bate-paus e maculelê coordenadas pelo Binho e Araceli, integrantes do COSNEC, na Escola Estadual – Coronel Xavier Chaves. (Foto tirada pela da autora em 2014).

As palestras sobre as artes afrodescendentes, sobre a escravidão no Brasil, sobre as leis a favor da igualdade de direitos, sobre a arte e a religiosidade afrodescendente, sobre a formação do Brasil Colônia e sobre as atividades e projetos do COSNEC foram realizadas por Binho, pelos professores dessas duas escolas e da Universidade Federal de São João del-Rei, pelos pastores evangélicos e pelo padre Ramiro, no Centro Afro da Vila Fátima. Nesse local, também se apresentou o grupo de teatro “Manicômio”, de São João del-Rei, onde também foram feitos os convites para a participação dos alunos nos ensaios das danças, realizados durante o ano.

As demais atividades da semana, concretizadas na Praça Gonçalves Lara, contaram com a participação dos grupos de danças funk dos meninos e das meninas (fotos 29 e 30 abaixo) da Escola Estadual e com o desfile da Beleza Negra, realizado pelas jovens da comunidade Vila Fátima.



Foto 29: Grupo de funk dos meninos da Escola Estadual se apresentando na festa do COSNEC Semana da Consciência Negra, em Coronel Xavier Chaves. (Foto tirada pela a autora em 2014).

A próxima foto 30 mostra a participação do grupo de dança funk, feminino, da Escola Estadual de Coronel Xavier Chaves, na Semana da Consciência Negra, sétima SECON, em 2014.



Foto 30: Grupo de funk das meninas da Escola Estadual se apresentando na festa do COSNEC, Semana da Consciência Negra, em Coronel Xavier Chaves. (Foto tirada pela autora em 2014).

O desfile da beleza negra, exposto nas duas fotos 31 e 32 seguintes, ocorreu na sétima SECON, em 2014.



Foto 31: Desfile da beleza negra na Semana da Consciência Negra, realizada pelo (Foto tirada pela autora em 2014).

Após o desfile a vencedora recebe o prêmio de uma integrante do COSNEC, que também cumprimenta as demais participantes, conforme registrado da foto abaixo.



Foto 32: Desfile da beleza negra na Semana da Consciência Negra, realizada pelo (Foto tirada pela autora em 2014).

As mulheres do grupo GAATI (Grupo de Apoio às Atividades da Terceira Idade), na próxima foto 33, dançaram e cantaram uma música composta por uma das companheiras do grupo em homenagem ao Jequitibá, árvore tricentenária da cidade tombada pelo patrimônio histórico.



Foto 33: O Grupo GAATI (Grupo de Apoio à Terceira Idade) na Semana da Consciência Negra realizada pelo COSNEC em Coronel Xavier Chaves. (foto tirada pela da autora em 2014).

A próxima foto 34 mostra a apresentação do grupo de caminhada do PSF (Programa de Saúde à Família), constituído por mulheres e homens que dançaram, vestidos a caráter dos anos 60, a música dessa época intitulada “Estúpido Cupido”.



Foto 34: Apresentação do Grupo da caminhada do PSF (Programa de Saúde da Família) na Semana da Consciência Negra organizada pelo COSNEC, em Coronel Xavier Chaves. (Foto tirada pela autora em 2014).

Flávio, diretor do Colégio Estadual de Cel. Xavier Chaves, falou em sua entrevista sobre a parceria feita com o COSNEC e enfatizou a necessidade de dar continuidade às atividades em conjunto, durante todo o ano, para que as manifestações não fiquem concentradas apenas na Semana da Consciência Negra, mas que possam ocorrer em outras datas, possibilitando a realização de outros projetos culturais e sociais.

Pergunta da pesquisadora: Vocês participaram ativamente da Semana da Consciência Negra. Como você vê essa iniciativa do Binho e do pessoal lá do COSNEC?

Flávio: A parceria, a gente tenta manter com ele sempre. Sinto um pouco de falta do contato prolongado, uma comunhão durante o ano inteiro... Fica muito pontual pra épocas específicas... Além da Consciência Negra, o Binho também é envolvido na questão ambiental, até mesmo pela questão profissional dele [...] A gente busca abrir esse espaço para a comunidade também, a escolatá aí é pra comunidade, a gente tenta congregar, fazer uma troca de experiência e de valores [...]. A gente pretende que essas parcerias sejam prolongadas em vários aspectos, pra que a gente tenha durante o ano outros contatos, pra questão do emprego, que o COSNEC tem pensado muito ultimamente, pra que a gente busque formar parcerias nesse sentido, pra que os alunos, os pais de nossos alunos busquem, junto ao COSNEC, com suas ações, uma renda familiar mais digna, [...] espero que a gente consolide as parcerias cada vez mais [sic].

(Entrevista com Flávio, diretor do Colégio Estadual de Coronel Xavier Chaves, em março de 2015 – grifos meus.).

As parcerias das escolas, junto ao movimento da Semana da Consciência Negra, promovida pelo COSNEC, estão se afirmando a cada ano, conforme disse Flávio em sua entrevista, na qual evidencia o comprometimento e a participação dos alunos para com as questões de conscientização e as causas dos afrodescendentes.

O feriado de 20 de novembro é considerado letivo, para que os alunos possam estar presentes nas programações desse dia, inclusive os alunos da zona rural, que não teriam como participar, já que dependem do transporte escolar que transita somente em dias normais, letivos. A parceria do Colégio Estadual é garantida, como observei pela entrevista de Flávio, abaixo, que conceitua o movimento do grupo COSNEC – todas as buscas pela história, pela cultura, pelas heranças, pelas novas leis que garantem os direitos do povo negro, enfim, tudo o que se relaciona à vida do negro em sociedade enfatiza a importância para o conhecimento e a participação dos estudantes.

Flávio: No dia 20 de novembro, continua como feriado letivo, a escola sempre o coloca letivo, pra ter a garantia de participação dos nossos estudantes nas atividades da praça, porque, sendo feriado, se ele não for letivo, os nossos alunos de zona rural não tem muita oportunidade de participar, então a gente já faz isso para ter a garantia de transporte escolar, pra que os alunos que não moram na sede também tenham acesso, embora o COSNEC, por alguns anos, tenha feito atividades que eles levavam até a zona rural [...]. E, no decorrer da semana, a gente ainda tem que fechar com o Binho quais serão as atividades, as ações que nós vamos desenvolver para esse ano, enquanto participação da Semana da Consciência Negra.  
(Entrevista com Flávio, diretor do Colégio Estadual de Cel. Xavier Chaves, em março de 2015 – grifos meus.)

Assim, como relata Flávio, também ouvi de muitos entrevistados sobre a admiração e sobre a importância das manifestações trazidas pelo grupo COSNEC, concentradas não apenas na Semana da Consciência Negra, mas também em outras datas festivas da cidade, por exemplo, nas festas religiosas e datas cívicas, além das apresentações realizadas em outros locais.

A foto 35 seguinte registra o final das comemorações da sétima SECON realizadas na Praça Gonçalves Lara, num momento lúdico com os grupos da cidade, participantes do evento.



Foto 35: O grupo COSNEC interagindo com outros grupos da cidade de Coronel Xavier Chaves Sétima SECON. (foto tirada pela autora em 2014).

As atividades destinadas à oitava SECON, relacionadas no folder, foto 36, programada para o mês de novembro de 2015, contou com a pesquisa biográfica dos alunos do colégio Estadual sobre uma personalidade histórica da Comunidade da Vila Fátima do passado ou do presente, que foi premiada em primeiro, segundo e terceiro lugares, no dia 20 de novembro, e foi publicada e indicada para os arquivos das escolas, do COSNEC e da prefeitura.

**VALEU ZUMBI**

# VIII SECON

**VIII Semana da Consciência Negra  
de Coronel Xavier Chaves - MG  
DE 15 A 21 DE NOVEMBRO DE 2015**

**PROGRAMAÇÃO:**

**TEMA**  
RESGATE DAS MANIFESTAÇÕES E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Por mais forte que se tornem os galhos, quem sustenta o tronco é a raiz...  
Conheça, valorize e respeite suas origens e ancestralidade.

**DIA 15/11/2015**  
(Domingo)

20 h – Abertura Oficial  
21 h – Palestra “Mulheres quilombolas da Vila Fátima que canta sua fé e emoção nos fazeres artísticos e religiosos” com a pesquisadora e psicóloga Nilza Borges de Juiz de Fora  
Local: Centro Afro Descendentes  
Apresentação Grupo COSNEC

**DIA 16/11/2015**  
(segunda-feira)

07 h – Oficina de Bate Pau  
Local: Escola Municipal  
20 h – Palestra  
Tema: Folclore Regional  
Com Maria das Mercedes Sousa Chaves  
20:40 h – Apresentação com o Grupo de Jovens da Igreja Assembleia de Deus  
21 h – Apresentação como Grupo de Dança Alafia  
Local: Centro Afro

**DIA 17/11/2015**  
(terça-feira)

07 h – Oficina de Bate Pau  
Local: Escola Municipal  
13 h – Visita dos alunos da Escola Municipal no Centro Afro Descendentes – Conto de história com Leila Assunção  
Tema: Personalidade Negra  
20 h – Palestra com a Professora Jaine Silva Resende do IPTAN  
Tema: Estatuto da Igualdade Racial  
20:40 h – Apresentação com o grupo da caminhada

**DIA 18/11/2015**  
(quarta-feira)

07 h – Oficina de Bate Pau  
Local: Escola Municipal  
13 h – Visita dos alunos da Escola Municipal no Centro Afro Descendentes – Conto de história com Leila Assunção  
Tema: Personalidade Negra  
20 h – Palestra com Roberto Carlos (Beto)  
Tema: Como surgiu o Bairro Vila Fátima  
20:45 h – Apresentação do Grupo Mistério Exalta Cristo da Igreja Coroando Vidas.

**DIA 19/11/2015**  
(quinta-feira)

07 h – Oficina de Bate Pau  
Local: Escola Municipal  
13 h – Visita dos alunos da Escola Municipal no Centro Afro Descendentes

20 h – Palestra com o Professor Reinaldo Belarmino do Rio de Janeiro  
20:45 h – Apresentação com o Grupo da Igreja Evangélica Jardim de Deus  
21 h – Apresentação como Grupo de Capoeira  
Local: Centro Afro

**DIA 20/11/2014**  
(sexta-feira)  
FERIADO MUNICIPAL  
DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA  
“Enquanto a cor de pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra”.

08 h – Caminhada da liberdade, saída do Centro Afro Descendentes para a praça da Igreja  
Participação: Bateria Chapa Quente  
08:40 h – Cerimônia de entrega da premiação do concurso do Slogão dos alunos da Escola Estadual  
09 h – Apresentação Cultural:  
- Escola Municipal  
- Grupo COSNEC  
- Grupo de Capoeira  
- Grupo Alafia  
- Bateria Chapa Quente  
19 h – Missa Incultrada  
Local: Centro Afro Descendentes

**DIA 21/11/2014**  
(sábado)

21 h – Desfile de beleza negra  
Local: Centro Afro

**Patrocínios:**

**Apoio:**

Tempo Dinco Promoções, SICOOB, RESTA, GENO Supermercado, NAVARRO MATERIAS DE CONSTRUÇÃO, Bradesco, OP PROCOVIM, Trisco, E.M.S.M.E. Casa de Cultura Prefeitura e Câmara Municipal de Coronel Xavier Chaves.

Foto 36: Programação da oitava SECON realizada pelo COSNEC em 2015

Também foi proposto para todas as comunidades rurais a apresentação de uma atividade ligada à cultura local, como danças, cantos e artesanatos. Cada integrante do COSNEC se incumbiu de realizar pesquisas sobre a comunidade da Vila Fátima, relacionadas à memória dos acontecimentos antigos dos habitantes, em seus vários aspectos, como as rezas feitas nas casas das famílias, cantos de roda e o congado.

Foram feitas as oficinas sobre os cantos dos negros na Escola Municipal, coordenadas por Binho, além da dança do maculelê e bate-paus. As visitas ao Centro Afro foram recepcionadas pelos contadores das histórias das personalidades<sup>122</sup> negras da Vila Fátima, que significam muito para cultura da comunidade. A participação das Igrejas Evangélicas

<sup>122</sup>A parteira Joana Flor, que participou dos partos de muitos moradores da cidade como um todo; o Sr. João de Jesus, pai do Sr. Antônio Neto (pai de Binho), parentes de muitos habitantes da Vila Fátima – congadeiros que deixaram essa herança para o Sr. José Carmo, atual capitão do congado da comunidade; José Teodoro, escravo, benzedeiro, falecido há 40 anos, que viveu misteriosamente na Vila Fátima, do qual contam histórias diversas; Dona Vera, mãe do congadeiro Sr. Gerônimo, que entrevistei na comunidade, e moradora do bairro Cachoeira, que atendia todas as pessoas da cidade com seus conselhos, benzeções e rezas.

Quadrangular, Assembléia de Deus, Coroando Vidas e Jardim de Deus levaram suas palestras, danças e cantos.

Os grupos de funk dos meninos e das meninas da cidade de Coronel Xavier Chaves se apresentaram na Praça Gonçalves Lara.

Portanto, o tema da oitava SECON<sup>123</sup> versou sobre as buscas das manifestações artísticas e a preservação da memória dos antepassados negros, agregando vários grupos da cidade, conforme exposto acima, além de realizar, mais uma vez, a Missa Inculturada e o encontro interreligioso<sup>124</sup> e cultural com as demais Igrejas evangélicas citadas.

Além da participação das Escolas Municipal e Estadual, da Prefeitura e de algumas empresas locais, as pessoas que compõem o setor da economia solidária da UFSJ, que participam dos projetos sociais do COSNEC – a fábrica de costura e a fábrica das vassouras pet –, também estiveram presentes com suas palestras.

### 4.3. A Missa Inculturada

O COSNEC realiza a Missa Inculturada, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição ou na Igreja do Rosário, e conta com a participação de uma parcela bem expressiva da comunidade. No ano de 2014, fase em que estive assídua no campo de pesquisa, foram realizadas apenas duas missas, devido à dificuldade de agendamento dos participantes, frente às programações do calendário litúrgico das Igrejas locais.

Pergunta da pesquisadora: As missas inculturadas começaram antes do grupo COSNEC se oficializar?

Binho: Depois que o COSNEC firmou, se oficializou, começamos a missa na festa do Rosário; outras cidades convidaram o COSNEC para fazer a Missa Inculturada. A primeira Missa Inculturada foi feita aqui na nossa comunidade, no dia de Nossa Senhora de Fátima; inclusive, nós trouxemos o padre Lúcio para celebrar essa Missa e depois nós nunca mais paramos.

(Entrevista com Binho, fundador do COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

Para uma melhor compreensão sobre os fatores responsáveis pelo surgimento das celebrações inculturadas, é necessário o conhecimento de algumas etapas históricas ocorridas na Igreja Católica, que possibilitaram tais cerimônias, pois a realização da Missa Inculturada

<sup>123</sup>Os comentários sobre a nona e décima SECONs se encontram no capítulo 5

<sup>124</sup>Detalhes sobre o diálogo interreligioso se encontram no capítulo 5

se condiciona ao respeito às tradições católicas<sup>125</sup>, dentro dos limites impostos pelos padres, sem que se perca a característica principal da cultura afro de ser mais alegre e festiva.

Tais mudanças foram oficializadas, a partir da Inauguração do Concílio Vaticano II por João XXIII, em 1962, que reuniu os bispos do mundo inteiro e terminou em 1965, conduzido pelo Papa Paulo VI. Esse evento católico significou a adequação da Igreja às transformações políticas e sociais ocorridas na modernidade, que refaz sua doutrina referente à forma de agir no mundo, abarcando para si os conceitos de diversidade entre as culturas dos povos. O catolicismo, nessa fase, recuando na Europa e avançando na América Latina e África, necessitava ir de encontro à diversidade cultural do povo através do diálogo. Novos conceitos sobre o homem, agora visto em seu aspecto político, social e antropológico, tornam-se o centro da preocupação das missões evangelizadoras (MONTERO, 1995).

No COSNEC, o ritual é celebrado como festa, como um dia especial, em que o sacerdote comenta sobre a libertação dos escravos, dialogando, assim, com o *ethos* do povo negro, apropriado pela Pastoral Afro em contato com as religiões afro-brasileiras, pois, como afirma Amaral (2002), as comemorações nas religiões de matriz africana são realizadas na luta contra o preconceito de maneira lúdica e festiva.

Para legitimar a postura missionária da Igreja Católica, foram criados os documentos conciliares<sup>126</sup>, que legitimaram as mudanças ocasionadas pelo Concílio Vaticano II e

---

<sup>125</sup>Segundo a visão católica a respeito da fé, para uma melhor compreensão da Revelação, deve-se recorrer à Sagrada Escritura e à Sagrada Tradição, sendo a última possuidora das normas e dos dogmas que visam à transmissão divina da Palavra de Deus, comunicada oralmente pelos apóstolos aos novos cristãos e às Igrejas em geral. O conteúdo da Tradição consiste na verdade recebida de Cristo, com uma dimensão didática, instruções sobre a fé e os costumes. A Escritura surgiu para conservar a tradição oral que já existia anteriormente, e a Igreja primitiva não considerava que apenas o testemunho apostólico se limitava aos documentos escritos pelos apóstolos ou a eles atribuídos. O princípio da Tradição foi reconhecido em sua essência pelos padres apostólicos e apologistas que, na fase da incompletude do cânone, não chamavam de Escritura os testemunhos neotestamentários. Nos segundo e terceiro séculos, houve evolução no conceito de Tradição, que passa a indicar somente a transmissão oral do ensino apostólico. Nos quarto e quinto séculos, marcados pela doutrina dos padres e pela celebração dos primeiros concílios ecumênicos, o conceito de Tradição passa a significar a transmissão da revelação divina. No Concílio de Trento, Escritura e Tradição passam a ser consideradas como mediações da única Revelação. O Concílio Vaticano I retorna literalmente a definição de Revelação contida nos livros escritos e nas Tradições não escritas. O Concílio Vaticano II, através da constituição dogmática *Dei Verbum* (nº 9), afirma que a Sagrada Teologia se baseia no fundamento perene da Palavra de Deus escrita, inseparável da Sagrada Tradição (*Dei Verbum* nº 24). Em 2016, o Papa Bento XVI ofereceu à Igreja duas catequeses sobre a Tradição Apostólica afirmando que “[...] a Tradição é a continuidade orgânica da Igreja, Templo Santo de Deus Pai, erigido sobre o fundamento dos Apóstolos e reunido pela pedra angular, Cristo, mediante a ação vivificante do Espírito [...]. Assim, a Tradição é a presença permanente do Salvador, que vem encontrar-se conosco, redimir-nos e santificar-nos no Espírito, mediante o ministério da sua Igreja, para a glória do Pai”. Usando a imagem de um “rio vivo”, o Papa ensina ser, a Tradição, uma fonte de vida que conduz a todos ao “porto da eternidade” (DANTAS, 2012).

<sup>126</sup>O Decreto *Sacrosanctum Concilium* (sobre a Liturgia), o Decreto *Ad Gentes* (sobre a atividade missionária da Igreja), Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (sobre a Igreja no mundo contemporâneo) e a Declaração *Nostra Aetate* (sobre a relação das Igrejas com outras religiões não cristãs) mostram as novas formas de ação da Igreja no mundo secularizado. (KLOPENBURG, 1963).

receberam aprovação dos teólogos, religiosos e clérigos de países da América Latina e África. A República Democrática do Congo recebe permissão da Santa Sé para a realização de um rito próprio, denominado Zaireense ou congolês, adotado por outros países africanos. Na América Latina, as Conferências Episcopais Latino-Americanas (CELAM) traçaram metas para a aplicação das diretrizes do Vaticano II em suas dioceses, que, sustentadas pela Teologia da Libertação (TL), passam a apoiar os movimentos populares (OLIVEIRA, 2011).

Os movimentos negros católicos, os Agentes Pastorais Negros (APNs)<sup>127</sup> e a Pastoral Afro-Brasileira (Pastoral Afro)<sup>128</sup> nasceram dentro da corrente da Teologia da Libertação e foram os responsáveis pela condução das novas políticas eclesiais, subsidiadas pela mudança paradigmática a respeito da diversidade cultural. Esses grupos introduziram os símbolos étnicos-culturais e as discussões sobre as questões raciais na pauta das preocupações eclesiais no Brasil (OLIVEIRA, 2011).

O aval para a realização da missa afro foi concedido após a Conferência Episcopal da América Latina, realizada em Santo Domingo, na República Dominicana, em 1992, convocada por João Paulo II, que abordou as questões culturais latino-americanas e erigiu um documento final sobre a inculturação da fé e do evangelho como fundamentais para a evangelização católica, que deveria se pautar nos elementos da cultura local (CNBB, 1993).

A atuação da Pastoral Afro em Brasília, substituindo os APNs, passou a obedecer ao grupo da CNBB, e, em comum acordo, iniciaram as celebrações das liturgias inculturadas e os encontros de formações, para padronizar a missa afro, mas sem admitir a criação de um rito próprio para o grupo afrodescendente, como aconteceu no Congo. A criação de um roteiro, que seguiu o modelo da “missa dos quilombos”, indicando o que poderia ser modificado na missa latina, prevaleceu com o argumento de que os grupos deveriam trabalhar com o significado das ações litúrgicas, juntamente aos símbolos da cultura africana, ambos portadores de sentidos idênticos. Sendo assim, a inculturação aconteceu na Liturgia da

---

<sup>127</sup>Os APNs deram enfoque à variável “negro”, além das questões da pobreza enfatizadas pela Teologia da Libertação, e a utilizaram para expressar as categorias de “raça” ou de “etnia”, como também a variável “mulher”, somada às outras articulações de conflitos. Concebem sua missão em seu aspecto mais abrangente de construção social, na sua formação identitário-étnica, ao encontrarem o universo das religiões afro, em que o *ocandomblé* é considerado parte de uma identidade esquecida e censurada pela cultura nacional e religiosa dominante. Para muitos, o encontro da “religião dos ancestrais” se torna uma descoberta, antes desconhecida e desvalorizada pela socialização radical católica, que hoje é considerada “também minha” e “tendo muita coisa para nos dar” (SANCHIS, 2006).

<sup>128</sup>A Pastoral Afro-Brasileira surge a partir da necessidade da inculturação da liturgia, já instalada em algumas regiões do país, Salvador e São Paulo, pelas ordens religiosas africanas, que tratavam de conscientizar e resgatar a identidade étnica das populações negras. A partir de 1996, com sua coordenação instalada em Brasília, a Pastoral Afro ampliou o contato com outros grupos de fora da Igreja e sua ação política se estendeu para cargos oficiais do poder legislativo (NASCIMENTO, 2008).

Palavra, na Procissão das Oferendas e nos Ritos Finais, ficando as demais partes da celebração inalteradas (CNBB, 1993).

Aceitos pela hierarquia católica, os APNs se organizam dentro da Igreja, sendo os seus militantes, eventualmente, aliás, membros de outras Igrejas ou até de outras religiões. Eles estão envolvidos com a busca de suas origens e contam, para isso, com o apoio da Igreja em seu movimento de inculturação, traduzido pela Pastoral dos Negros e pela Liturgia Afro-Brasileira. As posições dos APNs a este respeito variam e se dispõem num leque, que vai desde a reafirmação de uma alteridade religiosa, apenas amenizada pelo “diálogo interreligioso”, até um pedido de iniciação formal numa comunidade de terreiro, sem que se pense ferir, com isso, a integridade da sua identidade católica, (OLIVEIRA, 2011).

Segundo Sanchis (2006),

As repercussões deste processo são imediatas nas realizações litúrgicas de que falamos anteriormente: missa ou liturgia “afro”, liturgia “inculturada”. Se o que distingue estas realizações é a presença intencional, em ritos e símbolos, da cultura negra, instrumento de uma afirmação de identidade, e se esta cultura é o locus de conservação e eflorescência da “religião dos ancestrais”, a questão vai se colocar da presença explícita desta religião no culto católico “inculturado”. De fato, que se expressaram esta presença, assegurada pelo menos através de sinais alusivos, enquanto alguns, em bem menor número é verdade, desejavam até que possa ser acolhido na celebração católica um rito formal do candomblé (SANCHIS, 2006, p. 14).

Assim, a Teologia da Libertação cede espaço para a “teologia do negro”, desenvolvida pelo Instituto Mariama (IMA)<sup>129</sup>e pelo Congresso das Entidades Negras Católicas (CONENC). Alguns padres que compõem o Grupo de Trabalho Afro (GTA) prestam serviços para a Pastoral Afro e se encarregam de articulá-la em várias dioceses, onde ela adquiriu um aspecto mais social do que evangélico. Dessa maneira, o negro deixa de ser o sujeito da evangelização para se tornar sujeito das ações sociais da Igreja, ao lado dos marginalizados, tornando-se um bem mediado pela Igreja, que abre as portas para sua cultura (NASCIMENTO, 2008).

Essa mudança de paradigma favoreceu a expressão da religiosidade afro-católica, devido ao desenvolvimento de uma teologia própria para o negro, através do congado, das festas dos santos, da difusão da missa inculturada, e das irmandades, lugares considerados espaços de resistência da cultura negra (NASCIMENTO, 2008).

---

<sup>129</sup>O IMA é uma organização que congrega diáconos, padres e bispos negros, cuja função é refletir sobre a presença do negro do interior da Igreja Católica e no Clero. (NASCIMENTO, 2008).

Durante anos, foram utilizados diferentes termos técnicos nos círculos litúrgicos, destinados a expressar a relação entre liturgia e cultura, como: indigenização, encarnação, revisão, adaptação, aculturação e inculturação. Embora todos eles transmitam a ideia de interação entre duas ou mais partes de uma cultura, não são considerados sinônimos, pelo fato de possuírem sua nuance própria. Atualmente, os termos mais usados são inculturação, adaptação e aculturação. Os dois primeiros se referem à utilização de instituições da Igreja, sendo a adaptação o programa geral de atualização, enquanto inculturação significa os meios para alcançá-la (CHUPUNGCO, 2008).

Entre os primeiros a usar o termo inculturação, em conexão com a liturgia, o professor de antropologia cultural no Pontifício Instituto Litúrgico em Roma, C. Valenziano, cita a inculturação, em seu artigo sobre liturgia e religiosidade popular<sup>130</sup>, publicado em 1979, como um método responsável pela interação mútua entre a liturgia e as diversas formas de religiosidade popular (CHUPUNGCO, 2008).

Neste mesmo ano, o papa João Paulo II introduziu o termo inculturação nos documentos oficiais da Igreja e observou que o termo expressa um dos elementos do mistério da encarnação, presente na relação entre catequese - e seu aspecto encarnacional, e cultural - e uma forma de proclamar o Evangelho (CNBB, 1993).

Antes de comentar sobre as etapas da Missa Inculturada organizada pelo COSNEC, é necessário expor aqui os significados e os ritos que fazem parte da missa católica tradicional, que não passou por mudanças, mas incluiu, na celebração Inculturada, os símbolos da cultura negra.

O espaço interno da Igreja Católica é decorado de maneiras diversas, porém disposto de forma fixa, para que o templo e o ritual reflitam uma mesma realidade. As pessoas ocupam os lugares no templo, constituído pela sacristia e o espaço celebrativo, de acordo com as funções que exercem no momento do ritual (OLIVEIRA, 2011).

A sacristia, localizada ao lado do presbitério, é o espaço reservado para as pessoas que participam diretamente da cerimônia, onde são guardados objetos e as vestes litúrgicas. O

---

<sup>130</sup>A definição de religiosidade popular é defendida como um conjunto de ações espirituais e formas de culto que estão conectadas de maneiras diversas com a liturgia. É uma junção de comportamentos e práticas ritualísticas, que estão, de certa forma, em harmonia com as prescrições das autoridades hierárquicas. A “religiosidade” é uma forma concreta de religião genuína, mesmo que suas expressões necessitem de doutrina correta e de disciplina eclesial. A palavra “popular” é um termo que distingue a religiosidade da liturgia ou forma oficial de culto, não devendo ser considerada como um conceito de popularidade que a celebração recebe das pessoas, mas sim como formas de ritos arraigados na tradição popular, que ocorrem junto às celebrações litúrgicas, podendo ser aceitos, como o Domingo de Ramos e a veneração da cruz na Sexta-feira Santa, com seu forte apelo popular, enquanto outras expressões de religiosidade popular, dependendo da região, podem não despertar nenhum interesse por parte das pessoas (CHUPUNGCO, 2008).

espaço celebrativo é composto pelo 1) Presbitério<sup>131</sup>, onde ficam o celebrante e seus auxiliares – os Ministros da Eucaristia, os coroinhas e os leitores; 2) Batistério, local onde se realiza o batismo, composto pela pia batismal e pelo castiçal para o círio pascal<sup>132</sup>; 3) Capela do Santíssimo, onde é colocado o sacrário, cofre com hóstias que sobram das missas, e também onde se reza individualmente ou em grupos menores e se realizam as missas com um número menor de fiéis; 4) Nave, espaço onde se instalam as pessoas em geral, sendo alguns lugares reservados, às vezes, para convidados especiais –nas missas afros, esse espaço é reconfigurado, como mostrarei mais adiante (OLIVEIRA, 2011).

Os rituais católicos seguem as determinações contidas nos livros litúrgicos onde há os gestos, símbolos e ações utilizados nas celebrações em geral, cujo tema é a paixão, morte e ressurreição de Cristo. Outros temas bíblicos podem ser agregados e celebrados com maior ou menor grau de solenidade. A missa denominada ferial apresenta duas leituras e é celebrada durante a semana, de segunda a sábado, até às 8:00hs. A missa dominical apresenta três leituras e é celebrada no sábado, a partir das 18:00 hs., até o domingo. Ambas contêm as procissões, os cantos e a homilia, de acordo com a programação. Elas são denominadas também de acordo com o horário em que é celebrada: do dia ou da tarde (vespertina), se celebrada após às 18:00 hs., (noturna), após as 21:00 hs., (vigília); e segundo o calendário litúrgico: comum (quando não apresenta um tema especial), memória facultativa (quando se dedica a um santo do dia, relevando sua importância de acordo com sua devoção na comunidade), memória obrigatória (celebra os santos que têm maior penetração popular para a Igreja), festas (comemoração do santo ou evento que tem importância para a comunidade, como o santo padroeiro) e solenidades (festas importantes como pentecostes, natal e páscoa) (OLIVEIRA, 2011).

A missa é dividida em quatro partes distintas: 1) Ritos Iniciais: Compostos pelo Comentário Introdutório, Canto de Abertura, Acolhida, Ato Penitencial, Hino de Louvor e Oração da Coleta; 2) Rito da Palavra: Primeira Leitura, Salmo Responsorial, Segunda Leitura, Aclamação ao Evangelho, Proclamação do Evangelho, Homilia, Profissão de Fé e Oração da Comunidade; 3) Rito Sacramental: Oferendas, Oração Eucarística (Prefácio, Santo, Consagração e Louvor Final; Comunhão; Pai Nosso, Abraço da Paz, Canto, Interiorização, Antífona da Comunhão, e Oração após a Comunhão (LOURA, 2017).

---

<sup>131</sup>A disposição dos móveis segue o mesmo padrão nas Igrejas: no centro está o altar, ao lado contrário à capela do Santíssimo se situa o ambão ou mesa da palavra, atrás do ambão estão as cadeiras do presidente e do concelebrante; os leitores se situam ao lado do ambão e os ministros ficam próximo à sacristia (OLIVEIRA, 2011)

<sup>132</sup>Vela consagrada e acesa no Sábado da Aleluia representa o Cristo ressuscitado (OLIVEIRA, 2011).

A missa termina com os Ritos finais: avisos, homenagens a uma pessoa ou a um santo, bênção final, despedida e o canto final, momento em que todos se retiram (OLIVEIRA, 2011).

As liturgias inculturadas fazem uso dessa estrutura do ritual latino, para introduzirem os símbolos da cultura do povo que a celebra. As alterações ocorreram apenas na Liturgia da Palavra, na Apresentação das Oferendas e nos Ritos Finais, ou seja, nos elementos móveis, sem modificar a estrutura do rito, que também são representados pelos símbolos da cultura de determinado grupo (CNBB, 1993).

O COSNEC realiza a celebração da Missa Inculturada, segundo as normas permitidas pela CNBB, citadas acima. As letras das músicas não fazem referência às religiões de matriz africana, mas observei que, na celebração da missa da Mãe Negra, as letras trazem nomes dos deuses do Candomblé. Oliveira (2011) esclarece que, ao considerar que nem todos os elementos culturais podem ser inculturados, a Igreja faz a escolha dos símbolos e aspectos que serão reinterpretados segundo à sua teologia, mas tal escolha passa por variações, dependendo da Igreja em que são utilizados.

Nas celebrações afros, os elementos simbólicos são escolhidos e adaptados ao ritual católico em novo significado. Esses símbolos transitam entre o universo católico e o campo afro-brasileiro, lembrando o conceito de *bricoleur* de Lèvi-Strauss (1989). No contexto católico, esses símbolos são inventados e selecionados, e seus significados são direcionados, para serem inseridos nas celebrações, mas escapam aos agentes católicos os significados que possuem no universo afro-brasileiro.

Como já exposto nesse capítulo – a respeito do surgimento da inculturação na Igreja, a partir do Concílio Vaticano II –, a preocupação, com base nas Conferências Episcopais Latino-Americanas, em traduzir para uma linguagem mais simples a liturgia e os dogmas católicos, visando a atrair um número maior de fiéis, tornou-se um desafio da CNBB, a partir de 1960, que elaborou as “versões populares” dos documentos oficiais e de alguns livros litúrgicos. Nessa fase, surgiram duas celebrações significativas: a Missa da Terra-sem-males (em 1978), voltada para o povo indígena, celebrada pela primeira vez por dom Pedro Casaldágia, em Goiânia, e a Missa dos Quilombos (em 1981), relacionada ao povo negro, incentivada por Dom Helder Câmara, que escreveu as letras das músicas compostas para esse evento, em parceria com Pedro Tierra. O cantor Milton Nascimento musicou as letras, o que resultou na construção do LP Missa dos Quilombos, transformado em espetáculo teatral. Essa missa foi celebrada no dia 20 de novembro de 1981, na Praça Campos, em Recife, com a participação de bispos e padres da CNBB, e apresentou seu aspecto político, com denúncias

às injustiças sofridas pela população negra, onde a morte de Zumbi e a escravidão no Brasil foram comparadas ao sofrimento de Cristo e do povo hebreu (OLIVEIRA, 2011).

A partir dessas celebrações, o debate sobre o tema da inculturação se ampliou, junto a uma nova estratégia de evangelização que pudesse reformular os ritos católicos, mas sofreu severas críticas dos setores conservadores da Igreja e da sociedade, que associaram o sentido da celebração ao comunismo ou a uma estratégia da Igreja para dominar as camadas populares. As celebrações foram proibidas, pela Santa Sé, até 1988, quando voltaram, ainda sob muitas críticas. Se, antes, a “missa negra” foi reprovada pelo seu caráter político, hoje, ela incomoda pela presença dos símbolos considerados da “cultura negra”. Os agentes da Pastoral Afro continuaram realizando as cerimônias inculturadas, que ganharam novos adeptos e simpatizantes (CNBB, 2002).

E, como me disseram as mulheres do COSNEC, a alegria e o desprendimento que dança e os cantares oferecem lhes aproximam mais de Deus, nesse ritual considerado como o momento mais significativo de sua história, pois mescla os elementos de suas origens, como a música, a dança, os ritmos e os alimentos à fé cristã, que os impulsiona na vida. Tudo isso é ofertado e consagrado junto à liberdade de expressão ao Deus do cristianismo que aprenderam a louvar e celebrar. A diferença do tipo de celebração é marcada pelos elementos móveis, presentes na missa (incenso, ornamentação, procissões, roupas coloridas na apresentação estética, em que os quilombolas, responsáveis pelos cantares, apresentam-se com vestimentas que sugerem alguma semelhança com vestuário dos escravos e entoam os hinos, cujo acompanhamento é realizado com atabaques, pandeiros, berimbau,).

A entrevistada, integrante do COSNEC, Maria Lu, faz questão de deixar claro o respeito que há nesta junção entre o catolicismo e a prática comum entre os negros, que ela diz<sup>133</sup> ser herança dos tempos da escravidão: “[...] partes do terreiro não podiam entrar; os membros são católicos, alguns não são, mas respeitam a Igreja. Eu respeito todos”. Binho, em sua entrevista<sup>134</sup>, disse que a Missa Inculturada é o momento que permite a exposição das formas de crer, que os escravos realizavam escondidos, antigamente, e que, hoje, podem mostrar com liberdade numa hora tão séria e tão importante, principalmente, para quem conhece o sentido do ritual.

Tudo tem um significado de extrema preciosidade, desde o início da missa, começando pela entrada de um grupo de três pessoas descalças, realizando uma performance

---

<sup>133</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>134</sup>Entrevista realizada em 2014.

que simboliza os negros acorrentados até o altar, e, logo após, sendo libertos dessas correntes pelo padre.

Pergunta da pesquisadora: Como é realizado a junção dos elementos católicos e os afros?

Araceli: O ato penitencial em que a gente faz a encenação, na missa católica, é o momento que você pede perdão pelos seus pecados [...]. No nosso caso, na Missa Inculturada, o ato penitencial vem mostrar a libertação, só que a gente faz com a libertação do negro; é libertação do pecado, mas a gente coloca a libertação do negro. A Bíblia, que entra com o incenso, com a vassoura, é o momento de tá limpando o caminho pra palavra de Deus. É o momento que a gente entende que vai vir o principal de tudo, que é a palavra de Deus; então a gente entra varrendo, entra incensando, entra com as flores, que é pra fazer o caminho pra palavra de Deus entrar. No ofertório, é a oferta; na missa normal, você leva a âmbula com as partículas, que é a hóstia, pra ser consagrada, pra ser distribuída; na Missa Inculturada, aquilo significa o pão, a oferta, a comida, o pão; a gente já levou a palavra e começa a levar o pão [sic].

(Entrevista com Araceli, integrante do COSNEC, em março de 2015 – grifos meus.)

Binho associa o negro acorrentado desse momento ao Deus algemado, Jesus Cristo, que passou pelo mesmo sofrimento e que é considerado o libertador do povo negro. Em seguida, entram as mulheres descalças, varrendo a passagem, simbolizando os novos tempos, sem a repressão da época escravagista. Em sequência, entra outro grupo de mulheres, também descalças, jogando pétalas de rosas, simbolizando o amor e o fim do sofrimento, e, em seguida, no ofertório, entra outro grupo de mulheres, ofertando os alimentos típicos da fartura da culinária dos negros, como broa, pamonha, pipoca, rapadura e mandioca. Logo após, no final da celebração, os alimentos são distribuídos para todos, representando a partilha, a interação e a confraternização dos negros com toda a sociedade, conforme detalhou o Padre Ramiro<sup>135</sup>, para a vida das pessoas em transformação contínua, garantindo-lhes o interagir na comunidade e a conquista da dignidade pela quebra dos preconceitos.

O significado da palavra inculturação só possui efeito se associado ao termo aculturação, sendo estreitamente relacionados entre si, mas não como sinônimos. A aculturação significa o encontro entre duas culturas, em que a comunicação ocorre através do respeito e da tolerância mútuos, numa conexão que se dá sobre uma base externa, permitindo a justaposição de expressões culturais não assimiladas, advindas de várias direções ou origens. As culturas não passam por mudanças substanciais ou qualitativas e podem se afastar, sem conseqüências observáveis. Portanto, a aculturação opera segundo a dinâmica da interação, tornando-se uma condição necessária da inculturação, e possui três fatores

---

<sup>135</sup> Entrevista em 2015.

principais: a justaposição, que é externa; a dinâmica da interação; e a ausência de assimilação mútua. Através da justaposição, ocorrem tentativas de criar espaços para as devoções populares (CHUPUNGCO, 2008).

Marília comenta sobre as etapas da Missa Inculturada, que lhe chamam a atenção e lhe proporcionam interesse em estar sempre presente. Observei essa participação das outras integrantes, que se emocionam na atuação e na entrega de sua fé, que ocorrem juntas, durante a celebração.

Marília: Vou, não perco uma Missa, se eu for escalada pra entrar no ofertório, eu vou. Porque, quando é a Missa Inculturada, tem várias coisas que a gente pode tá levando, né, tem aquelas vasilhas que eles colocam biscoitos, tem aquele caldeirão que eles colocam uma brasa, e a gente vai levando também, aí tem aquela parte, também, que pega a vassoura e vai varrendo, então se me escalar eu vou [sic]. (Entrevista com Marília, integrante do COSNEC, em julho de 2014 – grifos meus.)

As músicas são religiosas, mostram o sofrimento e a fé dos escravos e são cantadas por Binho e pelo grupo de mulheres do COSNEC, acompanhadas pelo atabaque, chocalho, tambor, triângulo e berimbau, instrumentos tocados, respectivamente, pelos percussionistas Fabrício, Tarcísio e Valdo, que se intercalam entre o triângulo e o berimbau. O congadeiro, Sr. José Carmo também participa do grupo, tocando tambor, mas nem sempre pode acompanhar o grupo, devido às apresentações do congado em outros locais.

Os integrantes do COSNEC reafirmam os significados atribuídos ao momento da Missa Inculturada, como a grande vitória da liberdade de expressão da cultura negra, entrelaçada com sua fé cristã. A inculturação litúrgica é definida como a relação criativa e dinâmica entre a mensagem cristã e uma ou mais culturas, sendo relevante para qualquer país onde a fé tenha sido semeada. Entre a fé cristã e a cultura, deve haver interação e assimilação mútua. (CHUPUNGCO, 2008).

A Igreja é uma comunhão presente no mundo que une a diversidade à unidade, reconhecendo tudo o que há de positivo em todas as culturas. Mas, a inculturação é diferente de uma mera adaptação externa, já que significa uma transformação interior de valores culturais autênticos que se integram ao cristianismo e o arraigamento do cristianismo em diversas culturas humanas (CHUPUNGCO, 2008).

A foto 37 mostra o Altar construído no adro da Igreja do Rosário, no encontro entre a Missa Inculturada, celebrada na abertura da Semana da Consciência Negra, em novembro de 2014, e o final da festa do Rosário, com a participação do congado do Sr. José Carmo.



Foto 37: Altar na Igreja do Rosário – Missa Inculturada. (foto tirada pela autora em 2014).

O processo litúrgico da inculturação ocorre pelo encontro dos livros litúrgicos do Vaticano II, e o padrão cultural do povo, numa interação que possibilita uma liturgia para a Igreja local. O padrão cultural é o modo típico de pensar, falar e de se expressar através de ritos, símbolos e formas artísticas, influenciando os valores e a ideologia da sociedade, as tradições sociais e familiares, a vida socioeconômica e o sistema político, perpassando por tudo que constitui a vida social. É o sistema característico de um povo de refletir, verbalizar e ritualizar valores, tradições e experiências de vida, tornando-se uma qualidade inata do grupo e compartilhada pelos seus integrantes (CHUPUNGCO, 2008).

O padrão cultural exerce papel decisivo na mudança litúrgica, pois, quando uma Igreja local está consciente de seu padrão cultural, ela negará uma liturgia que imponha um padrão cultural estrangeiro, devendo, esta, submeter-se às mudanças, para se adaptar ou, do contrário, ser excluída. Muito mais do que considerar a cultura de um povo, encontrar os elementos que constituem seu padrão cultural, como a linguagem, ritos, símbolos e expressões artísticas, torna-se imprescindível para que haja a inculturação litúrgica na Igreja local (CHUPUNGCO, 2008).

Marisa, integrante do COSNEC, fala da sua primeira experiência na Missa Inculturada como cantora das músicas afro-brasileiras, quando veio a Coronel Xavier Chaves a passeio,

em 2009, e do quanto esse momento significou em sua vida, a ponto de se interessar em levar essa informação para comunidade religiosa que frequentava, em São Paulo. Mas, o padre, atuante na Igreja, na época, não aceitou, e, pelo que Marisa relatou, a comunidade religiosa ainda não praticava as novas estratégias de evangelização que acolhe a cultura dos negros nas celebrações.

A liturgia revisada da atualidade, portadora da linguagem solene e sublime, ainda é uma atividade exclusiva do grupo de elite da Igreja, mas que poderá se tornar ameaçada na vida de culto do cristão simples, caso não se abra para as qualidades da religiosidade popular. Portanto, o processo de inculturação requer um exame das partes da liturgia a serem alteradas e também dos elementos da religiosidade popular a serem permitidos na liturgia. Como o termo inculturação significa reciprocidade, a liturgia deverá permanecer aberta à influência da religiosidade popular (CHUPUNGCO, 2008).

Pergunta da pesquisadora: Você já assistiu à Missa Inculturada? Você já participou?

Marisa: Já. Já participei cantando, ajudando cantar músicas afros; dançando não.

Pergunta da pesquisadora: Com letras religiosas católicas?

Marisa: Exato. Muito bonito. Eu lembro a primeira vez que eu vi, morando em São Paulo, eu tinha vindo aqui passear, aí eu ouvi, cheguei lá, tinha uma comunidade, lá, que eu participava, aí ainda levei os cantos.

Pergunta da pesquisadora: Comunidade afro?

Marisa: Não, não era afro, católica mesmo, mas eu levei, porque achei muito lindo, porque é uma missa, independente de ser afro ou não, é uma missa, né; levei os cantos, e nós até tentamos fazer lá, mas nós não conseguimos, o padre não aceitou na época, há uns 15 anos atrás, mas eu achei a coisa mais linda; hoje eu faço questão de ir, de ajudar cantar, ensaiar os cantos [sic].

(Entrevista com Marisa, integrante do COSNEC, em abril de 2015 – grifos meus.)

Marisa mostra, em sua fala, que “a missa, independente de ser afro, ou não, é uma missa”, no sentido de louvar a Deus com a mesma fé católica que vivencia, a partir das orientações dos pais, descendentes de escravos e doutrinados no catolicismo, como a grande maioria dos negros submissos ao sistema repressivo dos séculos XVIII e XIX (SILVA, 2005).

Na próxima foto 38, os integrantes do COSNEC se preparam para o início da Missa Inculturada. Binho à frente com o pandeiro, Fabrício no atabaque e Valdo, trajando um figurino que lembra as vestimentas dos negros escravos, para a performance de entrada. Eles aguardam a celebração do momento considerado muito especial e carregado de significados.



Foto 38: Percussionistas do COSNEC, Binho, Fabrício e Valdo – Missa Inculturada – (Foto tirada pela autora em 2014).

As formas de expressar a fé dos integrantes do COSNEC se enquadram nas características da religiosidade popular classificadas em quatro categorias: a primeira são as devoções a Cristo, à Nossa Senhora e aos santos nas festas de padroeiros, peregrinações, procissões, devoções populares e novenas; a segunda são os ritos ligados ao ano litúrgico; a terceira são as práticas tradicionais em conexão com a celebração dos sacramentos e outros ritos cristãos, como as exéquias; e a quarta são as instituições e objetos religiosos unidos às várias formas de religiosidade popular. A “Devoção popular”, dentre as demais formas de religiosidade popular, é incentivada pela Igreja que considera sua importância e preservação junto às famílias e comunidades cristãs, através do rosário, da via-sacra e das novenas que precedem os ritos litúrgicos, como Pentecostes e Natal (CHUPUNGCO, 2008).

Para a linguagem comum, devoção<sup>136</sup> compreende consagrar-se ou o dedicar-se a alguém ou, principalmente, a uma divindade, é um sentimento religioso, o culto, a prática

<sup>136</sup>A devoção proporciona ao fiel uma garantia de ajuda celestial nos momentos de necessidade. O cumprir das promessas representa uma lealdade para com o santo, pois o não cumprimento demonstra deslealdade, o que pode acarretar em um pedido futuro não atendido, ou ainda pode ocorrer algo mais grave, o santo pode retirar a graça concedida e também castigar o devoto faltoso. A convivência entre devoção popular e Igreja institucionalizada nem sempre é pacífica, gerando, ocasionalmente, conflitos entre o catolicismo devocional e o institucional. Apesar da “devoção” e “espiritualidade” serem termos, algumas vezes, utilizados como sinônimos, há uma clara distinção entre eles. A espiritualidade não necessita de milagres, a relação existente é mais

religiosa, uma afeição, um afeto a um objeto de especial veneração. Normalmente, é através da crença em certos poderes sobrenaturais, representados pelo santo, que surge a devoção. Esta pode se desenvolver em decorrência de milagres, de um acontecimento extraordinário ou de algo do qual se ficou sabendo que teria ocorrido (PEREIRA, 2003).

Quando se pensa em devoção, é necessário que se compreenda que essa palavra está inserida dentro de um universo mais amplo, mais exatamente, o do catolicismo. A partir disto, o termo devoção também se enquadra dentro da religiosidade, mais expressamente, na religiosidade popular. Devoção é uma expressão popular, que, ao longo do tempo, foi adquirindo um sentido pejorativo, que se propagou, principalmente, no período da Reforma Tridentina católica do século XIX, no Brasil, ou “Romanização”, no qual as concepções da Igreja levavam a um desmerecimento das manifestações religiosas populares, na tentativa de manter determinado controle sobre os fiéis. Conforme explica Pereira (2003), depois do Concílio Vaticano II, houve a tentativa de alteração do termo particular “devoção” (PEREIRA, 2003).

[...] ou “devoção popular” pelo termo genérico “religiosidade popular”. Isso ocorreu desde os primórdios do “processo de romanização” da Igreja Católica, mas culminou com o Concílio Vaticano II, com a “renovação da liturgia”, em que, entre outras mudanças, as imagens dos santos perderam espaço nos “espaços sagrados” dos templos. A “devoção” passou a ser vista como algo depreciativo, marginal, como manifestações de fé (devoções) que não se enquadravam no modelo europeu, romanizado (PEREIRA, 2003, p. 67-68).

Outra característica que se apresenta na devoção é sua ocorrência de forma independente da institucionalização da Igreja, sendo, muitas vezes, marginal a essa realidade, embora seu aparecimento tenha se dado no cerne da instituição. Esse fator foi verificado em minha permanência no campo de pesquisa, ao observar a reação de descaso de muitas pessoas brancas da cidade, quando o cortejo dos grupos de congado passa tocando seus instrumentos e trajando suas vestes típicas, cantando e louvando para seus santos devotos.

A avaliação e o reconhecimento da religiosidade popular ocorreram devido a dois fatores. O primeiro foi a redescoberta do seu valor para a promoção da teologia da libertação latino-americana, e o segundo relacionado à integridade do culto cristão, considerado, para os

---

solidificada, sendo lapidada no crente que aprende a se relacionar com a divindade. A relação existente no sagrado é pautada na graça e não na barganha com a divindade, como ocorre na devoção. A História tem demonstrado que a devoção está mais ligada às classes populares, que são economicamente mais desfavorecidas, menos escolarizadas e que, de algum modo, são mais excluídas física, moral, social ou psicologicamente das classes elitistas. (PEREIRA, 2003).

liturgistas, em seus dois componentes, inseparáveis: suas formas oficiais e populares de oração. Ambas coexistem desde o início do cristianismo em duas formas de culto, que se organizam entre a autoridade da Igreja para ser observada e respeitada por todos, e a outra, que é variada, indefinida e mutável, vinda do povo (PEREIRA, 2003).

Portanto, a vida de oração tanto da Igreja quanto do fiel individualmente sofreria desequilíbrio, se o culto fosse restrito apenas à forma oficial. Os sacramentos, as bênçãos, os outros sacramentos e o Ofício Divino preenchem as áreas da existência humana na celebração da Missa, mas não satisfazem às necessidades das orações pessoais espontâneas dos fiéis em suas devoções, pela religiosidade popular. Tais devoções funcionam como uma experiência que transcendem o culto oficial e, por isso, aumentam a participação ativa na liturgia, que, por sua vez, necessita da oração pessoal das devoções populares. (CHUPUNGO, 2008).

O segundo fator responsável pela reavaliação da religiosidade popular foi o sentimento de que a liturgia reformada se tornou estranha aos muitos fiéis, que a consideravam fria e distante. Esse fator despertou o reconhecimento por parte das autoridades eclesiais da importância do valor dos fenômenos populares responsáveis pela renovação da Igreja, que, em virtude de sua missão, não pode ser reduzida a uma “Igreja das elites” (CNBB, 1988).

As missas inculturadas possuem o mesmo padrão em todos os seus locais de celebração, segundo entrevista com Padre Ramiro<sup>137</sup> e (OLIVEIRA, 2011): o colorido, a ornamentação do espaço (muitas flores, toalhas brancas, laços de fita nos bancos e ramos verdes cobrindo o chão), os alimentos e produtos da terra (biscoitos, broas, frutas e doces) são oferecidos e não possuem um limite de quantidade, pois cada comunidade é livre para apresentá-los segundo os critérios do grupo. Juntamente aos demais símbolos usados na celebração, como os atabaques, as imagens dos Santos Negros – Nossa Senhora Aparecida, Santa Efigênia, Santa Anastácia e São Benedito (foto 39 abaixo) – expressam elementos da cultura negra, e, no COSNEC, tais símbolos são apresentados em acordo com as diretrizes da Igreja local.

---

<sup>137</sup>Entrevista com Padre Ramiro em 2015.



Foto 39: Celebração da Missa Inculturada, organizada pelo COSNEC e a imagem de São Benedito, na festa de Nossa Senhora do Rosário. (foto tirada pela autora em 2014).

Os cantos executados ao som de atabaques não variam muito e sempre possuem ritmos alegres, letras que traduzem a vida do negro em cativeiro, permitidas pelo padre, pois a missa católica inculturada do grupo COSNEC, apesar de aparentar ser um culto às divindades africanas (ou afro-brasileiras, no caso dos caboclos e preto-velhos), apenas se utiliza dos símbolos culturais expostos acima, como forma de valorizar a cultura dos antepassados.

Em algumas celebrações inculturadas, especialmente nas missas afros, os símbolos africanos são utilizados e escolhidos deliberadamente pelos agentes organizadores do ritual, sem obedecer às orientações da coordenação nacional. As pessoas escolhem os elementos de africanidade de acordo com o que imaginam ser de origem africana, e essas celebrações podem atrair adeptos dos dois sistemas religiosos. O Pai d'Oxum afirma que ir às missas afros significa louvar os orixás através dos cantos, das danças e das orações, pois Deus e Jesus são substituídos por Olorum ou Olodumare. (OLIVEIRA, 2011).

Como afirma alguns padres em outras celebrações inculturadas dizem que Deus fala ioruba, por isso, os orixás são uma manifestação cultural Dele. E mais que expressões culturais, na fala de Dom José Maria Pires, Deus é um só, e os orixás estão a seu serviço, assim como os anjos, arcanjos e querubins que chegam até nós, como mensageiros. Mas essa

posição não é compartilhada por muitos dirigentes da Pastoral Afro, sendo invocada por outros agentes de pastoral e produtores da missa afro, que não têm contato direto com as coordenações diocesanas e nacional. (OLIVEIRA, 2011).

O Diácono Marcelo B. dos Santos, utilizando a noção de sincretismo, diz que, na teologia cristã, não há lugar para os orixás, porém o povo, principalmente em Salvador, já se acostumou com tal aproximação, mesmo perante o protesto de yalorixás, que defendem o fim dos sincretismo afro-católico, e afirma ser, essa, uma questão de foro íntimo (OLIVEIRA, 2011).

Portanto, as liturgias inculturadas mostram um significado que pode ser interpretado de maneiras diferentes, de acordo com o local onde são celebradas. Trata-se de um único ritual, que difere segundo o contexto religioso dos seus participantes.

Essas experiências, ocorridas no espaço público, estão relacionadas, especificamente, às práticas e aos sentimentos das mulheres envolvidas no trabalho do COSNEC, que estão contidos nos significados surgidos a partir da relação íntima entre a cultura, que mostra a elementos sutis do candomblé, não cultuados pelos integrantes, e a religião católica que vivenciam.

Os agentes da inculturação afro-católica atuam como *bricoleur*, no sentido dado ao termo por Lèvi-Strauss (1989), ao escolherem os símbolos afro-brasileiros que são incorporados ao rito católico, e o fazem segundo o local e o grupo específico. Na Missa Inculturada do COSNEC, observei que ocorre uma estipulação controlada de tais símbolos incorporados ao ritual, que, conforme expus anteriormente, possuem significado reconfigurado, em que o sentido da religião de origem negra se deslocou ou se perdeu no tempo, sendo, na atualidade, representado pelos símbolos considerados culturais pelos integrantes do grupo. Para Geertz, (1997), a cultura é semiótica, repleta de significados e própria da condição dos seres humanos inseridos nos processos das relações simbólicas.

Por esse motivo, medir o grau de sincretismo, presente nas celebrações católicas inculturadas, como contribuiu Ferreti (1995), no que se refere ao enegrecimento do ritual da liturgia romana, realizado pelos agentes da pastoral afro, não é o suficiente para se alcançar a compreensão da lógica que orientou tais agentes na escolha e disposição dos símbolos. Como afirma Souza (2001), os sistemas simbólicos se constroem e se reconstroem sucessivamente, e os conceitos passam por mudanças, como acontece no universo religioso africano, causando motivações diferenciadas nas pessoas. Observei tais ocorrências na Missa Inculturada organizada pelo COSNEC, principalmente ao compará-la às cerimônias da Missa Conga e a Missa da Mãe Negra.

A Missa Conga é realizada pelos congadeiros que, juntamente ao rei festeiro eleito a cada ano, após realizarem o ritual de lavantamento do mastro realizado na madrugada, antes do nascer do sol, são os responsáveis pela festa do grupo. Esse ritual se concretiza na Igreja do Rosário sob o som dos tambores, momento em que o grupo pede proteção e licença para dar realizarem aos festejos. Para darem início à Missa Conga os congadeiros pedem permissão ao padre para entrarem na Igreja, através dos cantos que falam da proibição dessa entrada aos negros, na época da escravidão. (MONTEIRO, 2011).

Após a abertura da porta para a entrada do reinado pelo padre, os congadeiros entram na Igreja cantando e dançando, para o ritual celebrado, segundo os moldes católicos, mas expressado e vivenciado a partir do ritual do congado, através dos seus cantos e danças. No momento do ofertório, os símbolos da realeza (coroas e bastões) são colocados no altar, sendo devolvidos abençoados, no término da missa, aos seus donos. (MONTEIRO, 2011).

A Missa da Mãe Negra é celebrada na Igreja Nossa Senhora Achiropita, assistidas por Oliveira (2011), que comenta sobre a incorporação dos elementos afro-brasileiros no ritual, onde adquirem um sentido reconfigurado através do diálogo que ocorre entre os pólos da relação católica e candomblecista.

No começo da celebração da missa da Mãe Negra, duas mulheres, as mais velhas do grupo, fazem a “dança das guardiãs” e representam a importância da mulher na cultura africana, por serem as geradoras das novas vidas. Por isso, devem “gerar vida” para as celebrações. Permanecem abrindo e fechando a porta de entrada para a passagem das procissões. São também as cuidadoras, para que a missa se desenvolva da melhor forma. Desempenham função semelhante às equedes no candomblé, que, no processo de iniciação das iaôs, auxiliam o sacerdote no rito. Lembram também Exu, que guarda as entradas e saídas (OLIVEIRA, 2011).

As etapas da Missa Inculturada realizada pelo COSNEC se iniciam com a entrada das mulheres que dançam com seus turbantes e suas vestes coloridas, ao som dos atabaques e demais instrumentos tocados pelos homens do grupo. A cerimônia é organizada por outras duas mulheres, que se encarregam de orientar todas as etapas performáticas do ritual.

As duas mulheres do COSNEC responsáveis pela organização do ritual não participam das performances, mas ficam presentes na organização de toda a cerimônia, atentas para que tudo seja realizado com perfeição. Na procissão de entrada, primeiro entram o padre, os ministros da eucaristia e os diáconos. As demais integrantes entram em direção ao altar, com os símbolos: o incenso, a cruz, a vela, as imagens dos santos, as flores. Os alimentos são e colocados no chão, ao lado do altar. São mulheres que também lembram as mães cuidadoras e

responsáveis por toda a organização do evento religioso. A ordem da procissão obedece às normas litúrgicas (CNBB, 2008b).

O incenso nas celebrações litúrgicas católicas mostra a importância do tema celebrado e é um símbolo de santificação, que, através do turíbulo, no qual é colocado, faz a insensação. O turíbulo tem o formato oval, denominado por alguns teólogos de “ventre de Maria”, que traz em si o Menino Deus. Nos rituais do candomblé, o incenso purifica o ambiente e as pessoas (OLIVEIRA, 2011).

A cruz processional entra em seguida e, na Missa Inculturada do COSNEC, apresenta a imagem de Jesus. Na Missa da Mãe Negra, a cruz vem sem a imagem de Jesus, coberta com um pano verde ou branco, ladeada por duas velas que lembram a ressurreição. Nas duas celebrações, a cruz é colocada do lado do altar e vem seguida pelas imagens dos santos negros, colocados numa mesa na frente do altar, junto com as imagens de Zumbi e da escrava Anastácia, considerados “ancestrais” e exemplos de resistência do povo negro. (OLIVEIRA 2011).

Na Missa Inculturada do COSNEC, a vela é trazida, em seguida da cruz, em porte maior, por uma das participantes, seguida pela entrada das imagens de Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Nas duas cerimônias, o padre ocupa o cetro de presbitério, ao seu lado se instalam os ministros da eucaristia, o diácono e os auxiliares. Na Missa do COSNEC, os percussionistas ocupam a lateral do altar onde também ficam o coral das mulheres e os demais integrantes que realizam as procissões do rito de entrada, do rito penitencial, do ofertório e distribuem os alimentos no final da celebração.

Os cantos<sup>138</sup> executados durante a Missa Inculturada pelos integrantes do COSNEC são constituídos de letra e melodia que falam do negro em suas lutas e em sua fé, característicos dos escravos em terras brasileiras.

### **Sá Rainha<sup>139</sup>**

Sá rainha me chamou, me chamou p'racuriá<sup>140</sup>  
Sá rainha me chamou, me chamou p'racuriá  
Mas eu já vou Sá rainha

<sup>138</sup>Alguns são considerados cantos de domínio público do repertório do COSNEC passados pelos pais dos integrantes, outros cantos foram recolhidos de outros grupos afrodescendentes. Em minhas pesquisas não encontrei autores específicos dessas canções, mas sim, composições de autores, modificadas na letra e no ritmo, nas quais a harmonia foi mantida conforme citei a respeito do canto seguinte.

<sup>139</sup>Essa canção, considerada um dos cantos de Moçambique, referenciados no capítulo 3, foi gravada por Maurício Tizumba. Ver: <https://m.letras.mus.br>. Acesso: 15.11.2017.

<sup>140</sup>Curiá: termo referente a comer. Língua de negro o língua da Tabatinga. Dialeto africano falado por descendentes quilombolas, de origem banto. Disponível em <https://conhecaminas.com>. Acesso: 15.11.2017.

Caminhando devagar  
 Venha rainha conga<sup>141</sup>, chega na janela  
 Venha ver marujo que já vai p'ra guerra  
Oh, Santa Ná, Oh Santa Ná, a mamãe do rosário é Santa Ná  
 Beija-flor beija Nossa Senhora no andor

Nas celebrações da Missa do COSNEC, existe a preocupação de não se fazer referência às entidades das religiões afro-brasileiras<sup>142</sup>, mesmo estando, elas, presentes nos ritmos dos atabaques e nas evocações à Nossa Senhora do Rosário, chamada em algumas letras musicais, como mostra o exemplo acima, de Santana, mãe de Maria, cujo nome é pronunciado como Santa Ná.

Na Missa da Mãe Negra, a distribuição dos lugares é idêntica à Missa do COSNEC, porém os sacerdotes das religiões afro-brasileiras ocupam as laterais, num lugar de destaque, por serem pais e mãe-de-santo, mas numa posição marginal, ou seja, fora do sacerdócio católico, pelo fato de pertencerem ao outro culto. Oliveira (2011) comenta que, em outras Igrejas, não se permite a presença oficial de religiosos das religiões afro-brasileiras, pois esse fato já causou muitas polêmicas. Alguns padres e a cúpula da Pastoral Afro consideram essa presença uma ameaça ao seu sacerdócio, ao dividirem, simbolicamente, com os demais a capacidade de manipulação do sagrado e a mediação com o divino. Por isso, os sacerdotes das religiões afro-brasileiras devem ocupar lugares na nave junto com o povo, onde não há uma relação direta com o divino. Tais posições ambíguas revelam a complexidade das relações vivenciadas nas liturgias inculturadas (OLIVEIRA, 2011).

Os ritmos dos atabaques são considerados heranças culturais, utilizados pelos ancestrais para se comunicarem, nos rituais ou em outros eventos, e não são relacionados apenas ao toque dos orixás. Mas, por outro lado, são ritmos, que, segundo os integrantes do COSNEC, vêm do chão, da terra, como uma energia que traz alegria, ânimo e um despojamento na forma de exercerem a fé. Portanto, percebo a existência das ambigüidades das liturgias inculturadas, no meu grupo de pesquisa, que, mesmo negando os símbolos das religiões afro-brasileiras, com exceção dos integrantes, Fabrício e Bia, utilizam-nos de outra

---

<sup>141</sup>Rainha conga, considerada rainha dos congos em Minas, como revivência das rainhas das tribos do congo. Ver: <https://m.facebook.com>. Acesso: 15.11.2017

<sup>142</sup>Desde o surgimento do congado e das irmandades, se presencia a luta pela preservação da identidade negra em sua dinâmica e brasilidade, através do tripé: história, identidade e cultura, fiéis aos ancestrais e suas diversidades de origem bantu. A partir da segunda metade do século XIX a Igreja católica romanizada interditou várias Igrejas do rosário para impedir a ação das irmandades dos homes pretos ou pardos que encontraram apoio nas instituições religiosas afro-brasileiras. Ainda há, por parte de muitos sacerdotes, a exigência de manterem as músicas do ritual da missa, dentro das concepções carismáticas, desconsiderando a importância dos reinados do congado com seus tambores, cantos e danças, apesar das concepções admitidas pelo processo de inculturação em 1992 (VIEIRA, 2017).

forma, em outras ressignificações, dando-lhes o nome de elementos da cultura dos antepassados.

No momento do Ato Penitencial, semelhante nas duas celebrações, após a invocação da Santíssima Trindade, o padre propõe a todos o reconhecimento dos seus pecados e faz a aspersão da água benta, sacramental comum no catolicismo, interpretado como um sinal de purificação e santificação. Nessa hora, os integrantes do COSNEC realizam uma nova performance; eles entram na Igreja representando os escravos amarrados por uma corda e caminham até o altar onde o padre, representante de Deus, rompe com as amarradas, num gesto de libertação dos negros cativos, performance registrada pela foto 40 seguinte.



Foto 40: Integrantes do COSNEC fazem a performance da libertação dos negros na Missa Inculturada. (foto dos arquivos de Binho de 2010).

A letra da canção abaixo, faz reverência à Virgem Maria, considerada a libertadora do povo negro.

#### **Ato Penitencial<sup>143</sup>**

Eu vi o sol, vi a lua clarear  
 Eu vi a virgem dentro do canaviá  
 Tava durumindo, Carimbamba<sup>144</sup> me chamou

<sup>143</sup>Canto, samba de roda, de autoria de Jackson do Pandeiro denominado Minha Zabelê, modificado na letra e utilizado na capoeira. Ver: <http://letras.mus.br>. Acesso: 09.10.2017. Grifos meus.

Levanta povo, cativeiro acabou  
Tchô, Tchô, Tchô, vancê vai, eu também vou

A música *Glória ao Pai* é cantada com letra constituída pela linguagem dos negros, reverenciando a Santíssima Trindade e a Virgem Maria, como também na entrada da Palavra, mostradas respectivamente por essas duas canções descritas abaixo:

### **Glória ao Pai<sup>145</sup>**

Eu cheguei no Rosário de Maria  
Embelezou, embelezou  
Eu cheguei no Rosário de Maria  
Embelezou, embelezou

Bate tambor, bate tambor  
Hoje é dia de alegria  
Hoje é dia de alegria

Tem um novo progresso nessa terra  
Moçambiqueiro toca tambor  
E está pedindo paz  
Oh Siriaco<sup>146</sup>, oh Siriaco  
Oh Siriaco, foi no tempo de vovô  
Foi seu pai que me ensinou  
Bate o pé só com setegunga menino  
E segura essa n'goma

Glória ao Pai, Glória ao Filho  
Glória ao Espírito Santo  
Tá caindo fulô, Tá caindo fulô  
Lá no céu, lá na terra  
Oh lê, lê, lê  
Tá caindo fulô

Na Missa da Mãe Negra, Oliveira (2011) se refere ao momento do Rito da Palavra, em que há variações nas procissões de entrada, pelo fato de não serem prescritas pelo ritual latino.

Elas, entretanto, trazem os elementos recorrentes, como o incenso, a vela ou fogo e a Bíblia. A Palavra de Deus, nessa celebração, vem recoberta com fitas e um pano branco feito de bambu e renda, semelhante ao pátio, lembrando Jesus, como uma só pessoa, coberto na eucaristia pelo “pão consagrado” e pela “palavra divina”. No candomblé, durante o xirê, Oxalá

<sup>144</sup>Ave noturna, mítica do nordeste, emite um canto que “encanta” as pessoas. Grifos meus. Ver: <http://dicionárioinformal.com.br>. Acesso: 15.10.2017

<sup>145</sup>Canto de Moçambique 2, gravado por Maurício Tizumba. Grifos meus. Ver: <https://m.letras.mus.br>. Acesso: 11.10.2017

<sup>146</sup>Siriaco é o mesmo que sírio, língua semítica antiga ainda utilizadas na liturgia de algumas Igrejas sírias. Ver: <http://www.dicio.com.br>. Acesso: 30.10.2017

incorpora em um dos seus filhos e é coberto por um pano branco denominado “Alá” (VERGER, 2000). Essa simetria mostra que a Bíblia, sendo o Deus-palavra (Cristo, o Verbo que se torna homem), está presente no mesmo lugar do orixá da criação.

O Padre Ramiro<sup>147</sup>, pároco da cidade de Coronel Xavier Chaves, em sua homilia, durante as Missas Inculcuradas, sempre falou a sobre a valorização à cultura dos negros e sobre a necessidade da partilha, da igualdade entre as pessoas, dentro da diversidade.

Nas procissões, entra uma Bíblia, colocada no ambão, mostrada na foto 41, onde se realizam as mesmas leituras litúrgicas da missa tradicional.



Foto 41: Missa Inculcurada realizada pelo COSNEC em 2010 (foto do arquivo de Binho)

A homilia feita pelo padre, nesse momento, para explicar os textos bíblicos, reflete o maior ou menor comprometimento do sacerdote com as causas da Pastoral Afro. A letra abaixo, cantada pelos integrantes do COSNEC, traduz a ânsia pela liberdade dos negros e índios e pelo desejo da igualdade entre todos.

**Irá chegar<sup>148</sup> (cantada na hora da entrada da Bíblia)**

Irá chegar um novo dia, um novo céu  
Uma nova terra, um novo mar

<sup>147</sup>Entrevista com padre Ramiro em 2015.

<sup>148</sup>Axé de autoria de Vera Lúcia, segundo <http://m.letras.mus.br>. Acesso: 20.11.2017

Neste dia, os oprimidos, numa só voz  
A liberdade irão cantar  
 Na nova terra o negro não terá corrente  
 Eo índio vai ser visto como gente  
 Na nova terra o negro, o índio e o mulato  
Vão comer no mesmo prato

Observei mais uma demonstração de fé e louvor à Nossa Senhora na letra abaixo, que também mostra o romantismo, inspirado pelos elementos da natureza, o beija-flor, o cravo, a rosa e a flor de laranjeira.

**Beija-Flor<sup>149</sup> (Música da Aclamação)**

Ó beija-flor, toma conta do jardim  
 Vai buscar Nossa Senhora p'ra tomar conta de mim  
 Sinhá rainha, sua casa cheira  
 Cheira a cravo e rosa e flor de laranjeira

Os alimentos ofertados nessa hora correspondem ao alimento da fé, expressos na Bíblia, e, no candomblé, é uma das formas de fortalecer o axé, através do ato de oferecer comida ao santo. Na procissão de entrada do ofertório, pode-se sugerir que o santo está sendo alimentado, sendo ele católico ou das religiões afro-brasileiras, já que se trata de uma celebração inculturada (Oliveira, 2011).

A foto 42 registrou o momento, no ritual inculturado do COSNEC, da oferta dos alimentos na Missa Incultura do COSNEC, em 2014. A música do ofertório, em seguida, fala sobre a oferta do negro em forma de luta e dedicação, feita diretamente ao Deus Pai Criador, mas apresenta o nome do “Preto Velho Iaiá”, e o ‘Deus de tantos nomes’, sem dar-lhes o significado atribuído às religiões afro-brasileiras.

---

<sup>149</sup>Autoria de Déa Trancoso. Grifos meus. Ver: <http://m.letras.mus.br>. Acesso: 20.11.2017



Foto 42: Entrada do ofertório pelas integrantes do COSNEC, na Missa Inculturada. (Foto tirada pela autora em 2014.)

### **Ao Deus Pai criador, oferecerei!<sup>150</sup> (música do ofertório)**

#### Ao Deus Pai Criador, oferecerei

Essa raça, essa cor, oferecerei  
 Cada negro que luta, oferecerei  
 Pelo fim do racismo, meu sangue em batismo, oferecerei  
 Pão, comida escassa, oferecerei  
 A luta dessa raça, oferecerei

#### Ao Deus de tantos nomes, oferecerei

Negro, branco, homem livre, que sempre tive, oferecerei  
 Negra história negada, oferecerei  
Preto Velho Iaiá, oferecerei  
 Negra pela raiz, este povo feliz, oferecerei  
 Meu trabalho escravo, oferecerei  
 Alugado, meu pago, oferecerei  
 Meu povo desterrado, oferecerei  
 A beleza que faço, alegria que trago, oferecerei  
 Vinho, sangue suado, oferecerei  
 Pão partido, esmago, oferecerei  
 Um clamor de justiça, oferecerei  
 Arte, samba, vitória nas mãos da história,  
 oferecerei

Na letra da música acima, o negro oferta toda sua vida, sua história, sua cultura, sua arte e o suor do seu trabalho para Deus. Na procissão do ofertório, os integrantes do COSNEC

<sup>150</sup>Canto das CEBs e dos grupos bíblicos em família. Grifos meus. Ver: <http://tremdascebsblogspot.com>. Acesso:23.11.2017

levam as ofertas em forma de alimentos, dançando sobre os ritmos dos atabaques. O Missal Romano orienta ser, o dever do sacerdote, acolher as ofertas trazidas pelo povo e colocá-las no altar, ao lado do pão e do vinho. Nas missas afros, o padre coloca os símbolos em frente ao altar, sobre uma toalha, esteira ou folhas, dispostos pelos participantes (OLIVEIRA, 2011).

Na Missa Inculturada organizada pelo COSNEC, os alimentos são colocados no chão, sobre as folhas de bananeira, ao lado do altar (foto 43). Damasceno (1990) lembra que os orixás, no candomblé, comem no chão, mas os integrantes do COSNEC me disseram que esse ato significa a humildade dos negros escravos, que dispunham os alimentos dessa forma, nas senzalas.



Foto 43: Alimentos ofertados pelos integrantes do COSNEC, na Missa Inculturada. (Foto da autora tirada em 2014).

As duas músicas abaixo são cantadas pelos integrantes do COSNEC, no momento da consagração, sendo a Oração Eucarística mantida em sua origem, sem alterações.

### **O Senhor é Santo<sup>151</sup>**

Vamos cantar, o Senhor é Santo

Vamos louvar, o Senhor é Santo

O Senhor é Santo

No céu e na terra, o Senhor é Santo

Na força do seu nome, o Senhor é Santo

<sup>151</sup>Música católica. Autor não encontrado. Grifos meus.

O Senhor é Santo  
Bendito o que vem, o Senhor é Santo  
 Hosana, amém, o Senhor é Santo

Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do Universo  
Olelê, Olelê, Olalá, Olalá  
 Hosana nas alturas, Bendito o que vem  
 Em nome do Senhor  
 Olelê, Olelé, Olalá, Olalá, Hosana nas alturas

Ao dizer Olelê, Olalá, na letra acima, verifiquei a mistura dos ritmos afrodescendentes às letras católicas.

### **Música da Paz<sup>152</sup>**

Um abraço negro, um sorriso negro  
 Traz felicidade, negro tem sossego  
 Negro sem emprego  
 Negro é a raiz da liberdade

Na letra da “Música da Paz”, vejo a necessidade do negro de passar carinho e paz, mesmo nas dificuldades, ao mesmo tempo em que se considera a liberdade como causa maior.

Finalizando a missa, os integrantes do COSNEC entram em procissão com as imagens de Nossa Senhora Aparecida e de Nossa Senhora do Rosário, e a música Mariana, cantada por eles, celebra a vitória dos negros sobre a opressão dos brancos. Ao estabelecer um paralelo entre Maria, mãe de Jesus, e as amas de leite, Oliveira (2011) diz que Maria renuncia e oferece seu filho em sacrifício para a libertação dos homens e torna-se a grande mãe dos pecadores. As mães negras ficam sem os seus filhos, enquanto amamentam os filhos dos patrões. As duas faces se unem na imagem da Virgem mãe protetora e libertadora.

A letra da música Negra Mariana mostra a fé e os cuidados dedicados à Nossa Senhora Aparecida, à música, ao canto e à dança que anima e traz a esperança ao negro martirizado que luta na esperança da liberdade.

### **Negra Mariana<sup>153</sup> (Música do rito final)**

Negra Mariana, negra Mariana chama  
 Negra Mariana chama para enfeitar o andor  
 Porta-estandarte para ostentar  
A imagem Aparecida em nossa escravidão

<sup>152</sup>A canção Sorriso Negro é de autoria de Dona Ivone Lara, e possui os mesmos versos desse canto denominado Música da Paz, cantado por vários grupos e cantores negros. Grifos meus. Ver: <http://m.letras.mus.br>. Acesso: 20.10.2017.

<sup>153</sup>Música executada na Pastoral Afro. Grifos meus. Ver: <http://m.letras.mus.br/pastoralafro>. Acesso: 20.10.2017.

Com o todo dos pequenos, cor de quem é irmão  
 Negra Mariana chama para cantar  
 Que Deus uniu os fracos pra se libertar  
 E derrubou o trono latifundiário  
 Que escraviza pra se regalar  
 Negra Mariana chama pra dançar saravá  
Esperança até o sol raiar  
No samba está presente no sangue derramado  
O grito e o silêncio dos martirizados  
 Negra Mariana chama pra lutar  
 Em nossos movimentos sem desanimar  
Levanta a cabeça dos espoliados  
Nossa companheira chama pra avançar

A próxima canção, que evoca o carinho e a proteção da mãe negra, é sempre executada no final da Missa Inculturada do COSNEC, no início de cada reunião do Centro Afro e nas missas rotineiras, quando o Coral de Binho se apresenta. No Centro Afro, todos a cantam de pé, em devoção à Nossa Senhora do Rosário e à Nossa Senhora Aparecida. As imagens das santas são colocadas num pequeno altar, organizado para os dias das reuniões e dos eventos realizados pelo COSNEC nesse espaço.

#### **Música da Virgem Maria<sup>154</sup>**

Oh, mamãe, abraça eu mamãe  
Embala eu mamãe, tem dó de mim  
 Oh, mamãe, abraça eu mamãe  
 Embala eu mamãe tem dó de mim

Ao final da missa, os alimentos são distribuídos para todos os presentes, como mostra a foto 44, e, segundo padre Ramiro, é o momento da partilha, da igualdade praticada na diferença.

---

<sup>154</sup>Autor desconhecido. Segundo a exposição no capítulo três, essa canção é executada na abertura das reuniões do grupo, antes das apresentações no espaço público e nas Missas Inculturadas. Indica, em sua letra, a louvação a Nossa Senhora em seu amor dedicado aos negros. Grifos meus. A música “Embala Eu” gravada por Clara Nunes e Clementina de Jesus, possui versos à mãe Meninha do Gantois pedindo sua bênção e para que ela embale a todos. A harmonia e melodia são semelhantes às mesmas contidas na estrofe acima cantada nas Igrejas, mas a letra é toda dedicada ao culto candomblecista, o que leva a crer que pode ter ocorrido o sincretismo na forma de expressar esse canto no catolicismo. Ver: <http://www.vagalume.com.br>. Acesso: 22.10.2017



Foto 44: Distribuição dos alimentos, no final da Missa Inculturada, organizada pelo COSNEC, na festa de Nossa Senhora do Rosário – Igreja do Rosário – Coronel Xavier Chaves. (Foto tirada pela autora em 2014).

A Missa Afro, ou Inculturada, é uma cerimônia que se coloca entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, mas esse significado não é considerado por muitos agentes organizadores e fiéis presentes que consideram os símbolos do ritual: alimentos, as duas mulheres, o atabaque, pertencentes à herança cultural negra, mas despidos dos significados religiosos vivenciados nas cerimônias das religiões afro-brasileiras.

A polissemia dos símbolos tem seus significados sentidos de acordo com o contexto do grupo que os utiliza, e, em se tratando dos integrantes do COSNEC, são considerados símbolos culturais introduzidos nas celebrações católicas.

Observo que a entrega à fé e suas manifestações vivenciadas pelos integrantes do COSNEC, pertencentes ao catolicismo, estão contidos na memória, que, mesmo distante do que foi vivido na história de seus antepassados, ressignificam no presente, em um contexto inusitado, como esse vivenciado na Missa Inculturada – a história, os costumes, a vida em cativeiro, a libertação e a continuidade dessas buscas junto aos outros elementos no presente.

Pergunta da pesquisadora: Quantas vezes você já foi na Missa Inculturada?

Zilda: Em Ritópolis uma vez, Resende Costa duas, Barroso três, Barbacena quatro, aqui já teve umas cinco, então, durante o período que eu entrei, já fui em várias [sic].

(Entrevista com Zilda, integrante do COSNEC, em novembro de 2014 – grifos meus).

Os novos movimentos do grupo buscam a valorização das suas heranças culturais através trabalho artístico no espaço sagrado católico e no espaço público, onde refazem seus laços de pertença com outros grupos negros.

<b>QUADRO 02 – Número de Celebrações da Missa Inculturada</b>
Coronel Xavier Chaves - nove vezes
Ritópolis - uma vez
Resende Costa - duas vezes
Barroso - três vezes
Barbacena - quatro vezes

Esse culto, muitas vezes, é celebrado ao ar livre em Coronel Xavier Chaves e em outros locais, (quadro 2 acima) mas, mesmo quando realizada dentro das Igrejas, o deslocamento do grupo para outras cidades promove novos contatos com culturas diversas. Zilda falou da alegria de poder participar das Missas Inculturadas e de compartilhar esses conhecimentos com outras pessoas de diversas cidades.

Araceli, falou da satisfação de levar a cultura afro-brasileira para todos os lugares e que muitas cidades não possuem essas informações. O grupo é parabenizado e homenageado, bem mais do que na cidade de origem. Ela diz que, mesmo com a diminuição do preconceito, é necessária a manutenção das origens, das raízes que não podem ser esquecidas e que devem ser passadas com alegria, não mais com a tristeza existente nas lutas travadas dos escravos com seus feitores.

Pergunta da pesquisadora: Como você vive os contatos novos que o grupo anda fazendo?

Araceli: A gente percebe nas pessoas que eles gostam, valorizam[...], e, pra nós, tá mostrando nosso trabalho, que é feito com muito sacrifício, com muita dedicação, a gente fica muito feliz de poder ta levando isso pra outras cidades, visto que, aqui, na nossa cidade, nosso trabalho não é tão valorizado [sic].

(Entrevista com Araceli, integrante do COSNEC, em março de 2015 – grifos meus.)

Pela fala de Araceli, no que se refere às lutas e ao sacrifício na realização, na continuidade e na permanência dos trabalhos, fortalecidos pela fé e pela crença de que Deus garante as vitórias do grupo, observei que a religião continua presente nas práticas artísticas das mulheres do COSNEC, realizadas no espaço público, assim como nas demais atividades que praticam, em função do movimento de divulgação da cultura afrodescendente. A fé atua

como o suporte emocional e espiritual para a superação dos preconceitos enfrentados na cidade do grupo e para a concretude de seus objetivos.

Em minha permanência no campo de pesquisa, percebi que a perspectiva do grupo pesquisado, em se tratando da Missa Inculturada que praticam, relaciona-se ao projeto de conscientização do negro, mas também à sensibilização e visibilidade que deve ser passada para a comunidade em geral.

Nem sempre o resultado é satisfatório, já que o público assistente é constituído pela grande maioria negra da Vila Fátima. Poucos moradores da cidade comparecem ao ritual, sendo, a presença marcante da maioria, observada em outras festas das Igrejas locais, como na Festa da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição, nas missas rotineiras e nas atividades da Semana Santa.

Segundo Sanchis (2006), os militantes da negritude freqüentadores deste tipo de celebração desejam que a Missa Afro possa ser considerada como uma missa comum no Brasil, despida do exotismo. Mas, a reflexão advinda do próprio movimento deixa claro que tal resposta significa mais uma utopia do que um projeto.

Portanto, a controvérsia é fato entre os que pensam que uma celebração afro deve ser fruto do amadurecimento da consciência do grupo, cuja identidade acaba por se mostrar, e aqueles que querem fazer desta celebração um instrumento de visibilidade às reivindicações do negro no interior da comunidade cristã brasileira em seu conjunto.

No meu campo de pesquisa, as celebrações inculturadas traduzem esse duplo aspecto do ritual e, ainda, uma busca da identidade que necessita ser resgatada através dos traços da origem dos pais que vieram da África, que são donos dos valores autênticos e igualitários, mas que também estão, como afirma Sanchis (2006), cristalizados em instituições que atravessaram a história e construíram uma cultura, uma identidade, em muitos casos, oriunda dos espaços católicos e das “religiões afro-brasileiras”.

Duas entrevistadas, integrantes do COSNEC, falaram-me que têm admiração e curiosidade pelas danças do candomblé. Marisa disse ter interesse em conhecer aquilo que lhes foi negado, e, por isso, admite que não pode dizer nada sobre o que desconhece, referindo-se às religiões de matriz africana. Por outro lado, muitos integrantes do grupo se negam a conhecer e a participar de outro segmento religioso que não seja o catolicismo.

A fala de Bia, faz alusão ao “orixá da dança” do candomblé, comentado no capítulo 3, e detalhado no capítulo 5, como aquele que lhe inspira, ao entrar na Igreja, no momento da Missa Inculturada, com grande ânimo e intensidade. Por isso, o encontro do candomblé não significa a continuidade das relações sincréticas que permeiam a vida religiosa das classes

populares brasileiras, mas, sim, uma atitude estratégica e consciente que se inscreve no conjunto da busca pela identidade perdida, já despida do preconceito imposto pela fidelidade paroquial e, hoje, considerada uma autêntica descoberta, mesmo que não se cogite uma mudança de lealdade religiosa ou mais uma opção de freqüência à outra instituição (SANCHIS, 2006).

Segundo Canclini (2008), o sincretismo é um dos processos existentes de *hibridação*, termo que abrange diversas mesclas interculturais: raciais ou religiosas, por exemplo. O espaço religioso afro-católico é um tipo de prática cultural marcada pelo sincretismo, em que a mistura cultural ocorreu devido à convivência entre tradições muito ricas: a católica, a ibérica e a africana.

Ferreti (1998) afirma que todas as religiões são sincréticas, pois, como um resultado de grandes sínteses, integram elementos de várias procedências, que formam um novo todo. No Brasil, as religiões afro-brasileiras são um conjunto de ritos e mitos, vistos como bricolagem de elementos de origens diversas, atribuído à sua junção ao catolicismo popular. Mas, o sincretismo está presente em outras religiões africanas e no catolicismo primitivo ou atual, popular ou erudito. Todos eles englobam conteúdos de diversas origens, como elementos de uma cultura, que, pela religião, tornam-se ponto de encontro e de convergências entre tradições diversas.

Toda religião, através de seus líderes, na tentativa de realizar o melhor possível, com a intenção de torná-la pura e verdadeira, agregam a arte, a estética e a beleza, através de música, dança, pintura, escultura, literatura, culinária, vestuário etc. (FERRETI, 1998).

Esses fatores, presentes nas manifestações religiosas do COSNEC, tornam-se elementos favoráveis para a teatralidade do desempenho da liturgia e para a contemplação mística em que arte e religião se tornam inseparáveis.

A religião é um fenômeno vivo, dinâmico e contraditório, que não se limita à visão única, intelectualizada e empobrecedora da realidade. A mesclagem das culturas, atuando como um imperativo de sobrevivência da religião dos negros, frente à opressão dos senhores, fez surgir uma herança de força e beleza, legadas à posteridade. Essa herança se originou pela fusão sincrética e pela reinvenção e mistura de valores ocorridos nas senzalas e nos quilombos (FERRETI, 1998).

Ao observar o engajamento histórico-social do COSNEC em seus fazeres religiosos e artístico-culturais na luta contra o preconceito, tomo como referência o posicionamento de Pereira (2015), quando diz ser, o sincretismo, fruto dos contatos culturais, constituídos nas situações-limites, em que modelos distintos medem forças e são caracterizados pelas

rejeições, interações, violências e solidariedade que marcam seus contrastes e conflitos, expressados nos significados religiosos.

Para os grupos dominantes, o sincretismo reafirma o poder da cultura oficial, que manipula os valores populares para seu serviço próprio, e, para os grupos dominados, o sincretismo é um fator alternativo, uma experiência e uma fonte de discursos favoráveis à resistência e ao diálogo, utilizados pelos menos favorecidos, frente às forças de dominação. As ambiguidades existentes entre o lado positivo e negativo, conservador ou inovador, são fatores que se interpenetram, mais do que se excluem. (PEREIRA, 2015).

As pessoas do COSNEC, no encontro com as diferenças, negam-se a pertencer a uma religião sincrética e dizem seguir o catolicismo e as heranças dos antigos, em que eles, como devotos se sentem coerentes nas práticas da crença e fé.

Dessa forma, o reconhecimento das mediações, como características marcantes do sincretismo, leva ao encontro de outras vias, pelas quais se busquem, na variação e plasticidade do conceito e da realidade social, outras formas de encontrar uma explicitação densa dos fenômenos sincréticos (PEREIRA, 2015).

As novas identidades que o COSNEC vivencia, através das práticas artístico-culturais, são denominadas por Hall (2006) de *identificação*, ao fazerem parte de um processo em andamento, que surge devido à falta de inteireza, preenchida no exterior das pessoas pelas formas nas quais imaginam serem vistas pelos outros e com os quais realizam trocas e alianças, como ocorreu na convivência do catolicismo popular com as religiões africanas.

Em forma de heranças culturais buscadas no passado junto aos demais conhecimentos da cultura africana surgiu um conjunto de práticas significativas no combate aos preconceitos oriundos do passado escravocrata e na construção de um novo conceito sobre vida igualitária.

A afirmação da pertença a uma etnia que possa ser legitimada para os grupos que vivem a religião, nos casos de “negritude católica na diáspora, pauta-se em Sanchis (2006), quando afirma serem, essas questões e realidades, não apenas embaixadoras de uma definição de identidade, mas também promotoras do surgimento de projetos políticos, nas diversas formas de modalidades de reivindicação de pertença, comentadas no próximo capítulo, principalmente naquelas que tratam da etnicidade ligada à religião e arte, pelas quais os grupos negros-católicos se articulam nestas dimensões.

O momento de beleza está sempre presente perante a arte que o indivíduo vive e admira, como dádiva a ser desfrutado, imensurável e livre para ser experimentado. Ele se transforma em elemento de fortalecimento do louvor, da entrega ao sagrado, por criar uma

relação peculiar, uma forma inusitada de adoração, que traz a ressignificação da intimidade com Deus.

## 5. CONSCIÊNCIA POLÍTICA E O TORNAR-SE NEGRO

O movimento que as mulheres do COSNEC realizam é constituído pela dedicação à religião católica, já praticada anteriormente e, agora, entrelaçada à arte<sup>155</sup> da dança e do canto, e conhecimentos sobre as suas origens, fatores que possibilitaram as conquistas da autoestima e do reconhecimento dos seus direitos como mulheres e como negras.

Atualmente, as mulheres do COSNEC amenizaram os complexos de inferioridade advindos das causas sociais discriminatórias que as subjugavam à timidez. A religião também auxiliou na tomada de decisão quanto às participações nas missas, nas organizações e participações dos eventos do grupo, que incluem os contatos e trocas realizados com outros grupos culturais e religiosos, e nas viagens para outros locais. Tudo isso contribuiu sobremaneira para a conquista da autonomia sobre suas ações no meio social.

### 5.1. Raízes religiosas em novo contexto

Observei, no que se refere à dinâmica das mulheres em suas apresentações, a sensibilidade cuja emoção se evidencia em seus gestos, atrelada às novas formas de cantar e orar, caracteriza o grupo, em suas buscas pelas heranças culturais.

Quanto aos detalhes contidos nas especificidades que dão a beleza e a graça nas performances artísticas e religiosas das mulheres do grupo, Calvani (2010) diz ser, o momento de beleza, uma forma de revelação na linguagem religiosa, um momento de transfiguração, de encantamento, de êxtase frente aos problemas do dia a dia, que resulta numa tentativa de reviver novas emoções e novas expressividades.

O sagrado é definido pelas mulheres do COSNEC pela fé e pela crença nas devoções e nos louvores a Deus. Assim, a forma de louvar o divino, através do canto e da dança, são maneiras de ofertar o agradecimento e reforçar a intimidade com esse sagrado que conheceram dentro da doutrina cristã do catolicismo

Portanto, as mulheres do grupo, afirmam, que a performance artística possui características sagradas e as profanas, pois uma pressupõe a outra, de forma que não seria possível compreendê-las isoladamente.

Eliade (1992), afirma que o sagrado seria a força que rompe com o mundo comum, e não é a oposição antagônica ao profano, pois uma força maléfica pode ser uma manifestação

---

<sup>155</sup>Partindo do princípio de que a arte é conhecimento, ela é considerada uma das primeiras manifestações da humanidade, através da qual o ser humano marca sua presença, sua vivência no mundo, comunicando-se pelas criações de objetos e formas que representam suas ideias, sensações e sentimentos. Por ser uma experiência humana de conteúdo estético, a arte transmite a cultura pelas variadas formas de expressar seus estilos (AZEVEDO J. & GARCIA, J., 2007).

sagrada com múltiplos significados, e quando se revela, o sagrado traz a riqueza simbólica, no encontro com a realidade transumana e com o inatingível, que dão a significação à existência humana como real. O homem que crê tem, pela experiência do seu sagrado, o sentido e a qualidade de sua realidade, a convicção da verdade que é, de fato, que significa e, ao mesmo tempo, indica aquilo que não é, que não tem significado algum para ele (ELIADE, 1992).

Os conteúdos apresentados em suas performances, juntamente aos elementos do catolicismo, mostram o estilo e o poder de uma arte que expressa, com vitalidade, coragem e originalidade, o tema proposto, cujos símbolos substanciais, presentes na cultura, mostram a paixão e os significados de sentidos que o grupo confere às suas criações, pelas quais expressam, conjuntamente, o tema e o estilo religiosos. (CALVANI, 2010).

Kaufmann (2013) se refere ao poder da transmissão do artista<sup>156</sup> em uma experiência estética separada dos conflitos da vida, envolta pela alegria e comparada à conquista da paz eterna depois da luta.

O que se verifica em quem transmite sua arte é um puro deleite, como um milagre, em contraste com o estado despedaçado da vida real, que não é superado, mas transfigurado na mente do artista pelo estado de glória, advindo do sentimento da unidade primitiva do ser, mesmo que as ramificações e divergências causem tensões dentro da obra, promovidas na experiência única. O estado de graça alcançado impregna o prazer estético, não importando sua permanência na experiência mundana, em que não há lugar para a esperança transcendente (KAUFMANN, 2013).

Dessa forma, as mulheres do COSNEC vivem o momento de beleza, favorecido pela sensibilidade e pela emoção, alcançando o estado de graça, proporcionado pela vivência do sagrado.

A devoção religiosa guia e confessa o tremendo mistério da divindade e reconhece o divino como algo além das capacidades pessoais da compreensão humana. A arte que produzem se eterniza ao ser exposta externamente, mas, o seu poder só terá continuidade se estiver direcionada ao louvor e à aproximação a um ser absoluto (KAUFMANN, 2013).

Quanto à música dançada e cantada que essas mulheres do COSNEC vivenciam, Calvani (2010) afirma ser, a música, a expressão do desejo e do anseio e uma insatisfação do indivíduo em relação à vida e à busca por Deus, que promove a realização plena, além de ser

---

<sup>156</sup>Nos primórdios da humanidade, através das pinturas rupestres – forma diferenciada de manifestação artística – , junto às demais ações do homem, que necessitava transformar a natureza para sobreviver, a arte esclarece a ação dos indivíduos em sociedade e sua capacidade de transformar a realidade social em suas múltiplas contradições e conflitos (FISCHER, 1983).

uma forma particular de participação na temporalidade do mundo e no envolvimento das pessoas com a mesma.

Barbosa (2015), referindo-se ao canto, entendido como veículo para receber e transmitir o axé, princípio vital e dinâmico que movimenta todo o sistema cultural Nagô, diz que ele atua como elemento empoderador da mulher identificada com a cultura negra de matriz africana. Empoderada pelo axé, considerado poder de realização, no interior da cultura Nagô, a mulher se torna preparada para se posicionar socialmente, ou seja, dominar seu entorno, dentro e fora dos terreiros, através do ato de *cantar sua cultura*, mesmo se marcada pelo patriarcalismo e pelo racismo.

A história brasileira é contada (cantada), em parte, por líderes negras instituidoras do candomblé no Brasil, particularmente na Bahia. Mulheres como Mãe Aninha, fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá; Iyá Nassô, fundadora da primeira roça (outro nome para terreiro) de Candomblé do país; e a Mãe Senhora, mãe do mestre Didi, autoridade no culto de ancestralidade africana no Brasil, o culto dos Eguns. Como cantantes portadoras e disseminadoras do axé dentro do Candomblé, as Yalorixás se empoderam sob o toque do tambor (BARBOSA, 2015). As mulheres integrantes do grupo aprendem, vivenciam, multiplicam e ensinam ininterruptamente, assim como vem ocorrendo no COSNEC. O objetivo do projeto, que organiza ações políticas, caminha no sentido de fortalecer essas ações, pois, ao tocar um instrumento e cantar, a mulher negra se apropria de sua voz e se empodera de si mesma e de sua cultura.

As culturas se transformam e se realinham, à medida em que as identidades se formam pelas representações construídas pelos sujeitos, no contato com seus pares e com outras culturas. No processo de globalização, o homem, para compreender seu passado, utiliza-se da memória, pela tradição. De acordo com Hobsbawm (2002), para sobreviver, a memória precisa de ritos e de ordenações, garantindo, dessa forma, sua transmissão (conhecimentos, práticas, valores), para que não se perca nas discontinuidades do mundo contemporâneo.

Para melhor compreender o movimento e contradições vivenciados pelo meu grupo de pesquisa, busco em Sanchis (2006) o argumento que sustenta os encontros e desencontros responsáveis pela articulação de identidades e pela reformulação de relações significativas, estabelecidas no interior de universos simbólicos, constituídos de relações diferentes, que podem, pela interação, modificar-se no seu conjunto de significações.

No Brasil, uma reivindicada identidade “negra”, considerada de “tradição africana”, marcada por denominação biológica de “afrodescendente”, relaciona-se contrastivamente com uma identidade nacional, ao mesmo tempo em que se encaixa nela, a “afro-brasileira”, e

formam dois movimentos: um de globalização da “negritude” da afrodescendência ou do “afro-americanismo” e outro de aspecto segmentário numa unidade nacional, como simplesmente “afro-brasileiro”. Eles se recortam mutuamente, onde a totalidade nacional globaliza o grupo negro, ao mesmo tempo em que este se representa como importante componente daquela (SANCHIS, 2006).

Os lugares de memória (celebrações, museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, tratados, processos verbais, monumentos, santuário e associações) indicam a inexistência da memória espontânea, imediata, tradicional, pois ela se transforma e se enraíza no concreto, sendo transmitida como tradução do que passou, tornando-se aspectos das identidades que surgem do pertencimento às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais (HALL, 2006).

A memória dos descendentes quilombolas do COSNEC ficou no imaginário como fatos de uma tradição que foi substituída por novos costumes, na reencenação do passado, ao inventar novas tradições em outras temporalidades culturais (BHABBHA, 2003). Em suas vivências identitárias e através da fé católica, eles vinculam-se ao tempo e ao espaço nos quais reafirmam o conceito de pertença. Por outro lado, é necessário considerar as transformações pelas quais passam os sujeitos dos quilombos, que, ao se libertarem dos dogmas da tradição, como sinônimos de remanescentes e oprimidos, adquirem uma nova identificação.

Lia<sup>157</sup> disse que seu corpo balançou mais forte e que seus gestos se ampliaram, gerando os novos movimentos – a fé, a alegria, a celebração, a música e a dança que a levam para mais perto de Deus. Ela relatou que essa experiência causou várias transformações em sua vida. Mesmo não sendo descendente dos escravos, as sensações vividas dão a nítida certeza de que ela pertence ao povo negro. Sua identificação com os negros e com o movimento do grupo já havia acontecido em outras situações, vividas em outros contextos, onde haviam pessoas da cor negra, em que ela também se sentiu como parte do grupo, assim como no COSNEC. Esse fato me chamou a atenção, por representar a memória contida, através da emoção, como se, de fato, as pessoas estivessem vivido a cultura passada, com a qual não tiveram nenhum contato anterior, apenas pela sua identificação com ela.

A experiência vivida por Lia pode ser legitimada pelas afirmações de Gomes & de Pereira (1992), que diz ser, o povo, o mensageiro dos modelos culturais alternativos, cujos saberes têm sido fundamentados na tradição formada pelas gerações de antepassados, em que

---

<sup>157</sup>Entrevista realizada em 2014

a apreensão do mundo se deu fora dos parâmetros de erudição, nas suas experiências adquiridas. Portanto, o termo “expressão popular”, que, nessa pesquisa, é representado pelos fazeres do grupo COSNEC, sintetiza uma gama variada de conhecimentos heterogêneos que formam os saberes populares. Os elementos da cultura popular permanecem, estão sempre se recriando, como manifestação de um sistema de significados, por uma série de representações, de símbolos nascidos da ação social (GOMES & PEREIRA, 1992).

O COSNEC, apesar de se constituir como grupo predominantemente católico, possui dois integrantes frequentadores de duas designações religiosas: Fabrício, pertencente à umbanda<sup>158</sup>, e Bia, espírita kardecista<sup>159</sup>. Seus antepassados negros, vindos do Continente Africano, instalaram-se, nos séculos XVIII e XIX, na região do Campo das Vertentes, onde se situava o Quarteirão do Mosquito, atual cidade de Cel. Xavier Chaves. Praticantes das religiões de matriz africana, negros bantos, sudaneses, mas, principalmente, os Benguelas, como afirmam Brügger & Oliveira (2009), já traziam o sincretismo em suas crenças e práticas religiosas.

Observei a admiração de Bia<sup>160</sup> e de Marisa<sup>161</sup> pelo candomblé<sup>162</sup>, no que se refere à dança, ao vestuário, aos enfeites e às formas de manifestação da fé através do movimento dos corpos.

---

<sup>158</sup>A umbanda se originou no Brasil, na década de 1920 a 1930, através das práticas kardecistas mescladas aos elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, fase em que se instalou como nova religião. Desde o século XIX, vários aspectos da umbanda se encontravam presentes nas práticas bantos. Na cabula (culto praticado no Espírito Santo, no final do século XIX), o chefe do culto se denominava embanda e os cargos e símbolos litúrgicos foram incorporados pela umbanda. Suas origens afro-brasileiras se referem ao culto das entidades africanas, aos caboclos, aos santos do catolicismo popular e às demais entidades advindas do Kardecismo (SILVA, 2005). Ver: NEGRÃO, 1979; ORTIZ, 1986.

<sup>159</sup>O kardecismo se originou na França, com Allan Kardec, e chegou ao Brasil na metade do século XIX, ganhando grande repercussão e aceitação na classe média e, posteriormente, pela população em geral. Essa doutrina filosófica e religiosa considera a existência de um Deus criador, o mesmo da religião judaico-cristã, onipotente e onipresente, mas muito distante dos homens. Os “guias” (espírito dos mortos, “desencarnados”) se encontram bem próximos e possuem a missão de auxiliar os humanos na evolução espiritual, através da caridade e do amor ao próximo. O kardecismo aplica métodos racionais e científicos para a compreensão dos fenômenos sobrenaturais, por meio do discurso racional e religioso, sendo aceito dessa forma pelo público mais instruído que divulga essa religião (doutrina e ensinamentos morais), através de livros (SILVA, 2005). Ver: CAMARGO, 1961.

<sup>160</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>161</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>162</sup>O candomblé, como prática religiosa africana, era realizado pelos negros, desde a fase colonial, nas senzalas, através das danças, magias, cantos, adivinhações e cura, espalhando-se pelos centros urbanos. Os orixás, representantes de vários elementos da natureza, são os deuses cultuados, que foram sincretizados aos santos católicos, devido à proibição dos cultos afro-brasileiros. Historicamente, a associação entre os deuses das etnias negras já existia na África, antes da escravidão no Brasil. As semelhanças existentes entre o conceito de orixá dos iorubas, de vodum dos jejes e de inuice dos bantos os uniam na crença de um ser supremo denominado Olodumarê, que atua sobre as demais divindades, com forças espirituais humanizadas, perfil físico e personalidade próprios, que se tornaram espíritos divinizados, após viverem na terra como humanos (SILVA, 2005). Ver: PRANDI, 2017.

Conforme mostra a foto 45 abaixo, na apresentação do grupo Bataka, de Evandro Passos, sobre danças do Candomblé, na nona SECON, os participantes do COSNEC assistiram atentos a todas as performances apresentadas e, no final, elogiaram os movimentos e as cores do espetáculo.



Foto 45: Dança de Xangô apresentada pelo grupo Bataka, na nona SECON, realizada pelo COSNEC. (foto da autora tirada em novembro de 2016).

Marisa declarou<sup>163</sup> sua admiração pelas danças do candomblé que assiste pela TV: “Acho tudo muito bonito, mas a gente não tem curiosidade de pertencer, porque não conheceu, não faz parte da nossa rotina”.

Bia comenta: “Lembro que eu tava assistindo um filme sobre escravo mesmo, né, que eles tinham aquele Candomblé, né, aquelas danças; acho lindo aquilo, tenho paixão; é como eu disse, tá no sangue mesmo, né, a gente já vem com aquela cultura negra, né” [sic]. Assim, Bia mostra sua crença variante em Deus, no Kardecismo e nos Santos do Candomblé, ao relatar sua emoção, quando entrou jogando rosas, sentindo a forte presença de Deus e “daquele<sup>164</sup> que dança no candomblé, negro, vem participar junto com a gente”.

<sup>163</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>164</sup>No candomblé, a dança, à joyó Òrìsà, também denominada no Brasil de siré Órìsà, associa-se às festas e brincadeiras feitas em homenagem aos orixás, que são invocados para incorporarem nos filhos de Santos, através

Fabrcio relata<sup>165</sup> sobre sua liberdade de transitar entre a umbanda e o catolicismo. Disse que sua relaçaõ com Deus, como instrumentista, ocorre a partir dos santos que o protegem, de devoçaõ catõlica, mas que, na umbanda, são representados pelas entidades de origem africana.

Os ritmos executados por Fabrcio estão em íntima relaçaõ com a sua fé, com sua emoçaõ e com os santos louvados no momento do ritual. Percussionista do grupo, Ele toca atabaque na umbanda, e, como catõlico, toca nas Missas Inculturadas e em outras missas, quando convidado. Disse que a umbanda veio do sangue e que a prãtica umbandista é uma forma de ser ajudado pelos santos e de ajudar ao prõximo. Em sua entrevista, declarou: “Tocar e orar tem uma força maior. Quando eu tô tocando na Igreja, a gente tem que mudar o ritmo do toque; na umbanda o toque já é mais pesado” [sic].

Observo que o instrumento atua como o elo de uniãõ de Fabrcio e seus santos, na umbanda, e os santos da Igreja catõlica e significa para ele a mediaçaõ entre a arte de tocar e a fé, que se torna mais intensa, quando executa os ritmos apropriados para cada espaço sagrado, onde se expressa fiel a Deus e aos santos e como artista. Dessa maneira, percebo que o entrelace das formas de crer dos dois integrantes do COSNEC, favorece o trãnsito entre as designações religiosas que escolheram para cultuar Deus, as entidades e os santos de devoçaõ.

Hervieu-Léger (2005) diz que a liberdade individual, ocorrida a partir da desregulaçaõ da crença na modernidade, torna possível novas formas de convivência com valores, noções, encantamentos e prãticas trazidos pela interpenetraçaõ das culturas. Essa bricolagem possui aspectos limitados, nos quais os indivíduos recombina suas pertença s religiosas e sociais.

A opçaõ pela bricolagem considera os posicionamentos polítics e epistemolõgicos que inspiram a análise cultural, responsãveis por mudanças nos quadros sociais, ocorridas

---

do som dos atabaques, da dança e dos cantares, num clima de festa e alegria. A dança de Xangô é forte e representa a justiça. O Orixá Xangô é a divindade responsãvel por reger os raios e os trovões, é o senhor da justiça e tem como instrumento o oxé (machado com lâmina cortante dos dois lados). Os filhos de Xangô devem priorizar a justiça, uma vez que não costuma ser condizente com as falhas. A tradiçaõ sincrética catõlica o identifica com São Jerônimo. O poder foi o responsãvel pelo nascimento e pela morte de Xangô. Apresentando o arquétipo de uma pessoa forte, suas discussões são em torno de sua forma de ver, entretanto, sempre com sinceridade e honestidade. As cores que o representa são o branco e o vermelho. Embora tudo que pertença a Xangô seja feito de madeira e o fogo seja seu elemento, ele recebe o título de “Obá Jacutá”, que significa “O Lançador de Pedras” (NAVARRO, 2009). A dança de Ogum é representada pelas espadas, e ele é reconhecido como deus único que contém a dança, cores e vários alimentos que marcam sua identidade. Yansã mostra seus movimentos pelos braços, simbolizando a força dos ventos ou através do Irúkeré, um cetro de tamanho pequeno, com pelos, que se associa à morte e aos ancestrais, justificando seu título de rainha dos Eguns. Portanto, a dança, no Candomblé, refere-se à harmonia do sagrado com o físico, que Pierre Verger descreve como o momento em que as divindades dançam e convivem com os humanos. Disponível em: <https://m.extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/os-orixas-o-dia-mundial-da-danca>. Acesso: 25.10.2017. Ver: SILVA, 2005. VERGER, 1981. VERGER, 1985. AMARAL & SILVA, 1992. PRANDI, 1991.

<sup>165</sup>Entrevista realizada em 2014.

pelas modificações das estruturas hierárquicas que regem a produção dos conhecimentos científicos (NEIRA & LIPPI, 2012).

Os limites internos se referem à condição individual e de sentidos da pessoa frente aos processos de crença no seu meio social e de pertença. Os limites externos se referem ao meio e cultural e social, que podem conter maneiras desiguais de acesso aos recursos simbólicos, e são condicionados pelas representações e interpretações sociais e religiosas (HERVIEU-LÉGER, 2005).

As integrantes do grupo, exemplificadas pela fala de Marisa<sup>166</sup>, abaixo, vivem essas experiências, cada uma à sua maneira; mas, ao observar o grupo como um todo, é possível perceber as semelhanças nas formas de sentir os efeitos que as práticas religiosas e artísticas causam em suas vidas como mulheres, como negras e como afrodescendentes.

Marisa confirma que realiza as atividades com o sentimento que vem de dentro, trazendo a alegria que a leva ao encontro dos seus antepassados. Ela também diz que o conhecimento sobre esse passado lhe incentivou a participar intensamente das práticas artísticas e religiosas do COSNEC.

Arnaldo complementa<sup>167</sup> a fala de Marisa, quando enfatiza a importância do conhecimento da cultura de um povo para a história e para a conquista da respeitabilidade necessária à aceitação de sua expressividade: “Engraçado que, através dessa cultura, ajuda as pessoas a aceitar, a entender a mistura das raças, porque, hoje, a cultura é muito valorizada [...]. Antes, a cultura não tinha grandes valores; hoje, se você vai estudar a cultura de um povo, de uma raça, não importa, ela traz um valor muito grande pra história [sic]”.

Eu diria, pelas observações em campo, que a partilha desses valores entre as integrantes trouxe a integração e a união entre elas, pois passaram a interagir com dinamismo nas realizações das tarefas, além de terem se aproximado ainda mais da religião: como disseram Marli e Bia, a frequência delas nas missas se intensificou, mesmo nos dias comuns, quando o grupo não se apresenta.

Conforme Charlot (2000), observei que houve, a partir das novas mudanças, um relacionamento maior com o meio social, uma coragem, uma criatividade ainda mais evidenciada para com o mundo, através da comunicação e do novo partilhar, através das apresentações das danças e dos cantos na Igreja, e no espaço público.

---

<sup>166</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>167</sup>Entrevista realizada em 2014.

Leandra se refere à sua coragem e à liberdade no exercício das atividades artísticas e religiosas junto ao grupo e à sua determinação em dar esse exemplo para outras mulheres ainda submissas aos padrões sociais impostos a elas:

Leandra: [...] fazendo aquilo que a gente gosta e não seguindo aquilo determinado pela sociedade [...], a gente tem que fazer o que acredita, o que identifica, principalmente [...], enquanto mulher, se eu tenho essa liberdade pra expressar, eu acho que eu tô acrescentando, sim, [...] mostrar pras outras mulheres e pra sociedade que a gente tem que usar a liberdade pra aquilo que a gente gosta, com aquilo que a gente identifica e não seguir os padrões [sic]. (Entrevista com Leandro, integrante do COSNEC, em abril de 2015 – grifos meus.)

Machado (2001) afirma ser, essa nova realidade, possibilitada pela superação dos limites, através da alegria e da autoconfiança adquiridas no interior das instituições religiosas, que pregam a prosperidade e criam redes de sociabilidade e motivações subjetivas para a resolução dos problemas diários. No caso específico das mulheres do COSNEC, as atividades culturais, acentuam a vaidade feminina e o gosto pelos cuidados com a performance, demonstrada nos vestuários típicos, nos movimentos com o corpo – advindos dos ritmos e batucadas afros – e no trato físico com os cabelos, maquiagem e unhas.

Inácia e Elizângela declaram sua coragem e alegria ao expressar, através do corpo, a dança de suas origens negras, o canto de seus ancestrais e a crença num Deus vivo, como católicas devotas, que realizam essas práticas artístico-culturais a partir do conhecimento da história de seu povo. Inácia fala que dança lhe deixa solta, mesmo não sendo jovem, e a faz sentir outra pessoa, portanto, o corpo mais uma vez se transforma, trazendo alegria e a interação com as outras mulheres do grupo.

Inácia: Acho tudo muito bom, muito alegre; é uma festa [...], estar junto com as companheiras é muito bom; a gente brinca, dança, reza, canta, veste aquelas roupas das escravas, aqueles enfeites; a dança me deixa muito solta, mesmo não sendo jovem, as jovens dançam melhor, mas me sinto outra.

Pergunta da pesquisadora: Rir é bom Inácia, por que você é feliz?

Inácia: Eu não gosto de tristeza, não, só gosto de alegria, [...] gosto de ficar sempre movimentando, uma coisa ou outra. A vida boa é a gente que faz [...]. O professor veio me dar os parabéns [...], porque eu tava dando manota, mas ele acha que eu saí bem, eu tava dando risada. É a dança do maculelê; vai fazer apresentação em São João; eu tava lá no Centro Afro, no COSNEC. (Entrevista com Inês, integrante do COSNEC, em agosto de 2014 – grifos meus.)

Elizângela, reafirmando sua fé “viva”, disse sobre a importância de realizar esse trabalho da melhor forma possível, ao qual se dedica com intensidade.

Elizângela: Gosto muito das danças, do teatro, das roupas, tudo isso mais a fé [...], minha fé é viva mesmo, acredito no Deus vivo, tudo que eu peço, ele me dá [...]. Não importa a quantidade de pessoas, tem que apresentar bonito, apresentar um trabalho, uma dança, tem que apresentar bem, fazer o melhor que a gente pode. Às vezes, cê tá meio desanimado, meio baixo astral [...]. Aí tem um ensaio, uma dança, a gente acaba animando, levantando o astral [sic].

(Entrevista com Eliza, integrante do COSNEC, em julho de 2014 – grifos meus.)

Elizângela diz que a dança faz bem para o corpo e para a mente e traz ânimo e bem estar. Dançar e cantar na Igreja é uma forma de louvar a Deus com mais intimidade, mas sua fé permanece a mesma, incondicional. Independente de qualquer atividade dentro ou fora da Igreja a arte age como estímulo para a celebração dessa fé.

Dessa forma, as falas das mulheres do COSNEC podem ser reafirmadas pelos depoimentos contidos no texto de Machado (2001), quando dizem encontrar no grupo um espaço para expressar seus conflitos familiares, problemas com empregos, discriminação social, ao mesmo tempo em que adquirem, através dos trabalhos que realizam com os cantos e as danças, novas expectativas e novas visões sobre o papel da mulher na sociedade.

Assim, a emoção em forma de afeto e paixão, caminha junto aos valores e às convicções religiosas, formando um novo quadro político, ou seja, de mudança, que advém de uma contestação, em que falam sobre o que não aprovam: o preconceito e as dificuldades. Através dos sentimentos contidos nos gestos corporais, a partir da dança e do canto, encontram alegria e orgulho nessas ações compartilhadas, por onde eliminam a vergonha e a timidez.

Tendo como referência as falas das mulheres do COSNEC, que relatam o desejo pelo reconhecimento da história e da cultura expressadas em tais atividades, é possível afirmar que as identidades são um produto das relações sociais, que consistem num processo dialético, envolvendo o indivíduo e a sociedade, e, por isso, estão em permanente construção. São redefinidas pelo sujeito, ao longo de sua vida, a partir das múltiplas experiências, das relações e interações sociais vividas (SILVA, 2010).

Elizângela: [...] Trouxe mais identidade; é um grupo bastante respeitado; quando tem algum evento, e fala COSNEC, a gente se sente orgulhosa, fica feliz com isso. Já brinquei com o Binho que a gente vai chegar muito longe; é uma coisa bacana pra gente; já tá aparecendo e vai aparecer mais ainda, sempre pensei assim [sic].

(Entrevista com Elizângela, integrante do COSNEC, em julho de 2014 – grifos meus.)

Neste sentido, a identidade étnica trata de uma identidade contrastiva e situacional, sendo uma forma de organização social e de afirmação do “nós” em oposição ao “outros”. Ela constrói-se em situações específicas e de confronto interétnico, entre grupos minoritários e dominantes, em que os primeiros se encontram ameaçados de extinção cultural ou física (SILVA, 2010).

Essa afirmação está contida nas ações das mulheres do COSNEC, que lutam para manter viva a sua cultura, mesmo frente ao preconceito que ainda sofrem perante os brancos, conforme declararam em suas entrevistas. Mas, ao colocar em prática suas atividades, elas dão significados aos seus projetos pela criatividade “e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural. Nesses termos, a cultura é historicamente reproduzida na ação” (SAHLINS, 1990, p.7).

Assim, pelo fato dos indivíduos repensarem seus esquemas tradicionais, a cultura se altera através da ação, permitindo o surgimento de uma “transformação cultural”, em que também se observa a mudança de alguns sentidos que interferem nas categorias culturais, provocando, dessa maneira, a mudança sistêmica, ou seja, as relações simbólicas que se transformam pela história. As forças externas, conforme Sahlins (1990), interferem nas mudanças ocorridas no mundo nativo, que, na verdade, não é isolado das demais civilizações em seus elementos dinâmicos, que estão sempre em funcionamento e em confronto com o mundo externo.

Estar vivendo o sagrado pelo sacrifício contido nesse fazer coletivo é a meta principal, a trajetória, o ato de fazer através da dança, do caminhar, do cantar que abala os sentidos ou do ato de jejuar; tudo isso transforma o corpo e a percepção sobre ele. Dessa forma, o catolicismo popular mostra várias práticas de fé que atravessam o corpo e o diferencia, modelam-no numa contínua construção de si mesmo em vários sentidos performáticos, através dos relacionamentos sociais (LOPES, 2013).

Qualquer que seja a forma performática pela qual procuramos saber a intensidade da presença e das manifestações advindas do ato de mostrar, a função do corpo físico ou imaginado atua essencialmente para que a performance ocorra, tanto nas palavras quanto na ação, interação e relação. A experiência compartilhada, um ato de introspecção criativa, em que o sentido é atribuído aos eventos e às vivências encenadas, são transmitidas em vários sentidos performáticos, através dos relacionamentos sociais (LOPES, 2013).

Prosseguindo com minha intenção de compreender a relação que vivenciam entre a arte e o sagrado na religião católica, busco como referência conceitual as definições de Tillich (1976), que diz ser, a religião, compreendida como uma estrutura de discursos e práticas

comuns a um grupo social, pelas forças superiores ao meio natural e social, frente às quais o homem que crê se torna dependente, protegido ou ameaçado, obrigando-se a exercer um comportamento aprovado socialmente com o seu próximo (TILLICH,1976).

A concepção ampla de religião, como orientação do espírito, liga-se ao Incondicionado, ao profundo, ao fundamento do sentido que se encontra no espírito e ao sentido concreto das coisas. Por outro lado, a cultura contém a dimensão simbólica expressiva da vida social, repleta de significados, padrões e valores incorporados no grupo social que os assumem como expressões intrínsecas da sua realidade. A religião seria a esfera particular da cultura, constituída de crenças, ritos e organizações, juntamente à arte, à política, à economia e à ética (TILLICH,1976).

A arte pode conter o aspecto religioso e vice-versa, dependendo dos atores sociais que a interpretam em sua estética e em sua beleza. Portanto, a arte é mesclada às suas celebrações sagradas e pode ser definida como um conceito que engloba as obras linguísticas, plásticas ou sonoras, realizadas pelo homem, que traduzem um sentimento, ideias, emoções, percepções, sensações e uma visão sensível, real ou imaginária do mundo (TILLICH,1976).

A definição varia conforme a época e a cultura, mas é notória a função mágico-religiosa contida nas variadas expressões artísticas, que, no caso das mulheres do COSNEC, são mostradas através das danças e dos cantos que se juntam à fé e às celebrações.

Dessa forma, observo que as artes das integrantes do grupo estão repletas de conteúdos religiosos, por estarem contidos em suas performances constituídas pelas vestes, gestos, enfeites, cantorias e elementos que as aproximam mais de Deus, conforme me relataram Araceli, Leandra, Suelen, Pará, Marisa, Elizângela, Marli e Lia. A serviço da fé e das buscas das suas heranças, as mulheres trouxeram a definição identitária para o grupo, através dos sentimentos que surgiram a partir da relação que vivenciam entre a arte e o seu sagrado.

Todas as entrevistadas disseram que os ritmos do atabaque, do pandeiro e do berimbau trazem grande incentivo e as encoraja em suas expressões musicais e gestuais, direcionadas aos louvores na Igreja e às apresentações no espaço público.

Araceli disse<sup>168</sup> que as missas rotineiras são realizadas de maneira formal, sempre com um efeito interior muito grande: “Na missa afro, eu agradeço mais, mas eu me sinto mais solta, é uma liberdade maior que eu tenho de manifestar o agradecimento que eu tenho a Deus. Essa alegria é que faz a diferença pra [sic] mim”. Portanto, a liberdade de expressar a fé é enfatizada por ela como um significado importante em sua intimidade com Deus. A

---

<sup>168</sup>Entrevista realizada em 2014.

espontaneidade que vive, no momento da celebração, faz-lhe sentir verdadeira em seus sentimentos e a fé não passa por alterações, mas sim a forma de expressá-la.

Zilda disse<sup>169</sup>, em concordância com as afirmações de Araceli, em sua entrevista, que a alegria sentida pelo ato de cantar e dançar é o que muda em sua forma de viver a fé e a relação com Deus e que se lembra “dos pais que deveriam estar aí pra ver tudo isso [...] Chamou muito a atenção do povo, quando foi a primeira vez, foi muito bonito, tinha muita gente; a gente nunca tinha participado de uma missa dessa, foi muito significativa pra gente, marcou, todo mundo ficou emocionado até hoje [sic]”.

Essa fala mostra, mais uma vez, a proibição imposta aos negros na expressão da sua cultura, suas crenças e seus costumes.

Zilda também se referiu ao momento do ofertório como muito especial, ao serem oferecidos os alimentos dos seus antepassados – biscoito, pamonha, pipoca e rapadura –, como também ao vestuário típico dos negros, o turbante, as saias e as blusas, que, em conjunto, trazem a união e a felicidade.

Portanto, a performance realizada através de todas essas demonstrações não significa apenas um espetáculo, mas um conjunto de elementos que formam o louvor espiritual ao sagrado das integrantes, pelo que observei após presenciar esses fazeres na Missa Inculturada. No espaço público, constatei a força, a coragem e o desprendimento das mulheres na exposição dos movimentos da dança e do canto, amparados pela fé e pelas orações, para que pudessem passar a melhor mensagem sobre suas origens culturais para o público assistente. A fé atua como encorajamento e extermínio da timidez, característica dessas mulheres que, aos poucos, vem sendo superada, à medida em que também crescem a autoestima e o reconhecimento ao grupo.

Marli fala da vergonha que superou, a partir de suas participações nas Missas Inculturadas, em que vive momentos muito bonitos, que lhe fazem seguir em frente em sua vida pessoal:

[...] Essa Missa Inculturada, eu nunca tinha ouvido falar, nunca tinha assistido; então me levou a prosseguir mais, ir mais a Missa, né; e, antes de eu participar, eu não tinha esse conhecimento; depois que fui pro COSNEC, é que, chegando lá, a gente conversando, nessas reuniões assim, o Binho fez, né, essa missa, e aí me levantou mais o astral, e gostei, e  aumentou a minha fé também; eu tô prosseguindo [sic]. (Entrevista com Marli, integrante do COSNEC, em 2014 – grifos meus).

---

<sup>169</sup>Entrevista realizada em 2014.

Maria Luíza declarou<sup>170</sup> que essas vivências com a arte e a religião trouxeram alegria e afirmação da identidade como mulher e afrodescendente, pois passou a conhecer melhor sobre a cultura dos negros, uma forma alegre de expressar a fé e agradar a Deus de uma maneira diferente. “A união do grupo se firmou, ainda mais, por causa das atividades religiosas e através dos conhecimentos sobre o preconceito que ainda existe na vida dos negros”. Portanto, a junção da religião e arte aos conhecimentos adquiridos no COSNEC favoreceram Maria Luíza em sua evolução pessoal como mulher e negra.

A fala de Leandra<sup>171</sup> se refere à forma diferente de viver a fé através do vestuário, que traz liberdade e prazer, além de auxiliar na mensagem pretendida pelo grupo de levar a cultura afrodescendente para o público.

Leandra<sup>172</sup>, declarou que a Missa Inculturada é mais uma expressão de fé, não apenas uma encenação, pois a dança é o complemento da celebração: “É como se fosse mais um elemento pra fazer a celebração da missa [...]. Assim como o padre tem a batina, a estola, os paramentos, lá, que ele usa, eu acho que a gente usar um figurino específico pra essa missa é como se a gente também tivesse complementando a celebração, saindo do comum [sic].

Quando criança, Leandra<sup>173</sup> coroava Nossa Senhora, e vestir a roupa de anjo lhe fazia muito bem, assim como, hoje, se sente ao usar as roupas parecidas com o vestuário dos escravos. Mas, o fato de estar em grupo lhe faz sentir importante, por estar passando algo que não é comum, ou seja, as heranças dos negros, através dos ritmos e das performances artísticas e religiosas em conjunto.

Leandra: [...] Infelizmente, agora perdemos o padre Roberto, e, quando ele pegava o pandeiro, ele punha um bonezinho, a vestimenta dele era diferenciada, ele seguia a cor, a cor litúrgica que ele mantinha, ele tocava o pandeiro, e isso chocava as pessoas; eu achava natural, era uma maneira que ele tava se expressando a fé dele, ele tava celebrando, acho que a missa é isso, é celebração [sic]. (Entrevista realizada com Leandra, integrante do COSNEC, em 2014 – grifos meus).

A performance realizada pelo padre Roberto, negro, falecido em 2014, parceiro e incentivador do COSNEC, celebrava a Missa Inculturada, vestido de maneira diferenciada, porém respeitando a cor litúrgica da Igreja, e que tocava pandeiro, além de usar o boné típico dos africanos.

---

<sup>170</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>171</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>172</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>173</sup>Entrevista realizada em 2014.

Bia<sup>174</sup> também comenta sobre sua alegria, ao dançar os ritmos afro-brasileiros, no momento em que também celebra sua fé, e sobre a sua experiência no congado, em que dançou pela primeira vez o bate-paus. Declara sentir a força que a leva a dançar sem pensar em mais nada, passando horas sem sentir nenhuma dor física, em que somente o prazer e a alegria são os sentimentos importantes, com os quais celebra sua fé:

Bia: [...] Parece que desce um negócio diferente na gente, sabe; cê num tá nem aí, se você tá descalço, de pé no chão, se tem caco de vidro, cê vai dançando e não sabe se seu pé tá doendo, cê não sente dor, cê não sente nada, vai embora, tá lá, né; aí depois que cê vê, oh, pisei numa pedra, mas depois, na hora cê não tá sentindo nada, na hora você quer é dançar e o ritmo é muito bom, Nossa Senhora! [...] A gente entrou, jogando rosas, e entrou com um cesto de pão, distribuimos pra população o que a gente levou [...]. É muito bom; dá uma coisa boa por dentro da gente, é muito bom [...] [sic].

Bia fala das influências que recebeu da dança do bate-paus que o Sr. José Carmo apresentou-lhe e convenceu a praticar, mostrando, com isso, a ligação forte do congado com a comunidade, que está presente em muitas comemorações, com o COSNEC.

Dessa maneira, as mulheres, em suas manifestações culturais, mostram um novo perfil, em suas relações com o meio social, e alegam que as mudanças mantiveram a autonomia e as características dos antepassados em um novo contexto, Na intimidade entre a arte que praticam e o sentimento a Deus, expressado através da música e da dança, alteraram suas concepções sobre suas origens e sobre as buscas das raízes vividas no presente. Estas mulheres estão ligadas aos cultos populares com doutrinas, práticas e reinterpretação da doutrina da Igreja e formam uma religiosidade variante e um sistema autônomo, culturalmente popular de crença e de culto (SANCHIS, 1988).

Marisa afirma<sup>175</sup> a importância do conhecimento das origens, para que possa haver o vínculo e o comprometimento com as formas de manifestar as heranças com determinação e sentimentos de orgulho e fé, ao poder mostrar a arte no espaço público e nos espaços sagrados, dizendo-se muito admirada pela beleza dos cantos e das danças que passou a praticar. “Gosto muito, os batuques, né, eu vou dançar [...]. Me senti feliz demais de tá ali, mostrando a nossa dança, certo? Eu acredito que as pessoas gostam de ver, gostam de saber, porque tem muita coisa que você pensa, que você acha, mas você não sabe; e você saber é muito bom [sic]”.

---

<sup>174</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>175</sup>Entrevista realizada em 2014.

Portanto, o conhecimento foi de muita importância, para que Marisa pudesse aliar sua fé e seu interesse em aprender e em levar esses saberes para outras Igrejas, quando ainda morava em São Paulo, às formas de apresentação do grupo.

Elizângela<sup>176</sup> sempre praticou as atividades propostas por Binho, na comunidade Vila Fátima, desde o início de suas buscas pela cultura afrodescendente, onde participava do teatro, da capoeira e das primeiras reuniões que originaram a oficialização do grupo e afirma:

[...]. Acho isso tudo muito bacana, uma coisa forte [...]. Cê tá ali, cê sente mesmo alegria e sem querer cê sai até dançando; dá vontade de viver dançando, contagia mesmo [sic]. (Entrevista com Elizângela, integrante do COSNEC, em 2014 – grifos meus).

Elizângela declara sentir alegria contagiante, no momento das apresentações, e que o prazer de dançar persiste em sua rotina, atrelado à fé e à crença de que tudo dará certo, porque Deus está presente, e, assim, nada está perdido. Portanto, as experiências vividas na Igreja com a dança e o canto continuam em sua vida e dão sentido às suas buscas de respostas para a resolução dos problemas diários.

Reconsiderando os fazeres da arte e da religiosidade popular das mulheres quilombolas do COSNEC, percebo que a realidade vivida por elas contém, em seu arsenal simbólico, a complexidade da relação que mantém com o território, com a natureza, com suas heranças e com o conjunto de signos e símbolos. Esses elementos interferem e estruturam o sentido de pertencimento étnico e identitário, que, segundo Bezerra-Perez (2015), estão em íntima relação com seu universo de crença e busca de sentidos, na atualidade vivida pelas memórias, narrativas e mitos que justificam suas manifestações artísticas, religiosas e sociais, relacionadas às suas compreensões sobre seu passado, presente e direcionamento para o futuro reinventado.

O sistema de signos, composto pela linguagem, pela arte, pelo mito, pela ciência e pela religião, é o condutor da relação do homem com o mundo, que compreende a mediação sgnica entre o indivíduo e o objeto, na dependência de várias formas de fixação dos significados, através da intuitividade. O signo é o responsável pela intuitividade, que fixa os significados ao fluxo dos acontecimentos e à objetivação do mundo, que passa a ser ordenado e ter um sentido, graças ao sistema de signos, como, por exemplo, os da linguagem, que se torna responsável pelo pensamento; ou seja, para diferentes formas de linguagem, existem variadas estruturas de pensamento (CASSIRER, 2001).

---

<sup>176</sup>Entrevista realizada em 2014.

Só existe aquilo que pode ser reconhecido pelas denominações e pelos significados que o signo oferece como condição de possibilidade de organizar internamente as representações. Pela junção da expressão sensorial e da linguagem<sup>177</sup>, vejo que as ações das mulheres dessa pesquisa se completam como condição necessária das suas atividades inusitadas, que aparecem como uma nova escolha em suas vidas.

A entrada gradativa de algumas dessas mulheres no grupo, como me relataram<sup>178</sup> Paré, Santa, Inácia e Rosa, tem como causa, segundo Molina (2011), o preconceito cruzado, do qual eram vítimas, que era muito presente, pelo fato de serem mulheres, negras e de baixo poder aquisitivo. Apesar dos avanços obtidos pelos seus envolvimento com o movimento de conscientização negra trazido pelo COSNEC, ainda se encontram inseridas nessas definições partilhadas com os homens, pois, mesmo sendo convidadas a assumirem cargos de responsabilidade, como a presidência do grupo, por exemplo, muitas preferem trabalhar submetidas aos integrantes masculinos, e esse fato vai de encontro ao que Woodward (2000) discute a respeito da construção da identidade como simbólica e social, pois, possui símbolos concretos que favorecem a identificação nas relações sociais.

Nessa perspectiva, a identidade é a referência, o ponto original, mas deve ser analisada com implicações políticas aos conceitos de diferença, diversidade e alteridade, problematizados frente à positividade das afirmações do que se é: “sou negro”, “sou homossexual”, “sou jovem” – identidade concebida como fato autônomo, que se referencia a si própria como autocontida e autossuficiente –, como também, frente aos conceitos sobre a diferença concebida como entidade independente e autorreferenciada (SILVA, 2000).

Identidade e diferença<sup>179</sup> estão numa relação de estreita dependência, mas, segundo Silva (2000), a diferença vem em primeiro lugar, se considerarmos o processo em que ambas

---

<sup>177</sup>A linguagem aglutina diversos tipos de radiações que favorecem o desencadeamento de diretrizes para todas as áreas do espírito, tornando-se autônoma com propriedade e especificidade, agindo como parte da natureza psicofísica do homem, em que não há cisão entre a sensibilidade e o sentido, e que esses atuam juntos no entrelace das intuições de espaço, tempo e número, por onde a linguagem realiza sua função lógica, transformando as impressões em representações. O espaço é o lugar que possibilita as atividades advindas das determinações espirituais da linguagem, que justificam movimentos ou posições. Quanto às relações temporais, ou seja, a noção de passado e futuro, do antes, do agora e do depois, são dimensões especificamente humanas que requerem uma reflexão e um raciocínio unificadores e, ao mesmo tempo, separativos, analíticos e sintéticos (CASSIRER, 2001).

<sup>178</sup>Entrevistas realizadas com Paré, Santa, Inácia e Rosa em 2014.

<sup>179</sup>A crise de identidade deve-se a fatores como a globalização, que dá origem à migração dos trabalhadores, sendo esse movimento um processo característico da desigualdade, em termos de desenvolvimento. O conceito de diáspora também auxilia na compreensão das identidades sem pátria; na ausência de histórias; nas mudanças sociais; e nos novos movimentos sociais e políticos. Portanto, a diferença é marcada em relação à identidade, através de sistemas classificatórios, que fabricam sistemas simbólicos, por meio de exclusão. Dessa maneira, tanto as diferenças quanto as identidades são construídas, e não dadas e acabadas, e, principalmente, a análise das identidades traz o entendimento sobre o nosso eu, sobre a nossa subjetividade, que envolve o aspecto psicológico dos indivíduos (SILVA, 2000).

são produzidas, ou seja, ambas não são elementos da natureza, são criaturas de linguagem, são o resultado de atos de criação linguística. Por isso, a identidade e a diferença têm que ser representadas, pois, somente a partir da representação, estes adquirem sentido: “é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam ao sistema de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade” (WOODWARD, 2000, p. 91).

Dessa forma, a representação ocupa um lugar significativo na teorização contemporânea sobre a identidade e nos movimentos sociais<sup>180</sup> ligados à identidade. A forma pela qual as mulheres do COSNEC representam suas crenças, através do sistema de signos que escolheram em sua vivência religiosa e artística, revela uma linguagem humana que advém das sensações, sentimentos e emoções ligadas aos conteúdos, cujo aspecto espiritual e sensorial produz uma maneira única do espírito na sua função de criar, de produzir algo novo em suas vidas.

## 5.2. Atividades interreligiosas e as trocas culturais

Algumas pessoas entrevistadas do COSNEC me confessaram a admiração pelo culto ecumênico, realizado, desde 2013, na Praça Gonçalves Lara, da cidade de Cel. Xavier Chaves, e pela participação de algumas Igrejas Evangélicas nas atividades da Semana da Consciência Negra.

O significado da palavra ecumenismo possui uma conotação individual e coletiva em sua origem grega, *oikoumene*, que se relaciona a várias outras palavras, como *oikos* (casa, moradia), *oikeiow* (morar, estar familiarizado, reconciliar-se) e *oikoumene* (terra habitada, mundo civilizado e conhecido) (BERKENBROCK, 2017).

Na Igreja Católica, o termo *oikoumene* passa a significar, a partir do século II, “a Igreja espalhada pelo mundo”, e passa a ter um sentido de unidade, no século XIX, pela fundação da Aliança Evangélica, em 1846 (Londres), que pretendia realizar um “concílio ecumênico evangélico universal”, com o objetivo de divulgar o espírito ecumênico, a nacionalidade, a língua, as denominações e as questões eclesiásticas, da classe e da profissão. Daí, a palavra adquire o significado de “atitude” ou “relação amistosa entre as Igrejas,

---

<sup>180</sup>Na contemporaneidade, as pessoas se encontram envoltas em um emaranhado de significados culturais, que constituem as identidades sociais. O estudo da produção, da recepção e do uso de variados textos, e da maneira pela qual eles estruturam as relações sociais, os valores e as noções de comunidade, o futuro e as múltiplas definições do eu, tudo isso ocorre a partir da utilização de métodos ecléticos e formas positivas de produção de conhecimentos. Os Estudos Culturais situam os objetos particulares para análise e buscam as variadas formas de leituras de mundo, para compreender como são construídas as representações atribuídas às práticas culturais (HALL, 1997).

visando a promover a paz internacional e a união dos cristãos de várias confissões”. Mas, esse significado se liga a ideias e experiências, pelas quais se diversifica<sup>181</sup>em: movimento ecumênico (ideias, ações, reuniões); reconhecimento mútuo da legitimidade das várias Igrejas como cristãs; a união dos cristãos através da espiritualidade; movimento inspirado pelo Espírito Santo; postura e comportamento amorosos com os demais cristãos; movimento de reunião e comunhão; buscar o elo de união (o evangelho); movimento pelo testemunho conjunto do evangelho; atividades e empreendimentos feitos em conjunto, visando a invocar o nome de Jesus Cristo (BERKENBROCK, 2017).

Três conceitos são fundamentais para a prática ecumênica: “originalidade”, que confere ao termo *ecumenismo* o significado de “inspiração”, por ser algo novo; “atitude” e “desejo” de diálogo, para que possa haver mudança na forma de relacionar dos cristãos; e “espiritualidade”, entendida como “a ação do Espírito Santo”, para possibilitara superação das divisões: a unidade é objeto de prece, de súplica (BERKENBROCK, 2017).

Assisti às apresentações das danças dos grupos evangélicos, o ballet e o funk, no Centro Afro, na VII e IX SECON, em 2014 e 2016. Percebi respeitabilidade no convívio do COSNEC, unindo os Pastores das Igrejas Assembléia de Deus<sup>182</sup>, Igreja do Evangelho Quadrangular<sup>183</sup>, Coroando Vidas e Jardim de Deus<sup>184</sup>, juntamente ao Padre Ramiro, para a

<sup>181</sup>Sob o aspecto sócio-religioso, o ecumenismo possui, em primeiro lugar, a vertente religioso-social, que compreende o apelo de paz das pessoas, através do diálogo, em que as diferenças confessionais foram relativizadas. Atualmente, frente à multiplicidade e pluralidade das Igrejas, há outro momento social, que difere o ecumenismo do seu início. Em segundo lugar, ele se tornou tarefa institucional, em forma de departamentos, dentro das confissões ou através de instituições para esse fim. Esse fato o tornou mais eclesial, denominado pelos sociólogos de “ecumenismo diplomático”, e é centrado em diálogos teológicos e doutrinários, coordenados pelas hierarquias eclesiais. (BERKENBROCK, 2017).

<sup>182</sup>No Brasil, o movimento pentecostal, em sua primeira fase, chegou através de um missionário italiano, chamado Francescon, que adquiriu experiências nos Estados Unidos sobre o pentecostalismo de louvor. Na Igreja Presbiteriana, em São Paulo, permaneceu por alguns anos e, após a cisma gerada por conflitos relacionados às suas ações, ele fundou, em 1910, a Congregação Cristã do Brasil. Em 1911, os missionários suecos, vindos dos Estados Unidos, Daniel Berg e Gumar Vingren, fundaram, no Brasil, a Igreja Assembléia de Deus, após saírem da Igreja Batista, devido às tensões geradas pelas suas ideias inovadoras (BERKENBROCK, 2017). Ver: CONCEIÇÃO, 2015.

<sup>183</sup> A Igreja Quadrangular foi fundada em Los Angeles por Aimee Semple McPherson, que considerou como fundamentais as quatro funções de Cristo: Salvador, Médico, Batizador e Rei, que voltará. Foi instalada no Brasil, na segunda fase do movimento pentecostal, no final da década de 1940. Através das pregações em tendas pela “Cruzada Nacional de Evangelização”, com a divulgação da imprensa no Brasil, a IEQ (Igreja do Evangelho Quadrangular) pregador carismático, fundou a Igreja “Brasil para Cristo”, utilizando os meios de comunicação: rádio, jornal e publicações. Seguindo as iniciativas de Manoel de Mello, David Miranda fundou a Igreja “Deus é Amor”, em 1962, encontrando apoio nas camadas mais pobres da população, e pregou nas ruas e através do rádio, em São Paulo (BERKENBROCK, 2017).

<sup>184</sup>A terceira fase do Pentecostalismo brasileiro ocorreu em 1970, com o surgimento das Igrejas voltadas para o grande público. São elas a Igreja Universal do Reino de Deus, tendo como líder Edir Macedo, em 1977, e a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por R. Soares em 1980. São Igrejas que influenciaram o surgimento de muitas outras, em 1990, e que seguiram o estilo de culto emotivo e a pregação para as massas, através de vários meios de comunicação. A quarta fase do pentecostalismo no Brasil se caracterizou pela aparição das “Igrejas de Segmento”, formadas por grupos específicos, como ex-presidiários, adolescentes, e outros grupos que utilizam de linguagens próprias para se comunicar (BERKENBROCK, 2017).

celebração do culto e a pregação da Palavra de Deus. Eles falaram sobre a importância do encontro entre as várias culturas e sobre os cultos ecumênicos que estão acontecendo na cidade de Coronel Xavier Chaves. Padre Ramiro palestrou sobre as estratégias de evangelização do atual Papa Francisco de formar uma Igreja “em saída”, que vá ao encontro das culturas consideradas diferentes e as acolha no respeito às suas formas peculiares de exercer a fé à sua maneira, como acontece com o grupo COSNEC, apoiado por ele.

Arnaldo, parceiro do COSNEC e um de seus fundadores, falou, em sua entrevista, sobre o culto ecumênico e sobre o respeito que observa existir entre as instituições religiosas, a católica e a evangélica, da cidade de Cel. Xavier Chaves.

Arnaldo: [...] Houve até uma união<sup>185</sup> interessante entre as Igrejas, né, a Igreja católica e a Igreja Evangélica, que nunca teve uma aproximação; o católico era pra cá, e o evangélico pra lá, mas, através do grupo COSNEC, que é da consciência negra, houve, de um tempo pra cá, uma aproximação do padre com o Pastor, do católico com o evangélico no mesmo espaço, ou seja, ocupando o mesmo altar, e as mesmas pessoas sentados um do lado do outro, coisas que não existiam. Nome de Igreja que põe é o homem. Deus vai olhar que ser humano é a pessoa. (Entrevista com Arnaldo, parceiro do grupo COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

O COSNEC, segundo Arnaldo, é o responsável por essa união entre o negro e o branco, entre o católico e o evangélico, que está acontecendo na Vila Fátima e na cidade. Observei, nas programações da sétima e nona SECON, nas quais estive presente em 2014, e em 2016, uma aproximação favorável à cooperação entre todos para a execução das várias atividades do grupo.

Arnaldo disse que, a partir dos eventos<sup>186</sup> realizados pelo COSNEC, as Igrejas evangélicas se uniram aos católicos, nas palestras e reuniões do grupo e nas comemorações da Semana da Consciência Negra, e que essa aproximação está crescendo a cada ano, agregando elementos de mudança, o respeito e a quebra de preconceitos.

<sup>185</sup>A maioria das pessoas pertencentes às Igrejas pentecostais no Brasil foram católicos nominais, ou seja, não praticantes, mas que foram batizados na Igreja Católica, fizeram lá a primeira comunhão e se casaram. A conversão à nova instituição requer o afastamento e a reprovação das formas de vida relacionadas à antiga identidade religiosa. A nova identidade se constrói pelo rompimento com os dogmas aprendidos anteriormente, quando tudo se torna diferente e novo. Portanto, a nova identidade é construída em contraste com a anterior, considerada errônea. O ecumenismo de solidariedade ocorre entre as novas Igrejas, porém em relação à Igreja Católica, nota-se grande dificuldade de contato, devido à construção da identidade na oposição ao catolicismo. Existe, por outro lado, por parte dos católicos, uma indisposição de entrosamento com os segmentos pentecostais, mas, entre as Igrejas cristãs católicas, luterana, metodista, episcopal, anglicana, ortodoxa, observa-se uma relação de respeito mútua (BERKENBROCK, 2017).

<sup>186</sup>Nas comemorações cívicas, no espaço escolar e celebrações da vida, como aniversários, casamentos etc., ocorre a presença de vários líderes de Igrejas diversas, que fazem seus cultos e convivem amistosamente, praticando os aspectos básicos do ecumenismo: respeito mútuo, compreensão, visão positiva da diversidade e educação para a convivência fraterna (BERKENBROCK, 2017).

O ecumenismo e pentecostalismo autônomo se referem à necessidade do diálogo<sup>187</sup> entre todas as Igrejas cristãs, incluindo as pentecostais, que surgiram nas últimas décadas e se proliferaram rapidamente. A união ecumênica dessas Igrejas, juntamente às chamadas de protestantes históricas, não ocorre de maneira satisfatória, pois o diálogo é nulo, e grande é a dificuldade de englobá-las no movimento (BERKENBROCK, 2017). Mas, quando se tratam das práticas ecumênicas das comunidades, as dificuldades são encontradas, devido ao seu desconhecimento em muitas bases eclesiais, e, outras vezes, pelo fato de ser considerado indesejado e rejeitado.

Segundo afirmações de Teixeira (2014), há um crescimento notável da diversidade religiosa no cenário mundial, envolta por tensões e competitividade entre as crenças e valores religiosos. Esse pluralismo é marcante no século XXI, em que a garantia da plausibilidade é buscada de várias formas no combate às ameaças da internalização religiosa e da alteridade, que nem sempre é aceita como positiva. Por um lado, o pluralismo favorece às novas formas de conversação e diálogo, por outro, ele acentua as heranças confessionais e as dissonâncias cognitivas (TEIXEIRA, 2014). Portanto, o diálogo inter-religioso instaura o relacionamento e a comunicação entre os fiéis, contribuindo para o respeito às diferenças e às experiências de fronteira, num clima de abertura e partilha perante os desafios da alteridade, favorecendo a convivência possível com o diferente (TEIXEIRA, 2014).

Os fatores que podem contribuir para que ocorra a prática ecumênica nas comunidades seriam o conhecimento mútuo, exercido entre as instituições conhecidas, e o contato entre os fiéis de forma conjunta, para a afirmação da segurança e da identidade com o grupo. A utilização da linguagem simbólica, que demonstre espírito de unidade, juntamente às lideranças participativas no processo de busca de unidade entre os cristãos, contribuem para esclarecer dúvidas e para o estreitamento do contato com Igrejas de outras confissões (BERKENBROCK, 2017).

---

<sup>187</sup>O surgimento do pentecostalismo autônomo aconteceu em 1906, na cidade de Los Angeles, numa Igreja Batista, onde um menino falou em línguas durante o culto, fato que chamou a atenção de muitos, que lembraram, através do Novo Testamento, a ação do Espírito Santo sobre os apóstolos, em Pentecostes, originando a fala em línguas, fenômeno denominado de glossolalia. O movimento e as Igrejas que surgiram inspiradas por esse acontecimento se denominam pentecostais, e, nos Estados Unidos, surgiram duas vertentes a partir dessa ação espiritual: a do movimento negro, de auto-afirmação, engajamento e espaço de expressão na luta contra o racismo, e a do movimento branco de louvor, em que o louvor se tornou diferenciado (BERKENBROCK, 2017). A aceitação do outro é fundamental para que o diálogo possa acontecer entre as comunidades religiosas. Essas são as bases para que o “ecumenismo prático”, como primeira atitude, possa ser exercido entre as Igrejas, junto à vizinhança, família e trabalho, não apenas no que se refere às questões religiosas, mas também às vivências do dia-a-dia, pela aproximação e benevolência. A segunda atitude, o “ecumenismo ativo”, que trata de buscar o diálogo religioso. A práxis, a nível da comunidade ou do dia a dia, denominada de “ecumenismo a varejo”, é importante para quebrar resistências das posições institucionais norteadas pelas preconceitos e inseguranças dos indivíduos. O “sentir comum”, o sentido de pertença, facilita o processo de união e respeito à vivência religiosa de cada um (BERKENBROCK, 2017).

O respeito<sup>188</sup> pelas opções religiosas entre evangélicos e católicos é considerado por Arnaldo e por outros moradores da cidade como uma conquista positiva que une o encontro e a fé dos fiéis no mesmo espaço, onde há um só Deus para todos.

Berger (2017, p. 20) define o termo “pluralismo” como “uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente”. Através da contínua contaminação cognitiva, ou seja, dos assíduos contatos, os indivíduos influenciam uns aos outros na incorporação dos novos valores, muitas vezes negados, sendo esses aceitos pela relativização que se dá entre as escolhas individuais, que se diferenciam no contexto das possibilidades existentes no mundo moderno (BERGER, 2017).

Na sociedade atual, o pluralismo de religiões, cosmovisões e busca de sentido se tornaram comum, e a convivência de diversas Igrejas cristãs alojadas no mesmo espaço, ao lado dos templos católicos, faz com que os fiéis de todas elas convivam, inclusive dentro das famílias, no cotidiano, facilitando o surgimento de um movimento ecumênico. Nos movimentos sociais (associações, sindicatos, partidos), as pessoas convivem, sabendo sobre a escolha religiosa do outro, e, para a prática ecumênica, o ideal é considerar o que aproxima, e não o que divide e afasta (BERKENBROCK, 2017). Através das atividades ecumênicas organizadas pelo COSNEC, as pessoas se unem, em função de uma tarefa social importante, que inclui as buscas pela conscientização dos direitos afrodescendentes. Esse movimento conta com participação e a parceria dos Pastores evangélicos e do Padre Ramiro, além de agregar grupos de jovens dessas Igrejas, que exercem a dança e o canto, através da fé, nos seus louvores a Deus.

A relativização, causada pelo pluralismo, provoca o enfraquecimento das certezas afirmadas pelos fundamentalismos religiosos, políticos, filosóficos, estéticos e atléticos, e sua eficácia é celebrada como uma forma superior de conhecimento, ao afirmar que nada é verdade absoluta e que, por isso, as pessoas podem compreender o mundo de maneiras

---

<sup>188</sup>Os problemas comuns do cotidiano ecumênico, como a *questão das imagens, divergências doutrinárias*, a polêmica em torno da consideração da *Igreja verdadeira*, a propaganda feita por muitas Igrejas não católicas de que *o Papa é a besta do apocalipse* ou *o anti-Cristo* e a afirmação de que *somente o católico bebe e o crente só está atrás de dinheiro*, são generalizações que reforçam os preconceitos e impedem a aproximação entre os cristãos. No “ecumenismo a varejo”, os detalhes do bom senso auxiliam na boa convivência, se algumas atitudes forem evitadas, visando ao extermínio das provocações. A palavra usada por Jesus, ao entrar na casa de alguém, “shalom”, significa “a paz esteja nesta casa”, e os cristãos seguiram, pregando o Evangelho, que diz: “Felizes os pés de quem anuncia a paz”. Esta era a “boa-nova”, a boa notícia da paz, transmitida como benquerença e fraternidade. Muitas comunidades surgiram envolvidas por esse tema do amor, da partilha, no “shalom”, em que a paz e a união eram prioridades nas dificuldades e diferenças (BERKENBROCK, 2017).

diferentes, discutindo a cosmovisão na qual nasceram, optando por novas escolhas de crença e de fé (BERGER, 2017).

O grupo COSNEC vem crescendo a cada ano e, pelos relatos dos integrantes e das pessoas da cidade, a evolução ocorre de diversas formas, tanto nas questões relacionadas às informações sobre a cultura, sobre a história dos negros e sobre seus direitos como afrodescendentes quilombolas no presente, quanto nas questões pessoais advindas das suas expressividades artísticas e religiosas, que os tornaram mais espontâneos, mais seguros e orgulhosos de suas origens.

As questões de identidade, fé e cultura formam a tradição cultural característica de cada comunidade, que se organiza de acordo com seus hábitos (FIABANI, 2005). Devido às mudanças ocorridas pela globalização, surge a necessidade de uma nova ordem social pós-tradicional, que, como afirma Giddens (1995), requer um novo perfil para a tradição, mais aberto para a facilitação do contato entre pessoas e instituições de crenças diferentes.

Mara Lu e Suelen, disseram que o preconceito pelo qual passou a comunidade, perante a maioria da população branca da cidade, diminuiu, depois que o COSNEC se firmou e consolidou suas metas, no sentido de fazer valer suas heranças. Conforme comentei anteriormente, havia, por parte da sociedade branca da cidade, desde seus antepassados, grande discriminação em relação às pessoas negras. Elas passaram por vários tipos de preconceitos que atingem a mulher negra, como os de cor e os de classe social (MOLINA, 2011).

Marli confessa<sup>189</sup> que se transformou, depois que iniciou suas atividades no COSNEC, e diz sentir alegria e aumento da autoestima: “A primeira vez que eu participei da reunião, até foi no salão aqui perto de casa, [...] o Binho começou a falar desse negócio do COSNEC, das danças, das reuniões, conversando, aí eu entendi, falei: ‘gente, eu acho que eu devo fazer alguma coisa que combine comigo’” [sic].

A dança, o canto e o interagir com o grupo trouxeram muitos benefícios para Marli: “O COSNEC é um “lugar abençoado” que me ensinou muitas coisas, por isso, vou permanecer firme lá. [...] Às vezes gente tá triste, chega lá, naquela reunião, sai de lá alegre, muito bom [...]. Não pretendo parar não” [sic].

Em seus cotidianos, essas mulheres, através do COSNEC, reinventaram formas dignas de sobrevivência, passadas para seus filhos, e, pelos depoimentos, tratam de dar continuidade a essas condutas que lhes dão liberdade e um novo olhar para suas origens e para o seu

---

<sup>189</sup>Entrevista realizada em 2014.

presente (CERTEAU, 1994).

As mulheres negras sempre estiveram à frente e ao lado dos homens nas questões familiares, que envolvem o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e o trabalho fora de casa, por se tratar de um costume anterior ao mundo escravista, que perdurou devido à necessidade da manutenção da sobrevivência familiar. Esses fatores fazem da mulher negra uma guerreira, que, sem marcar diferenças, parte para a luta nos seus afazeres que assume como dever e obrigação (MOLINA, 2011).

Heitor Ramos<sup>190</sup> comenta sobre a vida de trabalho das mulheres da comunidade Vila Fátima que acompanhou desde criança.

Heitor: A mulher negra, talvez pelas posses do marido, que devia ter salário muito baixo, né; então, elas participavam, lavando roupa, coisas desse tipo, fazendo faxina, cozinhas [...]. As mulheres da Vila Fátima buscavam lenha; elas iam nos terrenos de propriedade do Coronel e cortavam a lenha pra vender [sic].

(Entrevista com Francisco Rodrigues, morador e pesquisador de Cel. Xavier Chaves, em maio de 2015 – grifos meus.)

As mulheres buscavam lenha para vender, lavavam roupa e trabalhavam nas casas de família, onde se alimentavam durante o dia, para ajudar no orçamento familiar, enquanto os homens trabalhavam no engenho, na agricultura e na pecuária. Na comunidade da Vila Fátima, essa realidade se faz notar pelos relatos das suas integrantes, que sempre lutaram com os maridos na busca de uma vida digna e justa.

Dona Nila, moradora antiga do bairro e nascida no quilombo Dom Silvério, relatou<sup>191</sup>: “Nos primeiros anos de casada, eu saía, pedindo auxílio nas fazendas da redondeza para alimentar meus filhos, depois passei a trabalhar nas casas das famílias brancas da cidade e criei muitos outros filhos dos patrões; hoje eles me consideram como segunda mãe”.

As mães negras, de tantos e de tanto, portadoras de um conhecimento diferenciado, solidárias, donas da vitalidade e do poder de doar, cuidar, dar proteção, transitam entre o mundo mítico e o real, entre o público e o privado congregando aspectos africanos, europeus e indígenas, responsáveis pela formação de uma identidade feminina marcante na sociedade brasileira ao ressignificar a cultura e a religiosidade afro-brasileiras. (AMARAL, 2007; REIS & FREITAS, 2010).

Quando criança, Dona Nila foi, por muitos anos, protegida pelos parentes próximos do Coronel Xavier Chaves e lembra bem de situações em que era mimada e muito próxima a

---

<sup>190</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>191</sup>Entrevista realizada em 2014.

eles. Porém, ao atingir a idade adulta e assumir um casamento e filhos, precisou lutar muito para manter o sustento da família. Isso acentua bem o perfil sócio-cultural preconceituoso que discrimina a mulher negra e a subjugação à discriminação cruzada, de gênero e social (MOLINA, 2011).

Na tradição africana, as características das divindades femininas em sua sensualidade convivem com a importância da maternidade, ambas se expressando sem ameaçar uma a outra, e proporcionam uma autonomia compartilhada com os homens, nas lutas, no trabalho e na religião. A tradição é vivida no tempo presente, no qual se valoriza a satisfação dos desejos e a proteção aos filhos. (AMARAL, 2007).

Araceli comentou em sua entrevista, realizada em 2014, sobre as mudanças que observou em suas companheiras do COSNEC, ao compartilharem juntas de muitos fazeres com alegria e ânimo, e disse estarem unidas em torno de um objetivo maior: “Eu acredito que quem permaneceu no grupo, permaneceu porque gosta, porque tem um objetivo lá; [...] A gente tá sempre dançando com alegria, quando é pra ir pra cozinha, a gente tá sempre alegre, [...] Aquele grupo faz bem pra todas elas, sim, cada uma da sua maneira [sic]”.

Percebi, pelos fazeres citados acima, referentes às práticas artísticas das mulheres quilombolas, que os indivíduos portadores da criatividade repensam seus esquemas convencionais, provocando a mudança sistêmica, em que os signos se alteram em novos sentidos, Sahlins (2003). Pensando na continuidade do movimento do COSNEC, Binho comentou sobre a importância e o apoiada participação de sua filha, Iza, como professora de dança, foto 46 seguinte, e de sua esposa, Mara Lu, que se empenha na realização de várias atividades do grupo, além de fazer os biscoitos e pamonhas, servidos na Missa Inculturada.



Foto 46: Grupo de danças coordenado por Maria Iza – Apresentação na oitava SECON. (foto dos arquivos de Binho – 2016)

Binho também mostra sua gratidão aos integrantes do grupo e fala da união e da força que os une, rumo aos seus objetivos, sempre acreditando no sucesso como consequência das suas lutas. As mulheres são, hoje, as responsáveis pela maioria das tarefas, sempre amparadas pela fé, que as envolve em todas as funções.

As afirmações que foram verificadas por mim, até o final de 2015, foram novamente, acrescidas de novas mudanças que registrei em minhas observações ao campo de pesquisa, em 2016, quando lá estive, durante dez dias, acompanhando o grupo em suas atividades comemorativas da nona SECON.

Registrei algumas afirmações que me chamaram a atenção e que estão contidas no folder que divulgou a nona SECON, como esta, que foi o título da semana e o tema de abertura: “A Cultura Afro-brasileira e seu Impacto”, seguida do seguinte comentário: “A Igreja considera com muito respeito os valores morais e religiosos da tradição africana, não só pelo seu significado, mas, também porque vê neles a base providencial sobre a qual pode transmitir a mensagem evangélica e encaminhar a construção da nova sociedade”. (Africa e Terraum).

No último texto da contracapa do folder, conforme mostra a foto 47, denominado “Sugestão”, diz: “Sem dúvida o que nos interessa é propor uma intervenção contra o preconceito que permeia a sociedade, mas que muitas vezes atua em silêncio, apagando os traços de sua atuação contra a diferença. Vale salientar que nossa meta não é incentivar o

eurocentrismo pelo afrocentrismo, mas, sim, ampliar o leque de concepção pertinente às questões que afetam a população negra, especialmente no nosso município”.

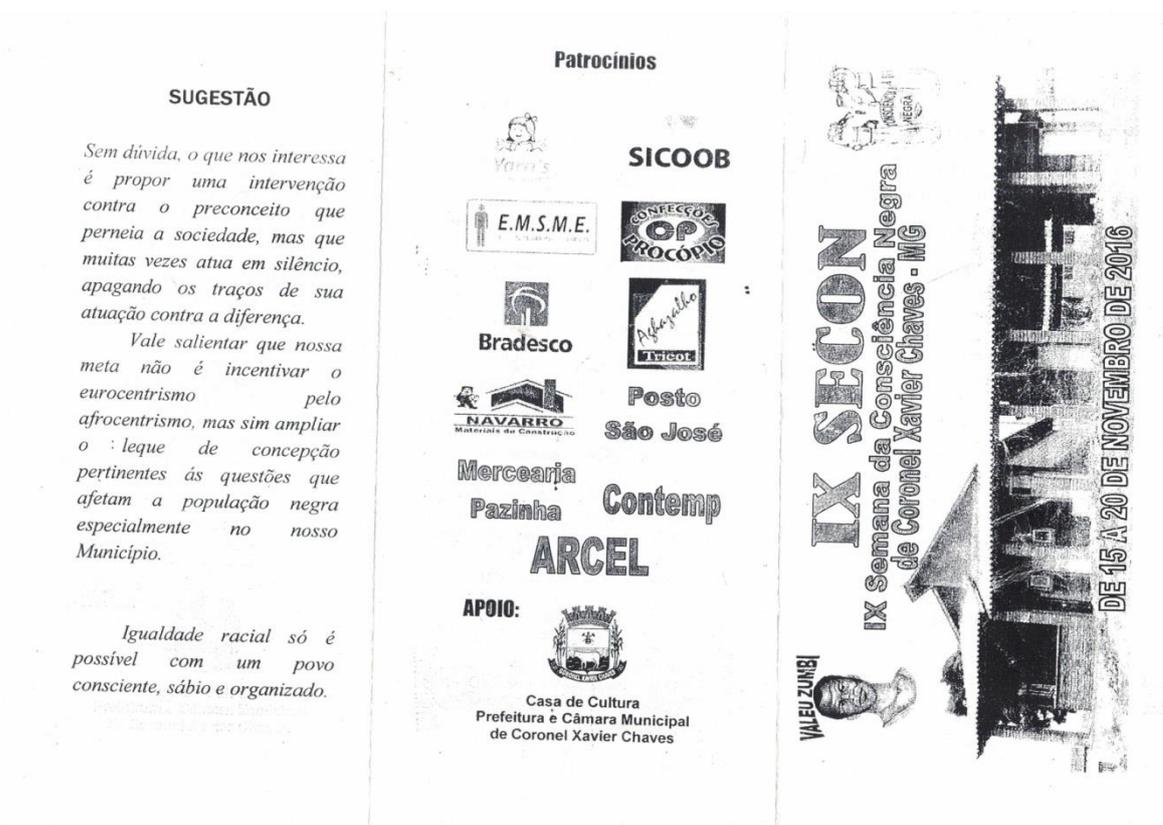


Foto 47: Folder da programação da nona SECON. (Folder dos arquivos do COSNEC - 2016).

No primeiro dia, 15/11/2016, a abertura oficial foi feita por Binho, no Centro Afro, que comentou sobre a importância da reflexão a respeito dos itens acima citados, seguido pela apresentação das danças e dos cantares do COSNEC, que, para minha surpresa, apresentaram o projeto recente denominado “Canto das Lavadeiras”, inspirado pelo trabalho musical e performático do Coral das Lavadeiras de Almera<sup>192</sup>, objeto de minha pesquisa de mestrado<sup>193</sup>, sob a orientação do Dr. Prof. Marcelo Camurça. Ao ser apresentado ao grupo, despertou o interesse de todos em conhecer o repertório contido nos três CDs gravados pelo Coral: Batukim, Aqua e Devoção. São canções de amigo de domínio público, com temas religiosos e poéticos, que falam da natureza e da força das águas, recolhidas por essas lavadeiras do Vale do Jequitinhonha, da cidade de Almenara. Esses cantos foram apresentadas pelo Coral para o

<sup>192</sup>Ver: <http://coraldaslavadeiras.com.br/http://myspace.com/lavadeirasdealmenara/https://myspace.com/carlosfariasmamaxakali>.

<sup>193</sup>BORGES, 2014

grande público, sob a coordenação do músico Carlos Farias, como elementos significativos da cultura popular.

As atividades seguiram, nos dias seguintes, com as danças candomblecistas do grupo Bataka, sobre a Cultura Religiosa afro-brasileira e seu impacto; com as apresentações do maculelê, pelo grupo da Escola Estadual de Cel. Xavier Chaves, que surgiu a partir das oficinas de dança oferecidas pelo COSNEC, desde 2013; com a apresentação do grupo Mistério Exalta Cristo da Igreja Coroando Vidas, constituído por jovens negros que cantam e dançam rap com letras religiosas bíblicas; com uma palestra do professor, jornalista e pesquisador em cultura afro Eduardo Passos, de Belo Horizonte, sobre a importância do movimento étnico negro para a conquista dos direitos e extermínio do preconceito; e com a apresentação de danças variadas dos dois grupos da Igreja Evangélica Jardim de Deus e da Igreja Assembléia de Deus, todos no Centro Afro.

Observei o contínuo entrelace das denominações religiosas locais, nas manifestações culturais do COSNEC, que conta também com a participação de professores que trabalham com o tema da cultura negra e suas implicações nas áreas sociais e políticas, sempre buscando o respeito pela diversidade. A atitude das mulheres do COSNEC, referentes ao aprendizado do repertório das Lavadeiras de Almenara, realizando performances novas mostrou o movimento da lavagem das roupas através do canto e da dança, no passado de dificuldades, época em que lavavam roupa no Córrego do Sapateiro, que divide a Vila Fátima da cidade.

Também me chamou a atenção o novo grupo de dança das jovens da cidade, estudantes da Escola Estadual, que, a partir das oficinas de dança, realizadas pelo COSNEC, organizaram-se na formação das performances em outros estilos.

O grupo da Bárbara, professora de dança da cidade de Coronel Xavier Chaves, composto pelas crianças menores de 10 anos, mostrou a dança do maculelê.

Observei que o público, nesse dia, possuía espectadores moradores do centro, que, geralmente, não frequentam as atividades do COSNEC. Estavam lá os pais, tios e amigos das crianças, para registrar o momento da performance delas, os quais também assistiram ao documentário construído sobre o Congado da Vila Fátima, por Carlos Reyna, antropólogo do Instituto de Arte e Design (IAD), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Ambas as atividades foram realizadas no Centro Social da cidade, pelo fato de haver um espaço mais adequado para a apresentação do documentário.

O fato que me chamou a atenção foi o que ocorreu no dia 20/11/2016, dia da Consciência Negra e feriado municipal pela Lei n.881, de 02 de outubro de 2009, conquistado pelo COSNEC, como já exposto na tese. O grupo se concentrou na ponte de pedra, entrada da

Vila Fátima, onde está a estátua do Sr. José Carmo, capitão do congado da Vila. O cortejo seguiu em caminhada, denominada “caminhada da liberdade”, exposto na próxima foto 48, nas principais ruas da Vila Fátima, e se destinou ao Centro Afro Descendente, onde houve nova apresentação de dança do COSNEC, da Escola Estadual da cidade, do grupo de capoeira, Fica, da Vila Fátima, e do grupo Aláfia mirim.



Foto 48: Caminhada da Liberdade, na Vila Fátima, realizada pelo COSNEC na nona SECON. (foto dos arquivos de Suelen tirada em 2016).

A nona SECON foi finalizada com os agradecimentos de Binho, atual presidente, em seu quarto mandato, com muitos aplausos de todos os presentes, um público constituído pela maioria dos habitantes da Vila Fátima e por pessoas de outros locais, como São João del-Rei e Resende Costa.

No dia seguinte, iniciei as entrevistas às integrantes do COSNEC, e a maioria me disse ter sido, esse cortejo, muito bem programado e discutido, anteriormente, nas reuniões, pelo fato de haverem intencionado levar para a Vila Fátima, mais uma vez, a importância de estarem juntos pela causa negra, em vez de irem para o centro da cidade, como nas outras vezes.

As entrevistadas foram unânimes, ao dizerem, representadas por Suelen: “não precisamos mais da aprovação ou mesmo da participação da sociedade branca nos eventos do

COSNEC. A gente tá firme e confiante, não queremos mais fazer o papel de ‘palhaços’ para eles” [sic].

A foto 49 mostra a caminhada da Liberdade realizada pelo COSNEC, seguindo pelas ruas da Vila Fátima no último dia da nona SECON, acompanhada pela bateria do bairro.



Foto 49: Caminhada da Liberdade, na Vila Fátima, realizada pelo COSNEC na nona SECON. (foto dos arquivos de Suelen tirada em 2016).

Marli me disse que o público da cidade que veio, de fato, na festa, veio no dia da apresentação das crianças do grupo de dança da Bárbara, e, nos demais dias, não compareceu.

Disse, Suelen: “Assim acontece também na Missa Inculturada [...]. Eles dizem, até hoje, que nós vamos lá mostrar feitiço e bacumba” [...]. Nós não precisamos mais fazer eles respeitarem a gente”. Elizângela, por sua vez, afirma: “Já fomos convidadas para cantar em várias festas no final desse ano e início de 2017, inclusive com as músicas das Lavadeiras de Almenara”.

Observei que a herança deixada pelo COSNEC já possui seus seguidores, exemplificados pelas crianças do grupo da Bárbara, pelos adolescentes da Escola Estadual, em seus entrelaces com os grupos de dança das Igrejas evangélicas locais.

Leandra me disse que essa pesquisa trouxe para elas uma nova visão sobre si mesmas e que, como mulheres, descendentes negras e oriundas de uma comunidade de quilombolas –

que, agora, possui coesão, força e estabilidade –, sentiram-se importantes e orgulhosas ao constatarem a visibilidade e reconhecimento de suas atividades no meio acadêmico.

Confessaram-me, depois de três anos de pesquisa, existirem, na Vila Fátima, pessoas que ainda se encontram imersas no comodismo e na busca pela identidade do branco. Pessoas que não acreditam que as ações desempenhadas pelo COSNEC trarão alguma mudança, respeitabilidade e visibilidade à comunidade.

As conquistas do grupo e suas heranças lançadas na comunidade e na cidade, hoje, expressam-se através das danças dos grupos locais, que dão prosseguimento ao ensinamento da importância das ressignificações das heranças negras. Mas, por outro lado, as mulheres e o grupo como um todo se afastaram do centro de sua maior divergência, o centro da cidade, local onde sempre fizeram questão de mostrar as artes dos seus antepassados.

Ao se concentrar na Vila Fátima, no último dia da SECON, o grupo mostrou sua identidade renovada, junto aos seus pares, ainda estendendo sua ideologia àqueles que não acreditam ou veem a importância de tais conquistas.

O fato marcante narrado pelas mulheres entrevistadas em novembro de 2016, após a SECON, é que o grupo se estabilizou durante o ano, incluiu-se cada vez mais num comprometimento maior à causa étnica que o envolve. Vivendo as contradições e os desapontamentos perante as pessoas da cidade que declaram o descrédito ao movimento, suas heranças passam a ser vividas pelos novos grupos surgidos, incentivados pelas oficinas de dança e palestras feitas pelo COSNEC nas escolas.

Também presenciei mudanças referentes à atuação na Igreja, quanto à celebração da Missa Inculturada. Surgiram dúvidas referentes ao apoio do novo clérigo, recém-chegado à cidade, que, apesar de já ter participado, no Centro Afro, de uma reunião do grupo e de ter garantido seu apoio ao movimento, não tratou das questões que envolvem a organização da Missa Inculturada. Por essa razão, esse culto não pôde ser celebrado na nona SECON. Perguntei às mulheres o motivo dessa dificuldade, e elas disseram que preferiram não incomodar o novo padre, que está sobrecarregado com as mudanças que estão sendo feitas nas equipes da paróquia. A Missa Inculturada requer preparativos especiais com figurinos, performances, alimentos que são distribuídos para o público, sermão específico etc. Questionei se a decisão de não celebrar o culto partiu do grupo, em primeiro lugar, e os integrantes confirmaram ter sido uma decisão tomada por eles e não pelo pároco atual.

Contribuindo para o efeito dessa reflexão, sobre o novo desdobramento das ações do COSNEC, Schechner (2003) afirma que o conceito de performance desloca a ênfase na identidade, como descrição, como aquilo que é, para a ideia de “tornar-se”, em que a

identidade se torna um movimento de transformação. As ações não são apenas descritas, mas tidas como representações, por onde as performances culturais acontecem. A representação presentifica o real através de sua revivência.

O ato etnográfico resulta de uma busca dessa descrição, carregada de tensões e capaz de produzir, nos leitores, num fechar e abrir de olhos, uma espécie de assombro, diante de um cotidiano agora estranhado, um despertar (DAWSEY, 1999).

Nesse sentido, é importante lembrar que o termo *performance* deriva do termo francês antigo *parfournir*, que significava exatamente completar ou expressar totalmente uma experiência. Por isso, é necessário ao etnógrafo atentar para as experiências, abrindo as possibilidades de mergulhar no inconsciente das paisagens e passagens culturais (Dawsey, 2007). Foi com tal espanto que vivenciei as novas performances do meu grupo de pesquisa, na compreensão de que a legitimidade do fato cultural não está em origem bem localizada ou conjectural, mas na recriação expressiva, no aqui e agora, vivido pelo cidadão ou grupo singular em cada performance (VIANNA & TEIXEIRA, 2008).

Em relação ao universo das culturas imateriais dos grupos populares, são as identidades coletivas, de pequenos grupos, segmentos sociais, comunidades, povo ou nações que se definem em relação a outros, atrelados às suas especificidades, experiências, expressividades características e peculiaridades (SOUZA, 1983).

Portanto, como afirma Hobsbawn (2002), as tradições culturais são entendidas como invenções, transmitidas e reinventadas, portanto, as ocorrências e mudanças verificadas no COSNEC ocorrem num campo de liberdade individual e coletivo, nas variadas possibilidades simbólicas e dinâmicas de uma cultura, circunscrita socialmente, que se transforma. (VIANNA & TEIXEIRA, 2008).

Na décima SECON, comemorada do dia 14/11/2017 ao dia 20/11/2017, presenciei o envolvimento do COSNEC com muitos outros grupos culturais que participaram das atividades realizadas no Centro Afrodescendente. Observei a nova dinâmica vivenciada entre seus integrantes, que se mostraram mais animados com os contatos e aprendizagens compartilhados nesses dias celebrativos da libertação e da consciência negras. As práticas e trocas culturais que estão ocorrendo no COSNEC, na atualidade, constituem-se de elementos do passado, no presente, principalmente, quanto aos seus costumes e hábitos.

Foram apresentados poemas de alguns escritores locais em todos os dias das atividades; feitas homenagens aos ex-membros do COSNEC, que ajudaram na sua formação, com placas condecorativas; oficina de biscoito no Centro Afro; apresentação do documentário que realizei com os dados colhidos dessa pesquisa, intitulado *Mulheres que cantam e dançam*

*sua fé: as manifestações artísticas e culturais do COSNEC*; apresentação do grupo de quadrilha da Vila Mendes; palestra com o professor Evandro Passos sobre tradições artísticas africanas; apresentação de dança afrobrasileira das crianças do grupo Aláfia; apresentação do filme produzido por Binho, há 15 anos, denominado *Negro dos Palmares*; palestra e vivência grupal com o psicólogo José Afonso Lima de Carvalho, da cidade de Itapeva – MG, sobre “As ordens do amor: um novo paradigma em psicoterapia”; Apresentação dos *Cantos das Lavadeiras* do COSNEC; apresentação do grupo *Pilão de Inhá*; e desfile da *beleza negra*; apresentação de teatro do grupo *Arte* de Coronel Xavier Chaves.

A caminhada da liberdade não foi realizada como no ano passado, devido à forte chuva, e o final das comemorações contou com a apresentação da dança afro e do maculelê das mulheres do COSNEC, com agradecimentos do prefeito Fabiano, de Binho e de muitos participantes do evento, que, com o público, deram grande viva a Zumbi.

O grupo Pilão de Inhá, foto 50, é constituído por 14 mulheres acima de 40 anos, da comunidade de Caquende, de São Sebastião da Vitória, distrito de São João del-Rei.



Foto 50: Grupo Pilão de Inhá apresentando-se na décima SECON, realizada pelo COSNEC, no Centro Afro, em novembro de 2017. (foto tirada pela autora em 2017)

Através da performance de dançar em volta do pilão, acompanhadas pelo violão tocado pelo músico Vicente, coordenador do grupo, as mulheres mostram o costume antigo existente nas fazendas do Brasil colonial, onde as criadas tiravam a casca do arroz e do trigo,

batendo os cereais (foto acima), para, depois, passá-los para a peneira, como mostra a foto 5, em seguida, quando, depois de soprarem as cascas, estariam prontos para o consumo.



Foto 51: Mulheres do grupo Pilaõ de Inhá – décima SECON – Centro Afrodescendente. (foto tirada pela autora em 2017).

O produto pronto, exposto na foto 52, era guardado nas cuias ou cabaças, feitas de coité, frutos de uma árvore chamada de cabaceira. Depois de colhidos, são abertos ao meio e limpos, sendo suas cascas secadas ao sol, para se transformarem em utensílios domésticos.



Foto 52: Mulheres do grupo Pilão de Inhá apresentam performance na décima SECON, realizada pelo COSNEC – novembro de 2017. (foto tirada pela autora em 2017).

Durante a dança do grupo Pilão de Inhá, as mulheres do COSNEC foram convidadas a comporem a performance, num momento de partilha e de interação, registrado na foto 53 abaixo.



Foto 53: O Grupo COSNEC participando da performance das mulheres do grupo Pilão de Inhá, na décima SECON – Centro Afrodescendente. (foto tirada pela autora em 2017).

Essas ações são partilhadas pela coletividade e pela subjetividade, como resultantes do processo de hibridização, das misturas religiosas e de crenças diversas, no interior dos grupos sociais. São escolhas feitas pelos integrantes do grupo, a partir das relações estabelecidas com o meio externo no qual participam da construção de um novo perfil, em que os indivíduos se reconhecem como participantes do processo sócio-histórico na formação do povo brasileiro. (CANCLINI, 2008).

Na foto 54, as mulheres do COSNEC apresentam as músicas do repertório das Lavadeiras de Almenara.



Foto 54: Mulheres do COSNEC apresentam O Canto das Lavadeiras – décima SECON – Centro Afrodescendente. (foto tirada pela autora em 2017).

O movimento de buscas pelas heranças dos seus antepassados mostra que o COSNEC, como grupo descendente de escravos, constitui-se como um grupo que valoriza suas raízes, juntamente à criação das novas formas de relacionamentos com outros grupos, com os quais interage e troca experiências culturais e étnicas, através dos estudos, da religiosidade, das danças e dos cantares.

Considerando as diversificações culturais, pelas quais passam os agentes sociais, nas quais a tradição se reinventa, o processo de hibridização contribui para o surgimento de novas identidades, construídas com elementos do passado e do presente, com perspectivas de um futuro em movimento pelas construções culturais dos grupos (CANCLINI, 2003).

As trocas culturais que estão sendo experienciadas pelos integrantes do COSNEC se inserem no conceito de realidade social, interpretada como algo análogo ao palco teatral, onde os indivíduos desempenham papéis definidos, a priori, pela sociedade, que são manipulados pelos atores sociais, nas suas interações cotidianas, em conformidade com a situação dada e com a particularidade contextual. A realidade é construída socialmente e pode ser manipulada ou redefinida pelo indivíduo no processo de interação social, em situações específicas, segundo os interesses que estão em jogo (SILVA, 2010).

A foto 55 mostra um momento de interação e partilha dos grupos participantes da décima SECON, realizada pelo COSNEC, em novembro de 2017.



Foto 55: Performance realizada com o público assistente e com o COSNEC a convite do grupo Pilão de Inhá nas atividades da décima SECON, realizada pelo COSNEC, no Centro Afrodescendente.( foto tirada pela autora em novembro de 2017).

Quando se tratam de fenômenos sociais do cotidiano, a compreensão dos processos de subjetivação e das identidades serão possíveis se investigados mais profundamente nos aspectos tradicionais e de trocas, realizados nos meios culturais. Retomando Hall (2006), a identidade se torna politizada, a partir dessas mudanças, e se transforma de uma identidade de classe para uma política da diferença.

O ensino da História dos negros no Brasil está sendo passado para as crianças da comunidade, através das danças e dos costumes dos antepassados. As mulheres do COSNEC falam da importância de transmitir essas heranças aos mais jovens, para que se perpetuem no tempo.

As filhas e filhos das integrantes, netas e outras crianças da cidade têm frequentado as aulas de danças afros, bate-paus e maculelê, conforme registrado na foto 56, e estão sempre presentes nas atividades realizadas no Centro Afrodescendente.



Foto 56: Grupo de danças afros, das crianças do grupo Aláfia, coordenado por Lígia, moradora da Vila Fátima, integrante não oficial do COSNEC – X SECON – Centro Afrodescendente. (foto tirada pela autora em novembro de 2017).

### 5.3. A herança afrodescendente: religião, entrelaces e ressignificações

Defino por herança afrodescendente do COSNEC o conjunto dos elementos que constituem a cultura dos antepassados escravos e que estão em ação no grupo, como as crenças católicas, as danças do maculelê e bate-paus, que, atreladas às vivências religiosas no presente – a crença e a fé em Deus –, juntamente à vivência da arte – a música e o canto –, nas Missas Inculturadas, caracterizam o resultado das buscas realizadas por essas origens, que são praticadas pelas das mulheres do COSNEC.

Elas se apoderaram e ressignificaram a cultura dos seus antepassados, na atualidade, porquanto as trocas, por onde circula a história, estão presentes em toda experiência humana, já que são vivenciadas pelas pessoas e constituem a estrutura na convenção e na ação, como virtualidade e como realidade, em que a cultura e sua significação são colocadas na ação, foto 57, por onde afirmam sua continuidade e autonomia (SAHLINS, 2003).



Foto 57: Crianças do grupo Aláfia, coordenado por Lígia, integrante não oficial do COSNEC – dança do maculelê – décima SECON – Centro afrodescendente. (foto tirada pela autora em novembro de 2017).

Segundo Souza (1983), a história da ascensão social do negro brasileiro ocorreu com a construção de sua emocionalidade, ou seja, com a sua maneira de lidar e de organizar, historicamente, o seu arsenal de afetos. Ela está subordinada ao conjunto da formação social em que ele se insere, a qual o definiu, desde os tempos escravistas, como raça<sup>194</sup>, delimitou seu lugar e como deveria tratar e ser tratado, dentro dos padrões de convívio com o branco, que instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.

A ascensão social, segundo Souza (1983), significa o movimento de um agente ou de um grupo social que busca a mudança de uma classe para outra, considerada superior, e é entendida como a estratificação dentro dos processos sociais de produção, dominação e ideologização, em que não apenas a instância econômica é levada em conta, mas também a relação dos sujeitos com o poder (lugar no aparelho jurídico-político do Estado) e com os emblemas de classes (valores éticos, estéticos etc.) (SOUZA, 1983).

---

<sup>194</sup>O termo “raça” é entendido como noção ideológica, engendrada como critério social, para demarcar uma posição na estrutura de classes, tendo, por fundamento, as características biológicas, como a cor da pele também foi definida, no Brasil, como um atributo compartilhado por um determinado grupo social, com uma mesma graduação social, um mesmo conjunto de prestígios, bagagens e valores culturais (BASTIDE& FERNANDES, 1959).

Esta realidade, referida pela autora acima, foi verificada em meu campo de pesquisa e confirmada pela fala das integrantes do grupo, que não se consideram em ascensão social no sentido de assimilarem os valores dos brancos, mas na luta pela vivência da cultura dos negros, pela qual se reconhecem como quilombolas, congadeiras e pessoas de direitos. Os novos movimentos culturais são considerados por Goldman (2009) como reivindicatórios, quanto ao direito à diferença, e estão situados entre a cultura e a política.

Na condição social escravocrata, o negro, ao ser considerado inferior, correspondia a uma realidade em si, que foi desagregada e substituída pela sociedade capitalista, em que não mais fazia sentido tal consideração. Mas, a espoliação que perpetuou tal discriminação, para além da abolição, busca novas justificativas para a permanência dos dispositivos de atribuições de qualidades negativas para os negros, visando a mantê-los nos limites estreitos da antiga ordem social, considerando legítimos os seus comportamentos advindos das situações sociais que os deram origem e inscrevendo-os na ordem da “natureza humana dos negros” (SOUZA, 1983).

Arduini (2002) critica o modelo opressor e injusto da sociedade que construímos ao longo do tempo, exaltando a voz dos excluídos – aqueles sem vez, condenados a viver à margem do mundo –, e rebate a afirmação famosa de “quem cala consente”. Segundo o autor, quem cala não necessariamente consente, uma vez que o homem desprovido de bens essenciais, de moradia, de emprego, de dignidade, omite-se por não ter mais forças para lutar.

Calar não significa anuência, e, sim, incapacidade de se insurgir contra a tirania social. As pessoas tendem a transferir a culpa que lhes pertence ao destino, à vontade das divindades, do próprio tempo, entre outros. Os homens não percebem que são senhores do próprio destino. Além do fatalismo, outro grande problema humano é a escravidão imposta pelo tempo. Não decidimos nada, deixamos para que o tempo resolva tudo (ARDUINI, 2002).

Rosa confessa<sup>195</sup> ter adquirido um comportamento aprendido pelos pais, no sentido de ser exemplo de conduta religiosa, íntegra e recatada, para que o nome da família e da comunidade ficasse protegido contra os ataques dos brancos da cidade.

Negros e brancos<sup>196</sup> conviveram, a partir da desagregação da sociedade escravocrata, numa ótica deformada, em que o conceito de inferioridade atribuído ao negro prevaleceu

---

<sup>195</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>196</sup>Lutando contra a ordem vigente de subordinação, o negro, aos poucos, foi conquistando lugares dentro da sociedade competitiva, para que obtivesse, dessa maneira, seu lugar dentro do espaço social, através da ascensão que ocorre, sempre como um projeto pelo qual a inserção seria possível, além de investi-lo da dignidade, do livramento da pobreza e da marginalidade social que o aprisionara. A ascensão social representa, ideologicamente, para o negro, a forma de redenção econômica, social e política, que o faz cidadão respeitável e participativo da comunidade nacional. Portanto, foi com o intuito de assemelhar-se ao branco que o negro se

dentro dos padrões tradicionalistas das relações sociais e o enclausurou como liberto, disciplinado, dócil, submisso e útil, frente ao autoritarismo, às vezes, paternalista do branco, como justificativa do seu domínio à população negra das cidades que atuava, nas posições ocupacionais do sistema de classes. Outra parcela se manteve presa às atividades próprias da condição pré-industrial e pré-capitalista (FERNANDES, 1979).

Arnaldo comentou<sup>197</sup> sobre a evolução da participação das mulheres negras na Igreja, a partir do surgimento do COSNEC, as quais se desvencilharam da vergonha<sup>198</sup> e puderam se colocar à frente de muitas funções: “Antes do COSNEC, não existia uma missa afro, ninguém tinha uma ousadia de fazer um evento desse, ninguém era ousado a fazer isso dentro de uma Igreja que se dominava a maior raça, a branca” [sic].

Flávio, diretor do Colégio Estadual de Cel. Xavier Chaves, observa<sup>199</sup> a grande participação feminina no COSNEC e acompanha a evolução pela qual a mulher vem passando em suas ações de comprometimento com a educação dos filhos e na organização e liderança de eventos sociais e culturais da cidade: “A presença feminina tá maior em quase todos os setores, e as mulheres estão tomando mais essa liderança, de organização nos movimentos sociais” [sic].

O empoderamento é um fator de destaque, responsável pela liderança das mulheres nos movimentos sociais da cidade, que exterminou as diferenças, apontadas por Ferrari (2014) como um dos maiores problemas que surgiram pela divisão fixa de papéis e assumidas pela sociedade entre homens e mulheres – consideradas como naturais, biológicas. A mulher, a

---

organizou para sua ascensão, nem que, para isso, tivesse que deixar de ser negro. As relações raciais ofereciam incentivos e bloqueios a esse projeto – ora impondo barreiras, ora abrindo brechas à ascensão social –, mas nunca deixando de cumprir as funções de fragmentar a identidade, minar o orgulho e destruir a solidariedade do grupo negro. Dessa forma, a história social do negro brasileiro é a história de sua adequação aos valores e padrões brancos, em suas relações sociais, pela submissão ideológica ao mundo hegemônico branco, que o distancia da sua identidade, em troca do reconhecimento, o qual, para se fazer valer, fá-lo negar sua origem e seus pares (SOUZA, 1983).

<sup>197</sup> Entrevista realizada em 2014.

<sup>198</sup> O estudo sobre as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social, sob o ponto de vista da abordagem psicanalítica, inclui a reflexão sobre a violência, considerada o núcleo central da questão discutida, pois ser negro é ser violentado de forma contínua e cruel, numa dupla injunção: a de assumir como ideal o modelo de corpo e os ideais de Ego do indivíduo branco, ao mesmo tempo em que o corpo negro é negado e recusado pelo próprio negro. Dessa forma, construiu-se a espinha dorsal da violência racista, que auxilia na compreensão do fardo imposto aos excluídos da norma psico-sócio-somática, criada pela classe dominante branca, que se faz valer pela tendência a destruir a identidade do sujeito negro, obrigado a criar, para si, um projeto identificatório incompatível com as características biológicas do seu corpo. Dessa forma, ocorre uma cisão entre o ego e seu ideal, que o negro tenta transpor em busca de sua felicidade e de seu equilíbrio psíquico (SOUZA, 1983). Estas instâncias indicam ao indivíduo aquilo que é permitido, proibido ou condizente sentir ou exprimir, para a garantia de seus direitos à existência, como ser psíquico autônomo, e à existência de seu grupo, considerado uma comunidade histórico-social. Portanto, as identificações normativo-estruturantes, oferecidas pelos pais aos filhos, fazem a mediação entre o sujeito e a cultura, através das vivências físico-emocionais contidas dentro do contexto familiar e através do grupo de significados linguísticos encontrados na cultura no qual é inserido (SOUZA, 1983).

<sup>199</sup> Entrevista realizada em 2014.

partir daí, interiorizou uma imagem de inferioridade e dependência, ocupando, na sociedade, o lugar de submissa e de menos capaz.

Para o educador Freire (1992), a pessoa empoderada é aquela que realiza, por si mesma, as transformações que causam seu fortalecimento, por onde pode avançar, tomando posse de suas metas, como indivíduo responsável pelas suas conquistas e pelas mudanças de atitudes, através das práticas de suas novas ações, que lhes proporcionam a liberdade conquistada pelo extermínio da opressão contida. Na foto 58 abaixo, algumas mulheres dessa pesquisa dançam o maculelê, na décima SECON, no Centro Afrodescendente, num momento de celebração dos 300 anos da morte de Zumbi.



Foto 58: Mulheres do COSNEC – dança do maculelê – décima SECON – Centro afrodescendente. (foto da autora em novembro de 2017).

As mulheres do grupo COSNEC relataram, em suas entrevistas, que possuíam uma autoimagem muito negativa<sup>200</sup>, como se não tivessem condições de enfrentar os desafios rumo

<sup>200</sup> O ideal do Ego surge a partir destas experiências e se forma através das imagens e palavras, representações e afetos que transitam constantemente entre a criança e o adulto, entre o sujeito e seu mundo cultural e possui como função, favorecer o surgimento da identidade que se liga ao investimento erótico do corpo e do pensamento, formando, assim, a relação harmoniosa com os outros e com o mundo (SOUZA, 1983). Ao indivíduo negro, esta realidade é sonogada, pelo fato de não ser oferecido a ele um modelo de ideal do Ego,

à libertação dos entraves para as suas conquistas, fato que resultou em mudanças lentas. Mas, elas foram auxiliadas pelas suas iniciativas de praticarem as danças e os cantos, como mostra a foto 59, além de buscarem o conhecimento da história de seus antepassados e das leis atuais que versam sobre os direitos dos afrodescendentes.



Foto 59: Mulheres do COSNEC dançam o maculelê, nas comemorações da décima SECON – Centro Afrodescendente. (foto da autora tirada em novembro de 2017).

O corpo se torna inaceitável para o negro, do qual se envergonha e o qual tenta modificar, dentro do modelo do branco, e passa a perseguir, vigiar e controlar seu próprio corpo, que está no oposto da construção da identidade branca, a qual o negro foi coagido a desejar para si, causando, nessa relação ambígua, o sentimento de revolta e desespero, consequentes da diferença em relação ao branco resultando em ódio ao corpo negro. Por outro lado, para muitos, a discriminação contínua, da qual se tornaram vítimas, tornam-nos firmes

---

emtroca da antiga aspiração narcísico-imaginária, de existência psíquica concreta, histórica, realizável e atingível. O modelo de identificação normativo-estruturante, com o qual ele se defronta, é o de um fetiche, ou seja, o fetiche do branco, da brancura abstraída, reificada e considerada realidade autônoma, que desconsidera a etnia e funciona como uma essência que antecede às condições históricas dos sujeitos reais. Instala-se como o fetiche sobre o qual se assenta a ideologia racial e faz da brancura o indivíduo universal, que se torna um predicado contingente e particular. Dessa forma, o negro, pela repressão, passa a invejar e projetar um futuro antagônico, no que se refere à realidade do seu corpo, juntamente com sua história étnica e pessoal, desejando um futuro onde seu corpo e sua identidade negra deverão desaparecer (SOUZA, 1983).

em suas reivindicações pelos seus direitos de igualdade perante a sociedade, momento em que o corpo surge, novamente, como um intruso, como um mal a ser eliminado, ao mesmo tempo em que a luta pela liberdade se expande cada vez mais (SOUZA, 1983).

Na entrevista com Rosa, observei que, em nenhum momento, ela demonstrou estar compactuada com os valores dos brancos, mas, sim, submissa à situação de discriminação e preconceito: “Eu sempre vivi aqui, na Vila Fátima, nunca pensei em fazer o que faço hoje; eu ia na missa, cuidava da casa... Sempre fui mais tímida, mas sempre assumi minha cor, mesmo com vergonha e, às vezes, triste [...]. A gente se sentia diferente e não sabia por quê, mas sabia e não queria aceitar [sic]”.

Ao dizer que “não queria aceitar”, Rosa confessa sua indignação, ao constatar que o preconceito de cor era muito evidente na cidade, onde, muitas vezes, percebia e ainda percebe que o corpo negro incomoda, como o intruso referido por Souza (1983).

A partir disso, pode-se afirmar que as novas relações das mulheres, em seu meio social, criam novas formas de produção e espaços para o conhecimento, favorecidos pelas novas sensibilidades, expectativas e pela reconstrução dos fazeres por novos caminhos.

A transformação ocorrida nos convívios com o meio social, originada pelos movimentos artísticos e pelos projetos sociais do COSNEC, influenciaram outros afrodescendentes da comunidade como um todo. Portanto, estar consciente, segundo os valores dos integrantes, é poder tomar posse da vida em todos os seus compartimentos, como cidadão e pessoa de direitos, que, politicamente, transforma as atitudes, frente a si próprio, à família e à sociedade.

A consciência política é definida por eles como o direito de participar – através das ações relacionadas à cultura, à religião, aos projetos sociais do grupo, à vida social da comunidade e às contínuas buscas por suas origens –, transformando, qualitativamente, seu mundo interno e, conseqüentemente, suas relações com o meio social, conforme afirma Arnaldo:

[...] Antigamente, no meu tempo de escola, a gente só via falar de negro como escravo, o negro era amarrado, judiado... A gente tinha medo e vergonha de ser negro. Portanto, a gente abria um livro aí, pra estudar uma história... A gente via o negro tomando chicotadas, acorrentado com as mãos pra cima, né, empurrando roda de engenho com a mão, segurando arado, e o outro arrastando... Então era essa história triste que a gente via, e, hoje, a gente vê que isso, através da história, que não é tanto assim, então... Tem muitos presidentes negro [sic]. (Entrevista com Arnaldo em 2014 – grifos meus).

As mudanças políticas ocorreram também internamente, pois o COSNEC, ainda constituído pelo parentesco característico da Comunidade da Vila Fátima, que constituía um sistema de agrupamento fechado, hoje, considera-se um grupo aberto para a participação de todos e passou a favorecer, pelas ações culturais uma interação maior entre seus membros e entre a comunidade e a cidade em geral.

Existe, atualmente, por parte dos moradores da comunidade e da cidade, uma respeitabilidade e uma valorização maior às tradições afrodescendentes, bem como às suas ressignificações no presente, como afirma Binho, em sua entrevista, referindo-se aos preconceitos vividos pelos negros no passado; hoje, já quase extintos, mas que lhes causam tristeza.

Binho se refere à contribuição da capoeira para as primeiras quebras do distanciamento entre a cidade e a Vila Fátima:

[...] Então, isso são coisas que doíam demais. Depois desse trabalho (do COSNEC), inclusive do trabalho da capoeira, a gente foi mesclando, foi trazendo, foi se misturando, então eu fiquei muito satisfeito [...]. Nós estamos preparando as pessoas: ‘oh, gente, nós estamos aqui, em Cel. Xavier Chaves’; então, isso aí é uma coisa que o grupo COSNEC vem debatendo com eles, eles ainda têm essa coisa, né, assim, esse preconceito, ainda tem [sic]. (Entrevista realizada com Binho em 2014 – grifos meus)

O trabalho do COSNEC, segundo Binho, foca-se no sentido de mostrar aos seus integrantes que o preconceito está contido neles também, conforme dito acima, em sua entrevista. Por isso, ele tem dialogado visando combatê-lo, mostrando que percebe existir, por parte dos moradores do bairro Vila Fátima, o distanciamento em relação à cidade, como se estivessem falando de outro mundo.

Nos esforços para curar a ferida causada pelo racismo, vão surgir tentativas de transformar o corpo de modo penoso e caricato, como, por exemplo, afilar o nariz, alisar o cabelo. Para aniquilar, no futuro, o corpo no presente investe nos casamentos com o branco, cujos filhos serão mulatos e os netos ainda mais embranquecidos. Para que esse processo se realize, o negro compromete seu pensamento com a função de lidar com afetos e representações ligadas à dor e à morte, em que o prazer é considerado secundário nas suas vidas afetiva e física, pois o importante é saber o que é desejável pelo branco e não viver e pensar sobre o que poderia lhe dar prazer. O corpo negro deverá se tornar inexistente e desaparecer, enquanto representação mental, mesmo às custas de um grande sofrimento, causado como tributo pago à espoliação racista de seu direito à identidade, em que o direito ao

pensamento de prazer é banido de sua vida psíquica, assim como o prazer de pensar (SOUZA, 1983).

A mudança física, apontada pela autora acima, não foi verificada em minha pesquisa na Vila Fátima. Percebi que, em relação ao cabelo, algumas mulheres ainda o alisam, mas outras já preferem mantê-lo natural, e algumas estão aderindo ao uso do turbante, tranças e adereços com cores variadas, entrelaçadas nas mechas, como pode ser visto na foto 60.



Foto 60: Mulheres do COSNEC dançam o maculelê nas atividades da X SECON – Centro Afrodescendente. (foto da autora tirada em novembro de 2017)

Através das informações de algumas integrantes do grupo, eu soube que algumas mulheres da comunidade, que também procuram manter os cabelos lisos, se casaram com homens brancos, visando a embranquecer seus descendentes. Mas, por outro lado, na Vila Fátima, a relação de parentesco ainda é muito recorrente e levada a sério. Esse fato favorece o casamento entre primos e entre conhecidos negros. Rosa confirma: “Aqui na comunidade, a gente não teve o hábito de casar com branco. A maioria aqui é negra até hoje [...]. A gente sempre viveu entre os nossos, sempre me senti feliz com meu povo”.

A fala de Rosa, quanto à escolha de se relacionar com homens da mesma cor, demonstra sua intimidade com seu povo e não a sua negação aos seus pares; mas, por outro

lado, parece conter uma evitação, causada pela dor do preconceito, que a afasta de pensar sobre a possibilidade de uma vida ao lado de um homem branco. O preconceito se torna invertido pelo medo da condenação. Por isso, ela diz se sentir mais à vontade com o seu povo.

Pensar sobre a identidade negra sempre traz sofrimento para o sujeito, pois a censura suprime a liberdade de expressão, na qual a ferida do corpo se transforma em ferida do pensamento, mutilado em sua essência, que não pode representar a verdadeira identidade do sujeito, vítima da violência racista, que inibe sua criatividade, beleza e prazer. “O pensamento do negro é um pensamento que se auto-restringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expressão e abrangência, em virtude do bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a própria identidade” (SOUZA, 1983, p. 10).

Antes do surgimento do COSNEC, as mulheres do grupo não conheciam nada sobre a história e sobre a cultura dos seus antepassados, a não ser através do congado da Vila Fátima, em que a maioria da comunidade participa e a qual apoia. Elas me disseram que deveria haver alguma razão para a separação entre os negros e os brancos, e, segundo Maria Luíza<sup>201</sup>: “A gente não queria ser igual a eles, a gente queria viver mais alegre, mais confortável. A vida aqui era difícil, pois era só o emprego na roça, para o patrão, ou nas casas de famílias, como empregada doméstica”.

Maria Luíza declara sua identificação com o povo negro, porém se refere à luta pela sobrevivência, que indica a condição de pobreza, vivida pela maioria, desde a época escravocrata, que se estendeu dentro da sociedade capitalista até os dias atuais.

O mito<sup>202</sup> negro possui uma singularidade, que, segundo a autora Souza (1983), é tridimensionalmente organizada: pelos elementos que compõem o jogo, na composição desse mito; pelo poder desse mito em estruturar um espaço de exigências e expectativas, ocupado e vivido pelo negro, enquanto objeto da história; e pelo desafio colocado ao universo negro.

Enquadrado nas dicotomias da formação social brasileira, o mito negro, em sua matriz constituída pelo superego das figuras parentais, impõe-se a todos os negros que negam o destino da submissão. Mas, ao ser interpelado numa linguagem que o dilacera, o negro se vê numa condição de desafio múltiplo de conhecê-lo e eliminá-lo, pois,

---

<sup>201</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>202</sup>O mito é uma fala, um discurso – verbal ou visual –, uma forma de comunicação sobre qualquer objeto, coisa, comunicação ou pessoa, que, por não ser uma fala qualquer, tem por objetivo escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história, transformá-la em natureza. Como instrumento formal da ideologia, o mito é um efeito social resultante da junção das determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas (BARTHES, 1978). Ele é considerado também um conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação (LÉVI-STRAUSS, 1976).

[...] como Édipo, se encontra frente a frente à Esfinge e seu enigma: é vital apoderar-se do conhecimento, desvendar a resposta e assim destruir o inimigo para seguir livre. Obviamente cabe a negros e não-negros a consecução desse intento, mesmo porque o mito negro é feito de imagens fantasmáticas compartilhadas por ambos. Razão maior para que o nosso empenho seja comum é o nosso anseio de construir um mundo onde não mais seja preciso dividi-lo entre negros e brancos. Entretanto, enquanto objeto da opressão, cabe ao negro a vanguarda desta luta, assumindo o lugar de sujeito ativo, lugar de onde se conquista uma real libertação (SOUZA, 1983, p. 26).

O mito negro se constitui, ao marcar e apontar a diferença que exclui a identificação, pois a diferença significa o inferior e o submisso ao branco, proprietário exclusivo do lugar de referência, que aponta por onde o negro deve se definir e se autodefinir. Então, para se afirmar ou se negar, o negro tem o branco como a grande referência que o barra em sua espontaneidade, ao mesmo tempo em que o impele a uma ação de defesa, para se impor à maneira do branco, que o protege dos ataques, da violência e da discriminação. Portanto, ele é respeitado e considerado pessoa, segundo as normas dos brancos, em seu comportamento externo, mas também no seu mundo psíquico, onde essa desigualdade é introjetada e expressada no seu comportamento para com outro negro, na qual reproduz o ritual de separação. (SOUZA, 1983),

O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são os elementos que constituem o mito negro; que estão contidos nas falas características, portadoras de uma postura ideológica que mostra a linearidade da “natureza negra”. Esta, nega a contradição, a política e a história, em suas várias determinações; e denunciam o negro como o despossuído de valores, de civilidade e de humanidade. (SOUZA, 1983).

Os sentimentos de inferioridade das mulheres do grupo, representados pela fala de Paré<sup>203</sup> – “Eu achava, no início do COSNEC, que todo mundo ia rir da gente dançando e cantando e usando as roupas dos escravos [sic]” – confirma que o negro está sempre associado à miséria, condição única do período abolicionista que o estigmatizou.

Alguns estereótipos que constituem a mitologia negra conquistam um sentido discursivo, aparentemente, positivo, quando se trata de valorizar a sensibilidade, observada no fazer musical, junto aos ritmos negros, à sua resistência física e à sua potência sexual. Tudo isso forma atributos que revelam uma falsa superioridade negra, pois esses dons se associam à irracionalidade e ao primitivismo, comparados ao refinamento e à racionalidade do branco (SOUZA, 1983).

---

<sup>203</sup>Entrevista realizada em 2014.

A emocionalidade do negro, considerada primitiva até pelos próprios negros, também indica uma oposição ao raciocínio do branco. Sua resistência física, desde o período escravista, onde era considerado “besta de carga”, direciona-lhe para tarefas árduas e mitificam essa função, com a superpotência sexual, mais um estereótipo, que lhe atribui a superioridade biológica, a sensibilidade privilegiada, reafirmando, dessa maneira, sua animalidade, em oposição à sua condição histórica e à sua humanidade (SOUZA, 1983).

Portanto, esses traços, ao invés de representarem características de superioridade, simbolizam, na verdade, a inferioridade, que se acentua na medida em que introjeta, assimila e reproduz, como seu, o discurso do branco, facilitado pelos mecanismos ideológicos, que se asseguram pelas articulações estruturais e psicodinâmicas – Narcisismo e Ideal do Ego – “forças estruturantes do psiquismo que desempenham um papel chave na produção do negro enquanto sujeito – sujeitado, identificado e assimilado ao branco” (SOUZA, 1983, p. 32).

Suelen demonstra<sup>204</sup> a luta que travou consigo mesma, para superar sua vergonha e sua ausência de conhecimento sobre si mesma, ofuscada pelos anos de submissão aos preceitos da sociedade branca na qual estava imersa, mesmo sendo membro da comunidade e companheira de seus conterrâneos e parentes negros: “Na medida em que eu e as colegas fomos praticando a dança nos ensaios, a gente se soltou mais e perdeu a vergonha. Eu nunca me importei com as críticas, mas ficava triste, quando via as pessoas torcerem o nariz pra nós. Eu me sinto mais próxima da minha origem hoje, e vejo que valeu a pena lutar comigo mesma, para sair de casa [sic]”.

O Ideal de Ego de Suelen não se referencia ao branco, mas ao retorno das origens de seus ancestrais comuns. Por Ideal do Ego, compreendemos o modelo ideal, quase perfeito, a partir do qual o sujeito se constitui e pelo qual pode recuperar o narcisismo original perdido, mesmo que por intermédio de uma mediação trazida pela idealização dos pais, substitutos e ideais coletivos. Ele difere do Ego Ideal, constituído pela onipotência, pela idealização maciça, pelas representações fantasmáticas e pelo imaginário. O Ideal do Ego é constituído pela ordem simbólica – articulação e vínculo – e pela Lei que fundamenta esta ordem, estruturando o sujeito em seu psiquismo envolto pelo discurso e pela linguagem em que ocorre a conexão da libido com a cultura.

Realizar o Ideal do Ego é uma exigência – dificilmente burlável – que o Superego vai impor ao Ego. E a medida de tranquilidade e harmonia interna do indivíduo é dada pelo nível de aproximação entre o Ego atual e o Ideal do Ego. “Há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Ego coincide com

---

<sup>204</sup>Entrevista realizada em 2014.

o Ideal do Ego. E o sentimento de culpa (bem como o de inferioridade) também pode ser entendido como uma tensão entre o Ego e o Ideal do Ego.<sup>205</sup>

Mas, o negro tematizado, aqui, nasce e sobrevive imerso na ideologia do branco, na qual luta para corresponder a esse modelo, como um ideal a ser conquistado em seus diversos matizes: elitista, letrado, bem-sucedido, aristocrata, branco, inteligente, rico e poderoso. Sob quaisquer condições, esse modelo deverá ser seguido, e, desta maneira, constrói-se o Ideal de Ego do negro, que passa a negar a si mesmo e aos seus semelhantes sua história e sua origem, trazendo, muitas vezes, o desespero, que também violenta e lesa o corpo físico e corpo erógeno (SOUZA, 1983).

Mas, a história de Suelen diferencia dessa condição colocada acima pela autora, pois seu convívio familiar lhe fez valorizar sua cor e sua origem, mesmo não conhecendo nada do passado negro brasileiro, a não ser que eram escravos submissos. Em sua juventude, mesmo com muitas dificuldades financeiras, Suelen teve, da família<sup>206</sup> de origem, uma referência positiva quanto à sua cor, mesmo sabendo que, para os negros, tudo seria mais difícil, principalmente, um melhor emprego e estudos.

Na comunidade Vila Fátima, a união entre a maioria negra favoreceu a formação de um Ideal do Ego favorável ao bom convívio e cumplicidade entre todos, mas, por outro lado, muitos deles se sentiam acuados perante os brancos, conforme foi verificado em minha permanência na vila, quando se referem à cidade como algo que estivesse muito fora do ambiente deles. Também, muitos parceiros de Binho, fundador do COSNEC, desencorajaram-no, nas primeiras iniciativas de criar o movimento de conscientização, fazendo chacotas e críticas irônicas, dizendo que tudo seria em vão e que ele não chegaria a lugar algum com esses propósitos.

O sentimento de auto desvalorização, timidez, retraimento e ansiedade fóbica ocorrem, pelo fato de não corresponderem às expectativas impostas a si mesmos, nunca alcançando um

---

<sup>205</sup>FREUD, 1969.

<sup>206</sup>O contexto familiar é o lugar onde se constrói e se desenvolve o Ideal do Ego, na construção do percurso a ser percorrido, antes que o negro, já sujeitado ao desejo do outro, construa seu projeto de caminhar, para chegar ao lugar de suas escolhas. Depois, na convivência com o mundo externo, ocorrem as novas experiências, em que o Ideal do Ego se reforça em significados e modelo ideal para a pessoa. Na sociedade racista de hegemonia branca, as condições de enfrentamento para o alcance ao Ideal de Ego satisfatório ocorrem, quando o negro combate as condições de opressão que o envolve junto às contradições vistas nas falsas alternativas, insatisfatórias, como: afirmação/negação, exploração, dominação/submissão, oferecidas pelo modelo racista e capitalista, que favorece a formação do Ideal do Ego fundado no modelo e no Ideal do Ego do dominador, na dupla opressão de classe e de cor. O comportamento individualista ocorre a partir dessa escolha pelo branco, que o faz único em seus projetos de vida, como se o vínculo com seus pares o impedisse de avançar em seus objetivos, mas que, por outro lado, coloca-o em constante estado de insatisfação e angústia, pois, além de nunca conseguir alcançar o Ideal desejado, como ocorre com todos os indivíduos, o negro vivencia uma dupla frustração causada pela escolha de um Ideal de Ego que não lhe pertence, o do branco (SOUZA, 1983).

ideal realizável pelo Ego, por mais que os esforços sejam intensos e, ao mesmo tempo, dilacerantes (SOUZA, 1983).

Rosa<sup>207</sup> demonstra, abaixo, que seu questionamento, quanto à discriminação de cor, deu-lhe forças para buscar respostas que justificassem essa realidade que a cerca, desde seu nascimento, e da qual quis se livrar, através das buscas pela vida sem os sofrimentos advindos dos preconceitos de cor. “Eu sempre fui assim, uma pessoa simples e religiosa, mas, hoje, vejo que a timidez me fazia sofrer. Nunca quis me comparar com ninguém, mas doía ver muitos de nós sofrer por causa da cor. Fiquei me perguntando se a cor indica quem é melhor [sic]”.

Minha permanência no campo de pesquisa por três anos me levou ao conhecimento dos afetos vivenciados pelas mulheres do COSNEC em suas relações com a sociedade branca, e, mais uma vez, cito a fala de Suelen<sup>208</sup>, quando se refere às suas experiências no COSNEC: “[...] eu, hoje, não tenho mais vergonha de olhar para as pessoas e conversar sobre vários assuntos, porque sei que elas estão me ouvindo e me vendo com outros olhos”; e a declaração de Rosa<sup>209</sup> à minha participação no grupo: “Você não tem preconceito, não faz pouco caso da gente, e eu estou muito feliz por te receber em minha casa”.

Souza (1983) afirma que a construção de uma identidade negra é uma tarefa política que requer a contestação dos modelos herdados das figuras parentais que transmitiram o ensinamento da caricatura do branco. Estes, ao serem rompidos, possibilitarão a organização das condições responsáveis pelo surgimento de um rosto próprio, de uma verdadeira nova identidade negra. A outra possibilidade seria eliminar a ferida narcísica, causada pela sua identificação equivocada com o branco, o que lhe trouxe o sentimento de impotência em duplo sentido, pois esse ideal se tornou inalcançável, ao mesmo tempo em que o ausentou de sua própria condição identitária legítima.

Segundo Souza (1983, p. 78), “essa ferida narcísica e os modos de lidar com ela constituem a psicopatologia do negro brasileiro em ascensão social e tem como dado nuclear uma relação de tensão contínua entre Superego, Ego atual e Ideal do Ego”. A tensão, advinda desta relação, caracteriza os afetos que envolvem as ações do negro brasileiro na definição de sua identidade, envolta pela dicotomia da estrutura de desconhecimento e reconhecimento.

Pensando na reflexão a respeito do pensamento da autora, Souza (1983), correlacionado às ações e pensamentos das mulheres da pesquisa, constato, após mais uma

---

<sup>207</sup>Entrevista realizada em 2014

<sup>208</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>209</sup>Entrevista realizada em 2014.

estadia no campo, que as mulheres do grupo estão determinadas a prosseguir em suas buscas por libertação, autoestima, e pelo reconhecimento de si próprias, muito mais do que pela busca do reconhecimento externo, aqui, referenciado pela sociedade branca da cidade.

No Brasil, segundo Souza (1983), o negro não possui uma identidade positiva, a qual ele possa afirmar ou negar, pois nascer com a pele preta e com as características negroides, advindas de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não é o suficiente para formar uma identidade negra. Além disso, é necessário tomar consciência do processo ideológico que o colocou num distanciamento de sua verdadeira imagem, que se tornou alienada, na qual ele se reconhece. “Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração” (SOUZA, 1983, p. 77).

Ousaria afirmar que as ações do COSNEC – os cantos, as danças, os batuques, a culinária negra, a Missa Inculturada, os projetos sociais (a fábrica de vassouras pet, a fábrica de costura), as viagens para outros espaços públicos e novos contatos com outros grupos étnicos, os estudos, pesquisas e discussões sobre a história do negro no Brasil – foram uma conquista política, que contribuiu para uma transformação nos afetos, na mentalidade, na autoestima das mulheres, junto ao reconhecimento dos atributos de seus pares, do grupo e da comunidade como um todo. Fregtman (1989) diz que há uma fruição do prazer, numa ação compartilhada, em que o emocional, o físico e o psicológico se mesclam, num clima de alegria e de novas perspectivas.

A foto 61 registra um momento de força e alegria das mulheres dessa pesquisa, vivenciadas na dança do maculelê, nas apresentações da décima SECON.



Foto 61: Mulheres do COSNEC – dança do maculelê – décima SECON – Centro Afrodescendente. (foto tirada pela autora em novembro de 2017).

Arnaldo confirma a necessidade de mudanças nesse sentido, mesmo reconhecendo os motivos que deram fundamento a essas discriminações, ainda arraigadas em seus conterrâneos, e ele faz referência ao importante papel da religião no combate a essas diferenças. Ele define o termo “consciência negra” como a consciência de que são negros, nem melhores, nem piores que ninguém, e que já é hora de fazer valer essa igualdade. Ele disse também que o movimento do COSNEC clareia as mentes e traz as transformações gradativamente.

[...] Consciência negra é isso, nos dá consciência de que somos negros, que pertencemos a uma raça, mas que não somos melhores e nem piores do que ninguém, né, que a gente simplesmente somos iguais. Então, isso tá na hora de transparecer, tá na hora da gente fazer valer isso; então, através desse movimento, a gente começa a clarear, começa a limpar a mente de cada um e, assim, a gente viu que tá tendo uma boa transformação.

A religião ajuda, sim, eu acredito que, não importa qual seja a religião, é um alicerce na vida da família; é uma estrutura, porque, através da religião, você tem fé e, através da fé, você consegue ser humano; a religião transforma, sim, a pessoa [sic].

(Entrevista realizada com Arnaldo, parceiro do COSNEC, em dezembro de 2014 – grifos meus.)

Arnaldo<sup>210</sup> acredita ser de grande importância o papel desempenhado pela religião no processo de transformação dos integrantes do COSNEC, bem como das pessoas em geral, pela força que a fé exerce nas condutas do ser humano e pela crença em Deus que lhes confere mudanças e um exemplo de vida a ser seguido. Crer significa criar o compromisso com um mundo mais humanizado, justo e bem direcionado, através da fé.

As mulheres confirmam essas novas conquistas do COSNEC, que passou a ser visto como um grupo transmissor de conhecimentos, culturais e religiosos (destacando a Missa Inculturada) e de ações esclarecedoras, foto 62, capazes de transformar positivamente as pessoas que o integram, como também as relações que os mantêm no convívio com a comunidade e com a cidade.



Foto 62: Mulheres do COSNEC dançando a “dança afro” – décima SECON – Centro Afrodescendente. (foto tirada pela autora em novembro de 2017).

Binho mostra, em sua fala<sup>211</sup>, a visibilidade e a valorização conquistadas pelo COSNEC, na cidade, devido aos conhecimentos da história, apontados por Arnaldo, que, agregados à grande influência religiosa e às parcerias com as instituições de ensino (as escolas

---

<sup>210</sup>Entrevista realizada em 2014.

<sup>211</sup>Entrevista realizada em 2014.

da cidade), legitimaram as ações do grupo, bem como lhes deram reconhecimento e acolhimento.

A falta de conhecimento das pessoas sobre a Missa Inculturada causava estranhamento nos moradores da cidade, conforme disse Binho: “[...] Era mais difícil... As pessoas não conheciam a Missa Inculturada [...]. Se assustaram, quando viram os tambores tocando”. Atualmente, muitas pessoas acompanham, assistem e participam, e outros preferem não participar. Prossegue: “É um prazer a gente tá fazendo a Missa Inculturada [...], na Semana da Consciência Negra, quando a gente vai nas escolas, falar pros alunos, e os alunos vêm até aqui, no Centro Afro, para estar conhecendo; então isso é maravilhoso [sic].

Dessa forma, a conscientização passa por essas reflexões, junto aos integrantes do grupo, além de enfatizar a importância da valorização da cultura expressada pelas danças, cantos e religião, tanto nas Missas Inculturadas quanto nas programações da SECON e em outras cidades, que formam um conjunto de ações capazes de ampliar cada vez mais as visões de mundo dos integrantes do COSNEC, e, conseqüentemente, da comunidade afrodescendente da Vila Fátima, bem como dos moradores da cidade de Cel. Xavier Chaves.

O novo Ideal do Ego poderá ser conquistado, quando o negro assumir seus valores e interesses próprios, e quando tiver como referência e perspectiva a história de que, pela militância política, auxiliará na transformação de sua autoestima, afirmar sua existência e marcar o seu lugar. “Ser negro não é uma condição dada, a priori, mas um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (SOUZA, 1983, p. 77).

A foto 63 mostra o momento da despedida das comemorações da décima SECON, no qual as mulheres dão viva a Zumbi, num momento de alegria, descontração, e na certeza do dever cumprido.



Foto 63: Mulheres do COSNEC dando viva a Zumbi no final das atividades da X SECON. (foto da autora tirada em novembro de 2017).

Souza (1983), prossegue dizendo que,

[...] Entretanto, a construção de uma nova identidade é uma possibilidade que nos aponta esta dissertação, gerada a partir da voz de negros que, mais ou menos contraditória ou fragilmente, batem-se por construir uma identidade que lhe dê feições próprias, fundada, portanto, sem seus interesses, transformadora da História – individual e coletiva, social e psicológica (SOUZA, 1983, p. 78).

A equipe do COSNEC registrada na foto 64, se responsabilizou por toda a organização da décima SECON, realizada em novembro de 2017. Atualmente, o grupo conta com trinta integrantes, sendo quatro mulheres e dois homens recém-chegados e já envolvidos com as atividades e com compromissos agendados para o próximo ano.



Foto 64: Integrantes do COSNEC – foto da autora – décima SECON – Centro Afrodescendente. (foto da autora tirada em novembro de 2017).

A foto 65 visualiza as imagens de Jesus Cristo e de Nossa Senhora do Rosário no centro do palco ornamentado para as atividades da décima SECON, realizada pelo COSNEC, em novembro de 2017 no Centro Afrodescendente.



Foto 65: Ornamentação do palco do Centro Afrodescendente na décima SECON. (foto da autora tirada em novembro de 2017).

Dessa forma, a serviço da fé e das buscas das suas heranças, as mulheres trouxeram uma nova definição identitária para o grupo e falam dos sentimentos que surgiram a partir da relação que vivenciam entre essa arte e o seu sagrado<sup>212</sup>.

A representatividade desses elementos tem agido no sentido de mediar a relação entre identidade e diferença, a partir das ações empreendidas nas buscas de suas heranças e nas práticas inovadoras relacionadas à sua forma de viver a fé, envolta pelos signos e pelo sistema de símbolos, trazidos pela história do grupo.

---

<sup>212</sup>Ver: MONTEIRO, 2011.



## CONCLUSÃO

As práticas artísticas e religiosas das mulheres do COSNEC, criam, na repetição das suas manifestações, a renovação dos seus significados rituais e simbólicos pela mesclagem entre o velho e o novo, entre os empréstimos das raízes culturais de seus antepassados que, juntamente com suas heranças católicas, inculturadas no presente.

As danças características do congado são praticadas no meu campo de pesquisa, como herança dos ancestrais, os negros escravizados, que determinaram sua arte e são parte expressiva da sua história. As danças do maculelê e do bate-paus, carregadas de religiosidade, surgiram nas senzalas, nos terreiros das fazendas e nas florestas, com traços característicos das defesas dos escravos frente às agressões dos feitores. As danças afros executadas pelo grupo possuem movimentos que diferem quanto à intensidade dos gestos, por serem mais espontâneas e vibrantes. Desde suas práticas em terras africanas traduzem a intenção de impressionar o ambiente contra os perigos ao redor e de afastar os espíritos do mal, pertencentes ao mundo invisível.

Todas essas modalidades de danças são utilizadas pelos integrantes do COSNEC e praticadas como heranças artístico-culturais dos antepassados. Elas formam a continuidade do passado e sua ressignificação no presente a partir da força interna constituída pelas origens, pela história transmitida através da oralidade - transmissora das heranças através do sentido simbólico -, e pela memória individual e coletiva que instalam os registros considerados importantes para o grupo e auxiliam na formação da sua identidade, na sua visão de mundo a partir da sua realidade histórica e cultural.

A relação entre a fé e as atividades artístico-culturais, no mundo religioso de procedência católica, envolve as mulheres dessa pesquisa em uma polissemia de símbolos considerados culturais para elas, utilizados nas celebrações da Missa Inculturada, uma cerimônia que se coloca entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras e compõem a mescla cultural híbrida vivenciada no espaço religioso sincrético onde se expressam.

Portanto, a religião vista como um fenômeno vivo, dinâmico, contraditório, que não se limita a visão única, intelectualizada e empobrecedora da realidade, abarca o conjunto de mitos e ritos de diversas origens presentes nas convergências das várias tradições religiosas composto pela música, dança, estética, beleza, vestuário, etc., que favorecem a teatralidade do desempenho da liturgia e da contemplação mística.

Por outro lado, a mistura cultural advinda da tentativa de sobrevivência da religião dos negros inseridos no sistema de opressão da fase colonialista, marcou o perfil de força e beleza

de suas performances mantida pela reinvenção de valores culturais nas interações, tensões, violências e pela fusão sincrética recriados nas senzalas e nos quilombos.

As mulheres do COSNEC encontram suas raízes ancestrais, e às assumem, mesmo sem tê-las vivido anteriormente e se tornam autoras de sua dança e da música cantada ou tocada, afrobrasileiras. São manifestações repletas de símbolos mostradas pelos movimentos em que corpo e mente, compartilham coletivamente o poder de atuar na expressão, na comunicação humana e no presente histórico vivido pelas mulheres dessa pesquisa. O conjunto das formas simbólicas favoreceu às mulheres do grupo, a libertação na busca da compreensão da cultura pelo mito, pela estética, pela ciência e pela linguagem. A linguagem avaliada como conteúdo total do espírito, está associada à percepção, sensibilidade e imaginação, entre a visão teórica e estética do mundo em sua capacidade e generalização lógica.

As versões narrativas são formas criativas utilizadas pelas mulheres do grupo de minha pesquisa, visando à restauração da memória do passado, para a construção de uma imagem positiva de si mesmas, pelas quais reforçam a identidade da comunidade tradicional remanescente de quilombos. Essa busca pelo reconhecimento formal do território quilombola da Vila Fátima foi verificada em minha permanência no campo de pesquisa e continua em vigor na tentativa de ser enquadrada dentro da nova lei constitucional do art. 68.

Os sujeitos, pertencentes a comunidades tradicionais do meio rural, afirmam-se coletivamente como quilombolas, pela evocação da memória coletiva, ao desfiarem lembranças, com o objetivo de restaurar sua história. Observo, no grupo COSNEC, que as narrativas passadas e presentes oferecem a eles um enredo e um significado que dão o sentido real dessa escolha, mostrando, dessa forma, que as identidades sociais se formam pelos processos discursivos, historicamente construídos por fatos reais ou inventados, tendo, cada qual, o seu papel estruturado por formas de narrativas que nunca serão suficientes e acabadas.

Assim, afirmando Cassirer (2001), pela sua capacidade de simbolizar, o indivíduo se distingue dos animais ao criar um mundo específico envolto pela criação de símbolos cuja expressividade lhe propicia construir sua existência pelo conjunto de funções que se complementam nas conjugações do sensível e do intelectual nas manifestações culturais, pelas quais busca alcançar sua liberdade.

As mulheres do COSNEC se unem ao sagrado pelo movimento festivo dos corpos, sentimentos e linguagem viva nas novas formas de cantar e de orar, em que buscam o conhecimento e a prática de novos fatos históricos sobre suas raízes e os novos tipos de dança.

No decorrer das observações em campo, percebi que essas ações se tornaram possíveis

e foram favorecidas, primeiramente, pelo conhecimento que essas mulheres obtiveram sobre suas raízes culturais. Foram os estudos e palestras realizados pelo grupo que trouxeram novas conquistas e os novos lugares que, hoje, ocupam no meio social e familiar.

Através dos contatos e das interações com as demais realidades de seus pares, as mulheres do grupo relatam sobre as mudanças ocorridas em sua visão de mundo e sobre a mobilidade favorecida pelas novas experiências em que a emoção juntamente com a conscientização de sua história lhes proporcionam coragem, soltura nos gestos relacionados à dança e ao canto, além de enfatizar a herança afrodescendente do grupo, na atualidade.

O material sensível escolhido pelas mulheres do COSNEC em forma de religiosidade e estética se transformou em significações repletas de sentido simbólico com seu aspecto particular e específico designado por um signo exterior sonoro, a música e os ritmos, que se fixam a um objeto específico suas danças, crenças e metas, que, além de expressar a diversidade, as variadas formas dos objetos do exterior, também possibilita a organização interna das representações.

Portanto, a atuação das integrantes do COSNEC e suas vivências artísticas e religiosas mediadas pela emoção em seu cotidiano regem suas condutas e lhes dão impulso para o estreitamento dos vínculos identitários, bem como para as novas expectativas e mudanças relacionadas às suas práticas que objetivam a busca de suas raízes a partir de um novo contexto cada vez mais ampliado pelas atividades do grupo, entre a performance, o lúdico e a religiosidade.

A hipótese confirmada durante os anos de estudos teóricos e práticos que o campo ofereceu recaí sobre a minha escolha de enfatizar as ações dessas mulheres no grupo e seus desdobramentos como influenciadoras no sentido atribuído por elas às práticas artísticas e religiosas, originadas do desprendimento e coragem favorecidos pelos novos lugares que passaram a ocupar no meio social, avanços esses favorecidos pelos novos conhecimentos e apegos às suas origens.

Mas observei que, juntamente a esses critérios, a luta pelo fim do preconceito e pelas conquistas dos espaços sociais, a conscientização dos direitos concedidos aos negros e à mulher, são fatores que favorecem aos indivíduos do COSNEC e também à comunidade que, em grande parte, também é favorecida pelos estudos e pelas ações iniciadas pelo grupo, num objetivo comum, que tem como alvo a superação dos entraves sociais causados pelas discriminações sofridas que ainda se sobrepõem às suas condutas nos contatos com a sociedade dos brancos.

As danças e os cantos juntamente com as demais atividades do COSNEC, compõem, no aspecto religioso e social, a celebração da cultura dos antepassados e, como consequência trazem para o grupo a integração entre seus componentes, entre eles e a comunidade, e entre a Vila Fátima e a cidade. São heranças expressadas em novo contexto, mas ao serem ressignificadas na junção da tradição antiga na nova, criam o sentido de pertencimento e de reconhecimento do grupo em si mesmo e perante o seu meio social.

Assim, ao demonstrar a cultura dos ancestrais através da fé, da dança e do canto, na dicotomia existente no contexto em que vivem - constituída pelo preconceito social e pelo enfrentamento dos limites pessoais, vergonha e medo, que lhes impediam de assumir sua identidade - as mulheres em suas diversas manifestações, citadas nas entrelinhas desses capítulos, se mostram, no presente, portadoras de uma ação nova, que lhes garantem a continuidade de suas conquistas.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABREU, F. J. de. *Capoeira de Rua*. 2012. Disponível: <http://portalcapoeira.com>. Acesso: 12.04.2017.
- ALBUQUERQUE, W.R. & FILHO, W. F. *Uma História do Negro no Brasil: Família, terreiros e irmandades*. Cap.IV, Brasília: Centro de Estudos Afro Orientais; Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALMEIDA, A.W B. *Os quilombos e as novas etnias: é necessário que nos libertemos da definição arqueológica*. In: LEITÃO, Sérgio (Org). *Direitos territoriais das comunidades negras rurais*. Documentos do ISA, n. 5. 1999.
- ALMEIDA, L. M de. *Passeio a Outro Preto*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Palo: Ed. Universo. São Paulo, 1980.
- ALMEIDA, R. *Compêndio de história da música brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Comp. Editores, s/d
- ALMEIDA, P. *Pequena História do Maculelê*. 1970. Disponível em: <http://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/maculele-origem-e-historia.html>. Acesso: 15.04.2017.
- ALMEIDA S. D. De. epistemicídio, (in)visibilidade e narrativa: reflexões sobre a política de representação da identidade negra em Cadernos Negros. *Ilha do Desterro: A journal of English Language, Literatura in English and Cultural Studies*. N. 67, Julio-diciembre, 2014, pp. 51-62. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.
- ALVARENGA, O. *Música popular brasileira*. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- AMARAL, R. Xirê! *O modo de ser e viver no candomblé*. Rio de Janeiro. Pallas, 2002.
- AMARAL, R. Mães-de-Santo, mães de tanto. O papel cultural das sacerdotizas dos cultos afro-brasileiros. In: *Os Urbanistas. Revista de Antropologia*, ano 4, vol. 4, n. 6, 2007.
- AMARAL. R. C. & SILVA, V. G. Cantar para subir – Um estudo antropológico da música ritual no canbomblé paulista. *Religião e Sociedade*, 16 (1/2), Rio de Janeiro, ISER, 1992.
- BENEDICT, A. *Comunidades Imaginadas*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- APNs 10 Anos (1983-1993) Conscientização-Organização. Fé e Luta. São Paulo, *Quilombo Central*. 1993.
- AQUINO, F. Disponível em: [casanovahttp://blog.cancaonova.com/felipeaquino/formacao-para-os-Ministros-da-eucaristia/](http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/formacao-para-os-Ministros-da-eucaristia/). 2014. Acesso em: 10.11.2015.

ARDUINI, J. Antropologia. Ousar para reinventar a humanidade. *Coleção estudos antropológicos*. São Paulo: Paulus, 2002.

ARRUTI, J. M. Quilombo. In: PINHO, O. (org.) *Raça: Perspectivas Antropológicas*. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA, 2008.

ATAIDE, S. R. Confluências do Passado e do Presente: o resgate da memória em o canto das lavadeiras de Almenara. *Dissertação de Mestrado* – Programa de Pós Graduação em Letras (área de concentração: Literatura Portuguesa e outras literaturas) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – 2008.

AZEVEDO J. & GARCIA, J. *Apostila de Arte – Artes Visuais*. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007.

BARBOSA, M. R. Canto ancestral negro: resistência e protagonismo feminino na cultura negro brasileira. TCC. Escola de Comunicações e Arte, Universidade de São Paulo, 2015.

BARTH, F. *Ethnic Groups and Boundaries*. Londres: Allen & Unwin, (1969).

\_\_\_\_\_. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. In: Teorias da etnicidade. POUTIGNAT P.; STREIFF-FENART, J. BARTH, F. (eds.). Trad. Elcio Fernandes. Editora Unesp. 1998.

BASTIDE, R. & FERNANDES, R. *Branços e Negros em São Paulo*. São Paulo, Nacional, 1959.

BAUMGARTEN, A. G. *Estética: a lógica da arte e do poema*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BENTO XVI. *A comunhão no tempo: a Tradição* (Audiência Geral do 26 de abril de 2006). *L'Osservatore Romano*, Roma, p. 12, 29 de abril de 2006.

\_\_\_\_\_. *A Tradição Apostólica* (Audiência Geral do 03 de maio de 2006). *L'Osservatore Romano*, Roma, p. 12, 06 de maio de 2006.

BECKER, H. *Segredos e Truques da Pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar. 2007.

BENJAMIN, R. *Conceito de folclore*. Disponível em: [http://www.unicamp.br/folclore/Material/extra\\_conceito.pdf](http://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf) . Acesso: 02/05/2014.

BERGER, P. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes. 2017.

BERKENBROCK, V. *Diálogo Ecumênico: uma introdução*. Disponível em: [http://volney-berkenbrock.com/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=253:2017-06-11-21-57-03&catid=53:evangelizacao-e-dialogo-inter-religioso-e-ecumenico](http://volney-berkenbrock.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=253:2017-06-11-21-57-03&catid=53:evangelizacao-e-dialogo-inter-religioso-e-ecumenico). Acesso: 10.10.2017.

BERNARDO, T. *Negras, Mulheres, Mães – Lembranças de Olga do Alaketu*. Pallas Editora, 2003.

BEZERRA-PEREZ, C. A ética, a estética e o sagrado nas religiosidades e manifestações artístico-culturais dos grupos populares e tradicionais. In: *Religião e Arte: questões, reflexões e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

- BHABBHA, H. K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte. UFMG, 200
- BINA, G. G. *O Atabaque na Igreja: a caminho da inculcação litúrgica em meios afro-brasileiros*. Mogi das Cruzes: Editora e Gráfica Brasil, 2012.
- BORGES, C. M. *Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2005.
- BORGES, N. M. P. Trajetórias do sagrado no canto coral das Lavadeiras de Almenara: cultura popular, religião popular, mídia e “show-bussiness”. Área de pesquisa: Religião, Sociedade e Cltura. PPCIR: UFJF. *Dissertação*, 2014.
- BOSCHI, C. *Os leigos e o poder* (Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais). São Paulo: Ática, 1986.
- BOSI, E. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia*. São Paulo: Ateliêde Psicologia. 2003.
- BRANDÃO, C .R. *Memória do Sagrado: Religiões de uma Cidade do Interior*. Cadernos do ISER 1(9). 1980.
- BRANDÃO, T. *Folquedos natalinos*. Maceió, AL: UFAL, 2003;
- \_\_\_\_\_. “*Casa de Escola*”: cultura camponesa e educação rural. Campinas: Papyrus, 1984.
- BREKWEEL, G. M. *Métodos de Pesquisa em Psicologia*. Tradução: Felipe Rangel Elizal de; revisão técnica: Vítor Geraldi Hasse. – 3ª. Ed. – Porto Alegre: Artmed. 2010.
- BRÜGGER, S.& OLIVEIRA, A. Os Benguelas de São João del Rei: tráfico atlântico, religiosidade e identidades étnicas (séculos XVIII e XIX). *Tempo*, vol. 13, n 26, Niterói, 2009. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042009000100010>. Acesso: 13.10.2015.
- BUENO, F. S. *Dicionário Tupi-Guarani-Português*. Editora Bed, PR, 1987. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/o-que-e-o-caxanga-que-os-escravos-de-jogavam>. Acesso: 05/10/2017.
- CALVANI, C. E. *Teologia da Arte*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CAMARGO, C. P. F. de. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Pioneira, 1961.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- \_\_\_\_\_. Introdução: Teoria da interculturalidade e fracassos políticos. Mapas 01 – A cultura extraviada nas suas definições; 02 - In: *Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas de interculturalidade*. Tradução Luiz Sérgio Henrique. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, pp. 15-103.
- CANTO DAS CEBS e dos grupos bíblicos em família. *Ao Deus Pai Criador*. Disponível em <http://tremdascebsblogspot.com>. Acesso: 23.11.217.

CANTO DA PASTORAL AFRO. *Negra Mariana*. Disponível em <http://m.letras.mus.br/pastoralafro>. Acesso: 20.10.2017

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da UND, UNESP, 1998.

CARVALHO, J. J. de. As artes sagradas afro-brasileiras e a preservação da natureza. *Série Antropológica*. Brasília: UnB, 2005.

CARVALHO, M. A. de. *Cultura Negra*. São Paulo: Editora Três, 2000.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2000.

CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAVALCANTE, M. L. Entendendo o folclore. Disponível: [http://www.ivt-rj.net/museus\\_patri/antariores/folclore/artigo.htm](http://www.ivt-rj.net/museus_patri/antariores/folclore/artigo.htm). Acesso: 20/08/2002.

\_\_\_\_\_. *Ouvi o clamor desse povo*. Manual Campanha da Fraternidade, 1988, São Paulo: Paulinas, 1988.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano I: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 4ª edição, 1999.

CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: *Artes Médicas Sul*, 2000.

CHATAWAY, C. J. Negotiating the observer-observer relationship: participatory action research. In D. L. Tolman, & M. Brydon (Eds) *from subjects from subjectivities: a hand book of interpretative and participatory methods* (p. 239-255). Ney York: Ney York University Press. 2001.

CHUPUNGCO, A. J. *Inculturação Litúrgica: Sacramentais, religiosidade e catequese*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CNBB. *A Igreja e os Novos Grupos Religiosos*, Coleção Estudos da CNBB, São Paulo: Paulinas, 65, 1993.

\_\_\_\_\_. *Pastoral afro-brasileira*. Coleção Estudos da CNBB, 85, São Paulo: Paulinas, 2002.

\_\_\_\_\_. *Introdução geral do Missal Romano no Brasil e Introdução ao Lecionário*. Brasília, Edições CNBB, 2008b.

CONCEIÇÃO, D. R. *Por um rosto da religião no Brasil do século XXI*. In: *Religião, Política e Espaço Público no Brasil: Discussões teóricas e investigações empíricas*. SILVEIRA, E. S.; JUNIOR, M. R. de. (Orgs.). UEPA: Fonte Editorial, 2015.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Dei Verbum*. In: *Enchiridion Vaticanum 1*, Bologna: EDB, 2002, pp. 907-945.

CONRADO, A. V. De S. Danças Populares Brasileiras: valor educacional, cultural e recurso para a pesquisa e recriação cênica. *Revista da Bahia*, v. 32, n. 38, 37-46, maio de 2004.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, art. nº 68, 1988.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Decreto 6040, de 07 de fevereiro de 2007.

CÔRTEZ, G. P. *Dança Brasil*. Belo Horizonte, MG: Editora Leitura, 2000.

DAMASCENO, C. M. Ritual e conflito quando se Canta pra Subir. *Revista Afro Asiáticos* Rio de Janeiro; v. 18, p. 45-61, 1989.

DANTAS, J. P. M. Em busca do significado teológico da “Sagrada Tradição”. *Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio*, 2012.

DAWSEY, J. C. T. Benjamim e a antropologia da performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. In Medeiros, M. B. de, Monteiro M. F. M e Matsumoto, R.K. *Tempo e Performance*: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. Do que riem os Bóias Frias? Walter Benjamin e o Teatro Épico de Brecht em carrocerias de caminhões. *Tese de livre docência*. PPGAS/FFLCH, Universidade de São Paulo, 1999.

DEGAAXÉ, Padre. *Missa Afro-inculturada*. Parte dois. Para a Pastoral de Campo Grande. Acesso: [http://www.cnbb.org.br/images/arquivos/files\\_4b26180169b74.pdf](http://www.cnbb.org.br/images/arquivos/files_4b26180169b74.pdf). Acesso: 02/10/2013.

DELGADO, L. A. N. *História Oral – memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, M. *Algumas considerações gerais sobre formas de canto e dança em Moçambique*. Ed.: Instrumentos musicais de Moçambique. Instituto de investigação científica. (pp. 213-221), Lisboa, 1986.

DOSSIÊ DE TOMBAMENTO, Livros 08 e 09, Prefeitura de Coronel Xavier Chaves, 2009.

DURAO & COELHO. Moral e Emoção nos movimentos culturais: Estudo da “tecnologia social” do Grupo Afro Regge. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2012, V. 55 Nº 2.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, F. A *Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo, Ática, 1978.

FERRARI, R. Disponível: fap. *O empoderamento da mulher*. <http://www.intercef.com.br/artigos/o-empoderamento-da-mulher.php>. Acesso em 10.10.2015.

FERRAZ, S. M. C. O Fazer Saber das Danças Afro: investigando matrizes negras em movimento. *Dissertação*. (IA/UNESP-SP), 2012.

FERREIRA, M. B. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1986. P. 835.

FERREIRA, S. R. B. Quilombolas. In: CALDART, R. S. *et all. Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FERRETI, S. F. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo. Edusp. 1995.

\_\_\_\_\_. Sincretismo Afro-brasileiro e Resistência Cultural. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n.8, p. 182-198, jun. 1998.

FIABANI, A. *Mato, Palhaço e Pilão: O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)*, 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2005.

FISCHER, E. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FONSECA, C. Quando Cada Caso não é um caso. *Revista Brasileira de Educação*, 10(1), 58-78. 1999.

FREGTMAN, C. D. *Corpo, música e terapia*. São Paulo, SP: Cultrix, 1989.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREUD, S. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921), em *Edição Standard*. Rio de Janeiro, Imago, 1969, Volume XVIII, p. 166.

FRIGERIO, A. *Capoeira: de arte negra a esporte branco*. Disponível em: [www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_10/rbcs10\\_05.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_05.htm). Acesso: 20.04.2014

GARAJO. A dança do bate-pau, uma cultura que se perpetua. *Pastelão revista do Pibid Letras Cpaq*. Disponível em <http://pibidletrascpaq.blogspot.com.br/> . Acesso: 22.10.2017

GARCIA, C. & MIRANDA, A.P. de. *Moda é Comunicação: Experiências, Memórias, Vínculos*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2010

GEERTZ, C. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIDDENS, A. *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: UNESP, 1995.

GOODY, J. *O Mito, o Ritual e o Oral*. Trad. Vera Joscelyne. Petrópolis, Vozes: RJ, 2012

GOLDENBERG, M. *A Arte de Pesquisar. Como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record. 2007.

GOLDMAN, M. “Introdução: Políticas e Subjetividades nos ‘Novos Movimentos Culturais’”, *Ilha – Revista de Antropologia*, 2009. v. 9, n. 1-2, pp. 9-22.

- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo, Centauro, 2006.
- HALL, S. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- \_\_\_\_\_. Identidade, cultura e diáspora. In: *Comunicação & Cultura – A cor dos media*. Vol. 01. Portugal: Universidade Católica Portuguesa, Quimera, primavera verão, 2006.
- HERVIEU-LÉGER, D. Bricolage Vaut-II Dissémination? Quelques Réflexions Sur L’Operationalité Sociologique D’Une Métaphore Problématique. *Social Compass*, 2005.
- HOBBSBAWN, E. & RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Paz e Terra, São Paulo, 2002.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2009.
- JÚNIOR, A. G. Origem dos Escravos Africanos. 2002. Disponível em <http://www.históriabrasileira.com/brasil-colonia/origem-dos-escravos-africanos>. Acesso: 12.03.2017.
- KAUFMANN, F. Arte e Religião. Textos Clássicos. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies – XIX(2)*: 243-246, jul-dez, 2013.
- KLOPPENBURG, B (Org). Concílio Vaticano II. Petrópolis, Vozes, 1963.
- LAPLANTINE, F. *A descrição etnográfica*. Tradução de João Manuel Ribeiro Coelho e Sergio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2003.
- LARA, I. *Sorriso Negro*. Disponível em: <http://m.letras.mus.br>. Acesso: 20.10.2017.
- LEITE, I. B. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976
- \_\_\_\_\_. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo, Papyrus, 1989
- LIMA, C. *Musicoterapia e Psicodrama: Relações e similaridades*. Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de especialista em musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário. 2006.
- LOPES, E. M. T. *Colonizador e colonizado*. Belo Horizonte: UFMG, 1985
- LOPES, A. C. O. Visões secretas do V Dalai Lama: texto e performance em uma obra literária tibetana do século XVII. In: *Antropologia e Performance: ensaios napedra*. Dawsey, J.; Moller, R.; Monteiro, M. (Orgs.), São Paulo: Terceiro nome, 2013.
- LOURA, B. Partes da Missa. <https://pt.churchpop.com>. Acesso: 20.07.2017.
- LUNA, F. V. *Minas Gerais: escravos e senhores. Análise da estrutura populacional e econômica de alguns núcleos mineratórios. (1718-1804)*. São Paulo: FEA-USP, 1980.

MACHADO, M. D. C. Olhando as mulheres pentecostais através do espelho. In: *Religião e Cultura Popular*, Vincent Valla (org.), Rio de Janeiro: DP&A, 2001, pp. 75-90.

MARINHO, T. A. Etnicidade e quilombola: Uma reflexão teórica. *Revista Brasileira de Sociologia*, vol. 3, n. 06, jul.-Dez, 2015.

MARQUES, C. E. De Quilombos a quilombolas: notas sobre um processo histórico-etnográfico. *Revista de Antropologia*, SÃO PAULO, USP, 2009, V. 52 N° 1. Faculdade de Ciências Jurídicas da FEVALE/UEMG.

MAUSS, M. "As técnicas do corpo". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 99-422.

MELLO, M. M. *Reminiscências dos Quilombos*: Territórios da memória em uma comunidade negra rural. São Paulo: Terceiro nome, 2012.

MILAN, J. A & SOERENSEN, C. A dança negra/afro-brasileira como fator educacional. *Revista África e africanidades*, ano III, n. 12, fev. 2011. ISSN 1983-2354. Disponível em: [www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com). Acesso: 22.04.2015.

MOLINA, S. C. Considerações sobre o lócus da mulher negra brasileira sob as perspectivas de gênero e de raça. *Revista. Direito e Liberdade*. V.13, n. 2, 2011, pp. 371-386.

MONTERO, P. O Problema da Cultura na Igreja Católica Contemporânea. *Estudos Avançados*. São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. Dilemas da cultura brasileira nos estudos recentes sobre as religiões. In: MICELI, S. (org.) *O que ler nas ciências sociais no Brasil*. São Paulo: ANPOCS, 1999.

\_\_\_\_\_. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*. n° 74, p. 47-65, 2006.

MONTEIRO, M. *Dança Popular: Espetáculo e Devoção*. São Paulo. Ed. Terceiro Nome, 2011.

MOTA, C. e N. Jurema e Identidade: Um Ensaio sobre a Diáspora de uma Planta. In: LABATE, B.; GOULART, S. (Orgs.) *O Uso Ritual das Plantas de Poder*. Campinas: Mercado de Letras, p. 219-238, 2005.

MUNANGA, K. Diversidade, Etnicidade, Identidade e Cidadania. *I Seminário de Formação Teórico-Metodológica, Ação Educativa, Anped*. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org>. Acesso em 12.05.2016.

\_\_\_\_\_. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade, e etnia*. Inclusão social um debate necessário. Belo horizonte: UFMG. 2012. Disponível: [www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59](http://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59). Acesso: 07/09/2014.

\_\_\_\_\_. As ambigüidades do racismo à brasileira. Cap. I: Negritude em cena. In: *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Orgs: Kon, N. M. ; Abud, C.C.; Silva, M. L. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

MUTTI, M. *Maculêle: Santo Amaro da Purificação*, 1968. Disponível em <http://www.históriabrasileira.com/brasil-colonia/origem-dos-escravos-africanos>. Acesso: 12.03.2017.

NASCIMENTO, E. L. O movimento social afro-brasileiro no século XX: Um esboço sucinto. In: *Cultura em Movimento: Matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. Eliza Larkin Nascimento, (org), São Paulo: Selo Negro, 2008.

NAVARRO, J. Orixás na obra de Pina Bausch estudo das personagens bauchianas na perspectiva: Mística do candomblé brasileiro. *Dissertação* apresentada a Faculdade de Motricidade da Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Disponível em: <http://m.extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/os-orixas-o-dia-mundial-da-danca>. Acesso: 25.10.2017.

NEGRÃO, L. N. A Umbanda como expressão de religiosidade popular. *Religião e Sociedade*, (4): 171-180. Rio de Janeiro, 1979.

NEGREIROS, H. Mulheres bantos: estéticas africanas em terras paulistas. In: *Diásporas africanas e processos sociorreligiosos*. BAGGIO, F; PARISE, P; SANCHEZ, W. L. (Orgs.), Editora: Paulus, 2017

NEIRA, M. G. & LIPPI, B. G. Tecendo a Colcha de Retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, Espanã y Portugal*. Educ Real, Porto Alegre, v 37, n 2, p. 607-625, mai/ago 2012. Disponível em [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em 25.06.2017.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, n.10, 1993, pp.07-28.

NUNES, C & JESUS, C. *Embala eu*. Disponível em <http://www.vagalume.com.br>. Acesso: 22.10.2017.

OLIVEIRA, P. A. R. de. Expressões religiosas populares e Liturgia. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 43, fasc. 172, p. 909-948, dez. 1983.

OLIVEIRA, P. C. *Religiões populares*. In: BEOZZO, Oscar (Org.). São Paulo, Paulinas, Curso de Verão - ano II, 1988.

OLIVEIRA, J. P. de (org.). *A viagem de volta: etnicidade, política, reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 1999.

OLIVEIRA, R. S. de. “Orixás: A manifestação cultural de Deus”: Uma análise das liturgias católicas “inculturadas”. *Dissertação*. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. *Breve nota sobre a umbanda e suas origens*. *Religião e Sociedade*, 13 (1): 134-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

PANDEIRO, J. *Minha Zabelê*. Samba de roda. Disponível em: <http://letras.mus.br>. Acesso: 09.10.2017.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto; 3ªed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

PEREIRA, J. C. *A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo*. Revista de Estudos da Religião. Disponível em: [http://pucsp.br/rever/rv3\\_2003/p\\_pereira.pdf](http://pucsp.br/rever/rv3_2003/p_pereira.pdf). Acesso: 30/05/2016, pp. 67-98.

PEREIRA, E. A. Rosário de muitas fés: mediações do sincretismo nas vivências religiosas populares em Minas Gerais. In: *A mão que costura o vento: mediações do sagrado nas tradições religiosas afro-brasileiras*. Robert Daibert Jr., Maria da Graça Floriano, Volney José Berkenbrock (Orgs.), Juiz de Fora: Ed. UFJF/MAMM, 2015

PIMENTA, D. Esboço para uma antropologia dos corpos que crêem: a experiência de uma romaria. In: *Antropologia e Performance*. Orgs.: John Dawsey; Regina Moller; Marianna Monteiro. São Paulo: Terceiro nome, 2013.

PINTO, T. O. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. *Revista de Antropologia*. v. 44 n.1, São Paulo, 2001.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELA, R. Estética, emoção e o lúdico na Toca de Assis. *Numem: Revista de estudos da religião*. UFJF. n. 1, v. 15, 2013, pp. 11-32. Disponível em: <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/numen/article/view/1572>. Acesso: 12/03/2015.

PORTO, L.; KAISS, C.; COFRÉ, I. *Sobre o solo sagrado: identidade quilombola e catolicismo na comunidade de Água Morna (Curiúva, PR)*. Scielo, 2012. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872012000100003>. Acesso: 11/11/2013.

PRANDI, R. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1991.

\_\_\_\_\_. Recriações religiosas da África no Brasil. In: *Diásporas Africanas e Processos Sócio-religiosos*. BAGGIO, F., PARISE, P.; SANCHEZ, W. L. (Orgs.), São Paulo: Paulus, 2017.

REIS, J. F. dos & FREITAS, R. C. S. De matriz africana: o papel das mulheres negras na construção da identidade feminina. *Fazendo gênero: diásporas, diversidades, deslocamentos* 2010.

RICHARD, S. Arte e Religião. In: *The Journal of Aesthetic Education*. Vol.42, N.3, Outono 2008, pp. 1-18 (Artigo) Publicação da University of Illinois Press.

RODRIGUES, C. E. Cultura e tradição nas comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Mucuri: conhecer para preservar. In: SILVA, E. A. da et al. In: *Comunidades Remanescentes de Quilombos do Vale do Mucuri: Conhecer para Transformar*. Relatório Técnico. FAPEMIG, 2010.

SACRAMENTO, S. M. S. O impacto das trocas culturais nas comunidades quilombolas: do tambor à guitarra. *Dissertação*. Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia, Belém, 2013.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SANCHIS, P. Pra não dizer que não falei de sincretismo. *Comunicações do ISER*. 13: 4-11. 1994.

\_\_\_\_\_. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões (sub-itens 2 e 3). In: Eduardo Hoornaert (org). *História da Igreja na América Latina e do Caribe: o debate metodológico*, Petrópolis: Vozes, 1995, pp. 96-131.

\_\_\_\_\_. O Campo Religioso Contemporâneo no Brasil. In: Ari Pedro Oro, Carlos Alberto Steil (Org). *Globalização e Religião*. Petrópolis, Vozes, 1997, pp. 103-117.

\_\_\_\_\_. Religião e Etnicidade: dois casos de “negritude católica” na diáspora. *VIII ciclo de estudos da religião: Cristianismo, Ritos e Representações*. 12 a 14 de setembro de 2006.

SANTIAGO, V. *Direito Autoral*. Disponível em: <http://www.direitoautor.com.br>. 2013. Acesso: 14.03.2015

SANTOS, R. E. Quilombos. In: CALDART, R. S. et al. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SCHECHNER, R. 2006. O que é performance? *Performance studies: an introduction*, second edition. New York & London: Routledge, 2006. Disponível: <http://pt.scribd.com/doc/54471900/Richard-SCHECHNER-o-que-e-performance>. Acesso: 06/01/2014, pp. 28-51.

SCHILLER, F. *A Educação Estética do Homem Numa Série de Cartas*. Trad. Márcio Suzuki e Roberto Schwartz; 4ªed. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SHUSTERMAN, R. Arte e Religião. Originalmente publicado como “Art and Religion” In: *The Journal of Aesthetic Education*. Trad.: ARAÚJO, L. I. Vol.42, N.3, Outono 2008, pp. 1-18 (Artigo) Publicação da University of Illinois Press.

SILVA, T. T. (organizador). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

SILVA, V.G. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 2ª. Edição, São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVA, R. A. da. Entre Artes e Ciência: A noção de performance e drama no campo das ciências sociais. In: *Horizontes Antropológicos*. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. *Negros Católicos ou Catolicismo negro?* Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

\_\_\_\_\_. Performances narrativas nos quilombos do Alto Vale do Ribeira. In: *Antropologia e Performance*. Orgs.: John Dawsey; Regina Moller; Marianna Monteiro. São Paulo: Terceiro nome, 2013.

SILVA, I. F. A Educação Física e as Danças Populares brasileiras de matriz africana e indígena: Reflexões sobre as leis 11.645 10.639. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física. Porto Alegre, 2010.

SILVA, E. A. Educação e comunidades remanescentes de quilombo. In: *Interfaces das africanidades em educação nas Minas Gerais*. Gilvan Moreira de Oliveira (org.). Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

SILVA, M. L. da. Racismo no Brasil: Questões para psicanalistas brasileiros. Cap. II: Cor e inconsciente. In: *O Racismo e o Negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Orgs: Kon, N. M. ; Abud, C.C.; Silva, M. L. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SIQUEIRA, D. Corpo, construção social das emoções e produção de sentidos na comunicação In: *A Construção Social das Emoções*. Denise da Costa Oliveira Siqueira (Org.), Porto Alegre: Sulina, 2015.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: As vicissitudes da Identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Jr. V. C. Roda o balaio na porta da Igreja minha filha que o santo é de candomblé. *Tese de Doutorado*. São Paulo, Puc, 2001.

SOUZA, M. M. e. *Reis negros no Brasil escravista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

STEIL, C. A. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa- BA*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TABACOF, H. Dessemelhanças e Preconceitos. Cap. I: Negritude em cena. In: *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Orgs: Kon, N. M. ; Abud, C.C.; Silva, M. L. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TAYLOR, D. Traduzindo Performance. In: *Antropologia e Performance: ensaios na pedra*. Dawsey, J.; Moller, R.; Monteiro, M. (Orgs.), São Paulo: Terceiro nome, 2013.

TEIXEIRA, M. L. R. C. *Família escrava e riqueza na Comarca do Rio das Mortes: O Distrito da Lage e o Quarteirão do Mosquito*. São Paulo: Annablume; Coronel Xavier Chaves: Prefeitura Municipal de Coronel Xavier Chaves, 2006.

TEIXEIRA, F. *Cristianismo e Diálogo inter-religioso*. São Paulo: Fonte editorial. 2014.

TILLICH, P. *Teologia de la Cultura y outros ensayos*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

TIZUMBA, M. *Canto de Moçambique*. Disponível em <https://m.letras.mus.br>. Acesso: 15.11.2017.

\_\_\_\_\_. *Canto de Moçambique 2*. Disponível em <https://m.letras.mus.br>. Acesso: 11.10.2017

TRAVASSOS, E. *Os Mandarins Milagrosos: Arte e Etnografia em Mário de Andrade e Bela Bartok*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

TRANCOSO, D. *Beija-flor*. Disponível em <http://m.letras.mus.br>. Acesso: 20.11.2017

VANNUCHI, M. B. C. V. A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. Cap. II: Cor e inconsciente. In: *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Orgs: Kon, N. M. ; Abud, C.C.; Silva, M. L. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VERA LÚCIA. *Irá Chegar*. Axé. Disponível em <http://m.letras.mus.br>. Acesso: 20.11.2017

VERGER, P. *Orixás*. São Paulo: Corrupio, 1981.

VERGER, P. *Lendas africanas dos Orixás*. São Paulo: Corrupio. 1985.

VERGER, P. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil e na Antiga Costa dos Escravos na África*. São Paulo, Edusp, 2000.

VIANNA, L.C.R & TEIXEIRA, J.G.L.C. Patrimônio Imaterial, Performance e Identidade. *IVENECULT – Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Faculdade de Comunicação – UFBA, Salvador, BA, Maio, 2008.

VIEIRA, M. Líder negro defende liberdade religiosa. Disponível em [www.camarapiracicaba.sp.gov.br](http://www.camarapiracicaba.sp.gov.br). Acesso: 20.10.2017.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WOODHEAD, L. *Mulheres e Gênero: uma estrutura teórica*. Trad.: Déborah Pereira. *Revista de Estudos da Religião*. n. 1, 2002, p. 1-11.

WORCMAN, K. & PEREIRA, J. V. *História falada: memória, rede social*. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.



## **ANEXOS**

### **ANEXO A – LISTA DOS NOMES FICTÍCIOS DOS ENTREVISTADOS**

#### **Mulheres do COSNEC, entrevistas em 2014**

Araceli  
Bia (não oficial)  
Dadá  
Elisângela  
Inácia  
Leandra  
Lia  
Mara Lu  
Márcia  
Maria Iza  
Maria Luíza  
Marisa  
Marli  
Paré  
Rosa  
Santa  
Suelen  
Talita  
Zilda

#### **Mulheres da Vila Fátima entrevistadas em 2014**

Irma  
Nila  
Zilá

#### **Homens do COSNEC entrevistados em 2014**

Binho  
Fabrício  
José Carmo  
Tarcísio  
Tito  
Valdo

#### **Pessoas da cidade de Coronel Xavier Chaves entrevistadas em 2014 e 2015**

Ada  
Álvaro  
Ana Célia  
Arnaldo  
Dálcio

Dario  
Doralice  
Fernando  
Flávio  
Gerônimo  
Heitor Ramos  
Hélio  
Iracema  
Jane  
João  
Joel  
José Gomes  
José Márcio  
Juraci  
Leda  
Lígia  
Lucas  
Marcelo  
Moisés  
Nair  
Padre Lúcio  
Padre Ramiro  
Padre Roberto  
Renata  
Rildo  
Rosinha  
Rubens  
Sérgio  
Vivian

## ANEXO B – FOLDERS da sétima, oitava, nona e décima Senana da Consciência Negra (SECON)

<b>VII SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL HAVIER CHAVES</b> 15 A 20 DE NOVEMBRO DE 2014 <b>PROGRAMAÇÃO:</b>		
<b>→ TEMA</b>	<b>→ DIA 17/11/2014</b> (segunda-feira)	<b>→ DIA 19/11/2014</b> (quarta-feira)
<b>MUSICALIDADE E DANÇA</b>  <b>A dança não é apenas uma atividade voltada para a diversão. Além de melhorar o físico e estimular os sentimentos, provoca bem-estar e alegria</b>	<b>09:45 h</b> – Oficina de Dança Afro na Escola Estadual Coronel Xavier Chaves <b>14:45 h</b> – Oficina de Dança Afro na Escola Estadual Coronel Xavier Chaves <b>20 h</b> – Palestra com o Professor Fábio Carlos Vieira Pinto <b>Tema:</b> Musicalidade e Dança Afro-Brasileira. <b>20:45 h</b> – Apresentação com o Grupo de Jovens da Igreja Assembléia de Deus <b>Local:</b> Centro Afro Descendentes	<b>07 h</b> – Oficina de Maculelê na Escola Estadual Coronel Xavier Chaves <b>12:00 h</b> – Oficina de Maculelê na Escola Estadual Coronel Xavier Chaves <b>14 h</b> – Visita dos alunos do 4º e 5º ano da Escola Municipal Sebastião Patrício Pinto ao Centro Afro Descendentes. Palestra com a Supervisora do Patrimônio Municipal, Maria das Mercês Sousa Chaves. <b>20 h</b> – Palestra com a Professora Roberta Mara Resende <b>Tema:</b> Literatura Da África ao Brasil <b>20:45 h</b> – Apresentação com o Grupo da Igreja Evangélica Jardim de Deus <b>Local:</b> Centro Afro Descendentes
<b>→ DIA 15/11/2014</b> (sábado)	<b>→ DIA 18/11/2014</b> (terça-feira)	<b>→ DIA 20/11/2014</b> (quinta-feira)
<b>20 h</b> – Abertura Oficial <b>20:30 h</b> – Palestra com Pe. José Raimundo Costa <b>Tema:</b> Pastoral Afro-Brasileira <b>21 h</b> – Apresentação da peça teatral com a Cia. de Teatro Manicômicos "A Flor de Manacá" de São João del-Rei <b>Local:</b> Centro Afro Descendentes	<b>8 h</b> – Visita dos alunos do 4º e 5º ano da Escola Municipal Sebastião Patrício Pinto ao Centro Afro Descendentes. Palestra com a Supervisora do Patrimônio Municipal, Maria das Mercês Sousa Chaves. <b>Tema:</b> Patrimônio Afro-Descendente <b>09:45 h</b> – Oficina de Bate Paus na Escola Estadual Coronel Xavier Chaves <b>14:45 h</b> – Oficina de Bate Paus na Escola Estadual Coronel Xavier Chaves <b>20 h</b> – Palestra com a Professora Jaine Silva Resende do IPITAN de São João Del-Rei. <b>Tema:</b> Lei nº 10.639 <b>20:45 h</b> – Apresentação do Grupo Mistério Exalta Cristo da Igreja Coroando Vidas <b>Local:</b> Centro Afro Descendentes	<p>➤ <i>"Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra".</i></p> <p style="text-align: right;"><i>Bob Marley</i></p> <p style="text-align: center;"><b>FERIADO MUNICIPAL</b> <b>DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA</b></p> <b>08 h</b> – Apresentações artísticas na praça do coreto <b>Grupos:</b> _ Escola Municipal _ Grupo GAATI _ Grupo da Caminhada _ Grupo Hip Hop da Escola Estadual _ Grupo COSNEC <b>Desfile da Beleza Negra</b> <b>10 h</b> – Caminhada da liberdade, saída do coreto para o Centro Afro-Descendentes <b>19 h</b> – Apresentação do Grupo COSNEC em São João del-Rei
<b>→ DIA 16/11/2014</b> (domingo)		
<b>09 h</b> – Palestra com a pesquisadora e psicóloga Nilza Maria Pacheco Borges de Juiz de Fora <b>Tema:</b> Identidade e performance na arte afro-brasileira. <b>10 h</b> – Mesa Redonda e Debate com professor Reinaldo do Rio de Janeiro <b>Local:</b> Centro Afro Descendentes <b>16 h</b> – Missa Inculturada com o Grupo COSNEC <b>Local:</b> Praça da Igreja do Rosário		



**VALEU ZUMBI**

# VIII SECON

## VIII Semana da Consciência Negra de Coronel Xavier Chaves - MG

### DE 15 A 21 DE NOVEMBRO DE 2015



---

PROGRAMAÇÃO:

\* TEMA

**RESGATE DAS MANIFESTAÇÕES E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA**

Por mais forte que se tornem os galhos, quem sustenta o tronco é a raiz...  
Conheça, valorize e respeite suas origens e ancestralidade.

\* DIA 15/11/2015  
(Domingo)

20 h – Abertura Oficial  
21 h – Palestra “Mulheres quilombolas da Vila Fátima que canta sua fé e emoção nos fazeres artísticos e religiosos” com a pesquisadora e psicóloga Niza Borges de Juiç de Fom  
Local: Centro Afro Descendentes  
Apresentação Grupo COSNEC

\* DIA 16/11/2015  
(segunda-feira)

07 h – Oficina de Bate Pau  
Local: Escola Municipal  
20 h – Palestra  
Tema: Folclore Regional  
Com Mãe das Mercês Sousa Chaves  
20:40 h – Apresentação com o Grupo de Jovens da Igreja Assembleia de Deus  
21 h – Apresentação como Grupo de Dança Alafia  
Local: Centro Afro

\* DIA 17/11/2015  
(terça-feira)

07 h – Oficina de Bate Pau  
Local: Escola Municipal  
13 h – Visita dos alunos da Escola Municipal no Centro Afro Descendentes – Conto de história com Lea Assunção  
Tema: Personalidade Negra  
20 h – Palestra com a Professora Jaine Silva Resende do IPTAN  
Tema: Estatuto da Igualdade Racial  
20:40 h – Apresentação com o grupo da caminhada

\* DIA 18/11/2015  
(quarta-feira)

07 h – Oficina de Bate Pau  
Local: Escola Municipal  
13 h – Visita dos alunos da Escola Municipal no Centro Afro Descendentes – Conto de história com Lea Assunção  
Tema: Personalidade Negra  
20 h – Palestra com Roberto Carlos (Beto)  
Tema: Como surgiu o Bateria Vila Fátima  
20:45 h – Apresentação do Grupo Mistério Exalta Cristo da Igreja Coroando Vidas.

\* DIA 19/11/2015  
(quinta-feira)

07 h – Oficina de Bate Pau  
Local: Escola Municipal  
13 h – Visita dos alunos da Escola Municipal no Centro Afro Descendentes

20 h – Palestra com o Professor Reinaldo Belaminio do Rio de Janeiro  
20:45 h – Apresentação com o Grupo da Igreja Evangélica Jardim de Deus  
21 h – Apresentação como Grupo de Capoeira  
Local: Centro Afro

\* DIA 20/11/2015  
(sexta-feira)

FERIADO MUNICIPAL  
DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

“Enquanto a cor de pele for amis importante que o brilho dos olhos, haverá guerra”.

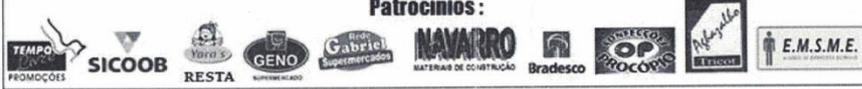
08 h – Caminhada da liberdade, saída do Centro Afro Descendentes para a praça da Igreja  
Participação: Bateria Chapa Quente  
08:40 h – Cerimônia de entrega da premiação do concurso do Biografia dos alunos da Escola Estadual  
09 h – Apresentação Cultural:  
- Escola Municipal  
- Grupo COSNEC  
- Grupo de Capoeira  
- Grupo Alafia  
- Bateria Chapa Quente  
19 h – Missa Incultrada  
Local: Centro Afro Descendentes

\* DIA 21/11/2015  
(sábado)

21 h – Desfile da beleza negra  
Local: Centro Afro

---

**Patrocínios:**



**Apoio:**



Casa de Cultura  
Prefeitura e Câmara Municipal  
de Coronel Xavier Chaves

## NONA SECON

## SUGESTÃO

*Sem dúvida, o que nos interessa é propor uma intervenção contra o preconceito que permeia a sociedade, mas que muitas vezes atua em silêncio, apagando os traços de sua atuação contra a diferença.*

*Vale salientar que nossa meta não é incentivar o eurocentrismo pelo afrocentrismo, mas sim ampliar o leque de concepções pertinentes às questões que afetam a população negra especialmente no nosso Município.*

*Igualdade racial só é possível com um povo consciente, sábio e organizado.*

## TEMA

## A CULTURA RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA E SEU IMPACTO

A Igreja considera com muito respeito os valores morais e religiosos da tradição africana, não só pelo seu significado, mas, também porque vê neles a base providencial sobre a qual pode transmitir a mensagem evangélica e encaminhar a construção da nova sociedade.

Africæ Terraum

DIA 15/11/2016  
(TERÇA-FEIRA)

20 h – Abertura Oficial  
20:40 h – Apresentação Cultural  
- Apresentação Grupo COSNEC – Dança Afro  
- Apresentação da PASCON  
21 h – Apresentação do Projeto Devoção Canto das Lavadeiras - Grupo COSNEC  
Local: Centro Afro Descendentes

DIA 16/11/2016  
(QUARTA-FEIRA)

20 h – Palestra

## Patrocínios

Yara's

SICOOB

E.M.S.M.E.

CONFECÇÃO PROCÓPIO

Bradesco

Afazello

Posto São José

NAVARRO  
Materiais de Construção

Mercearia Pazinha

Contemp

ARCEL

APOIO:

Casa de Cultura  
Prefeitura e Câmara Municipal  
de Coronel Xavier Chaves

## PROGRAMAÇÃO:

20:30 h – Apresentação de Ballet com o Grupo CXC

Tema: a Cultura Religiosa Afro-Brasileira e seu impacto

20:40 h – Apresentação da Escola Estadual Coronel Xavier Chaves – Dança Maculelê

20:50 h – Apresentação do Grupo Mistério Exalta Cristo da Igreja Coroando Vidas

Local: Centro Afro Descendentes

DIA 17/11/2016  
(QUINTA-FEIRA)

20 h – Palestra com o Professor Jornalista e Pesquisador em Cultura Afro Eduarda de Passos de Belo Horizonte

20:40 h – Apresentação com o grupo da Igreja Evangélica Jardim de Deus  
21 h – Apresentação com o Grupo de Jovens da Igreja Assembléia de Deus  
Local: Centro Afro Descendentes

DIA 18/11/2016  
(SEXTA-FEIRA)

20 h – Palestra com Maria Margarete Pinto Chaves – Psicóloga, Mestre em Psicologia pela UFSJ e Doutora em Ciências Sociais pela UFJF.  
Tema: Ser Negro: Auto estima, valorização e empoderamento.

20:40 h – Espetáculo de Dança Afro Mulungu – Cia de Dança Evandro Passos.

Local: Centro Social  
DIA 19/11/2016  
(SÁBADO)

20 h – Apresentação de Dança com o Grupo de Dança da Bárbara  
20:30 h – Filme Documentário sobre o COSNEC com o Doutor Carlos Francisco Perez Reyna – Antropólogo da UFJF

Local: Centro Social  
DIA 20/11/2016  
(DOMINGO)

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA  
FERIADO MUNICIPAL  
Lei n.º 881, de 02 de outubro de 2009

08 h – Concentração na ponte da pedra, entrada da Vila Fátima.  
08:30 h – Cortejo, caminhada da liberdade nas principais ruas do Bairro Vila Fátima e destino no Centro Afro Descendentes  
10 h – Apresentação Cultural no Centro Afro:  
- Grupo COSNEC  
- Escola Estadual Cel. Xavier Chaves  
- Grupo de Capoeira  
- Aláfia Mirim

IX SECON

IX Semana da Consciência Negra  
de Coronel Xavier Chaves - MG

DE 15 A 20 DE NOVEMBRO DE 2016

VALEZUNBI

## DÉCIMA SECON

**SUGESTÃO**

*Sem dúvida, o que nos interessa é propor uma intervenção contra o preconceito que perneia a sociedade, mas que muitas vezes atua em silêncio, apagando os traços de sua atuação contra a diferença.*

*Vale salientar que nossa meta não é incentivar o eurocentrismo pelo afrocentrismo, mas sim ampliar o leque de concepções pertinentes às questões que afetam a população negra especialmente no nosso Município.*

*Igualdade racial só é possível com um povo consciente, sábio e organizado.*



## ➤ TEMA

**ENCONTRO DA CULTURA POPULAR AFRO DESCENDENTE****(COSNEC 10 ANOS)**➤ DIA 14/11/2017  
(TERÇA-FEIRA)

**19:30 h – Abertura Oficial**  
- Cerimônia de abertura  
- Leitura de poema  
- homenagem aos ex-membros do COSNEC que ajudaram na formação do grupo  
- Apresentação Cultural  
Local: Centro Afro Descendentes

➤ DIA 15/11/2017  
(QUARTA-FEIRA)

**16 h – Oficina de Biscoito**  
**19:30 h – Documentário trabalho da Psicóloga Nilza Borges de Juiz de Fora – Tema: Mulheres que cantam e dançam a sua fé as manifestações artísticas e culturais do COSNEC**

**PROGRAMAÇÃO:**

**20 h – Apresentação do Grupo de Quadrilha Arraiá dos Fundos da Vila Mendes**  
**21 h – Apresentação do Grupo de Caminhada**  
Local: Centro Afro Descendentes

➤ DIA 16/11/2017  
(QUINTA-FEIRA)

**19:30 h – Palestra com o Professor Evandro Passos de BH**  
**20 h – Apresentação ALAFIA**  
**21 h – Filme Negros dos Palmares**  
Local: Centro Afro Descendentes

➤ DIA 17/11/2017  
(SEXTA-FEIRA)

**19:30 h – Palestra com o Psicólogo José Afonso Lima de Carvalho de Itapeva MG**  
**Tema: As ordens do amor; um novo paradigma em psicoterapia.**  
**20:10 h – Apresentação do Grupo Inculturado Raiz da Terra de SJDR**  
**21:10 h – Apresentação "Os Cantos da Lavadeira" Grupo CosneC**  
Local: Centro Afro Descendentes

➤ DIA 18/11/2017  
(SÁBADO)

**19:30 h – Apresentação Grupo Cultural Pilão de Chá de Caquente**  
**20 h – Apresentação Cultural**  
**21 h – Desfile da Beleza Negra**  
Local: Centro Afro Descendentes

➤ DIA 19/11/2017  
(DOMINGO)

**19:30 h – Palestra Padre Antônio Luciano de São José dos Campos**  
**20 h – Apresentação Grupo Giro de Barroso**  
**20:40 h – Apresentação Teatral Grupo Arte de Coronel Xavier Chaves**  
Local: Centro Afro Descendentes

➤ DIA 20/11/2017  
(SEGUNDA-FEIRA)

**DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA FERIADO MUNICIPAL**  
**Lei n.º 881, de 02/10/2009**  
**08 h – Caminhada da Liberdade – Saída na entrada da Vila Fátima (Ponte da Pedra) e destino Centro Afro Descendentes**  
Chegada Apresentação Cultural

## ANEXO C – Atas de algumas reuniões do grupo

29 de junho de 2014. ~~M. Braga~~ Inês da Conceição Silva, Rosângela Maria de Paula Trindade, Sônia Maria Pêcher Trindade, ~~Paula Braga~~, Helena Sueli da Costa Anacleto, Maria Aparecida da Silva Anacleto. Maria Lucia Santos. 20/6/14

Reunião do dia 03 de agosto de 2014 realizada no Centro Afro Decendentes, sede do grupo Cosmec, Comunidade Negra de Coronel Xavier Chaves, localizada na rua João de Deus nº 68 Bairro Vila Fatima. O coordenador iniciou falando sobre a triste perda do querido Padre Raimundo Inácio, ele que sempre nos apoiou, incentivou e ajudou a divulgar o nosso grupo. Eríamos uma coroa de flores em gesto de carinho e gratidão. O nosso exelentíssimo paroco padre José Raimundo falou sobre o acontecimento de um congresso das Entidades Negras Católicas preparado pela (pastoral afrobrasileira) que acontecerá na Diocese de Duque de Caxias Rio de Janeiro de 16 a 19 de julho de 2015, com o tema "Profetismo, construir uma cidade digna sociedade justa e solidária". O congresso irá focar nas questões da justiça e do profetismo e além disso irão refletir sobre as comunidades negras e o diálogo religioso religioso na pastoral afro. E lembrou nos da Semana Corpo e mente em ação, que no dia 16 haverá um encontro econômico. Pediu que se a gente puder participar com algum movimento ou pelo menos com a presença. Falou sobre a festa do Rosário para já irmos preparando alguma apresentação. O presidente falou sobre a reunião sobre a igualdade racial com a participação do pessoal de Belo Horizonte, falou que já vai ser implantado os procedimentos com apoio do prefeito. Falou também sobre a dinâmica que vai ser trabalhada com as pessoas do Cosmec pela Milza, pediu que marcassem um domingo que será a manhã toda e disse que cada um vai trazer uma pessoa para a dinâmica e o coordenador Roberto Carlos falou sobre a parceria com o

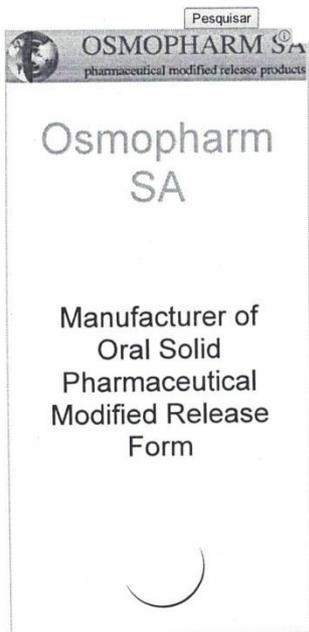
Negra de Coronel Xavier Chaves, localizado na rua  
João de Deus Nº 68, Bairro Vila Fatima. Esta teve  
início com as orações de costume e Boas vindas à todos.  
O excelentíssimo pároco Padre José Raimundo, falou so-  
bre o rete grilo dos oprimidos, clamando justiça e direi-  
tos, mobilização do povo em busca de melhorias. O presiden-  
te Eliane falou sobre a inauguração do projeto da sos-  
seira Pet na última quinta feira. Pediu para os membros  
do Cosmec fazer uma visita. O João Bosco também falou  
um pouco do projeto, disse que no começo foi difícil  
mas estão se empenhando para dar tudo certo e acredita que  
a partir de agora tudo vai melhorar. O presidente falou  
sobre o projeto da Lustras que será feito em treinamento  
para que possam praticar com perfeição e assim poder  
buscar encomendas, mas antes terão que fazer um  
treinamento com um profissional. Estão bastante confian-  
tes. E será feita também uma reforma na iluminação.  
E assim poderão organizar e confeccionar o figurino  
do grupo Cosmec. O coordenador Roberto Carlos disse que  
já está aqui o maquinário da gráfica, ganhada da  
Universidade, e material está na prefeitura. No próximo  
sábado, dia 13 haverá missa com o coral N. Senhora de  
Fatima e com a participação do grupo Cosmec, a missa  
será enculturada e haverá indicação das pessoas para  
participar. O coordenador Roberto Carlos convidou o excel-  
tíssimo pároco Padre José Raimundo para participar  
na semana da Consciência Negra como palestrante co-  
tema à discutir. Ele agradeceu o comite. O grupo Cosmec fa-  
comida para participar na Semana do Terceiro Trimestre em  
dia 27 às 20 horas na praça do Correto, com apresenta-  
ções culturais. Festa do Rosário, apresentações culturais e  
missa enculturada, responsabilidade do grupo Cosmec. Sem-  
na da Consciência Negra, começar a organizar, buscar  
parceria e escolhendo os temas. Palavra livre, a irmã Paula f

Gênia Maria Rufino Trindade Inês da Conceição E.  
 Rosângela Maria de Paula Trindade M. Borges, Helena Sueli  
 da Costa Inácio, Maria Aparecida da Silva Amarelto,  
 Maria Inês Santos POLO CRISTO, Marilena da Boa Mãe Assunção,  
 Terezinha T. Jesus Silva. Reunião do dia 7 de dezembro de  
 2014 realizado no centro apo do Bairro Vila Jalima  
 na Rua João de Deus N.º 68. Última reunião  
 do ano de 2014. Distribuição do livro com o  
 estatuto da igualdade racial, leitura da ata e  
 assinada por todos, Avaliação da 7.ª Seção de 2014,  
 leitura do depoimento e agradecimento a todos  
 os membros do grupo comee evento por Eliane  
 Longatti lida por Roberto Carlos. Que justificou em  
 público a sua falta. falava livre dos integrantes.  
 Nilza se disponibilizou a fazer outra palestra.  
 Li Quinto, Leia, Beti Eliane participaram em Lavoura  
 no dia 6 de dezembro de 2014 do encontro # encontro  
 intermunicipal. Fios lançados com tema e a  
 cor negra. Nilza falou sobre a divulgação do  
 projeto para as professoras da pesquisa da universi-  
 dade que gostaram muito e motion a importância  
 dessa pesquisa para cultura apo. Leia falou que  
 na próxima reunião fará prestação de conta do  
 7.º Seção. Leitura da equipe de limpeza para  
 o mês seguinte. Leia falou sobre uma palestra foi  
 no encontro onde enfatizou a força da Mulher na  
 sociedade. Nilza falou sobre o nome provisório da sua  
 pesquisa que fala da Mulher da face. Comprometi-  
 ções do grupo comee no dia 11 de dezembro as 19.30h:  
 Amigo certo e fanto. Não sendo mais nada a falar ou  
 discutir em secretaria Lavei e assinari a presente ata  
 assim todos aparecerem. reunião do dia 7 de dezembro 2014  
 No centro apo do Bairro Vila Jalima na Rua João de  
 Deus 68. Helena Sueli da Costa Inácio, João R.

## ANEXO D – Documentos: oficialização do COSNEC e feriado do dia vinte de novembro.

24/10/2016

Grupo de Consciencia Negra de Coronel Xavier Chaves (nome empresarial) - Cosnec (nome fantasia) - 11.445.736/0001-90 (CNPJ)



### Cosnec

Curtir Compartilhar Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

Tweet

Compartilhar Compartilhar isto no Google+

CNPJ 11.445.736/0001-90

Nome fantasia Cosnec

Razão social Grupo de Consciencia Negra de Coronel Xavier Chaves

Data de abertura 6/11/2009

Endereço R Joao Xxiii, Sn, Vila Atima, Coronel Xavier Chaves, MG, CEP 36330-000, Brasil

Telefone (32) 9912-8003

Email [contemp@mgconecta.com.br](mailto:contemp@mgconecta.com.br)

Natureza jurídica Associação Privada - Código 3999

Status da empresa Ativa

Atividade econômica principal Atividades associativas não especificadas anteriormente - CNAE 9499500

Quadro Societário Nome: Roberto Carlos

Qualificação: 16-Presidente

Você é o dono ou responsável dessa empresa e gostaria de retirá-la do índice de pesquisa? [Clique aqui](#) para remover a empresa desse site.



**72H DE ABERTAS:**  
Inspiron 15 5000 Special Edition

- Processador Intel® Core™ i5
- Windows 10 Home
- 8GB e HD de 1TB

Economia de R\$ 300



15,6"

Compre agora Frete grátis

Se tem Intel® tem máxima produtividade.



Caso queira comprar uma lista de empresas separadas por cidade, estado ou ramo de atividade para descoberta de novos clientes ou ações de marketing, entre em contato através do email [listaempresasbrasil@gmail.com](mailto:listaempresasbrasil@gmail.com)

Possuímos listas completas incluindo telefone, email, endereço completo, atividade econômica, capital social e demais informações para você encontrar clientes com potencial para comprar seus produtos ou serviços.

Favor nos enviar por email os códigos CNAE das empresas que pretende incluir na lista e os estados ou cidades de seu interesse. Assim podemos elaborar um orçamento preciso para suas necessidades.

- [Pesquisar uma empresa](#)
- [Sobre o \[www.EMPRESASMG.COM\]\(http://www.EMPRESASMG.COM\)](#)



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CORONEL XAVIER CHAVES**  
 CEP 36.330-000 - ESTADO DE MINAS GERAIS  
 CGC nº. 18.557.546/0001-03  
 Correio Eletrônico – prefeituraxcx@portalvertentes.com.br

**LEI N.º 881, DE 02 DE OUTUBRO DE 2009**

*Institui feriado municipal no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra e dá outras providências.*

Faço saber que a Câmara Municipal de Coronel Xavier Chaves aprovou e eu, Prefeito Municipal, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído feriado municipal o Dia da Consciência Negra, a ser comemorado anualmente em 20 de novembro.

Art. 2º São considerados feriados do município de Coronel Xavier Chaves, para efeito do que determina a Lei Federal nº 9.093, de 12/09/95, que alterou a Lei nº 605, de 05/01/49, os seguintes dias:

- I – Dia móvel – Sexta-Feira da Paixão;
- II – 20 de novembro – Dia da Consciência Negra;
- III – 08 de dezembro – Dia de Nossa Senhora da Conceição – Dia da Cidade.

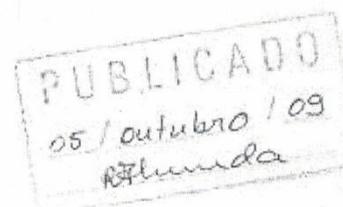
Art. 3º A data fica incluída no calendário municipal de eventos.

Art. 4º As despesas decorrentes da presente lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 5º Esta lei entra em vigor na data da sua publicação, revogando-se a Lei nº 21, de 07 de dezembro de 1970.

Coronel Xavier Chaves, 02 de outubro de 2009.

*Helder Sávio Silva*  
 Helder Sávio Silva  
 Prefeito Municipal



## ANEXO E - Folder da Missa Inculturada



FESTA DA PADRÃOEIRA  
**NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**  
 08 DE DEZEMBRO DE 2012  
 MARIA, MODELO DE FÉ  
 PARA OS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS DE JESUS.

**ENTRADA**

SÁ RAINHA ME CHAMOU/ ME CHAMOU PRA  
 CARIÁ/ MAS EU JÁ VOU SÁ RAINHA/  
 CAMINHANDO DEVAGAR/ SÁ RAINHA CONGA  
 CHEGA NA JANELA/ VENHA VER MARUJO QUE  
 JÁ VAI PRÁ GUERRA.

ÓÓÓÓÓÓ/ Ó SANTA NÁ/ Ó SANTA NÁ/ A MÃE  
 DO ROSÁRIO/ ÓÓÓÓÓ/ BEIJA-FLOR, BEIJA-  
 FLOR/ BEIJA NOSSA SENHORA NO ANDOR.

**ATO PENITENCIAL**

EU VI O SOL, VI A LUA CLAREÁ/ EU VI A VIRGE/  
 DENTRO DO CANAVIÁ/ TAVA DURUMINDO/  
 CARIMBAMBA ME CHAMOU/ LEVANTA POVO/  
 CATIVEIRO JÁ ACABOU.

TCHÔ... TCHÔ... TCHÔ.../ VANCÊ VAI EU  
 TAMBÉM VOU.

**GLÓRIA**

GLÓRIA AO PAI/ GLÓRIA AO FILHO/ GLÓRIA AO  
 ESPÍRITO SANTO/ TÁ CAINDO FULÔ (4X)  
 CAI DO CÉU/ SAI DA TERRA Ó/ TÁ CAINDO  
 FULÔ.

**BÍBLIA**

IRÁ CHEGAR UM NOVO DIA/ UM NOVO CÉU /  
 UMA NOVA TERRA/ UM NOVO MAR, / E NESTE  
 DIA OS OPRIMIDOS/ NUMA SÓ VOZ, A  
 LIBERDADE IRÃO CANTAR.

1. NA NOVA TERRA O NEGRO NÃO TERÁ  
 CORRENTE E O NOSSO ÍNDIO VAI SER VISTO  
 COMO GENTE.

2. NA NOVA TERRA O NEGRO, O ÍNDIO E  
 MULATO, O BRANCO E TODOS VÃO COME  
 NO MESMO PRATO.

**ACLAMAÇÃO**

1. Ó BEIJA FLOR TOMA CONTA DO JARDIM (2.  
 VAI BUSCAR NOSSA SENHORA PRA TOMA  
 CONTA DE MIM/ SINHÁ RAINHA, SUA CAS  
 CHEIRA (2X)/ CHEIRA CRAVO E ROSA E FLC  
 DE LARANJEIRA (2X)

2. Ó BEIJA FLOR TOMA CONTA DO JARDIM (2.  
 VAI BUSCAR NOSSA SENHORA PRA TOMA  
 CONTA DE MIM/ LEVE PRO ROSÁRIO GALH  
 DE MANJERICÃO (2X)/ E OFERECE PRA SANT  
 JUNTO COM MEU CORAÇÃO (2X).

**OFERTÓRIO**

AO DEUS PAI CRIADOR – OFERECEREI  
 ESTA RAÇA, ESTA COR – OFERECEREI  
 CADA NEGRO QUE LUTA – OFERECEREI  
 PELO FIM DO RACISMO – MEU SANGUE  
 EM BATISMO – OFERECEREI

PÃO, COMIDA ESCASSA – OFERECEREI  
 A LUTA DESTA RAÇA – OFERECEREI  
 AO DEUS DE TANTOS NOMES – OFERECERE  
 NEGRO, BRANCO, HOMEM LIVRE /  
 QUE SEMPRE TIVE – OFERECEREI

NEGRA HISTÓRIA NEGADA – OFERECEREI  
 TODA DOR SUPOSTADA – OFERECEREI  
 PRETO, VELHO, IAÍ – OFERECEREI  
 NEGRA PELA RAIZ /  
 ESTE POVO FELIZ – OFERECEREI

MEU TRABALHO ESCRAVO – OFERECEREI  
 ALUGADO, MEU PAGO – OFERECEREI  
 MEU POVO, DESTERRADO – OFERECEREI  
 A BELEZA QUE FAÇO /  
 ALEGRIA QUE TRAGO – OFERECEREI

VINHO, SANGUE SUADO – OFERECEREI  
PÃO PARTIDO, ESMAGO, OFERECEREI  
UM CLAMOR DE JUSTIÇA – OFERECEREI  
ARTE, SAMBA, VITÓRIA  
NAS MÃOS DA HISTÓRIA – OFERECEREI

**SANTO**

SANTO, SANTO, SANTO/ SENHOR DEUS DO  
UNIVERSO/ ~~OLÉLÉ, OLÉLÉ, OLÁLÁ, OLÁLÁ~~  
**HOSANA NAS ALTURAS (2X)/ BENDITO O QUE  
VEM (2X)/ EM NOME DO SENHOR (2X)/ OLÉLÉ,  
OLÉLÉ, OLÁLÁ, OLÁLÁ/ HOSANA NAS  
ALTURAS (2X)**

**PAZ**

UM ABRAÇO NEGRO / UM SORRISO NEGRO  
TRAZ FELICIDADE / NEGRO SEM SOSSEGO /  
NEGRO SEM EMPREGO / NEGRO É A RAIZ DA  
LIBERDADE (BIS)

**COMUNHÃO**

**NEGRA MARIAMA,  
NEGRA MARIAMA CHAMA (2X)**

1. NEGRA MARIAMA CHAMA PRA ENFEITAR O  
ANDOR PORTA-ESTANDARTE PARA  
OSTENTAR/ A IMAGEM APARECIDA EM NOSSA  
ESCRavidÃO/ COM O TODO DOS PEQUENOS,  
COR DE QUEM É IRMÃO.

2. NEGRA MARIAMA CHAMA PARA CANTAR  
QUE DEUS UNIU OS FRACOS PARA SE  
LIBERTAR/ E DERRUBOU O TRONCO  
LATIFUNDIÁRIO/ QUE ESCRAVIZA PRA SE  
REGALAR.

3. NEGRA MARIAMA CHAMA PRA DANÇAR  
SARAVÁ ESPERANÇA ATÉ O SOL RAIAR/ NC  
SAMBA ESTÁ PRESENTE/ O SANGUE  
DERRAMADO/ O GRITO E O SILÊNCIO DOS  
MARTIRIZADOS.

4. NEGRA MARIAMA CHAMA PRA LUTAR EM  
NOSSOS MOVIMENTOS SEM DESANIMAR  
LEVANTA A CABEÇA DOS ESPOLIADOS/  
NOSSA COMPANHEIRA CHAMA PRA AVANÇAR.

**CANTO FINAL**

Ó DEUS SALVE O ORATÓRIO  
Ó DEUS SALVE O ORATÓRIO  
ONDE DEUS FEZ A MORADA, OIÁ MEU DEUS  
ONDE DEUS FEZ A MORADA, OIÁ,  
ONDE MORA O CALIX BENTO  
ONDE MORA O CALIX BENTO  
E A HÓSTIA CONSAGRADA, OIÁ MEU DEUS  
E A HÓSTIA CONSAGRADA, OIÁ  
DE JESSÉ NASCEU A VARA  
DE JESSÉ NASCEU A VARA  
DA VARA NASCEU A FLOR, OIÁ MEU DEUS  
DA VARA NASCEU A FLOR, OIÁ  
E DA FLOR NASCEU MARIA  
E DA FLOR NASCEU MARIA  
DE MARIA O SALVADOR, OIÁ MEU DEUS  
DE MARIA O SALVADOR, OIÁ

“ FELIZ AQUELA QUE ACREDITOU, POIS O QUE LHE FOI DITO DA PARTE DO  
SENHOR SERÁ CUMPRIDO”. (Lc 1,45)

**ANEXO F – Exemplos de alguns projetos do grupo**

# **Projeto Cosnec Fala com a comunidade**



**COSNEC**

**CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**  
Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: [cosnec@hotmail.com](mailto:cosnec@hotmail.com) - CNPJ 11.445.736/0001-90



## **COSNEC**

### **CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**

Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: cosnec@hotmail.com - CNPJ 11.445.736/0001-90

---

### **APRESENTAÇÃO**

O Grupo Cultural Consciência Negra – COSNEC, é uma entidade sem fins lucrativos, sediada à Rua João de Deus nº 68, no Bairro Vila Fátima em Coronel Xavier Chaves, em seu território tem mais de 50% de representação afro descendentes.

Na comunidade tradicional do Bairro Vila Fátima, esta estatística chega a quase 100%, apesar do Bairro Vila Fátima não ser reconhecido oficialmente como comunidade tradicional pelo Decreto Federal 6.040 de 07 de fevereiro de 2007.

O Bairro Vila Fátima surgiu depois de uma doação de um terreno do Coronel Francisco Rodrigues Xavier Chaves, lado direito dos Dois Córregos, para assentamento de Afro Descendentes que trabalhavam em sua fazenda.

A comunidade da Vila Fátima até os dias de hoje preservam as suas tradições e costumes e mantém viva a pujança de sua Banda de Congada o Grupo de Consciência Negra – COSNEC, a Folia de Reis e a Capoeira.

No Bairro Vila Fátima com sugestões do movimento Afro, vários moradores tradicionais da comunidade foram homenageados dando seus nomes às várias ruas. Ex.: Rua Joana Rosa, parteira de todas as horas, Rua Antônio Geraldo Silva, Antônio Carioca, Capitão de Congada, Rua Francisco Morais, Rua José Filipe Santiago.

O Grupo Cosnec, com toda propriedade passa a batizá-la como comunidade tradicional fazendo justiça ao seus costumes e tradições preservadas.



**COSNEC**  
**CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**  
Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: [cosnec@hotmail.com](mailto:cosnec@hotmail.com) - CNPJ 11.445.736/0001-90

---

### JUSFITICATIVA

O Bairro Vila Fátima em Coronel Xavier Chaves possui um grande número de Afro Descendentes que necessitam de atividades, orientações e em formação.

O trabalho que a equipe do projeto vai desenvolver na comunidade da Vila Fátima, além da conscientização e resgate das manifestações e preservação da memória da comunidade. Sem dúvida o que nos interessa é propor a criação e a implantação de um trabalho porta a porta com a comunidade. Trabalho de informação referente a cultura negra, trabalho de orientação, e de captação de informações através do registro dos relatos dos moradores mais antigos. Diante deste relato o Grupo Cultural Consciência Negra – COSNEC vem se estruturando.

**COSNEC****CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**

Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: cosnec@hotmail.com - CNPJ 11.445.736/0001-90

---

**OBJETIVO**

O Objetivo do projeto COSNEC FALA COM A COMUNIDADE é informar e orientar sobre a igualdade de oportunidade e tratamento nas políticas culturais, tanto no que diz respeito ao fomento a produção cultural quanto na preservação da memória, objetivando a visibilidade aos símbolos e manifestações culturais da população negra.



**COSNEC**  
**CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**  
Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: [cosnec@hotmail.com](mailto:cosnec@hotmail.com) - CNPJ 11.445.736/0001-90

---

### OBJETIVO ESPECÍFICO

Sem dúvida o objetivo específico do projeto é priorizar a pesquisa a reflexão e difusão de programas e projetos:

- Apoiar as atividades, ações e movimentos sociais;
- Entrevistar e fotografar pessoas negras e brancas que marcaram a história da cidade;
- Desenvolver atividades que contribuem para a erradicação do racismo da discriminação e do preconceito racial e social;
- Falar e orientar sobre cultura e política, cultura e educação, cultura e economia.
- Falar e orientar sobre os direitos fundamentais, do direito à saúde, direito à educação, direito à cultura, ao esporte e ao lazer.

# **PROJETO IGUALDADE RACIAL**

**“Só é possível com um povo consciente  
sábio e organizado.”**

**Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**



**COSNEC**

**CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**  
Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: [cosnec@hotmail.com](mailto:cosnec@hotmail.com) - CNPJ 11.445.736/0001-90

**COSNEC**

**CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**  
Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: [cosnec@hotmail.com](mailto:cosnec@hotmail.com) - CNPJ 11.445.736/0001-90

---

**OBJETIVO DO COSNEC**

O objetivo do Grupo Cultural Consciência Negra – COSNEC é desenvolver projetos que assegurem igualdade de oportunidades e tratamento nas políticas culturais do Estado, tanto no que diz respeito ao fomento à produção cultural quanto na preservação da memória coletiva afro-brasileira, objetivando aos símbolos e manifestações culturais da população negra. Sem dúvida, o que nos interessa é propor uma intervenção contra o preconceito. Vale salientar que nossa meta não é incentivar o eurocentrismo pelo afrocentrismo, mas sim ampliar o leque de concepção pertinente as questões que afetam a população negra, principalmente no nosso Município.



## **COSNEC**

### **CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**

Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: cosnec@hotmail.com - CNPJ 11.445.736/0001-90

---

#### **OBJETIVO DO CENTRO AFRO**

Sem dúvida, o que nos interessa é propor a criação e a implementação de um Centro de Formação e referência da Cultura Negra, não apenas do ponto de vista do COSNEC, mas sobretudo de toda a população da cidade, negros e brancos.

É importante ressaltar a marca profunda da expressão cultural negra na cidade de Coronel Xavier Chaves traduzida pela musicalidade e o canto, pelo o corpo e a dança, pelo teatro e poesia, pela rica plasticidade que envolve o fazer cultura do povo da cidade.

O Centro Afro na cidade de Coronel Xavier Chaves justifica-se pela grande quantidade de afro-descendentes, principalmente no Bairro Vila Fátima, que necessitam ainda ser valorizados nos seus afazeres artísticos e culturais.

Objetivo do Centro Afro:

- 1 – Documentar e registrar a produção do conhecimento relativo às matrizes Afro Brasileiras;
- 2 – Apoiar os projetos, atividades e ações das organizações e movimentos sociais e culturais;
- 3 – Capacitar e aprimorar a qualificação técnico científica na área da cultura negra;
- 4 – Organizar acervos documentais e bibliográficos;
- 6 – Publicar livros de registro da arte e da resistência negra de Coronel Xavier Chaves, cartilhas sobre a presença da população negra na cidade e sua contribuição social e artística.

**COSNEC**

**CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**  
Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: cosnec@hotmail.com - CNPJ 11.445.736/0001-90

**1ª CONSCIÊNCIA**

- 1ª – Valorização
- 2ª – Oportunidade
- 3ª – Dos Direitos
- 4ª – Dos Deveres
- 5ª – Da União
- 6ª – Participação
- 7ª – Do Interesse

**2ª RESGATE DAS MANIFESTAÇÕES**

- 1ª – Folia de Reis
- 2ª – Congada
- 3ª – Capoeira
- 4ª – Missa no Cruzeiro
- 5ª – Lavanderia Comunitária
- 6ª – Reza nas casas
- 7ª – Brincadeira de Roda

**3ª PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA  
(PESQUISA SOBRE QUEM FOI)**

- 1ª – Joana Rosa
- 2ª – Antônio Geraldo da Silva
- 3ª – Francisco Morais
- 4ª – João de Deus
- 5ª – José Felipe Santiago
- 6ª – José Teodoro (Neguinho)
- 7ª – José Carreiro

**COSNEC****CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**

Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: cosnec@hotmail.com - CNPJ 11.445.736/0001-90

---

**4ª ORIENTAÇÃO SOBRE A IGUALDADE DE OPORTUNIDADE**

O Art. 1º do Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, garante a população negra a efetivação da igualdade de oportunidade, a defesa dos direitos étnicos individual e coletivo e o combate a discriminação. É dever do estado e da sociedade garantir a igualdade de oportunidade. Independente de etnia ou da cor da pele, especialmente nas atividades políticas, econômicas, educacionais, culturais, esportivas, defendendo sua dignidade e seus valores religiosos e culturais.

**5ª INFORMAÇÃO: SOBRE A CULTURA NEGRA**

Todos nós da raça negra convivemos com o preconceito racial, moral e social dentro da sociedade em que vivemos. Sentimos e lamentamos a falta de conhecimento, respeito, educação, com esta raça negra que trouxe e traz grande contribuição na nossa cultura brasileira. Abordar um tema sobre a raça negra é desafiante e ao mesmo tempo agradável. Os negros acostumaram-se a conviver com a clara discriminação existente no país. Hoje visto um número insignificante da presença do negro de destaque na sociedade e na política brasileira, lamentavelmente toda esta discriminação é mais forte ainda na pessoa na mulher negra.

**6ª CAPTAÇÃO DE INFORMAÇÃO**

Montar questionário.

**7ª REGISTRAR HISTÓRIA DOS MORADORES MAIS ANTIGOS**

Dividir em equipes.

**8ª CRIAR ATIVIDADES, AÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS COM A COMUNIDADE**

Discutir com a equipe.



## **COSNEC**

**CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**  
 Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
 e-mail: cosnec@hotmail.com - CNPJ 11.445.736/0001-90

### **9ª ENTREVISTAR E FOTOGRAFAR NEGROS E BRANCOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DA CIDADE.**

Dividir em equipes.

### **10ª DESENVOLVER ATIVIDADES QUE CONTRIBUI PARA A ERRADICAÇÃO DO RACISMO E DA DISCRIMINAÇÃO E DO PRECONCEITO RACIAL E SOCIAL.**

Discutir com a equipe.

### **ORIENTAR SOBRE CULTURA E POLÍTICA**

É a preservação do sentido vital da memória e patrimônio cultural. Formação de acervos documentais, preservação e difusão da religião, da arte e de outras manifestações de cultura negra de Coronel Xavier Chaves.

### **CULTURA E EDUCAÇÃO**

Aperfeiçoamento dos currículos da cidade e do processo educacional da cidade e do processo educacional com base na pluralidade cultural na diversidade humana.

### **CULTURA E ECONOMIA**

Alimentação, alternativa, saúde, ecologia, organização de cooperativas de produção cultural, com o sentido de pensar e gerar a cultura como estratégica de promoção de desenvolvimento da população negra na cidade.

### **DIREITO E EDUCAÇÃO**

Art. 11 Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, é obrigatório o estudo da história geral da África e da história da população negra no Brasil. Os conteúdos referentes à história da população negra no Brasil serão ministrados no âmbito de todo o currículo escola.

**COSNEC****CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES**

Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: cosnec@hotmail.com - CNPJ 11.445.736/0001-90

---

**DIREITO A CULTURA**

Art. 17 O poder público garantirá o reconhecimento das sociedades negras e outras formas de manifestações coletivas da população negra, com trajetória histórica comprovada, como patrimônio histórico e cultural nos termos do Art. 215 e 216 da Constituição Federal.

**DIREITO AO ESPORTE E LAZER.**

Art. 21 O Poder Público fornecerá o pleno acesso da população negra às práticas desportivas, consolidando o esporte e o lazer como direitos sociais.

**DIREITO A MORADIA**

Art. 35 O Poder Público garantirá políticas públicas para assegurar o direito à moradia adequada da população negra que vive em áreas urbanas degradadas ou em processo de degradação afim de reintegrá-las a dinâmica urbana e promover melhorias no ambiente e na qualidade de vida.

**DIREITO A SAÚDE**

Art. 6º O direito à saúde da população negra será garantido pelo Poder Público, mediante políticas universais, sociais e econômicas destinadas a redução do risco de doenças e de outros agravos.



## COSNEC

### CONSCIÊNCIA NEGRA DE CORONEL XAVIER CHAVES

Rua João de Deus, 68, Vila Fátima, Coronel Xavier Chaves - MG  
e-mail: cosnec@hotmail.com - CNPJ 11.445.736/0001-90

Caso você tenha sofrido algum tipo de discriminação racial, procure os endereços abaixo:

#### ONDE DENUNCIAR E BUSCAR APOIO

##### **Coordenadoria Especial de Políticas Pró Igualdade Racial**

Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves  
Rodovia Professor Américo Gianette, s/n- Serra Verde  
Prédio Mina, 14º andar – CEP: 31.630-900  
Telefone: (31)3916-7996 / 7997 / 8001  
E-mail: cepir@social.mg.gov.br

##### **Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial**

Rua da Bahia, 1144, Edifício Maleta, 3º andar  
sala 337 e 339 – Centro – Belo Horizonte – Minas Gerais  
CEP: 30.160-906 – Telefone: (31)3224-0258  
E-mail: conepir@social.mg.gov.br

##### **Escritório de Direitos Humanos**

Rua da Bahia, 1144, Edifício Maleta, 3º andar  
sala 337 e 339 – Centro – Belo Horizonte – Minas Gerais  
CEP: 30.160-906 – Telefone: (31)3213-3941  
E-mail: edh@social.mg.gov.br

##### **Núcleo de Atendimento às Vítimas de Crimes Violentos de Minas Gerais – NAVCV**

Rua da Bahia, 1148, Edifício Maleta, 3º andar  
sala 331 – Centro – Belo Horizonte – Minas Gerais CEP: 30.160-906 –  
Telefone: (31)3214-1897 / 1898 – Fax: (31) 3214-1903  
E-mail: crimesviolentos@yahoo.com.br

##### **Ministério Público do Estado de Minas Gerais**

Direitos Humanos  
Rua Dias Adorno, 367, 6º andar, Santo Agostinho  
Belo Horizonte – Minas Gerais – CEP: 30190-100  
Telefax: (31) 3330-8394/8395  
E-mail: caodh@mp.mg.gov.br

##### **Defensoria Pública do Estado de Minas Gerais**

Defesa dos Direitos Humanos  
Rua Paracatu, 304 – Barro Preto - CEP: 30180-090  
Telefone: (31) 3349-9550

##### **Disque Direitos Humanos Estadual:**

0800 031 11 19

##### **Polícia Militar**

190

## ANEXO G - Documento sobre a história da cidade

<http://www.projetocompartilhar.org/>

SUL DE MINAS GERAIS - RESUMO DE DOCUMENTOS

>>> RESUMOS DE INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS  
MUSEU DO IPHAN SÃO JOÃO DEL REI

>>> CENSOS  
NOSSA SRA. DE PENHA DE FRANÇA DA LAJE – QUARTEIRÃO DO MOSQUITO – 1838

REGISTROS DE ARQUIVOS ECLESIÁSTICOS DA REGIÃO– ARQUIVO EM EXCEL FEITO PELA UFMG.

FAMILY SEARCH.ORG –  
MÓRMONS – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DOS ARQUIVOS ECLESIÁSTICOS

.....

PEDRO BERNARDES CAMINHA, CASADO COM ÂNGELA DE GÓIS –  
CAPITÃO DE ORDENANÇAS DA COMARCA DO RIO DAS MORTES  
FAZENDA DO MATO DENTRO – MUNICÍPIO DE RITÁPOLIS  
PAI DO PADRE BERNARDES QUE REALIZOU EM 1764 O BATIZADO NA CAPELA DE NOSSA  
SENHORA DA CONCEIÇÃO DO RIBEIRÃO DO MOSQUITO.  
A CRIANÇA ERA DA **FAMÍLIA ARANTES MARQUES**, PARENTE DE **CAETANO NUNES  
PEREIRA** QUE FALECEU EM 1799 NA FAZENDA DA ROÇA GRANDE, CXC.  
- ANTES DE CAETANO, O PROPRIETÁRIO ANTERIOR DA FAZENDA ROÇA GRANDE ERA O  
TENENTE CORONEL **FRANCISCO XAVIER DE BARROS** QUE FOI PARA PIRENÓPOLIS, GO.

PEDRO BERNARDES CAMINHA ERA O SOGRO DE **DOMINGOS GONÇALVES DE GÓIS** (CC  
MARIA BERNARDES DE ALMEIDA LARA) QUE POUCO DEPOIS DE 1764 ESTABELECEU-SE  
NO MOSQUITO. JÁ EXISTIA A CAPELA...  
**JOÃO GONÇALVES DE LARA E GÓIS**, FILHO DE DOMINGOS, CASOU-SE EM 1788 COM  
FILHA DE **MATEUS JOSÉ DE FARIA**, SOBRINHO DE CAETANO NUNES PEREIRA, DA ROÇA  
GRANDE.  
UM FILHO DE JOÃO, O GERVÁSIO ERA PROPRIETÁRIO DA FAZENDA DOS DOIS CÓRREGOS  
EM 1838.  
UMA FILHA DELE CASOU COM **MATEUS FURTADO DE MENDONÇA**, VINDO DO RJ(?), QUE  
ESTABELECEU-SE NA FAZENDA DO RETIRO DO CAXAMBÚ APÓS 1810. EXISTE PARTE DO  
ALICERCE DA CASA ATÉ HOJE...

O CORONEL **FRANCISCO RODRIGUES XAVIER CHAVES** CASOU COM JOANA BATISTA DE  
MENDONÇA, FILHA DE MATEUS FURTADO DE MENDONÇA.  
A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA ACONTECEU QUANDO O CORONEL QUE FALECEU EM  
29/10/1912, JÁ ESTAVA AQUI E SUA VIÚVA, POSTERIORMENTE DOOU TERRAS PARA  
CONSTRUÇÃO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E TAMBÉM NA  
VILA FÁTIMA(1)  
ESTA CIDADE RECEBEU O NOME DO GRANDE BENFEITOR, NÃO POR ELE TER SIDO O  
FUNDADOR...  
ELE IDEALIZOU ESTA PRAÇA NO ENTORNO DA IGREJINHA, CONSTRUIU CASAS PARA  
FILHAS E GENROS, ESCOLA, ERA UMA PESSOA MUITO BOA. AINDA MORAM AQUI UNS 50  
DESCENDENTES DIRETOS DELE. O ÚLTIMO NETO FALECEU EM SETEMBRO DE 2013.

## ANEXO H – Folhas do livro de registros culturais da prefeitura de Coronel Xavier Chaves



### PREFEITURA MUNICIPAL DE CORONEL XAVIER CHAVES

Coronel Xavier Chaves. Setembro/2011

Coronel Xavier Chaves. Setembro/2011

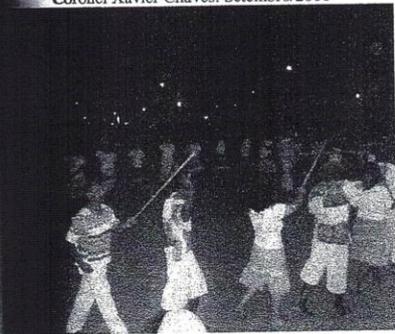


Foto 03: Grupo de Bate-Paus de Coronel Xavier Chaves  
Coronel Xavier Chaves. Setembro/2011



Foto 04: Grupo de Bate-Paus de Coronel Xavier Chaves  
Coronel Xavier Chaves. Setembro/2011



Foto 05: Grupo de Bate-Paus de Coronel Xavier Chaves  
Coronel Xavier Chaves. Setembro/2011



Foto 06: Grupo de Quadrilha Arraiá dos Fundos da Vila  
Mendes  
Coronel Xavier Chaves. Setembro/2011

